

8 segundos

Camila Moreira



Da mesma autora de *O Amor* NÃO TEM LEIS





8 segundos

Camila Moreira



Da mesma autora de O *Amor* NÃO TEM LEIS



Camila Moreira

8 segundos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Carol Paulsen

Imagens de capa
Aves Photography, Fort Worth, Texas

Preparação
Roberta Pantoja

Revisão
Tamara Sender
Juliana Souza
Ângelo Lessa

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M837o

Moreira, Camila

8 segundos [recurso eletrônico] / Camila Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

266p. ISBN 978-85-8105-270-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título : Oito segundos. II. Título

15-20135 CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário

Capa	
Folha de Rosto	
Créditos	
Epígrafe	
Agradecimentos	
Dedicatória	
Prólogo	
1 - Pietra	
2 - Pietra	
3 - Lucas	
4 - Lucas	
5 - Lucas	
6 - Lucas	
7 - Lucas	
8 - Lucas	
9 - Lucas	
10 - Lucas	
11 - Lucas	
12 - Lucas	
13 - Lucas	
14 - Lucas	
15 - Pietra	
16 - Pietra	
17 - Um mês depois...	
18 - Cinco meses depois...	
19 - Pietra	
20 - Dois anos depois...	
21 - Lucas	
Epílogo	

Quem é você?

Será que já curtiu o amanhecer no mato?

A relva molhada e os pés sem sapatos?

Será que já tocou a terra com as mãos?

“Mastigando água” — JORGE E MATEUS

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de concluir mais um trabalho. À minha família, que como sempre me apoiou incondicionalmente: mãe, Naninha, amo vocês. Especialmente ao meu pai, que durante a produção desta obra reviveu comigo histórias da minha infância e me ajudou muito com sua sabedoria de raiz. Ao meu tio José Mauri, que, em uma cadeira de rodas, aprendeu a superar os obstáculos da vida. Aos leitores apaixonados por *8 segundos*, aqui representados por: Biia Rozante, Andressa Clara, Josiane Devens, Camila Ruiz, Rita Barroso, Luana Lana, Denize Pungina, Manu Torres, Maria Falcão, Luciane Leite e Carla Fernanda. Às escritoras Babi Barreto, Juliana Parrini, Nina Müller e LM Gomes, que também me acompanharam nessa jornada. Ao meu grupo, Livros e Petiscos, que me anima todos os dias. À minha alma-amiga-gêmea, Vanessa Fiorio: a descoberta da sua amizade me tornou uma pessoa melhor. A todos aqueles que simplesmente decidiram recomeçar!

Dedico este livro a Valdir Jacinto, meu avô. O homem que me ensinou a andar a cavalo e também a apreciar as coisas simples da vida, e que agora está em um lugar melhor, ao lado de Deus.

Prólogo

— Nunca se esqueça, Lucas: não ouça mais nada. Desligue-se de tudo e concentre-se no animal.

— Fiquei atento a cada palavra que o meu tio Santiago dizia, pois era a primeira vez que montaria um touro adulto e isso estava fazendo minhas pernas tremerem. Concordei com tudo, pois ele entendia do assunto. — Durante oito segundos você e o touro serão apenas um. Respeite-o, mas não o deixe sentir seu medo. Jogue seu corpo na direção contrária aos saltos e nunca... — Ele estava de frente para mim, com as mãos pesadas em meus ombros, me fazendo encará-lo. — Nunca desista. Aconteça o que acontecer. O rodeio é como a vida: mesmo quase caindo e derrotado, você ainda pode se reerguer. Enquanto seu corpo não tocar o chão, você ainda não terá perdido.

Assenti com a cabeça, deixando claro que entendia tudo o que ele me ensinava.

Subi na grade do brete e Santiago entregou meu capacete. O último item de segurança. O que me salvaria caso eu falhasse.

Olhei para os lados e observei a imensidão da fazenda. De onde eu estava conseguia ver o campo de girassóis, o que me fazia lembrar dos meus pais. Por alguns segundos me perdi entre as memórias, e meu tio percebeu.

— Concentre-se, Lucas.

Sua voz me trouxe de volta à Terra. Olhei para o corredor e vi o touro que ele escolhera. Raiz era o seu nome.

Enquanto o animal era trazido até mim, eu sentia sua determinação. As narinas inflavam e os músculos moviam a pele que cobria seu corpo.

“Me ferrei!” foi tudo o que pensei quando o animal se aproximou e eu realmente pude notar quão grande era.

Ouvi gargalhadas e alguns gritos. Sabia que eram os funcionários da fazenda, por isso não me preocupei em olhar.

Apesar do medo, não pensei duas vezes quando percebi que era o momento. Passei uma das pernas sobre o Raiz e senti meu corpo trepidar. Cerrei os olhos, concentrando-me na porteira que seria aberta.

Ela abre. O touro sai.

Por um momento eu me senti em uma montanha-russa. Meu corpo era jogado de um lado para outro violentamente. Quase caí, mas não desisti, pois ainda não tinha tocado o chão. Permaneci sobre

o animal, embora fosse sacudido com uma intensidade cada vez maior, até que senti as costas baterem no solo. Quando percebi que havia caído, levantei o mais rápido possível e subi na cerca.

Não sabia quantos segundos tinha permanecido no touro, mas um sorriso idiota estampava meu rosto.

— Esse é meu garoto.

Tio Santiago se aproximou, subiu na cerca e se sentou ao meu lado. Encaramos o touro, já mais calmo, como se soubesse que não estava mais sendo desafiado.

— Quantos segundos? — perguntei.

— Cinco. — Meu sorriso morreu, mas ele continuou: — Nada mau para um moleque de 15 anos.

Olhei para o touro novamente, analisei seu porte e seu tamanho, e o animal me encarava de volta, avisando-me que sempre faria parte da minha vida. Um calafrio tomou conta de mim. Tinha certeza de que, de qualquer forma, sendo aquele touro ou outro, eu estava diante do maior desafio da minha vida.

— Um dia chegarei a Barretos e terei milhares de pessoas gritando meu nome.

E eu cheguei...



Pietra

— Ai! — gritei ao sentir mais um maldito pernilongo me

picar. Meu pai poderia pelo menos ter me deixado na sede, mas não. Só porque eu o chamei de velho louco, ele resolveu me deixar no meio da estrada. E lá estava eu: os saltos atolando no barro, as rodinhas das minhas malas não deslizavam na grama, estava com sede, suada, cansada e...

— Ai! Isso não é um pernilongo, mais parece um pterodátilo! — gritei com raiva novamente. Olhei de um lado para outro e percebi que não havia ninguém. Nem uma viva alma para ouvir minhas lamúrias ou me ajudar a carregar minhas malas Louis Vuitton. Tirei os óculos escuros para enxergar melhor, mas não via a casa. Mais uma vez amaldiçoei meu pai por me fazer andar tanto. Ele ia me pagar com cada centavo do limite do meu cartão de crédito. Ah, se ia!

Andei por mais uns vinte minutos e tenho certeza de que bolhas estavam se formando nos meus pés delicados. Então, avistei a casa principal. Meu Deus, como aquela velharia era grande. Quando criança, eu passava as férias lá, mas, como odeio a vida fora da civilização, meu subconsciente deve ter bloqueado essas memórias inúteis. Um bem que ele me fez.

Coloquei a mão na testa para fazer sombra no rosto e apertei os olhos para ver se enxergava um pouco mais à frente. No mínimo, devia estar uns quarenta graus, e na sombra.

— Graças a Deus, alguém — falei sozinha.

Comecei a gritar, quando vi um homem saindo de um galpão próximo à casa.

— Ei... Ei... — Acenei freneticamente para que ele me visse. — Seu surdo! — gritei ainda mais alto, pois o desgraçado estava subindo no cavalo sem nem me olhar.

— Até que enfim! — falei, soltando as malas no chão e colocando as mãos na cintura, assim que notei que ele tinha me ouvido.

Quando o homem começou a caminhar em minha direção, percebi que ele era jovem, talvez uns 25, 26 anos. Alto, corpo bem-definido, e eu não conseguia identificar a cor dos seus olhos. Quando ele chegou mais perto, fiz uma careta e fechei o nariz com os dedos.

— Argh! Que nojo! Já inventaram uma coisa chamada banho, sabia? — avisei com a voz fanha.

O estranho me olhou de cima a baixo e deu um sorriso. O enorme chapéu que ele usava fazia sombra em seu rosto, impedindo uma análise mais detalhada, mas eu estava tão cansada que não tinha forças para tentar descobrir o que havia por baixo do acessório.

— Pegue minhas malas — ordenei e voltei a caminhar. — E tome cuidado, são duas Louis Vuitton.

Quando me virei para adverti-lo, notei que o idiota nem tinha se movido.

— Por. Acaso. Você. Entende. Português? — Falei cada palavra pausadamente. Esses caipiras não estão acostumados com a civilização, então talvez ele estivesse com medo de mim. Com uma das mãos ele levantou a aba do chapéu e me olhou. *Santa promoção! Que olhos eram aqueles?* O azul mais límpido que eu já tinha visto na vida.

Ele me deu um sorriso torto e pegou as malas, me deixando estática por um momento, encarando-o. Despertei do transe inicial e marchei em sua frente, e o estranho continuou sem abrir a boca. Devia ser mudo, era a única explicação. Ou ficou mudo diante da minha beleza. Não me espantaria, pois não seria a primeira vez que um homem perdia a fala depois de me ver. Sou extremamente bonita. A parte de mim de que mais gosto são os olhos. Herdei da minha mãe o esverdeado que eu tanto adoro. Há quem diga que são azuis, mas eu prefiro que sejam verdes. Meu cabelo é loiro-escuro, não muito longo, um pouco abaixo dos ombros. Magra, alta, rosto perfeito, pele macia, corpo atraente e muito, muito rica. Ou seja, sem defeitos. Por isso causo esse efeito nas pessoas. Era de se esperar que nem o caipira resistisse.

Assim que cheguei à porta da casa, entrei apressada. Na verdade, estava com um pouco de medo do estranho.

E se ele resolvesse me sequestrar? Talvez assim meu pai sentisse minha falta e se arrependesse de ter me deixado naquele fim de mundo.

Ouvi o barulho da porta batendo atrás de mim. Eu me virei e não vi nada, apenas as malas jogadas pela sala. O idiota não saberia reconhecer uma marca de luxo nem se a rainha da Inglaterra em pessoa a recomendasse.

— Ok — eu disse, caminhando dentro da casa.

— Dona Pietra? — perguntou um homem de meia-idade.

— Sim — respondi sem muita paciência. Caminhei até o corredor que dava para a cozinha e ele me cumprimentou com um aperto de mão.

— Seu pai me disse que a senhorita chegaria amanhã.

Eu não queria chegar era nunca, pensei.

— Pois é — falei com um sorriso forçado. — Ele resolveu adiantar o meu castigo.

Meu pai tinha a mania irritante de tentar me mudar. Me deixar isolada naquele inferno foi a última que ele me aprontou. Isso porque ele acha que eu sou superficial demais, que só penso em dinheiro e não me importo com as coisas realmente boas da vida. *Putz!* Quer coisa melhor do que passar o dia todo no shopping, comprando todos os sapatos que desejar e depois jantar à luz de velas com um gato maravilhoso, terminando a noite em um luxuoso motel, com direito a sexo regado a champanhe? *Claro que não!*

Mas meu pai era um idiota se pensava que me obrigar a ficar trinta dias na fazenda mudaria alguma coisa em mim. Porque este foi nosso trato: se eu ficasse trinta dias vivendo como uma verdadeira roceira, eu ganharia um apartamento em Paris. Ou seja, *au revoir*, povinho sem cultura. Primeiro mundo, aí vou eu.

O senhor — eu nem sabia o nome dele — tossiu para chamar minha atenção. Acordei do meu sonho parisiense e olhei de volta. Ele até que era um tiozinho *pegável*: músculos no lugar, olhos castanhos, cabelo bem-cortado, mas as roupas e o jeito grosseiro não ajudavam muito. Balancei a cabeça para espantar aqueles pensamentos horríveis. Nem morta eu pegaria alguém daquele fim de mundo. Nem sabia por que tinha perdido tempo analisando o velho.

— Eu sou o Santiago — ele se apresentou. — Caseiro da fazenda há alguns anos. Na cozinha estão Aparecida e Lúcia, que cuidam da casa-grande.

— Tudo bem — eu disse, sem querer ser apresentada ao restante da criadagem. Não estava ali para fazer social, muito menos com os empregados.

Deixei o tal do Sandro, Santo, Saulo... Sei lá como se chamava, e fui para o quarto. Precisava de um banho urgente. Acho que o cheiro daquele idiota do cavalo tinha impregnado em mim.

Malditos caipiras!

Lucas

Meu celular tocou e eu tentei me desvencilhar dos braços da Raquel sem acordá-la.

— Alô — falei em um tom de voz baixo. Era o meu tio Santiago, provavelmente querendo que eu fosse até a fazenda do Braga.

— Tieta está parindo e, pelo que vejo, não conseguirá sem você — ele disse e, antes de ele terminar a frase, eu já estava à procura das minhas roupas.

— Estou indo — respondi enquanto vestia meu jeans. Joguei a camisa no ombro e peguei meu chapéu na mesa de cabeceira ao lado da cama, onde Raquel dormia profundamente. Também, depois da noite passada...

Eu e Raquel tínhamos uma relação nada convencional. Ela é dona do melhor bar da pequena cidade onde moro. Uma mulher decidida e que sabe o que quer, e ela quer o mesmo que eu: sexo sem amarras. Raquel foi casada e não estava disposta a se jogar em um novo relacionamento. *E eu?* Era um cara da estrada e não me apaixonava. Não porque não gostasse de relacionamentos. Acontece que não podia me prender a ninguém se quisesse participar do circuito nacional de rodeio. Eu ficaria muito tempo fora de casa e não acreditava que uma relação, fosse ela como fosse, pudesse sobreviver a distância. E o rodeio é minha paixão desde que me entendo por gente. Não deixaria essa oportunidade passar.

Tranquei a porta e passei a chave por baixo dela. Raquel saberia o que fazer quando acordasse. Ela sempre sabia.

Entrei na minha caminhonete e parti em direção à fazenda da qual meu tio é caseiro há muitos anos. Não ficava longe da cidade, eram poucos quilômetros, e minha *jabiraca* estava pronta para enfrentar a estrada. Ela era azul, antiga. Nada de tração nas rodas, painel digital e todas essas merdas

que destroem os clássicos. Eu era adepto das coisas mais simples e em sua forma real, por isso não abria mão da minha caminhonete.

Cheguei e vi que meu tio tinha razão: Tieta necessitava de uma cesariana de emergência, ou ela e o filhote não sobreviveriam.

Preparei-me para realizar o meu trabalho: verifiquei se todo o instrumental que usaria estava devidamente esterilizado e, após confirmar, coloquei as luvas e o retirei das embalagens. Contei com a ajuda de dois funcionários, além do meu tio, que chegou com o isopor em que estava a anestesia.

— Valeu, tio.

— Acho que o filhote é grande demais para Tieta.

Concordei com ele enquanto observava a anestesia descer pelo vidro e encher a seringa. Encaixei a agulha e procurei o local adequado para aplicá-la.

— Calma, garota. — Acariciei o animal quando ele tentou se mexer. Tieta ficou imóvel e terminei de anestesiá-la com segurança.

Todos os materiais necessários estavam à mão. Fiz uma pequena incisão em sua pele para encontrar o útero e retirar o feto. Então, troquei o bisturi pela tesoura e fiz a abertura, tomando todo o cuidado possível para não haver a entrada de líquidos fetais na cavidade abdominal.

— Aí está você — murmurei, vendo claramente um bezerro enorme. Meu tio tinha razão. Abri a incisão um pouco mais, para poder fazer a retirada. Além de estar com as patas amarradas e esticadas, Tieta tinha todos os funcionários monitorando-a. Encontrei o local exato para me apoiar, então fui puxando o filhote com cada vez mais força. E o milagre mais uma vez aconteceu!

Uma hora e meia depois, meu trabalho estava concluído. O bezerro nasceu, e ambos, filhote e mãe, passavam bem. Deus me livre perder aquela vaca, ela valia mais do que eu ganhava em seis meses.

Passei as instruções que os funcionários da fazenda deveriam seguir e resolvi selar o Ventania para dar uma volta. Além de montá-lo desde moleque, cuidei de sua pata ferida semanas antes e queria ter certeza de que ele estava curado.

Puxei o Ventania até o galpão mais próximo e o selei.

— Bom garoto — disse, acariciando sua testa. Um dos cavalos mais lindos em que tive a chance de montar. Ele era negro como a noite e tinha somente uma mancha branca entre os olhos.

Voltei ao galpão para buscar meu chapéu e, quando caminhava em direção ao Ventania, pensei ter ouvido uma voz. O sol atrapalhava a minha visão, então não conseguia enxergar nada. *Deve ter sido impressão*. Já estava com um pé no estribo, preparado para montar, quando escutei novamente.

— Seu surdo!

Desci do cavalo, pois tive certeza de que a voz vinha da estrada. *Que porra é essa?*

A cena que vi teria sido hilária, se não fosse surpreendente. Uma garota — que com certeza não era das redondezas — estava parada com as mãos na cintura, olhando para mim.

Maldição, ela é linda.

Caminhei em sua direção. Ela podia estar perdida e precisando de ajuda. Mas, assim que cheguei mais perto, reconheci a garota. Havia fotos dela espalhadas pela casa-grande e eu sabia que a filha do sr. Roberto estava para chegar, mas pelo que Mari tinha me falado não seria naquele dia.

Quando me aproximei, ela me encarou, tão surpresa quanto eu, mas logo virou o rosto e fechou o nariz com os dedos.

— Argh! Que nojo! Já inventaram uma coisa chamada banho, sabia? — disse com a voz engraçada, e eu contive a vontade de sorrir, pois ela tinha acabado de me chamar de fedido. *Filha da mãe!* Olhei a garota de cima a baixo. Realmente, ela era linda... mas com a boca fechada. Odeio gente que se acha, e aquela garota da cidade parecia ter o rei na barriga.

— Pegue minhas malas, e tome cuidado, são duas Louis Vuitton. — Seu nariz empinado já me irritava. Fiquei olhando para as malas, pensando no que fazer: *Deixo ela continuar imaginando que eu sou um empregado da casa ou aviso que está enganada e mando a princesinha ir à merda?*

— Por. Acaso. Você. Entende. Português? — ela perguntou pausadamente, como se eu fosse um retardado. A segunda opção começava a ganhar vantagem. Mas, como Raquel tinha me deixado de bom humor, resolvi ficar calado e levar as malas da garota.

Enquanto ela caminhava em direção à casa, eu não aguentei e comecei a rir baixinho. Seu salto alto afundava na terra, fazendo com que ela andasse engraçado. Sua bunda requebrava de um lado para outro, e por várias vezes ela quase caiu estatelada no chão. *Será que ela achou que estava vindo para um shopping? Só pode!*

Balancei a cabeça rindo e ela entrou como um foguete na casa, sem nem olhar para trás, nem para agradecer. *Malcriada. Quer saber? Chega!* Joguei as malas no chão, bati a porta e saí seguindo o meu caminho.

Montei o Ventania e comecei a trotar devagar. Quando percebi que ele estava cem por cento curado, forcei um pouco mais, galopando até chegar à casa onde o meu tio morava.

Mariana saiu do quarto assim que escutou o barulho das minhas botas tocando o chão. Minha prima era linda, seus cabelos negros desciam até sua cintura, e seus olhos eram castanhos, iguais aos do pai. Os dois eram a única família que eu tinha. Perdi meus pais em um assalto, e minha tia abandonou Mariana quando ela nasceu e nunca mais deu notícias.

Mari sempre foi minha pequena, mas há algum tempo eu vinha percebendo que ela era alvo dos olhares de quase todos os homens da redondeza, principalmente do Pedro. Eu tinha que ter uma longa conversa com meu amigo. Ai dele se tocasse em um fio de cabelo da minha princesa. Sou muito ciumento, mas nunca olhei para Mari com outros olhos e também tinha certeza de que ela me via somente como irmão.

— Mari, cadê o tio? — Ela deu de ombros.

— Não sei, mano, achei que estava com você. — Ela se aproximou, mas logo parou e fez uma careta.

— Lucas, você está fedendo. — Ela fez cara de nojo.

Sorri.

Pela segunda vez no dia, uma mulher reclamava do meu cheiro. Isso era comum. Por causa do meu trabalho eu vivia na companhia de porcos, vacas, ovelhas e até coelhos. Normal de vez em quando cheirar como eles.

— Até você, pequena? — Comecei a correr atrás dela. Mari odiava que eu fizesse cócegas em sua barriga, e eu adorava torturá-la. Joguei minha prima no sofá e comecei o ataque. Quanto mais ela

pedia para parar, mais eu continuava, rindo das caretas que ela fazia.

— Sorte sua que estou de bom humor hoje. Te deixar em paz vai ser minha segunda boa ação do dia — eu disse, me afastando.

— Ah, é? E qual foi a primeira? Ajudou uma vaca a atravessar a estrada? — Mesmo com a respiração falha pelo ataque de cócegas, Mari conseguia fazer piada.

— Não, ajudei com as malas da sua pupila. — Ela arregalou os olhos e pulou do sofá rapidamente.

— Merda! A garota não chegaria só amanhã? — perguntou enquanto entrava em seu quarto. Caminhei até a cozinha e peguei uma banana da fruteira.

— Acho que o pai resolveu despachá-la antes! — gritei para que Mari pudesse me ouvir do seu quarto, enquanto descascava a fruta.

Voltei para a sala e aguardei.

— E como ela é? — Enquanto perguntava, sua cabeça apareceu na porta.

Comecei a me lembrar da garota mimada. Fechei os olhos e era como se a visse em minha frente novamente. Seus cabelos estavam molhados de suor, e alguns fios grudavam no rosto. Ela estava com as bochechas vermelhas pelo esforço e tinha uma boca que me fazia pensar em coisas. Senti algo endurecendo dentro da calça. *Não acredito que estou ficando excitado por aquela nojentinha.*

— E então? — Me assustei com a voz da Mari. Ela estava sentada embaixo do batente da porta, calçando as botas.

— E então o quê? — perguntei, pois os pensamentos que estavam em minha cabeça tinham me feito esquecer a Mariana.

— Como ela é, Lucas?

— Ah! — eu disse, tentando ganhar tempo para uma resposta. — Ela é como um cristal.

— Como assim? — Mari perguntou, sem entender.

— Nada. Agora anda logo, tenho que ir até o Pedro antes de voltar para a cidade.

Mari deve ter achado que eu estava ficando doido, pois me olhou de um jeito estranho, mas logo percebeu que se ficasse para discutir comigo se atrasaria ainda mais para receber a princesinha, então não perguntou mais nada.



— Pedro, eu estou te falando, essa garota só vai trazer problema — comentei com meu amigo. Ele estava na cabine de uma máquina que mais parecia um disco voador de tão grande.

— Cara, faz meia hora que você está falando dessa menina. Quer dar um tempo para a minha cabeça? Estou trabalhando. — Ele pulou lá de cima. Realmente aquele trambolho era alto pra caramba.

Pedro é engenheiro agrônomo. O melhor da região. Somos amigos desde a faculdade. Na verdade tudo começou com uma briga em um jogo de cartas. Até hoje ele jura que eu roubei. O que é uma calúnia, nunca roubo no truco. Então, depois que ganhei um olho roxo, e ele, um nariz quebrado, acabamos nos aproximando na enfermaria do campus. Desde então ele é o meu melhor amigo e meu companheiro de jornada.

Antes de ir ver o Pedro, deixei a Mari na fazenda, pois ela seria paga para ser a dama de companhia da filha do Braga. A menina ficaria aqui por um tempo e o pai não queria que a donzela ficasse sozinha. Quando zombei que ela seria dama de companhia, minha prima se irritou e ficou quase um dia inteiro sem falar comigo, o que foi um recorde, mas logo fizemos as pazes.

Meu amigo trabalhava em uma plantação de soja nas imediações e por isso estava em cima daquela colheitadeira do demônio. *Velhas rivalidades nunca terminam*. Não sei como foi que escolhi um agrônomo para melhor amigo. Eu devia estar louco.

— Cara, só estou dizendo que a Mari vai ter que ficar grudada nela o tempo inteiro. E isso quer dizer que nós dois estamos ferrados. A garota é difícil de engolir.

Tentei explicar meu ponto de vista, mas acho que Pedro teria que ver com os próprios olhos a menina que era como um cristal.

É assim que eu a imagino: como um cristal. Lindo, brilhante, mas muito fácil de quebrar, praticamente intocável.

— A Mari vai ter que dormir na sede com ela? — A voz do meu amigo tirou aqueles olhos verdes do meu pensamento. Talvez ele tivesse razão: eu estava pensando demais naquela garota. Precisava mudar o rumo da conversa, e sabia bem para onde seguir.

— Pedro, por que será que, de tudo o que eu falei, você só se interessou em saber da Mari? — perguntei com um tom de voz mais ameaçador. Ele conhecia a minha prima havia muito tempo, mas eu não estava gostando do jeito possessivo com que se referia a ela. Pedro tinha a minha idade, ou seja, velho demais para minha pequena.

— Só estou curioso, *uai*. — Ah! Eu me esqueci de mencionar que Pedro é mineiro. Seu sotaque carregado sempre fez sucesso com a mulherada, embora fosse muito tímido. Deu um trabalhão ajudá-lo a se enturmar durante a faculdade, mas, quando se enturmou, comprovou o que dizem sobre os mineiros: *come quieto*.

— Entendi — respondi dando a ele um olhar mais duro, mas Pedro simplesmente fingiu que não era com ele. — Mudando de assunto, tem *cover country* no bar da Raquel amanhã. Você vai?

Pedro deu de ombros e respondeu sem nenhum interesse:

— Não sei, ando meio cansado. Sabe como essa época de safra acaba comigo. Tô mortinho da Silva!

— Tudo bem, eu tenho que ir: prometi a Mari que a levaria para dançar. — Assim que eu disse o nome da minha prima, Pedro mudou a expressão e endireitou o corpo antes de falar.

— Acho que posso aparecer por lá também — disse, desviando o olhar. Ele sabia que estava pensando merda, por isso não me encarava.

— Sério?! — Arqueei uma sobrancelha. — Só tenho uma palavra para você, Pedro: DEZOITO. — Dei ênfase à idade da minha pequena para ele entender de uma vez por todas que Mari não era para o bico dele.

— Deixa de ser idiota, Lucas. Essas caraminholas na sua cabeça ou são muito sol ou falta de sexo — ele disse, tentando mudar de assunto.

Rio das suposições dele, pois falta de sexo com certeza não era. Raquel tinha me deixado muito satisfeito naquela manhã. Sem querer prolongar o assunto, me despedi e peguei o caminho de volta

para a cidade. Enquanto dirigia, comecei a escutar *Country Boy*, uma das minhas músicas preferidas.

*‘Cause I’m a country boy, I’ve got a 4-wheel drive
Climb in my bed, I’ll take you for a ride*

“Country Boy” — Alan Jackson

Comecei a cantar junto. O tempo que passei no Texas me fez amar o estilo country. Mesmo depois que voltei para o Brasil, nunca deixei de escutar minhas músicas preferidas.

No caminho, meu celular tocou. Preferia quando não tinha sinal, assim as pessoas falavam mais pessoalmente, mas não podia negar a grande facilidade que o aparelho trazia quando o assunto era o meu trabalho.

— Alô. — Encostei a caminhonete antes de atender.

— Lucas, o transporte adiantou, você vai ter que voltar para receber os animais — informou o meu tio.

— Estou indo — respondi e logo desliguei o celular. Estava esperando as novas aquisições do Braga somente no dia seguinte. Pelo jeito, ele resolveu adiantar tudo aquele dia, inclusive a filha. Sorrio ao me lembrar da Cristal. Não sabia ao certo o que aquela garota fazia ali, mas com certeza era algo contra a sua vontade, pois era nítido o seu desgosto. E algo me dizia que ela era uma roubada.

Fiz o retorno e peguei a estrada para a fazenda novamente. Sou um dos poucos profissionais da região e, apesar de atender a várias propriedades, sou o único veterinário da Fazenda Girassol. Roberto Braga tem um grande rebanho de gado leiteiro e também cavalos de competição, e eu sou responsável por qualquer animal que chega ou sai da sua propriedade.

Amo meu trabalho, mas, desde que voltei para o Brasil e me reaproximei do tio Santiago, tinha uma vontade enorme de voltar a montar. Fazia isso quando adolescente, mas abandonei os rodeios para entrar na faculdade. Mas estava na hora de correr novamente atrás dos meus sonhos; um grande rodeio aconteceria em uma cidade vizinha, e os peões vencedores passariam a fazer parte da equipe do circuito nacional. Era a minha chance. O sonho de viajar pelo Brasil levando a minha verdade, o meu interior e as minhas raízes aonde quer que eu fosse.

Estacionei a caminhonete e fui logo em direção ao caminhão. Minha função era verificar se todas as vacinas necessárias haviam sido corretamente aplicadas. Também me certificava de que as normas de bem-estar dos animais estavam sendo respeitadas. O sr. Roberto é bem rigoroso em relação a isso. Nenhum animal saía da fazenda ou entrava nela passando por algum tipo de sofrimento ou desconforto. E essa foi uma das razões que me fizeram aceitar a sua proposta de emprego. E era o que me mantinha lá.

Repudio quaisquer maus-tratos a animais e nunca aceitaria trabalhar em algum lugar que não tivesse os mesmos princípios que eu.

Conferi tudo, inclusive se havia algum animal ferido. Após confirmar que tudo estava certo, assinei a papelada para que o caminhão fosse liberado.

Já estava pronto para voltar para casa e saí do galpão um pouco apressado, sem perceber que alguém estava chegando. Eu me choquei com um corpo e acabei caindo no chão.

Assim que abri os olhos e vi a mulher embaixo de mim, meu corpo se animou, não consegui evitar. Seria realmente bom se estivéssemos em outro lugar.

— Sai de cima de mim, seu idiota. — Brochei imediatamente! *Por que ela tinha que abrir a boca?*

— Foi mal, esquentadinha — disse sem pensar. Levantei e estendi a mão para que ela fizesse o mesmo.

Ela aceitou minha ajuda e ficou de pé.

— O que você está fazendo aqui? — questionei, pois ela não parecia uma mulher que se misturava aos animais. E, pela roupa que usava, não estava ali para alimentar os porcos.

— Com certeza não foi para ver você, que pelo visto ainda não tomou banho. — Ela apontou para mim e fez cara de nojo.

Estava ficando cansado daquela patricinha metida, então a deixei falando sozinha e andei em direção à minha caminhonete.

— Ei, seu caipira, eu ainda estou falando com você. — Sua voz era irritante.

Levantei a cabeça pedindo paciência aos céus.

— O que você quer? — Me virei em sua direção, já irritado. — Seu lugar não é aqui.

Continuei andando.

A garota continuou me seguindo, bufando de raiva. Sua pele vermelha indicava que ela também não ia com a minha cara, e eu estava pouco me lixando para o que aquela mimada pensava.

— Qualquer lugar em que você esteja não é o meu lugar — retrucou ela, usando o mesmo tom de voz que eu. — Mas, infelizmente, preciso da sua ajuda para encontrar alguém. Muito difícil para você? — Arqueou uma sobrancelha e me deu um sorriso desafiador. — Ouvi dizer que tem um médico veterinário aqui, e eu adoraria conversar com alguém alfabetizado. — Desdenhava de mim na caradura.

Eu não acreditava no que estava ouvindo. Ela estava falando de mim! Claro que eu não perderia a oportunidade de irritá-la mais uma vez. Abri um sorriso antes do meu próximo passo.

— Muito prazer — disse, tirando o chapéu e me curvando diante dela. — Dr. Lucas, à sua disposição — completei.

Sua boca se abriu, e vi a expressão “cair o queixo” de forma literal.

— Mas, infelizmente, o analfabeto aqui não tem tempo para perder com conversas fúteis vindas de uma garota mais fútil ainda. — Ela me olhava de cima a baixo, me analisando, ainda com a boca aberta.

— Eu... — Ela começou a dizer algo, mas eu a cortei.

— Passar bem, Cristal! — Me virei e não segurei o riso.

Aqui o sistema é bruto!



Pietra

Tinha acabado de sair do banho e aqueles malditos olhos azuis me perseguiram até quando secava o meu cabelo. Desde que encontrei com aquele *chucro*, eu não conseguia tirar aquele olhar dos meus pensamentos.

— Você deve estar ficando louca, Pietra. *Um roceiro?! —* disse para a minha imagem no espelho.

Estava sozinha no quarto que havia sido cuidadosamente arrumado para mim. Apesar de a casa estar mais velha que o quadro da Mona Lisa, o quarto era ajeitadinho. Claro que nada comparado ao meu apartamento na cidade, montado por uma decoradora badalada, com todas as coisas de que uma garota como eu precisava.

Coloquei uma calça jeans e uma t-shirt que comprara em Nova York em minha última estada lá. Amo aquele lugar, mas meu sonho de consumo sempre foi morar na Cidade Luz. Paris era o sonho da minha mãe e eu iria realizá-lo, custasse o que custasse. Meu pai era contra, como era contra tudo o que eu fazia, mas nosso acordo faria com que eu dobrasse o velho.

Olhei para a penteadeira e nela havia uma foto da minha mãe me segurando no colo. Caminhei até o móvel e peguei o porta-retratos.

Sentia muita falta dela, mesmo que não lembrasse muitas coisas. Perdi minha mãe quando tinha 5 anos. Apesar de lembrar pouca coisa, em quase todas as lembranças ela estava com vestidos perfeitos e maquiagem impecável. Prometi a mim mesma que seria como ela. E lá estava eu: correndo atrás do meu sonho, nem que para isso tivesse que ficar enfurnada trinta dias naquele fim de mundo.

Coloquei a foto de volta na cômoda, porém não parei de pensar em minha mãe. Não recordava sua morte, mas meu pai me contou que ela teve uma doença pulmonar muito grave e não resistiu. Então, desde os 5 anos, eu fui criada por babás e depois em colégios internos. Mas, assim que completei 18, fui morar sozinha. Meu pai me dava uma mesada para que eu me sustentasse. E esse foi o motivo da briga que havíamos tido, pois o dinheiro não dava nem para a metade do mês. Ele sempre queria

saber por que eu gastava tanto, mas eu não podia explicar a ele que a maior parte da minha grana era gasta com o Rafa. Passeios caríssimos, roupas e relógios de grife, noites e mais noites nos motéis mais caros da cidade sempre apareciam no resumo da minha fatura do cartão de crédito, mas eu não me arrependia.

Eu tinha plena consciência de que o Rafa estava comigo também pelo dinheiro. Sou loira, mas não sou burra. Entretanto, eu não importava: desde que ele continuasse me dando orgasmos incríveis, por mim tudo bem. Era muito difícil encontrar um homem que se preocupasse com o prazer da mulher, e o Rafa era praticamente obrigado a isso. Dessa forma nossa relação funcionava. Eu o mantinha com dinheiro e status, e ele me satisfazia entre quatro paredes.

Bloqueei o Rafa em minha mente quando escutei uma voz.

— Com licença. — Me virei em direção ao som e percebi que a porta estava um pouco aberta. Uma voz feminina vinha de fora.

— Pode entrar — respondi. Arrumei meu cabelo olhando para o espelho e através dele notei uma menina atrás de mim. — Quem é você? — perguntei, virando-me, pois nunca tinha visto a garota na vida. Ela estava de pé na minha frente e sua beleza era notável: cabelos negros, pele branca, olhos grandes e expressivos e algo que me lembrava alguém. Dei uma boa verificada em seu visual e fiz uma careta para as botas grosseiras que ela usava.

A garota se aproximou para me cumprimentar.

— Meu nome é Mariana, mas pode me chamar de Mari. — Ela estendeu a mão e devolvi o gesto somente por educação. — Seu pai pediu que lhe fizesse companhia, pelo menos quando ele não estiver aqui — ela disse, dando um passo atrás e voltando para o seu lugar.

Era só o que me faltava: uma babá.

— Olha... — eu disse, apontando para ela. — Não preciso de babá.

Caminhei até a cama e me sentei. Estava com o celular na mão tentando acessar a internet, mas pelo visto não iria conseguir, pois o sinal naquele lugar era horrível.

— Não vou ser uma babá. — A voz dela soava direta. Pensei que a garota já tivesse ido embora. — Estou aqui mais como uma amiga.

Virei o rosto para olhá-la. Analisei a criatura de cima a baixo e soltei uma gargalhada. Sério, não consegui me conter. Foi mais forte do que eu.

— Querida, com certeza você nunca será minha amiga — eu disse com desdém. Esses caipiras acham que uma amizade começa do nada. Assim que minha internet voltasse a funcionar, iria mandar um WhatsApp para a Letícia e contaria a ela como aquelas pessoas eram patéticas. Letícia sim, essa era minha amiga desde criança. Tudo que já vivi teve algo a ver com ela, inclusive o Rafa, que foi seu namorado. Ele a dispensou para ficar comigo, mas Letícia sabia perder e não ficou incomodada quando começamos a sair algumas semanas depois.

— Que ótimo! Assim não preciso mais fingir. — A garota falou com alívio e eu fiquei confusa. — Não conheço você, e pelas poucas palavras que trocamos não tenho a mínima vontade de conhecer. — Dessa vez era a sua voz que soava com desdém enquanto me analisava. — Vamos fazer assim — a matraca continuava falando, sem me dar tempo de responder —, eu fico no meu quartinho dos fundos,

você pode ficar trancada aqui o dia todo e eu ganho o dinheiro que o seu pai me prometeu. E todos vivem felizes para sempre. Que tal?

Levantei pronta para colocar *aquelazinha* no seu lugar, quando notei uma das empregadas que tinha visto na cozinha aparecer na porta do quarto.

— Mas o que está acontecendo? — perguntei irritada para a mulher que estava de olhos arregalados. — Meu quarto virou ponto turístico? — emendei.

A garota se virou para a mulher e ambas me ignoraram.

— O que aconteceu, Lúcia? — Mariana perguntou à mulher que estava como uma estátua na porta.

— Mari, seu pai perguntou se você sabe onde está o dr. Lucas. — Eu já estava mexendo no celular, nem um pouco a fim de participar da conversa, mas, assim que ouvi “doutor”, prestei mais atenção no que as duas falavam.

— Lúcia, o mano me deixou aqui e foi para a cidade. A senhora sabe que no caminho entre a entrada da fazenda e a cidade os celulares ficam sem sinal, então não temos como falar com ele.

A garota saiu seguindo a empregada e as duas continuaram conversando. Nem tive tempo de perguntar quem era o tal dr. Lucas. Então, fui atrás delas até a cozinha.

— Quem é o dr. Lucas? — perguntei para a outra mulher que estava perto da mesa. Ela picava algo, provavelmente para o almoço.

— Dr. Lucas é o veterinário da fazenda, por quê? — ela perguntou com um olhar estranho.

— Nada — respondi friamente e caminhei de volta para o quarto. Mariana não me seguiu e eu fiquei tentando imaginar por que diabos meu pai contrataria alguém para me vigiar. *Será que ele acha que vou aprontar?*

Quase meia hora depois eu ouvi um barulho vindo do lado de fora. Caminhei até a janela do meu quarto e vi um caminhão enorme estacionando em frente ao galpão, que não ficava muito longe da casa.

Desci as escadas correndo, pois o veterinário devia ter chegado. Precisava conversar com alguém que tivesse completado pelo menos o ensino médio. Primeiro o caipira na estrada, depois aquela garota desaforada. Estava cercada de idiotas. Mas eu esperava o quê? Estava em uma fazenda!

Entrei no galpão correndo e trombei com um corpo. Nós nos desequilibramos e caímos.

Assim que abri os olhos, percebi de quem era o tal corpo que estava em cima de mim. Olhei em seus olhos por alguns segundos e quase tive um troço quando senti algo duro dentro de sua calça. E eu me refiro a uma parte específica do corpo, se é que me entendem. Mas então eu caí na real.

— Sai de cima de mim, seu idiota — gritei, para que ele deixasse eu me levantar.

Babaca! O roceiro ainda estava fedendo.

Discutimos até que ele caminhou em direção a um ferro-velho ambulante, estacionado perto do galpão. Fui atrás dele até chegar à caminhonete. Por mais que eu já começasse a odiar aquele cara, eu precisava dele para encontrar o tal veterinário, então não tinha opção.

— Ouvi dizer que tem um médico veterinário aqui, e eu adoraria conversar com alguém alfabetizado — disse, deixando bem claro que não estava atrás dele. Só me faltava ter aquele cara no meu pé.

O idiota me olhou com um ar de superioridade e tirou o chapéu. *Meu Deus!* Ele era lindo. Seu rosto era perfeito. A barba por fazer e os olhos azuis, que não deixavam meus pensamentos, completavam seu visual de homem-pecado.

— Muito prazer — ele disse, segurando o chapéu e se curvando diante de mim. — Dr. Lucas, à sua disposição — completou.

Meu queixo praticamente chegou ao chão, tamanho o meu espanto. Não podia acreditar que o idiota fedido da estrada era o médico veterinário de quem todos falaram.

— Mas, infelizmente, o analfabeto aqui não tem tempo para perder com conversas fúteis vindas de uma garota mais fútil ainda.

Nem prestei atenção no que ele falava, pois meus olhos estavam presos naquele corpo maravilhoso. Dei uma checada de cima a baixo e definitivamente decidi que Lucas era o meu número, sendo caipira ou não. Ele saiu e eu virei a cabeça para analisar melhor o traseiro perfeito que estava bem na minha frente. Definitivamente, o meu número.

Qual é o problema? Não posso ficar trinta dias na seca e com certeza Rafa não vai vir me visitar nesse fim de mundo.

— Dr. Lucas — murmurei, batendo de leve o dedo indicador no meu queixo, enquanto repetia o seu nome e o via partir. — Eu quero você. E estou acostumada a ter o que quero.



Lucas

Cheguei em casa irritado. Droga! Conhecia aquela garota havia menos de um dia e já sentia um ódio indescritível por ela. Mimada e fútil. É isso que ela era. Meu tio me contou como ela tratou os funcionários, e, se meu santo já não batia com o dela, aí que tudo acabou indo por água abaixo.

Estacionei minha caminhonete e, antes de descer, fiquei alguns segundos pensando no meu dia. *Como pode uma manhã maravilhosa terminar em uma tarde azeda como essa?* Não conseguia entender por que essa garota me tirava dos eixos.

Sempre fui um cara calmo e era conhecido por levar qualquer tipo de problema na esportiva. Já quebrei o nariz do Pedro, e outras pouquíssimas vezes discuti com alguns caras, mas não costumava brigar com ninguém, só que aquela Cristal tinha o dom de me abalar com aquele nariz empinado.

Depois de alguns momentos de reflexão, desci do carro. Estava muito cansado, pois, além do estresse que havia passado com a dondoca, tinha visitado algumas fazendas vizinhas depois de sair da Girassol. Assim que entrei em casa, deixei as chaves e o meu chapéu favorito, herdado do meu pai, na mesa da cozinha.

Minha casa era pequena, mas aconchegante. Apesar de ser homem, eu gostava das minhas coisas extremamente organizadas. Mari diz que eu tenho TOC, mas acho que é só mania de organização.

Resolvi tomar um banho gelado para acalmar meus ânimos. Aqueles olhos verdes estavam me perseguindo e eu tinha que fazer alguma coisa imediatamente para tirar aquela garota da minha cabeça.

— Não vai rolar, Ranger! — murmurei para mim mesmo.

Já sei o que vou fazer!

Eu me enxuguei e saí nu do banheiro, pois, quando estava sozinho, era assim que andava pela casa. Peguei o celular no quarto e disquei o número da Raquel, que atendeu ao telefone no segundo toque.

— Oi, Perigoso. — Sua saudação foi carinhosa como sempre, usando o apelido que me deu na primeira vez que transamos.

— Oi, Raquel. Quer passar a noite comigo? — Não precisava de rodeios com ela, então fui direto ao assunto. Talvez, se passasse a noite toda transando com a Raquel, eu esquecesse o dia de merda que tive.

— Claro que sim, gato — concordou na mesma hora. — Na sua ou na minha?

— Na minha — afirmei decidido. — Tenho que levantar cedo. — Trabalharia no dia seguinte. Droga! Eu me lembrei de uma coisa que não me deixou feliz. Precisaria voltar à Girassol. Trabalhar na fazenda enquanto a princesa estivesse lá seria um pé no saco.

— Ranger? Está aí? — Raquel me chamou e eu voltei dos meus pensamentos.

— Estou — respondi, caminhando de volta para o banheiro.

— Onze horas?

— Claro — concordei, pois era o horário de sempre.

Nós nos despedimos, e, quando desliguei o telefone, fiquei me encarando no espelho.

— É tudo que você precisa, Ranger. Uma boa noite de sexo — falei sozinho, como se não tivesse deixado a Raquel na minha cama naquela mesma manhã.

Eu me vesti de forma casual: jeans e camiseta. Na verdade, se eu fosse levar em conta os gostos da Raquel, ficaria nu o tempo inteiro. Não podia negar que já estava me animando, e meu amigo da zona sul também. Raquel era uma amante excepcional, e, por mais que me divertisse com as outras, confesso que nós tínhamos uma química insuperável.

Passei o início da noite lendo alguns artigos sobre novas técnicas cirúrgicas em animais de grande porte. Ainda estava lendo quando ouvi uma batida na porta. Olhei o relógio e vi que ainda não eram onze horas. Abri, e Pedro foi logo entrando.

— Aí, cara! — Pedro me cumprimentou com seu jeito mineiro de ser. Meu amigo caminhou até a cozinha e, após abrir a geladeira, eu previ o que iria perguntar. Fechei a porta e andei até ele. Depois que analisou todo o conteúdo, ele me olhou fazendo uma careta.

— *Uai*, Lucas, tem queijo não? — Sorri pela obsessão que Pedro tinha por queijo. Nunca entendi essa paixão incontrolável pelo laticínio. Às vezes brincava que ele gostava mais de queijo que de mulher.

— Não — respondi. — Não acredito que você veio na minha casa só para comer queijo.

— Não foi só por isso. — Fechou a geladeira e se jogou no sofá. — Queria confirmar se ainda está de pé o *cover* amanhã.

Incrível! Pedro disse que não iria ao bar, mas, assim que ficou sabendo que minha pequena estaria presente, mudou de opinião mais rápido que tiro de espingarda. Antes de começar a discutir com ele, ouvi batidas na porta novamente. Dessa vez só poderia ser a Raquel.

Abri a porta e ela estava mais sexy do que nunca. Seus cabelos cacheados desciam pelas costas parando um pouco abaixo dos ombros. Ela tinha um corpo de causar inveja em qualquer adolescente. E aquela pele negra simplesmente me deixava maluco. O jeans e a blusinha leve que ela usava realçavam ainda mais sua beleza.

— Oi, Perigoso — ela me cumprimentou com um selinho. — Vamos jantar? — Raquel levantou as sacolas que trazia e Pedro prontamente as retirou das mãos dela.

Pedro sorriu para Raquel.

— Tem queijo? — Levantei os olhos para o céu pedindo socorro aos anjos. Queria matar aquele idiota com minhas próprias mãos.

— Pedro, que merda! — eu o amaldiçoei e pude ouvir a gargalhada gostosa da Raquel enquanto ela andava até a cozinha.

Caminhei até onde eles estavam e tomei as sacolas da mão do meu amigo.

— Alguém te convidou? — perguntei, arqueando uma sobrancelha. Com os olhos, tentei indicar que ele deveria sair. Mas às vezes acho que meu amigo é burro, ou se finge de leitão para poder mamar deitado, porque o idiota nem se movia.

— Lucas, você está com *tique* nos olhos? — Pedro perguntou e eu pude constatar: *Deus, realmente ele era burro!* Coitadas das suas lavouras.

Coloquei as sacolas na mesa e encarei Raquel, que ainda sorria com a mancada do Pedro. Voltei minha atenção para ele, na tentativa de fazê-lo entender que sua presença não era bem-vinda, pelo menos não naquela noite.

— Pedro, meu amigo, não está na hora de você ir? — Indiquei a porta com a cabeça, e, graças a Deus, ele resolveu entender.

— Ah! — ele disse arrastando a voz. — *Tendi*. Vocês querem ficar sozinhos? Por que não disse logo, *uai*?

Já sabia como lidar com meu amigo: às vezes, ele só funcionava pegando no tranco.

Depois de muita luta e boas risadas, consegui levar Pedro até a porta. Fiz questão de trancá-la para que ninguém mais incomodasse. Precisava relaxar, e algo me dizia que Raquel estava disposta a ser minha válvula de escape, assim como eu seria a dela.

— O que temos para o jantar? Por favor, me diz que não é queijo. — Gargalhei quando vi Raquel montando a mesa.

— Sem queijo para você, Perigoso. — Ela entrou na brincadeira e eu me sentei para aproveitar a refeição que ela havia levado. Não era sempre que comia tão bem. E, diga-se de passagem, a comida da Raquel era de comer rezando.

Jantamos e, depois de lavar a louça, eu e Raquel resolvemos jogar cartas, valendo peças de roupas, é claro.

— Perdeu mais uma vez — Raquel me disse, enquanto jogava as cartas sobre a mesa. *Droga!* Pôquer não era para mim; eu me sentia em casa mesmo quando jogava truco. Raquel insistiu e eu acabei aceitando. Mas só tomei na bunda desde a hora em que me sentei para jogar.

Olhei para a última peça de roupa que me restava: minha cueca branca. Raquel realmente tinha feito uma limpa. Olhei em sua direção e balancei a cabeça, pois ela ainda estava praticamente vestida, tinha perdido somente a blusa. Levantei e parei em sua frente. Raquel levantou as pernas cruzando-as sobre a mesa. Seus olhos negros se estreitaram, e eu pude ver as faíscas de desejo surgindo.

Minha ereção era visível, aquela mulher era fogo puro, e somente com seu olhar sobre o meu corpo eu já enlouquecia de tesão.

Abaixei um pouco a cueca e Raquel arregalou os olhos na direção do meu pau.

— Você quer? — perguntei me acariciando por cima do tecido. A excitação era tanta que a ponta da minha ereção havia molhado a cueca. Eu me toquei um pouco mais, sem tirar os olhos da Raquel. Ainda parado, fiz sinal com o dedo para que ela chegasse perto de mim. — Vem buscar — exigi e no mesmo momento ela tirou as pernas da mesa e as colocou na minha direção.

Eu a encarava como um animal pronto para atacar, e ela percebeu que eu não estava no meu juízo perfeito. O estresse tinha me deixado aceso e o sexo seria minha forma de extravasar.

— O que te deu hoje, Perigoso? — perguntou, e, assim que a alcancei, eu enfiei a mão por baixo dos seus cabelos, fazendo com que ela olhasse para cima. Minha boca encontrou seu pescoço e eu distribuí beijos em toda a extensão de sua pele macia.

— Desejo — respondi com apenas uma palavra. — O que vai ser hoje? — Deixei que escolhesse sabendo que não me decepcionaria. Ela nunca me deixava na mão quando se tratava de prazer.

Raquel começou a respirar mais forte, pesado; eu sabia que ela estava morrendo de tesão. Sabia o que seu corpo pedia e estava pronto para dar tudo a ela. Tomei sua boca em um beijo ardente e desesperado. O sexo com a Raquel era sempre excelente, e meu corpo estremecia com a antecipação de qual seria a sua resposta.

— Quero montar você, garanhão. — Sua voz era entrecortada. Como eu disse: conhecia muito bem aquela mulher e tudo de que precisava para sentir prazer.

Eu a puxei pela mão e, assim que chegamos ao meu quarto, eu a joguei de uma forma nada delicada na cama. Suas mãos viajaram até o jeans que vestia e eu fui ao banheiro buscar alguns preservativos. No plural, pois a noite prometia. Quando voltei para o quarto, me deparei com a Raquel já nua. Ela se despiu em tempo recorde, pois não vestia nem a calcinha.

— Tão apressada... — provoquei e a vi se contorcendo sobre minha cama. — Muito gostosa. — Disse a verdade: ela era naturalmente bela e exalava sensualidade.

Senti meu pau pulsar de desejo quando Raquel abriu as pernas em minha direção e pude ver seu sexo chamando por mim. Tirei a cueca, e sua língua deslizou por seu lábio inferior, me deixando ainda mais excitado.

Eu me ajoelhei na cama e fiquei sobre ela. Entreguei um preservativo e, sem precisar dizer nada, Raquel o tomou das minhas mãos e, com a boca, deslizou a camisinha pelo meu membro.

Ela sabia que aquilo me matava. E fazia com maestria.

No momento em que terminou, eu deitei ao seu lado na cama. Raquel se levantou e, quando já estava prestes a se posicionar sobre meu pau, eu a conduzi um pouco acima, para que, naquela posição, pudesse alcançar minha boca.

— Vem aqui, gostosa. Monta na minha boca. — Eu a puxei e introduzi minha língua em seu interior. Não demorou muito para que Raquel começasse a se contorcer com minha boca. Quando minha língua deixava de fodê-la, eu atacava seu clitóris. Raquel apoiou as mãos na cabeceira da cama e tentou se afastar, mas segurei seu quadril, trazendo-a para mais perto de mim, e assim eu

conseguia deixá-la totalmente descontrolada. Quase me enterrando nela, senti os primeiros sintomas do seu orgasmo chegando.

— Ranger, eu vou gozar — ela disse sem nenhum pudor. E era por isso que nos dávamos tão bem na cama.

Comecei a mexer a cabeça fazendo movimentos longos e grosseiros, pois era daquele jeito que Raquel sentia prazer, e eu estava pronto para satisfazê-la antes de libertar o meu tesão.

— Ai, Lucas! — gritou e desabou sobre mim.

Não dei tempo para que ela pudesse se recuperar, empurrei seu corpo um pouco para trás e, assim que meu pau encontrou sua entrada, pude sentir o efeito da minha língua: sua boceta estava completamente molhada e quente.

— Gostosa, se você não for um pouco mais rápido eu vou pirar — reclamei, pois sua lentidão me matava. Raquel sorriu maliciosamente e voltou a descer lentamente pelo meu pau, que deslizou com facilidade por dentro dela.

— Quer que eu galope? — ela perguntou, e eu assenti.

Estava consumido pelo tesão. Minhas mãos viajaram para os seus seios e eu apreciei a maciez de sua pele.

Quando eu estava totalmente dentro, Raquel começou a se movimentar de forma rápida e frenética, fazendo meu membro entrar até o fundo. Comecei a gemer, e, impulsionada pelos meus gemidos, Raquel acelerou ainda mais. Enquanto isso, minhas mãos brincavam com os seus mamilos, que estavam totalmente rígidos e entregues a mim.

— Mais! — gritei, e Raquel se abaixou alcançando minha boca. Aproveitei que ela estava abaixada e segurei seu corpo, começando a movimentar meu quadril para aumentar a pressão dos meus movimentos. Já estava a ponto de explodir quando percebi que Raquel estava se contraindo rumo a um novo orgasmo.

— Gostosa, vem junto — ordenei, e ela prontamente me obedeceu.

Explodimos em um êxtase intenso e arrebatador.

Raquel retirou seu corpo de cima do meu e se levantou em direção ao banheiro.

Olhando para o teto, eu não pensava em nada. Simplesmente deixava meu corpo descansar na imensa calma que havia tomado conta de mim.

Olhei o criado-mudo e vi as chaves do carro da Raquel, que estavam ao lado do meu celular. Levantei curioso e peguei o chaveiro.

Uma pedra rosa-clara e delicada brilhava com os reflexos da luz. Ao me pegar olhando fixamente para ela, eu percebi o que era...

— Um cristal!

Pietra

— Meu Deus! — gritei irritada. Fazia uns cinco minutos que algum louco estava batendo na porta do quarto sem parar. Ou a fazenda estava em chamas, ou a Terceira Guerra Mundial havia chegado naquele fim de mundo.

BAM! BAM! BAM! Coloquei o travesseiro na cabeça tentando abafar aquele barulho horroroso das batidas na madeira. *BAM! BAM! BAM!*

— Já vai, já vai! — respondi para quem quer que estivesse na porta, na esperança de que o filho da mãe parasse de me azucrinar.

Olhei para o relógio na penteadeira e ele ainda marcava meio-dia. Joguei minhas pernas para fora da cama e me levantei. O maldito ou a maldita não iria parar de martelar a porta, então eu não tinha opção, a não ser abri-la.

Coloquei um robe por cima da camisola e caminhei ainda sonolenta.

— O que foi? — perguntei assim que abri a porta. Mariana estava parada e me olhava como se eu fosse um E.T.

— Achei que você estava morta. — Ela apontou para mim e fez uma careta.

Minha vontade era de chutar a bunda dela, mas, desde que descobri no dia anterior que o gostosão do veterinário era seu primo quase irmão, tive que me conter; afinal, teria que me aproximar da roceira para chegar até o cara que garantiria meus orgasmos.

— Ainda não — eu disse, tentando soar gentil, mas, porra, aquela garota tinha que resolver me acordar tão cedo?!

Abri a porta para ela entrar e fui direto para o banheiro. Já que tinha que me levantar, nada melhor do que um banho demorado para despertar. Pena que na fazenda não tinha hidromassagem. Eu me lembrei de quanto o meu apartamento era perfeito. Paris! Paris! Sussurrei o mantra que criei para sobreviver à situação.

— Já volto — gritei de dentro do banheiro. Entrei no box e liguei a água no morno. Não muito quente a ponto de ressecar minha pele e meu cabelo, nem muito fria.

Vinte minutos depois eu saí e Mariana não estava mais no quarto. Enrolada na toalha, fui até a porta para trancá-la. Quem sabe ela não tinha desistido de me importunar? Talvez eu pudesse até voltar a dormir. Assim que cheguei à porta, escutei Mariana conversar com alguém. Não sabia com quem era, porque até aquele momento eu só ouvia a voz dela.

— Por favor, maninho — ela pediu para alguém de forma manhosa. Sorri, pois também usava aquele tom de voz quando queria algo do meu pai. Quem diria, eu e a caipira usando as mesmas armas de convencimento.

Andei até o parapeito da escada e olhei para a sala na tentativa de ver com quem ela conversava. De onde eu estava, eu só conseguia ver Mariana.

— Já disse que não, pequena. — Aquela voz me fez arrepiar. Toda a minha pele se acendeu. *Meu Deus! Que voz sexy.* Era o Lucas.

Mariana olhou para cima e me pegou no flagra espiando a conversa deles. Não me importei, estava na minha casa e os intrusos ali eram eles. Vi quando um corpo perfeito, debaixo de um grande chapéu, deu dois passos para a frente e entrou no meu campo de visão.

Assim que Lucas me olhou, fechou a cara. Gostoso demais com aquele jeito de menino mau.

— Na cidade não te ensinaram que ouvir a conversa dos outros é falta de educação? — ele perguntou, mas na verdade eu prestei mais atenção em seus lábios se movendo do que propriamente nas palavras que ele dizia.

Como não respondi, ele se virou para Mariana e voltou a negar o que ela tinha pedido antes de eu chegar.

— É por isso — disse ele apontando para o alto da escada onde eu estava — que você não vai levá-la — completou.

Droga, eles estavam falando de mim. Desci as escadas correndo e, quando cheguei aonde estavam, coloquei as mãos na cintura esperando uma explicação.

— E pelo visto ela também não aprendeu a usar roupas. — Apontou para minha toalha.

Nem dei bola para o que ele falava e continuei encarando aqueles lindos olhos azuis.

— Aonde eu não vou? — Desviei o olhar para a Mariana, ignorando Lucas completamente.

Lucas bufou e Mariana levantou a mão direita pedindo que ele a deixasse falar. Fiquei aguardando alguém me dizer alguma coisa e já não aguentava mais esperar. Paciência não era uma das minhas virtudes.

— Pietra, acontece que na cidade existe um bar chamado Taurus. Hoje à noite vai ter um cantor que fará cover de músicas country — ela me explicava e eu não entendia onde o Lucas entrava naquela história. — O maninho prometeu me levar para dançar, mas eu não posso ir sem você. Combinei com seu pai: 24 horas por dia.

Então entendi o motivo da discussão. Para ir ao tal show, Mariana teria que me levar, pois eu não sei por que merda meu pai tinha contratado alguém para me fazer companhia. Até aquele momento eu odiava isso, mas, olhando pelo ângulo dessa conversa específica, passei a adorar. O problema era que, pelo andar da carruagem, Lucas não queria que eu os acompanhasse.

— A que horas? — perguntei olhando para os dois.

Lucas balançou a cabeça e Mariana começou a dar pulinhos batendo palmas. *Eu mereço, viu?*

— Às sete horas o Lucas vem nos pegar! — ela disse em uma explosão de alegria.

Lucas estava inconformado. Ele colocou a mão no chapéu e o abaixou tapando o seu rosto. Mariana e eu sorrimos como cúmplices.

Cúmplices? Sério que eu disse isso? Aquele homem me faz perder o juízo. Quando ficava perto dele, só pensava em coisas nada inocentes, e isso incluía ele nu na minha cama.

Sacudi a cabeça para espantar aqueles pensamentos; caso contrário, o banheiro seria o meu destino novamente.

— Então, combinado — Mariana respondeu e saiu, deixando Lucas e eu sozinhos na sala.

Sua presença me incomodava. Ao mesmo tempo que eu o odiava por ser tão... tão... tão... tão caipira, eu tinha uma vontade louca de descobrir o que aquela calça apertada escondia. Na verdade, eu tinha uma bela visão, porque o jeans era muito justo e, como de pau eu entendia, o dele estava duro. Lucas mantinha o olhar baixo e percebi que, assim como eu o encarava, ele estava secando minhas pernas.

— Gosta do que vê? — perguntei, passando a língua nos meus lábios. Ele deixou de encarar minhas coxas e voltou seu olhar para o meu rosto. Seus olhos estavam arregalados e suas bochechas enrubesceram. *O desgraçado corou!*

AI. QUE. DELÍCIA. Nunca em toda a minha vida tinha visto um homem corar. Aquilo me deixou com ainda mais vontade dele. Lucas era muito gostoso, e eu realmente não perderia a chance de

brincar um pouquinho com ele. Sua calça apertada combinava perfeitamente com a camiseta preta que ele usava. Botas e chapéu completavam o *look* “eu sou gostoso”. Sempre achei aquilo brega demais, mas no Lucas caía como uma luva.

— Tem certeza de que você aguenta o *arrocho*? — questionou atrevidamente, me olhando de cima a baixo. — Talvez você não seja mulher para frequentar esse tipo de lugar.

Fiquei muito puta com seu comentário, mas me segurei.

— Se a Mariana vai, eu também vou — argumentei em vez de brigar.

Encarei-o e não desviei o olhar. Lucas fez o mesmo. Se ele queria guerra, eu estava pronta para lutar com todas as minhas armas. O caipira se aproximou de mim e ficou a poucos centímetros da minha boca. Podia sentir sua respiração e o hálito fresco de menta que ele exalava. Meu Deus, eu queria que ele me beijasse naquele momento. Seu olhar pousou na minha boca, e senti um arrepio por toda a minha pele. Estava pegando fogo.

Fechei os olhos e fiz meu famoso biquinho aguardando o beijo. Segundos se passaram e nada aconteceu. Abri os olhos e pulei de susto quando vi Mariana com uma expressão de puro espanto na minha frente. Ela olhou de um lado para outro, tentando entender por que eu estava naquela posição ridícula.

— Desgraçado! — gritei. Sem dar satisfação a ela, subi correndo as escadas em direção ao meu quarto.

Chegando lá, eu me olhei no espelho e encarei a imagem refletida. Soltei meus cabelos molhados que estavam presos em um coque. Pensei no quase beijo trocado na sala e imaginei o quanto Lucas devia estar rindo de mim naquele instante.

— Lucas... Lucas... Você não sabe com quem está brincando.



Lucas

— Patricinha mimada — falei sozinho. Claro que aquela garota ia me tirar do sério de novo, mas dessa vez ela teve o que merecia. Gargalhei muito me lembrando do biquinho que ela fez. Mas confesso que precisei usar todo meu autocontrole para não pular em cima dela. A garota tinha um belo par de pernas, e fiquei duro só de imaginar o que aquela toalha escondia. *Delícia!* Apesar de ser chata pra caramba, eu não podia deixar de reconhecer que ela era linda. Mas daí a levá-la comigo para o Taurus era outra coisa. Mari só podia estar brincando comigo.

— Falando sozinho? — Escutei a voz do tio Santiago atrás de mim. Ele estava como sempre: jeans surrado, camisa, chapéu e botas. Apesar de ter uma filha de 18 anos, meu tio era um cara de sorte e não aparentava a idade que tinha. Eu sempre brinquei que ele pegava mais mulher que eu, porém ele nunca levava ninguém para casa em respeito a Mari.

— Pois é, mania de peão — respondi, divertido. Continuei avaliando o filhote que tinha nascido no dia anterior, e Santiago permaneceu ao meu lado.

Meu tio e Mari foram tudo o que me restou depois que fiquei órfão aos 10 anos. Meus pais estavam em uma cidade vizinha e quando voltavam para casa foram assaltados e mortos. Depois de quinze anos, eu ainda não tinha uma resposta sobre o que havia acontecido. Isso me atormentava, pois o que eu mais queria era que a justiça fosse feita. Não poder vingar a morte deles sempre me frustrou.

Depois de um tempo, Santiago conseguiu emprego na Girassol e custeou meus estudos. Ele era um grande peão de rodeio, mas também sofreu uma enorme decepção quando a mãe da Mari desapareceu. Cuidar da filha sozinho não foi fácil. Meu tio teve que abdicar da coisa que mais amava: montar. Mas o amor que sentia pela minha prima o fez superar todos os obstáculos.

Desde o ensino médio e durante toda a faculdade eu vivi na capital. Decidi fazer medicina veterinária porque era o sonho do meu pai, e, assim que terminei a graduação, Santiago conseguiu com um amigo que morava no Texas uma ajuda para que eu pudesse fazer uma especialização nos

Estados Unidos. Passei quatro anos fora do Brasil, e quando voltei não hesitei em ficar perto da família que tanto me apoiou. Queria poder ajudar Mari da mesma forma que meu tio havia me ajudado. Ele foi um verdadeiro pai quando precisei e sua filha era como se fosse minha irmã.

Conversei com Santiago sobre o gado que havia chegado e deixei algumas instruções a respeito da alimentação. Um zootecnista trabalhava comigo, mas ele estava prestando serviço em outra cidade, então assumi todo o trabalho.

Almocei com meu tio, e Mari ficou com a Cristal na sede. Ainda estava pensando em como sair daquela enrascada sem prejudicar a minha prima, mas ainda não tinha pensado em nada. Pelo jeito teria que aguentar a patricinha.

A tarde passou voando. Além da Girassol, visitei mais duas fazendas, já que estava na época de vacinação contra a febre aftosa e eu tinha que acompanhar de perto os rebanhos sob minha responsabilidade.

Cheguei à cidade no fim da tarde, nem pensei em muita coisa, tomei um banho e deitei para descansar. Caí em um sono profundo e acordei com o celular tocando. Era o toque que eu tinha configurado para Mari. Antes de atender, eu me preparei para a bronca, pois o visor do celular já marcava 19h30. *Putz!* Mari vai estar uma fera.

— Alô? — atendi com a voz mais carinhosa do mundo, mas não adiantou. Afastei o celular do ouvido para não correr o risco de ficar surdo.

Me sentei na cama, enquanto ouvia minha prima me xingar mais que um tropeiro de mau humor.

— Lucas Vitor, não me diga que você estava dormindo? — ela perguntou muito irritada.

— Não — tentei disfarçar. — Já estou chegando.

Enquanto mantinha Mari no telefone, eu procurava o que vestir no guarda-roupa. Escolhi um jeans escuro e uma camiseta verde.

— Não precisa mais vir — ela afirmou de forma seca. — Pedro já está chegando para nos buscar — completou.

A menção de que o Pedro buscaria minha prima não causou tanto impacto quanto saber que o “nós” se referia a ela e a Cristal. Respirei fundo e tentei não discutir.

— Tudo bem, Mari — concordei e desliguei.

Peguei uma toalha no armário e, já que não estava mais atrasado, resolvi tomar outro banho. Vesti a roupa que havia escolhido e passei as mãos pelo cabelo para colocá-lo no lugar. Calcei minha bota e usei o perfume de sempre. Estava pronto. Não me considerava um metrossexual, mas também não era um desleixado. Gostava de me sentir bem, e, se isso atraísse mais mulheres, melhor.

Sempre fui um cara reservado, não saio à caça por aí, mas não podia reclamar: apesar de morar em uma cidade relativamente pequena, nunca ficava sozinho. Várias beldades já tinham parado na minha cama.

Liguei minha caminhonete e parti para o Taurus. O bar não era muito longe, mas eu não deixaria o Pedro levar minha pequena em casa, então precisaria estar motorizado.

Cheguei no bar e cumprimentei quase todo mundo — vantagens e desvantagens de cidade pequena. Dei um beijo no rosto da Raquel, que estava do outro lado do balcão. Mesmo antes de pedir, eu já estava com minha cerveja favorita na mão. Dei uma piscada para Raquel e recebi um sorriso de

volta. Adorava sua espontaneidade, com ela não tinha tempo ruim, além de ter um coração enorme. Tenho pena do desgraçado do ex-marido dela: perdeu uma grande mulher. Raquel apontou na direção da pista de dança e virei para ver o que era.

Uma loira que eu nunca tinha visto me encarava de forma predadora. Seus olhos me analisavam dos pés à cabeça. Dei um meio sorriso para ela antes de voltar minha atenção para Raquel.

— Não sabia que você tinha virado casamenteira — brinquei, e ela apenas sorriu de volta antes de continuar atendendo os outros clientes.

O som não estava muito alto, pois o show ainda não havia começado. Casais se espalhavam pela pista de dança, e grupos de jovens conversavam de forma animada. O Taurus era o point da cidade, e estava começando a ficar bem cheio. Senti uma mão no meu ombro e notei que a loira que me encarava estava ao meu lado.

— Oi, gato — disse com a voz maliciosa. A garota era gostosa. Virei de lado para olhá-la melhor e tinha que reiterar o que havia pensando: ela era muito gostosa.

— Oi, linda — respondi, dando meu melhor sorriso. Pelo jeito, a noite prometia.

Conversei um pouco com a garota, que se chamava Aline. Descobri que ela estava fazendo estágio em uma fazenda da redondeza. Era uma futura candidata a colega do Pedro, pois estava se formando em Agronomia. Na verdade, eu paguei com a língua: quando a vi se aproximar, achei que seria só mais um rostinho bonito em um corpo gostoso, mas me surpreendi. Aline era uma excelente companhia e tinha um papo incrível.

Convidei-a para dançar e ela prontamente aceitou. Caminhamos para a pista de dança ao som de Santorine. Uma música lenta, muito boa de ouvir, ainda mais agarrado a uma bela loira.

*Hoje te encontrei sem querer
Pensei que tudo iria desabar
Lembrei de quando fiquei sem você
Praquele mundo não quero voltar*

*Mas veja só o que aconteceu
Seu mundo se distanciou do meu
E agora que quase me acostumei
Você de repente apareceu
Querendo me propor uma nova chance
Querendo reviver nosso romance
Mas só eu sei o que eu passei em vão
Chegou a hora da revanche, então*

“Revanche” — Santorine

Dancei mais duas músicas com a Aline e voltamos para o bar. Estávamos tomando uma cerveja quando ouvi meu nome sendo chamado. Eu me virei e meu queixo caiu.

Deus! Estou ferrado.

Pietra

— Mariana, me conta um pouco mais sobre o seu primo — pedi, mas nem sabia por quê. Na verdade eu sabia, mas não deixaria que ela descobrisse que o caipira tinha me atraído.

— O que você quer saber? — ela me perguntou um pouco surpresa.

Me sentei em uma cadeira ao lado dela, e, antes que eu pudesse filtrá-las, as palavras saíram da minha boca.

— Ele tem namorada?

Putz! Ela vai desconfiar.

Mariana me olhou confusa, e eu achei que ela não me responderia.

— Sim e não! — exclamou olhando para o nada.

Então o estado de confusão mudou de lado, e era eu quem estava perdida na história.

— Como assim? — continuei o questionamento.

— Lucas não namora, mas todas as mulheres da região o namoram. — Deu de ombros.

Excelente! Esclareceu tudo. Mariana notou meu olhar perdido e continuou.

— É o seguinte: hoje à noite você vai descobrir por que nenhuma mulher viva, dos 15 aos 70 anos, consegue resistir ao Lucas.

Senti que estava encrencada.



Depois das palavras da Mariana fiquei ainda mais animada para aquela noite. Não estava muito interessada no que iria acontecer no bar, desde que Lucas estivesse lá.

Comecei a me arrumar logo cedo, queria estar deslumbrante. Lucas sentiria na pele o que tinha me feito durante a tarde. Eu ainda estava furiosa pelo quase beijo. *Filho da mãe.* Lavei meus cabelos e deixei que secassem ao natural. Tinha sorte de tê-los ondulados, assim eles ficaram bonitos sem precisar de muita coisa. Escolhi um vestido preto todo em paetê e sandálias altíssimas vermelhas da Manolo Blahnik. Uma bolsa de mão da Victor Hugo completava meu look. Ouvi uma batida na porta e previ que seria a Mariana, pois já estava no horário marcado. Eu não via a hora de estar cara a cara com o Lucas novamente. Daquela noite, ele não me escaparia.

Abri a porta e causei a reação esperada. Ela ficou de boca aberta. Modéstia à parte, eu sabia me produzir.

— Onde você pensa que vai vestida assim? — perguntou apontando para minha roupa.

Dei uma volta para que ela pudesse apreciar melhor meu modelito.

— Mas nem a pau que você vai sair comigo vestida assim — ela disse assim que eu parei em sua frente novamente. Mari estava usando um jeans preto colado ao corpo, uma camisa xadrez em tons de rosa e, como sempre, botas. Estava até bonitinha, mas eu não entendi o que ela queria dizer com aquele comentário.

— Como? — perguntei confusa. Coloquei as mãos na cintura e fiquei aguardando uma resposta. Mas ela não me respondeu, pelo contrário: passou por mim e abriu as portas do armário. Fiquei de boca aberta com a audácia daquela garota.

— SÉRIO? — Ela levantou o olhar, me questionando. — Nenhuma camisa, jeans, sapatilha ou bota? — perguntou, tirando os meus saltos do armário.

Dei alguns passos em sua direção e peguei as sandálias de suas mãos. Guardei tudo de volta com muito carinho. Se havia uma coisa da qual tinha ciúme, era dos meus sapatos. Mexa neles que viro uma fera.

— Olha aqui, Mariana — eu disse virando para ela —, esses sapatos são importados, então tome cuidado.

Ela ainda me olhava como se não acreditasse no que estava acontecendo e, em seguida, saiu do quarto resmungando algo que não consegui entender muito bem. Fiquei no mesmo lugar, aguardando o seu acesso de loucura passar.

Mariana voltou minutos depois, com algumas roupas na mão, e jogou tudo na cama. Levantei peça por peça. Primeiro uma saia jeans curta, depois uma baby look básica e, por último, um colete que imitava couro. Enquanto eu analisava as roupas, levei um susto ao ver a garota jogando um par de botas ao lado da cama.

— Você acha que eu vou vestir isso? — Segurei o colete com as pontas dos dedos e ela me olhou com uma careta de dar medo.

— De preferência rápido, pois o Pedro já está nos esperando. — Respondeu balançando a cabeça. Então, cruzou os braços e ficou batendo o pé no chão, impaciente.

— Eu não vou vestir isso — tentei explicar, mas foi em vão. Mariana pegou as roupas que estavam na cama e empurrou nos meus braços.

— Te dou dois minutos — ela disse, já saindo e batendo a porta com força.

Fiquei alguns segundos olhando para a porta fechada até perceber que não tinha escapatória. *Se não pode vencê-los, junte-se a eles.*

Tirei o vestido perfeito e o deixei na cama. Vesti a roupa que a Mari emprestou e me olhei no espelho. Tudo serviu bem, ela e eu tínhamos o mesmo tipo de corpo. Mas não tínhamos o mesmo tamanho; ou seja, a saia ficou muito curta, já que eu era alguns centímetros mais alta.

Abri a porta e a vi encostada na parede, me aguardando.

— Satisfeita? — perguntei assim que saí do quarto.

Depois de dar uma boa verificada na minha roupa, ela assoviou. Revirei os olhos e descí as escadas antes mesmo que ela pudesse falar qualquer coisa. Ou eu saía logo ou desistiria de ir àquele maldito show, cover, circo, sei lá o que era.

Assim que saí pela porta de casa, dei de cara com um cara lindo. SÉRIO! Se eu soubesse que tinha tantos tesouros assim na fazenda, eu já teria ido com minha pá escavar muito antes. Primeiro Lucas e depois aquele deus grego.

Dei meu sorriso mais sexy, porém o cara passou por mim, me dando um sorriso amarelo, e subiu alguns degraus. Dei meia-volta e percebi o motivo de ele mal ter me notado: o gatinho praticamente babava pela Mari, e eu pude ver pelo brilho dos olhos dela que ele era correspondido.

— Pedro, essa é a Pietra — ela me apresentou e eu o cumprimentei.

— Oi — respondi impaciente, pois sabia que daquele mato não ia sair coelho. Pedro apertou minha mão, mas praticamente nem me olhou. Seus olhos ainda estavam concentrados na Mariana. —

Vamos? — completei.

Os dois saíram do transe e passaram por mim. Eu os segui até uma grande caminhonete — pelo menos ele tinha bom gosto para carro.

Realmente a cidade não era muito longe. Quando fui para a fazenda estava tão irritada com meu pai que nem prestei atenção na estrada e no tempo que levava até lá.

Chegamos ao bar e eu pude perceber que a Mariana não estava brincando quando disse que todo mundo estaria lá. O lugar estava lotado. Eu podia ouvir a música alta mesmo antes de entrar. Confesso que o bar até que tinha o seu charme. O estilo era rústico e não me pareceu uma espelunca de interior. As portas da entrada me fizeram lembrar os filmes antigos de faroeste a que eu assistia com o meu pai quando criança.

Apesar de o lugar estar cheio, assim que entramos avistamos o Lucas. Mariana gritou seu nome e ele olhou em nossa direção.

Meu Deus! Eu estava virando uma tarada por homens com calça apertada, pois assim que eu o vi senti uma coisa estranha no meu estômago. Lucas sorriu para uma loira periguetete que estava do lado dele e caminhou em nossa direção.

— UAU! Mari fez um belo trabalho — ele disse apontando a garrafa de cerveja em minha direção.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, um cara bateu em suas costas para cumprimentá-lo e ele virou para retribuir.

Puta merda! Minha mão estava coçando de vontade de pegar naquela bunda. Aquele jeans estava mais perfeito do que o que ele usava pela manhã. Modelava perfeitamente todo o seu corpo. *Gostosinho demais!*

— Pietra — Mariana chamou, me fazendo desviar os olhos para ela. — Vamos até o bar? — ela completou apontando para o balcão que ficava um pouco à esquerda.

— Claro — respondi, e caminhei com eles até o local. Lucas ficou conversando com o amigo. De vez em quando, eu o pegava olhando em minha direção, mas logo ele virava o rosto tentando disfarçar. *Te peguei, peão!*

— O que *cê* vai beber, Pietra? — Pedro perguntou apontando para uma mulher atrás do balcão. A mulher era linda, uma morena de curvas estonteantes. Confesso que reparei em sua beleza com um pouco de inveja, queria ter aquela cintura. Como Pedro ainda me encarava, esperando minha resposta, fiz o meu pedido. Estava pronta para pedir um prosecco, quando notei que todo mundo bebia cerveja. Então, optei pelo mesmo, até porque duvidava que tivesse outra coisa naquele lugar.

Pedro me entregou uma garrafa de Budweiser — pelo menos era da marca a que eu estava habituada. Mari ergueu sua garrafa e nós brindamos. Estava começando a gostar daquela garota.

Uma música animada tocava e eu não fazia a mínima ideia de quem cantava. Não estava acostumada a ouvir música country, mas tinha que confessar que a batida era legal.

— Vamos, Pietra! — Mari gritou por cima da música e saiu me arrastando pelo braço. Sem ter como protestar, me deixei ser levada até a pista de dança. Ela colocou as mãos na cintura e começou fazer passos cruzando os pés e balançando de um lado para outro. Fiquei alguns minutos observando os movimentos e logo depois comecei a acompanhá-la. Se tinha uma coisa que eu sabia fazer era

dançar, mesmo não conhecendo o estilo. Dança é dança em qualquer lugar ou idioma. Comecei a me mexer e acompanhar os passos que ela fazia. Logo algumas pessoas começaram a se aproximar, inclusive muitos homens, alguns bonitos, outros nem tanto. Um carinha lindo estava ao lado da Mari e outro estava atrás de mim, acho que eles eram amigos.

O que estava próximo a mim colocou a mão na minha cintura e começou a seguir meus passos. Fiquei impressionada, pois ele dançava muito bem. O carinha que estava perto da Mari fazia a mesma coisa com ela, mas logo vi que aquela história não acabaria bem. Lucas e Pedro caminhavam em nossa direção com cara de poucos amigos.

— Acho que já chega, né, Rodrigo? — Lucas gritou para o coitado que dançava com a Mari. *Que cara ciumento!* Se eu não tivesse visto Mari e Pedro praticamente se comerem com os olhos, poderia jurar que ela era mais que uma prima para o Lucas.

— Cara, você tem que relaxar — o tal do Rodrigo respondeu para o Lucas, com as mãos levantadas em sinal de rendição. O engraçado foi ver o olhar do Pedro na direção do garoto: ele praticamente bufava. Não consegui segurar a risada e todos acabaram voltando a atenção para mim.

— E você, Henrique? — Lucas estufou o peito em direção ao cara grudado na minha cintura. — Acabou a festa — ele completou e me puxou para ele.

— Ei! — Dei um tropeção e ele me segurou. Aproveitei para tirar uma casquinha do seu peito musculoso. Minha vontade era passar a língua por toda a extensão daquele corpo maravilhoso. Acho que estava com crise de abstinência. Não podia ver o Lucas que a palavra “sexo” piscava diante dos meus olhos.

Ele percebeu que estava muito próximo a mim e me soltou. Levou à boca a garrafa que segurava e terminou de beber a cerveja.

— Você não conhece as pessoas por aqui — ele me disse, sério. — Então, segura a sua onda.

Eu não acreditava que estava recebendo um sermão dele, no meio de todo mundo. Olhei em volta, mas percebi que quase ninguém estava prestando atenção na gente. Menos mau!

Dei dois passos para a frente e me encostei no Lucas novamente, passando a mão pelo seu peito e ficando na ponta dos pés para alcançar o seu ouvido.

— E como funcionam as coisas por aqui? — perguntei em um sussurro.

Senti todo o corpo dele tremer. Ainda encostada nele, deixei minha boca e deslizei a língua pelo seu pescoço. Lucas envolveu a mão na minha cintura e colocou seu corpo ainda mais ao meu, o bastante para que eu sentisse sua ereção. Adorei saber que eu mexia com ele da mesma forma que ele fazia comigo. Seu cheiro de caipira já estava ficando impregnado na minha pele.

— Temos um ditado aqui no campo. — Ele se afastou um pouco e pude ver o desejo em seus olhos. — Nunca provoque um peão: ele só precisa de oito segundos para te enlouquecer.



Lucas

Aquela garota queria me provocar. Droga! Ela estava conseguindo. Sua saia mal cobria a bunda e, para completar, as botas e o colete a deixaram com cara de potranca safada. Porra! Ela estava extremamente gostosa e era nova no pedaço, o que me intrigava mais ainda. Mas a personalidade da Pietra não me descia e eu não queria manter esse tipo de envolvimento com ela.

— Oito segundos? — ela perguntou, atrevida. — Será que é capaz de cumprir essa promessa, peão?

Ainda segurava sua cintura e, em um movimento rápido, eu a virei de costas e coleí em sua bunda. Tenho certeza de que ela podia sentir quanto havia me afetado e quanto eu poderia cumprir minha promessa.

Comecei a dançar com ela grudada em mim. Conforme a música tocava, nossos corpos se mexiam em uma sintonia deliciosa. Cristal sabia dançar e estava me deixando louco com aqueles movimentos lentos. Precisava me afastar daquela garota, ela significava problema com P maiúsculo, mas vai falar isso para o meu amigo já duro como uma rocha...

Tentei soltá-la, mas senti suas mãos apertando as minhas em sua cintura.

— Dessa vez, não — ela sussurrou. Sua bunda roçava em mim, me deixando ainda mais excitado, e eu não tinha forças suficientes para me livrar de seu corpo. Merda! Ela era uma garota em uma missão, e eu estava caindo como um patinho.

Naquele momento, eu nem havia percebido que o show estava começando. O vocalista da banda iniciou com um cover do Blake Shelton. Pietra estava em meus braços e eu fiquei sem reação. As pessoas se aproximavam do palco e começaram a dançar de forma sincronizada. O bar da Raquel tinha a influência da música americana, e o country predominava.

*Tonight I gotta cut loose, footloose
Kick off your Sunday shoes
Please, Louise, pull me off of my knees*

*Jack, get back, come on before we crack
Lose your blues everybody cut footloose*

“Footloose — Blake Shelton

— Vamos lá, mano? — Mari me chamou e eu consegui tirar as minhas mãos da cintura da Cristal, que virou e me olhou, abaixando os olhos e encarando o volume no meu jeans. Com um sorrisinho malicioso de quem tinha ganhado a batalha, ela piscou para mim e andou até o bar.

Sem reação, eu a olhei enquanto ela caminhava balançando aquela bunda gostosa. Sentou-se em uma banqueta e pediu uma cerveja.

Mari me arrastava pela mão, me levando para o meio da pista de dança. Eu segui o fluxo, mas meus olhos ainda estavam presos naquela garota misteriosa. Ela levantou a garrafa de cerveja em minha direção como se estivesse brindando.

Se eu não entendia as mulheres, com a chegada da Cristal minha cabeça realmente deu um nó. Primeiro, ela se mostrou uma patricinha mimada e fútil; depois, se revelou uma mulher de atitude e com pegada. Porra! Vou enlouquecer.

Sacudi a cabeça para afastar aqueles pensamentos e me concentrei na música. Sempre adorei dançar e, modéstia à parte, fazia isso muito bem. Já peguei muita mulher dançando agarradinho. Elas não resistiam à fungada no cangote do garotão aqui.

Acompanhei Mari nos passos e todos nós dançamos uma mesma coreografia. Pedro apareceu do lado da minha prima e seguiu nossos passos. Ele também dançava muito — melhor que eu, na verdade, mas isso não precisa se espalhar. Entre palmas, passos cruzados e botas no chão, o show continuava. Passei os olhos pelo bar e meus movimentos se tornaram mais lentos, quase parando. Percebi que Pietra não estava no lugar de antes. Perdi todo o ritmo da música e quase tropecei na Mari, que me olhou com uma careta, mas não parou de dançar.

Procurei Pietra até reencontrá-la nos braços do Henrique. Porra! Ele também não perdoava uma. E a Pietra com aquela cara de santinha do pau oco: havia poucos minutos estava se esfregando em mim, e já tinha achado outro poleiro onde subir.

Eu poderia me enganar dizendo que era influência do álcool, o que seria uma perfeita mentira, pois eu não havia bebido nem três garrafas inteiras. Estava mesmo era com o orgulho ferido. Coisa de homem demarcando seu território. E Henrique estava invadindo o meu mais uma vez.

Tentei ignorar aquela cena. Fui até o bar e pedi a Raquel que me servisse mais uma cerveja. Pietra não era problema meu. Encostei no balcão e voltei minha atenção para a pista. Mari e Pedro ainda dançavam, e parecia que a raiva que havia tomado conta do meu amigo tinha passado, pois ele estava sorrindo como um idiota.

— E aí, Perigoso? — Raquel falou. — Quem é a novata com o Henrique? — perguntou curiosa. Parada na minha frente, ela ficou aguardando uma resposta. Virei para onde Raquel olhava, e vi Henrique e Pietra dançando de uma maneira quase inapropriada.

— Girassol — falei antes de tomar outro gole. Raquel assentiu, entendendo que Pietra era da fazenda onde eu trabalhava.

Dois idiotas se sentaram ao meu lado, rindo e se gabando de uma aposta que, claro, envolvia mulher. Não liguei até que ouvi um deles dizer “novata”. Esse era um dos termos que usávamos quando nos referíamos a alguém novo na cidade.

— Como é que é? — Virei de lado e fiquei de frente para um deles. O cara apontou para Pietra e Henrique. Assim que meus olhos voltaram na direção dele, tive certeza de que minha raiva podia ser sentida de longe.

— Calma lá, cara. — Ele levantou as mãos e parou de sorrir ao ver a minha cara. — Nós apostamos que o Henrique não vai conseguir comê-la, só isso — disse e abriu um sorriso. Minha vontade era de quebrar a cara dele. Como podia tratar uma mulher daquela forma? Eu não era o cara mais santo do mundo, mas também não compactuava com uma canalhice daquelas. Meus olhos estavam fixos em Henrique, e de onde eu estava podia vê-lo sussurrar alguma coisa no ouvido da Cristal que a fez sorrir. Não pensei duas vezes e atravessei o salão em passos largos. Ela não sabia onde estava se enfiando e era meu dever evitar que ela fizesse uma besteira. Henrique era um playboyzinho, filho de um dos maiores fazendeiros da região. E, além de tudo, meu santo não batia com o dele desde a primeira vez que eu o tinha visto. Sempre queria competir comigo.

— Henrique? — chamei e ele se virou. Não tive tempo de medir minhas ações. O barulho seguinte foi o da minha mão direita socando a cara dele. Henrique se desequilibrou e caiu. Todos os que estavam próximos se juntaram para ver o que acontecia. Com meu movimento, Pietra cambaleou para o lado e ficou encostada em uma pilastra. Seu olhar era de puro espanto. Com certeza ela não fazia ideia do que estava passando na minha cabeça, mas, para falar a verdade, nem eu estava entendendo porra nenhuma.

— Você ficou louco, Ranger? — Henrique perguntou, furioso. Um de seus amigos babacas o ajudou a ficar de pé.

Continuei na mesma posição que estava, e logo Pedro e praticamente todo o bar estavam olhando para mim. Não precisava de ajuda para chutar a bunda daquele franguinho, mas toda a redondeza me conhecia e sabia que, se eu estava metido em uma confusão, era por um bom motivo. Mas dessa vez nem eu mesmo acreditava muito nisso.

— Eu te avisei — disse apontando o dedo no rosto dele. Olhei para a Pietra e ela estava na mesma posição, apoiada na pilastra. Seu rosto expressava uma mistura de espanto e raiva. Eu poderia até estar exagerando, mas, ao me lembrar da aposta, o meu sangue fervia.

— Cara, se fosse a Mari eu entenderia! — ele começou a gritar. — Todos sabem que você é um idiota quando se trata da sua priminha. Mas pelo que eu sei, além dela, você não tem mais nenhuma irmã, prima ou o cacete que for.

Já me preparava para socar a cara dele novamente, quando senti Pedro me puxar pelos ombros e me empurrar para longe.

— Calma aí, Lucas — ele dizia em um tom de voz imponente. — Não vale a pena. — Ele tentava me convencer, mas eu ainda mantinha Henrique no meu campo de visão.

— Desgraçado, aproveitador! — esbravejei em alto e bom tom.

Henrique não se atreveu a me responder, ele sabia que não era páreo para mim. A verdade é que ele era um covarde que gostava de se aproveitar das mulheres, mas, quando se tratava de enfrentar

alguém do mesmo sexo, se escondia atrás de seus amigos ou do pai.

— Acabou o show. — Escutei a voz da Raquel, e, quando me virei, eu a vi em cima do balcão, batendo palmas enquanto gritava para a multidão se dispersar.

Me sentei em um banco e apoiei os braços no balcão. Mari tinha arrastado Pietra pelo braço, e elas estavam sentadas um pouco distantes de mim.

— Você perdeu a porra do juízo, Lucas? *Tá louco?* — Pedro perguntou, apontando o dedo indicador na minha cara.

— Eu perdi a cabeça! — gritei de volta para ele. Apoiei o rosto nas mãos e tentei pensar na merda que eu tinha feito. Havia anos eu não brigava com ninguém, e tinha que fazer isso justamente por aquela garota.

— Pietra, volta aqui. — Escutei Mari chamá-la e vi uma garota soltando fogo pelas ventas andando em minha direção. Virei todo o meu corpo para sentar de lado e esperá-la chegar.

Pietra parou na minha frente, colocou as mãos na cintura e ficou me olhando de forma desafiadora.

— Quem disse para você que eu precisava de resgate... seu... seu... — ela gaguejou. — Seu caipira idiota!

Aquela garota só podia estar de brincadeira comigo! Eu a encarei, e Pietra mudou um pouco a postura com a intensidade do meu olhar.

Respirei fundo e contei mentalmente até dez para garantir que não falaria nenhuma besteira, pois ainda estava furioso, e ter aquela garota me provocando não me ajudava a manter a sanidade.

— Olha aqui — eu disse, apontando o dedo em sua direção —, aquele cara tinha feito uma aposta com os amigos, e você era o objeto apostado. — Meu tom de voz calmo a surpreendeu.

Pietra ficou branca com o meu relato. Ela olhava para mim de uma forma que me desarmava. Ao mesmo tempo que eu queria me afastar, algo que ela trazia nos olhos me fazia ficar. Era como um ímã me atraindo cada vez mais.

— Me desculpa — pediu com um tom de voz tão baixo que eu quase não ouvi.

Para não perder a oportunidade de sair por cima daquela situação, eu coloquei a mão curvada no ouvido e me virei em sua direção.

— Não ouvi, pode repetir? — gritei, e tenho certeza de que a provoquei ao extremo. — Repete, por favor. — Pietra estava com o rosto vermelho. Eu não saberia dizer se era de vergonha por ter que reconhecer que estava errada ou se era de raiva por ter que reconhecer que eu estava certo.

— Vai à merda. — Ela cuspiu em minha direção. É, acho que ela estava com mais raiva do que vergonha.

Me levantei do banco e fiquei mais alto do que ela, mas Pietra era durona e não moveu um músculo, mesmo diante da minha expressão de raiva. Além de mimada, ela tinha aprendido a não abaixar a cabeça para ninguém. Isso me deixava cabreiro, pois eu não conhecia nada daquela garota e mesmo assim ela já estava virando minha cabeça do avesso com suas atitudes. Então continuei:

— Olha aqui, se você quer abrir suas pernas pra qualquer um, o problema é seu. — Não queria concordar, mas apesar de tudo Henrique estava certo: Pietra não era minha responsabilidade. Já tinha feito muito entrando em uma briga para defendê-la.

Passei por ela e peguei na mão da Mari, levando-a para fora do bar. Deixei Pietra para trás e dei graças aos céus por ela não ter retrucado. Poderíamos ficar a noite toda discutindo se ela quisesse. Tenho certeza de que ambos éramos capazes disso.

Desviando das pessoas, eu consegui chegar à saída. Olhei por cima do meu ombro e percebi que Pietra nos acompanhava. Sorte dela, pois eu não teria nenhum remorso em deixá-la sozinha na cidade.

— Eu levo vocês — Pedro disse passando por mim. — Já acertei a conta de todos.

Com a confusão eu tinha me esquecido de passar no caixa para pagar a conta. Continuei caminhando para o estacionamento. Ninguém havia falado uma palavra, e eu estava começando a ficar mais calmo, então dava graças a Deus pelo silêncio. Pelo menos assim poderia colocar a cabeça em ordem.

Passei pela minha caminhonete, verifiquei se estava bem trancada e fui em direção à que pertencia ao Pedro: uma Hilux prata que ele havia comprado poucos meses antes. Era o seu sonho de consumo, e depois disso ele passou a pegar no meu pé para trocar a minha. Dinheiro para isso eu tinha, mas estava satisfeito com minha *jabiraca* azul.

Abri a porta para Mari entrar, e, assim que ela se sentou, abri a porta do carona e me acomodei. Pedro fez o mesmo com a Pietra e, segundos depois, ele já estava ao meu lado. Como eu havia bebido, não ia insistir para dirigir, ainda mais de cabeça quente.

Coloquei o cinto de segurança e olhei para trás, me certificando de que todos também haviam colocado. Eu era um cara muito chato em relação a segurança, ainda mais quando envolvia pessoas que eu amava.

Mari sorriu para mim e eu devolvi de forma carinhosa. Já a Pietra... Bem... Ela estava com cara de burro amarrado, seus braços estavam cruzados e eu tive que desviar o olhar bem rápido para não encarar o seu decote. Ela olhava pela janela e seus olhos estavam distantes, quase inalcançáveis.

Pedro ligou o som e eu reconheci a música que tocava. Brad Paisley cantava e preenchia o silêncio constrangedor no carro.

— Vai chover. — Pedro tentou iniciar uma conversa, e eu sorri, pois ele havia escolhido o assunto mais manjado que existia: o tempo. — Cara, que merda! Não é o momento de a soja receber chuva — ele falava em um tom divertido.

Abaixei um pouco a cabeça, olhando para o céu através do para-brisa. Pedro estava certo: o tempo estava fechado e alguns pingos grossos já caíam no vidro.

— *Putz*, pior que vai ser um temporal — concordei com ele.

Alguns quilômetros à frente, a chuva já começava a engrossar. A região em que estávamos era conhecida por ser atingida por muitos raios. Pesquisas já tinham sido feitas para verificar se algo no solo os atraía mais que em outros locais do Brasil, mas nada foi comprovado.

Eu olhava o céu se iluminar com os raios e me lembrava de quando era criança. Minha mãe sempre se deitava em minha cama quando havia temporais assim. Ela dizia que era para eu não sentir medo, mas mesmo pequeno eu sabia que ela tinha fobia de chuva. Eu a deixava acreditar naquela história e lhe fazia companhia até a chuva passar. Meu pai era representante comercial e vivia viajando, então eu me achava o homem da casa.

— Pedro, cuidado! — Mari gritou e meu corpo foi arremessado para a frente com a freada brusca.

Eu me sentei ereto novamente e fixei os olhos à minha frente. Uma árvore havia caído e bloqueava toda a extensão da estrada, impedindo qualquer coisa de atravessar.

— E agora? — Pedro perguntou com a respiração falha. O coitado tinha se assustado.

— Vamos voltar — eu disse a ele e virei para os bancos de trás. — Teremos que dormir lá em casa. — Avisei as duas e recebi um sorriso torto da Pietra.

Fechei os olhos, pois aquela noite seria longa.

Pietra

A noite tinha sido uma loucura. Eu ainda estava pensando em tudo o que havia acontecido e não conseguia acreditar. Apesar da minha aversão pelos caipiras daquele lugar, confesso que consegui me divertir um pouco. E, para minha surpresa, ainda presenciei o Lucas e o Henrique brigando — brigando não, Lucas batendo, para ser mais precisa —, o que me deixou muito espantada, ainda mais sabendo que o motivo da briga era eu.

Minha mente girava com aquela revelação, pois nunca em toda a minha vida alguém tinha se levantado em minha defesa. Sempre tive em mente que estava sozinha no mundo e que não podia contar com ninguém. Não tinha uma relação amorosa com meu pai. Só recorria a ele quando precisava de dinheiro.

Mas então, lá estava eu, na casa do Lucas. Não sabia o que pensar a respeito de passar a noite com ele — quer dizer, com eles, não poderia me esquecer da Mari e do Pedro. Mas a expectativa de que algo pudesse acontecer naquela noite me deixava insegura; um sentimento que até aquele momento eu desconhecia. Sempre fui muito confiante, mas perto do Lucas eu me sentia despida das minhas armas.

Como pode uma pessoa mexer com tantos sentimentos em tão pouco tempo? Juro que eu estava tentando ser o mais racional possível, mas Lucas me tirava do sério. Suas provocações, desde o momento em que nos conhecemos, me deixavam com muita raiva.

Andei pela casa enquanto pensava no que estava acontecendo. Observei todos os detalhes. Lucas tinha uma casa pequena, mas muito bem-cuidada e organizada. Eu me peguei imaginando se ele tinha alguém que o ajudava. Seus móveis eram talhados em madeira, rústicos como ele. Porém uma televisão enorme acompanhada de um Xbox na sala revelava que o garoto do interior também tinha um pezinho na cidade. Havia várias fotos espalhadas pela casa. Sorri ao ver que Pedro e Mari estavam na maioria delas. Nunca tive irmãos ou família, então não entendia o sentimento que unia aquelas pessoas.

— Você e Mari dormirão no meu quarto. A cama é mais confortável. — A voz rouca do Lucas fez com que minha pele se arrepiasse. Meu Deus, como eu queria aquele homem. Aquilo não era normal.

Virei e o que vi fez com que o ar parasse de fazer o seu trajeto correto até os meus pulmões.

Lucas estava com um braço levantado, encostado no batente da porta que separava a sala da cozinha, me dando um bom vislumbre do seu abdômen. Já havia percebido e sentido que Lucas tinha o corpo bem-definido, nada muito musculoso, mas com tudo no lugar. Mas a visão foi espetacular!

Meus olhos passaram da sua barriga para a sua boca. Uma boca que me deixava pensativa. *O que ele pode fazer com ela?* Continuei meu passeio pelo seu corpo, chegando aos seus olhos. O que mais me impressionava não era a cor — apesar de ser o azul mais lindo que eu já tinha visto —, eram os cílios grossos, que combinavam perfeitamente com suas sobrancelhas, deixando seu rosto um tanto viril.

Uma tosse seca fez com que ambos olhássemos na direção da sala. Lucas ficou sem graça, pois parecia estar tão preso a mim quanto eu estava a ele.

— Pietra, aqui tem uma toalha limpa, se você quiser tomar um banho — Mari me disse, mas seus olhos encaravam o Lucas, como se quisesse recriminá-lo por algo.

Ela me entregou a toalha e passou por mim, indicando que eu a acompanhasse. Dei as costas para o Lucas e, antes de seguir Mariana, eu o senti puxando meu braço. Quando me virei, seus olhos me perfuraram.

— Esquece — ele disse me soltando e passando as mãos pelo cabelo, claramente incomodado, lutando contra algo que eu não sabia o que era.

Lucas me deixou e foi ao encontro de Pedro, que estava sentado no sofá. Sem entender nada, eu fui em direção ao quarto do Lucas. Assim como o restante da casa, era organizado. Simples, mas confortável. Sua cama era enorme e, da mesma forma que a televisão, era uma das poucas coisas que traziam modernidade ao ambiente.

— O que está acontecendo entre você e o Lucas? — Mari me perguntou sem rodeios, e eu não soube como responder. Seu tom de voz não demonstrava qualquer resquício de hostilidade, mas tampouco de amabilidade.

— Nada, Mari. Que ideia. Conheço o Lucas há dois dias, e, mesmo que fosse há mais tempo, ele não faz meu tipo — desdenhei, pois negar era o mais fácil naquele momento.

Ela me olhou como se não acreditasse em nenhuma palavra, mas não me questionou nem fez mais insinuações. Vi uma porta que imaginei ser a do banheiro e caminhei até ela. Assim tomaria meu banho e também fugiria do olhar inquisidor da Mari.

— Você tem alguma coisa que eu possa vestir? — perguntei antes de fechar a porta do banheiro. Uma boa olhada em minhas roupas deixava claro que não seria agradável dormir vestida daquela forma.

Mari abriu um armário e tirou algo de uma gaveta. Jogou o tecido em minha direção e eu o alcancei antes que caísse no chão.

— Levei todas as minhas roupas para casa na semana passada, mas acho que essa camiseta do Lucas é confortável — disse e caminhou de volta para a sala.

Entrei no banheiro, e posso dizer que a organização da casa do Lucas foi me deixando cada vez mais impressionada, até assustada. O armário da pia estava cheio de produtos de higiene. Tudo organizado por tamanho: do maior para o menor. O fato de haver duas escovas de dente chamou minha atenção, pois significava que mais alguém usava o banheiro. Quis acreditar que era da Mari. Coloquei a camiseta e a toalha sobre a pia. Antes de entrar no banho, eu abri um vidro de perfume e fui embriagada pelo cheiro. Com certeza era o perfume que o Lucas havia escolhido para aquela noite. Aquele aroma me fez lembrar os nossos corpos colados quando dançamos.

Liguei o chuveiro e fiquei uns vinte minutos debaixo da água quente. Confesso que mais da metade deles eu passei olhando para o nada, enquanto a água escorria pelo meu corpo. Estava muito sentimental e não gostava nem um pouco de me sentir assim.

Depois do banho, me enxuguei e, antes de vestir a camiseta do Lucas, senti o cheiro dele no tecido. Apesar de o Lucas ser grande e alto, a camiseta não ficou muito comprida, já que eu tinha muitas curvas e uma bunda farta. Olhei para a minha calcinha e resolvi não colocá-la.

Saí do banheiro e Mari já estava de banho tomado, vestindo uma camiseta parecida com a minha, com a diferença de que nela ficava enorme. Ela estava arrumando a cama que eu achei que dividiríamos, mas, para a minha surpresa, havia um colchão no chão.

— Mari, podemos dividir a cama — eu disse, realmente querendo que ela não se sacrificasse por mim. Apesar de ser espaçosa quando o assunto era cama, não queria ficar devendo nenhum tipo de favor a ela. Não gostava de depender da boa vontade de ninguém.

— Tudo bem, eu estou acostumada — ela me disse e logo se ajeitou no colchão. Não questionei. Me deitei e me cobri com o edredom que havia na cama. Por causa da chuva, estava ficando um pouco frio.

Adormeci rápido, mas algum tempo depois acordei com um barulho. Abri os olhos e vi que a porta estava sendo fechada. Olhei para o colchão ao meu lado e notei que a Mari não estava. Levantei e procurei o interruptor para ligar a luz, mas ela não acendeu. Devia ter havido uma queda de energia, pois a luz do banheiro também não funcionou.

Esperei meus olhos se adaptarem à escuridão e caminhei até a porta. Abri devagar e coloquei apenas a cabeça para fora. Escutei sussurros e percebi pelo clarão que vinha da janela que a Mari estava na porta de um quarto. Ela falava com alguém que deduzi que fosse o Pedro, e logo ele a puxou para o quarto e fechou a porta.

Contive meu sorriso. *Mari safadinha!*

Estava prestes a voltar para o quarto quando escutei uma respiração pesada. Lucas estava deitado em um dos sofás da sala. Eu me aproximei e fiquei sem fôlego ao vê-lo totalmente relaxado. Ele estava deitado com um dos braços repousados acima da sua cabeça. Não resisti à vontade de ficar mais perto. Dei mais dois passos e olhei a porta por onde a Mari tinha entrado. Nenhum barulho vinha de lá. Olhei novamente para o Lucas no sofá e meus olhos correram para a parte de baixo do seu corpo. *Lindo!* Vestido somente com uma cueca boxer preta, ele se mexeu e entreabriu os lábios. Eu me senti convidada. Agachei próxima ao sofá e passei meu dedo indicador pelos seus lábios. Lucas se assustou com meu movimento e se sentou rapidamente, me encarando.

— Pietra? — ele sussurrou.

Apesar da escuridão, eu vi o espanto em seus olhos com o clarão dos raios.

— Me deixa fazer uma coisa? — pedi, mas não foi bem um pedido, pois não esperei pela resposta.

Eu me levantei do chão e me sentei no colo do Lucas. Apoiando um joelho em cada lado do seu quadril, eu o montei. Lucas arregalou ainda mais os olhos, e, quando ia dizer alguma coisa, eu o calei com um beijo.

No começo eu podia sentir sua hesitação, mas logo seus lábios começaram a acompanhar meus movimentos. Lucas começou a tomar minha boca com uma urgência que eu nunca tinha sentido. Estava perdida em um beijo que não queria que terminasse nunca. Levei minhas mãos até o seu cabelo e enfiei meus dedos entre eles. Lucas colocou ambas as mãos em minha cintura e levantou um pouco minha camiseta.

— Ahhh!!! — Um gemido rouco saiu de seus lábios, ainda colados aos meus, assim que ele notou que eu estava nua por baixo da camiseta. Eu me sentia muito quente, com um arrepio constante. Encostei mais nele e senti sua ereção me pressionando. Sem nenhum tipo de vergonha ou constrangimento, comecei a me esfregar contra a sua cueca. Poderia gozar apenas com aquele movimento me provocando. Lucas apertou os dedos em meu quadril e deslizou suas mãos até alcançar meus seios.

— Ai, meu Deus! — Foi minha vez de gemer. Assim que ele encontrou meus mamilos, começou a provocá-los com os polegares. Nosso beijo ainda estava intenso, não diminuíamos o ritmo. Muito pelo contrário, a intensidade só aumentava. Lucas se levantou e me surpreendeu ao me colocar no sofá, cobrindo meu corpo com o dele. Abri minhas pernas para que ele pudesse se encaixar em mim. Senti que suas mãos estavam na barra da minha camiseta, e um rastro de desejo se espalhava em minha pele com o seu toque, enquanto ele me deixava totalmente nua. Não consegui segurar o prazer que tomava conta de mim e chamei seu nome.

— Lucas... — Aquele foi o meu grande erro, pois assim que ouviu seu nome, ele despertou da névoa que nos envolvia e se afastou. Ele se levantou e me olhou com reprovação, me deixando inteiramente despida e humilhada, pois seu semblante revelava o quanto ele achava aquilo errado. Eu me sentei no sofá e peguei a camiseta do chão. Me vesti depressa com a intenção de sair o mais rápido possível dali. Não queria que ele visse as lágrimas que se acumulavam nos meus olhos. Assim que me levantei, Lucas me segurou pelo cotovelo e me fez encará-lo.

— Você não pertence a esse mundo — ele tentou se explicar. — Não sou o cara que você procura. — Lucas me soltou de supetão, e imediatamente senti falta do seu toque.

Não respondi. Apenas me virei e caminhei de volta para o quarto. Fechei a porta com cuidado e sem fazer barulho. Apesar de tudo, eu não queria denunciar a Mariana. Já bastava uma pessoa frustrada naquela noite.

Me deitei na cama e me permiti chorar, pois tinha acabado de conhecer um novo sentimento: REJEIÇÃO.



Lucas

Passei as mãos no cabelo pela décima vez. Tinha plena consciência de que havia tomado a decisão correta e mesmo assim me sentia incomodado.

— Deixei ir longe demais — murmurei para mim mesmo.

Sentado no sofá, eu não tirava os olhos da porta do meu quarto. Desejei que ela voltasse, mas ao mesmo tempo agradei por não ter feito isso.

Pietra havia me provocado durante todo o dia, e o fato de ter que passar a noite debaixo do mesmo teto que ela não ajudou. Antes de ela ir dormir eu puxei seu braço para conversar com ela, mas não sabia direito o que dizer e acabei desistindo. Então, imagina a surpresa que tive quando acordei e ela estava agachada ao meu lado.

Fiz questão de que Pedro dormisse no quarto de hóspedes, não para privilegiá-lo, mas sim porque ele falava durante o sono e era quase impossível dormir ao lado dele. Então, fiquei no sofá, o que foi uma péssima ideia, pois depois do que aconteceu, toda vez que eu me sentasse nele, me lembraria da cena que eu e a Pietra tínhamos protagonizado ali.

Meu pau ainda estava duro, e pensar no que tinha acontecido me fazia suar. A pele macia em minhas mãos... Os lábios inchados pelo beijo ardente... O arrepio de prazer... Os olhos semicerrados pela luxúria. Pietra estava linda, ela era puro desejo. Olhei para as minhas pernas e passei a mão pela minha coxa, na qual ela havia montado minutos antes. Levantei os dedos e sorri. Ela estava tão molhada que os rastros de sua excitação ficaram na minha pele.

Naquele momento, o sorriso desapareceu do meu rosto. Provavelmente ela pensou que eu era louco, ou que não gostava de mulher. E, se alguém me dissesse que eu pararia daquela forma uma transa certa, eu chegaria à mesma conclusão.

Foda-se! Eu tive um autocontrole da porra para parar, mas estava pagando por isso. E não era somente pelo desconforto de ter uma ereção furiosa dentro da cueca, mas também por lembrar das

lágrimas que se formaram nos olhos da Cristal quando eu me afastei. *Droga*. Ela devia ter achado que eu a rejeitei. *Idiota! Foi exatamente isso que você fez!*, meu subconsciente gritou.

Precisava pedir desculpas e explicar o que tinha acontecido. Caminhei até a porta do quarto e levantei a mão para abri-la, mas paralisei. Não tinha ideia do que dizer, e muito menos conseguiria explicar o que me havia feito parar, já que nunca fui de negar fogo.

Voltei para o sofá, me deitei de bruços e coloquei o travesseiro em cima do rosto. Adormeci novamente, mas não foi um sono tranquilo. Passei o tempo todo sonhando ou imaginando Pietra em meus braços. *Merda de tesão!*

Acordei novamente e percebi que a chuva tinha cessado. Era muito cedo, o dia ainda estava raiando, mas eu não conseguiria voltar a dormir. Eu me levantei e peguei o par de tênis, a camiseta e a bermuda que estavam na lavanderia. Adoro correr. No começo fazia aquilo por puro prazer e para manter o físico, mas meses antes eu intensificara o treino para ganhar condicionamento para as montarias.

Fechei a porta de casa com cuidado e coloquei a chave por baixo. Não queria acordar ninguém, era sábado e todos poderiam dormir até mais tarde.

O cheiro de terra molhada me atingiu assim que eu saí na rua. Era uma das coisas que eu mais adorava no campo, os aromas impossíveis de se apreciar em uma cidade grande.

Comecei caminhando, mas logo peguei impulso e passei a correr na velocidade de sempre. Algumas pessoas já estavam na rua. O dia começava cedo. Todos que passavam me cumprimentavam. Eu era muito conhecido na cidade, principalmente por ser o único médico veterinário da região. Treinei por quase duas horas e, antes de voltar para casa, passei na única padaria da cidade para comprar o café da manhã. Uma vontade de agradar Cristal me pegou desprevenido, então escolhi o que achava que ela gostaria.

— Bom dia, Ranger — Caroline me cumprimentou assim que cheguei ao seu caixa. Ela era uma mulher linda, cabelos negros na altura dos ombros e olhos chamativos, não pela cor, mas pela expressão.

— Bom dia, Carol — respondi com um sorriso e comecei a passar minhas compras pelo balcão. Fiquei com ela durante um tempo, mas, quando percebi que ela queria mais do que eu estava disposto a dar, terminamos. Ainda éramos amigos, não tanto quanto eu era da Raquel, mas ainda mantínhamos uma boa relação.

— Pedro está na cidade? — perguntou divertida, no momento que me viu retirar queijo da cesta.

— Que dúvida — respondi no mesmo tom de brincadeira.

Peguei as duas sacolas, me despedi da Carol e caminhei de volta para casa. Pedro já estava de pé na varanda, olhando para o céu, no mínimo tentando adivinhar se o tempo atrapalharia a colheita da soja.

Mostrei as sacolas para ele, e o esfomeado rapidamente me acompanhou para dentro de casa. Pedro já tinha feito café: muito tempo morando sozinho fez com que aprendêssemos a nos virar.

Deixei as compras na cozinha e resolvi tomar um banho, estava completamente suado. Tomei uma ducha rápida no banheiro social e me enrolei em uma toalha para buscar roupas limpas no meu quarto.

Bati na porta várias vezes e, como não houve resposta, entrei. Para minha surpresa, encontrei Pietra igualzinha a mim: somente de toalha. Ambos ficamos mudos, apenas nos encarando. Não resisti em olhar para suas pernas e me lembrei da noite anterior.

Cristal foi a primeira a se mexer: tossiu secamente chamando minha atenção. Assim que olhei para o seu rosto, vi que ela não tinha acordado de bom humor. Não era difícil imaginar o motivo da sua carranca.

— Desculpa, eu preciso de roupas. — *Foda-se!* O quarto era meu, e não tinha que me desculpar. Caminhei até o meu armário e retirei uma bermuda jeans e uma camiseta. Abri a gaveta e peguei uma cueca boxer preta. Olhando para baixo, percebi que aquela era uma peça que eu precisava vestir urgentemente, pois alguém já estava dando sinal de vida.

Pietra estava com os braços cruzados e uma expressão de impaciência. Antes de sair, eu me virei e a encarei novamente.

— Desculpa por ontem... — comecei a falar, mas sua expressão foi de pura raiva. Percebi que ela não me desculparia tão facilmente.

— Está se desculpendo pelo quê? — ela perguntou batendo o pé no chão. — Por ter me levado àquela espelunca que você chama de bar? Ou por me fazer dormir nesse *muquifo* que é a sua casa? — Podia sentir a amargura em sua voz, então decidi sair sem responder. Apesar de ter me ofendido, não quis revidar. Pensei em seus olhos marejados na noite anterior e acabei sentindo pena. *Eu merecia essa!*

Bati a porta sem olhar para trás. Troquei de roupa no quarto de hóspedes e, quando entrei na cozinha, encontrei todo mundo sentado em volta da mesa.

Dei um beijo na testa da Mari, e Pedro desviou os olhos. Não sabia o motivo daquela reação, mas tinha certeza de que coisa boa não era. Me sentei na cadeira vazia de frente para Pietra, que vestia a mesma saia da noite anterior e a minha camiseta. Quase surtei durante a noite quando a vi com a minha roupa, com o meu cheiro. E, quando percebi que por baixo daquela camiseta ela estava completamente nua, fiquei louco de verdade. Eu me remexi desconfortável na cadeira, pois meu pau estava me incomodando. *Desgraça que não me obedece mais.* Pietra me olhava como se quisesse me fuzilar, então tentei me concentrar em Pedro e Mari, que conversavam sobre a chuva.

A mesa estava farta: pão, bolo, frutas, café, leite e...

— Porra, Pedro! — praguejei e todos na mesa me olharam assustados. — Só tem metade do queijo! — Apontei para o prato no centro da mesa.

Mari e Pietra sorriram, e Pedro ficou visivelmente sem graça. Ele nunca ficava constrangido, devia ser o efeito da presença da minha prima. Cristal continuava sorrindo e eu a encarei, apreciando a beleza do seu sorriso. Mas, assim que colocou os olhos em mim, uma carranca voltou a tomar conta do seu rosto. Essa era mais teimosa que burro quando empaca.

— Mari, onde eu consigo comprar roupas? — Pietra perguntou, desviando a atenção da Mariana para ela.

Minha prima pensou um pouco antes de responder.

— Olha, confesso que aqui você não vai encontrar nada muito no seu estilo, mas podemos ir à cidade vizinha — disse toda animada. E depois se virou para mim. — Você nos leva, mano?

Analisei o pedido e cheguei à conclusão de que não poderia, pois, apesar de ser sábado, estava de plantão. Uma remessa de vacina poderia chegar a qualquer momento, e eu deveria recebê-la.

— Desculpa, pequena. Fica para a próxima.

Ela fez uma cara triste, mas não questionou meus motivos.

— Eu levo vocês — Pedro se prontificou, assim que eu terminei de falar.

As duas ficaram bem animadas, então eu não quis ser do contra. Talvez assim Pietra melhorasse seu humor.

Terminamos de tomar café e Pedro nos levou até a fazenda. Quando passamos pela estrada, percebi o estrago que a chuva tinha causado, mas felizmente os tratores já haviam retirado as árvores caídas.

Deixamos Pietra e Mari na sede — Pedro as buscaria depois do almoço. Apesar de tudo, estava com pena do meu amigo. Compras com duas mulheres não seria tarefa fácil.

Voltei para a cidade com Pedro, e no caminho conversamos sobre vários assuntos, sempre deixando Mari e Pietra de fora, o que foi bom, mas me deixou um pouco ressabiado.

Peguei minha caminhonete no Taurus e fui para casa. Passei quase toda a manhã lendo alguns artigos sobre bem-estar animal. Gostava de estar sempre a par das novidades da área.

Preparei um almoço simples e à tarde eu voltei para a Girassol. Precisava me certificar de que Ventania estava totalmente curado. Após examiná-lo, eu o selei e resolvi dar uma volta pela fazenda.

— Sua bênção, tio. — Eu disse como de costume ao sair do galpão e encontrar com Santiago.

Ele segurou a aba do chapéu, me cumprimentando.

— Deus te abençoe, Lucas. E o Ventania? — ele perguntou, apontando para o cavalo que eu montava.

Ajeitei o chapéu e conferi se meus pés estavam bem apoiados no estribo.

— Forte como um touro — respondi e fiz o animal começar a trotar.

Cavalguei algum tempo com o Ventania pelo pasto da Girassol. Era uma bela fazenda, muito bem-cuidada graças ao trabalho do meu tio.

Já estava quase anoitecendo quando levei o cavalo de volta para a baia dele.



Quando cheguei em casa, tomei um banho rápido e vesti um jeans velho com uma camiseta verde. Foi impossível não me lembrar da Pietra assim que vesti a camiseta. Ela estava linda com a minha roupa.

Ao pensar nela, olhei o relógio e comecei a ficar preocupado. Eram nove horas e eles já deveriam estar de volta. Como se fosse um presságio, meu celular tocou. Corri para atender, já imaginando o que tinha acontecido.

Para o meu alívio e, ao mesmo tempo, meu desespero, não era Pedro, mas Raquel.

— Oi, gata — atendi, tentando parecer natural, mas minha voz soou um pouco nervosa.

— Oi, Perigoso. Melhor você vir ao bar — ela disse e eu notei o sorriso em sua voz.

Eu não estava nem um pouco a fim de sair.

— Desculpa, Raquel. Hoje não dá. Tenho que achar o Pedro e as meninas — expliquei para não magoá-la.

— É por isso que estou te ligando. — Ela gargalhou alto e eu fiquei sem entender o motivo. Percebendo o meu silêncio, Raquel continuou: — Digamos que... — Ela parou, mas completou: — Sua prima e a novata estejam dando um show de striptease em cima das mesas de sinuca.

Todo o sangue do meu corpo subiu para a cabeça. Tive certeza de que saía fumaça dos meus olhos de tanto ódio.

— Cadê o Pedro? — praticamente gritei e naquele momento senti raiva da Raquel por não conseguir controlar a risada. Porra! Aquilo não era engraçado.

— Te liguei também por isso: Pedro não é páreo para as duas — Raquel disse em meio à gritaria que eu ouvia ao fundo. — Ei...! — ela gritou e eu percebi que não estava falando comigo. — Mantenha o sutiã, mocinha. — No momento que ela disse isso, eu desliguei o telefone, calcei o primeiro par de sapatos que vi e saí em direção ao bar.

Só podia ser brincadeira!

Em pouco tempo cheguei ao Taurus e, antes mesmo de entrar, eu já ouvia o burburinho. Caminhei entre as pessoas em direção às mesas de sinuca, chutando o que tinha na frente e empurrando qualquer um que atravessasse o meu caminho. Pedro tirava Pietra de cima da mesa, mas, assim que voltava para pegar a Mari, ela subia novamente. E assim se revezavam no show.

Cristal estava com um short jeans curto e desfiado na barra. Uma camisa xadrez fazia com que ela se parecesse com as mulheres com quem eu estava acostumado a sair, exceto pelo fato de a camisa estar toda aberta, com seus seios à mostra, enquanto ela rodava o sutiã nos dedos.

Mari não estava muito diferente: vestia um short tão curto quanto o da Pietra, um modelo que ela nunca tinha ousado vestir. A diferença é que a Mari estava de sutiã e rodava no ar a camisa que devia estar em seu corpo. As duas estavam completamente bêbadas.

Assim que cheguei mais perto, abri os braços empurrando os marmanjos que praticamente babavam por elas. Olhei para o alto e minha vontade era de estapear a bunda das duas.

— Que porra é essa?! — perguntei e Pietra soltou um sorriso torto.

Droga! Foi aí que eu percebi. Ela estava se vingando. E usando minha prima para isso.

Pietra

Mari estava se mostrando uma garota legal. E claramente precisava de uma ajudinha em relação ao Pedro. Na nossa tarde de compras, ela mencionou o fato de Pedro não achá-la atraente. Só se ele fosse burro, pois a Mari era linda, bastava caprichar um pouco mais em alguns detalhes do quesito produção. Com certeza, poderia frequentar os melhores lugares comigo que passaria fácil, fácil por alguém da high society.

Nosso dia foi agradável, a cidade vizinha não poderia ser considerada um grande centro, mas pelo menos tinha um shopping, coisa de que esse fim de mundo nunca tinha ouvido falar. Depois de muita insistência da Mari, eu acabei comprando algumas roupas mais interioranas, mas claro que daria um jeito de adaptá-las ao meu estilo.

Pedro nos acompanhou o tempo todo, e eu consegui perceber o porquê de a Mariana se sentir insegura. O cara precisava de um empurrãozinho, era muito tímido. Ficava encarando a Mari, mas,

assim que alguma de nós o flagrava, ele desviava o olhar. *Típico!*

Já no caminho de volta, o celular do Pedro tocou e eu pensei que seria o Lucas, mas fiquei decepcionada quando ele colocou o telefone no viva-voz.

— Fala, camarada! — Pedro falou.

— Pedro, você está na cidade?

Murchei no banco quando percebi que não era o Lucas, mas então me lembrei da noite anterior e me ergui novamente. Idiota!

— Chegando, por quê?

— Cara! Meu carro caiu em uma vala, preciso de sua caminhonete para rebocá-lo.

Escutei a conversa e me parecia que alguém precisava de ajuda.

— Vou levar mais uns dez minutos para chegar aí.

— Valeu, cara.

Mari, que estava ao seu lado, perguntou o que tinha acontecido.

— Conrado! Vou ter que deixar vocês esperando no Lucas para ir socorrê-lo.

— Nem morta! — gritei assim que ele disse que me levaria para debaixo do mesmo teto que o caipira.

— Deixa a gente no Taurus. Eu e Pietra tomamos uma cerveja até você voltar — Mari interveio. Acho que ela percebeu que eu não ficava confortável perto do seu primo.

— Ok, mas tomem cuidado — respondeu olhando para a Mari, e eu revirei os olhos. Até eu, que nunca tinha me apaixonado, via que o cara era doido por ela.

Pedro nos deixou no bar. Ainda bem, pois de jeito nenhum eu voltaria para a casa daquele brucutu. Eu ainda estava com muito ódio pela noite anterior.

Eu e a Mari começamos com uma cerveja, e percebi que ela era fraca para o álcool, pois ficou alegrinha imediatamente.

— Um brinde aos idiotas! — ela levantou a garrafa e eu fiz o mesmo. *Isso vai render.*

Da Mari alegrinha para a que estava completamente bêbada arrancando a camisa foi um pulo. Nem mesmo eu poderia explicar como tínhamos ido tão longe, mas sabia que estávamos nos divertindo. Percebi que ela precisava apenas de um empurrãozinho para se soltar e, é claro, me senti realizada em ajudar.

Mas eu sabia que, assim que os dois peões chegassem, a situação iria desandar.

E foi o que aconteceu.

Pedro quase enfartou quando nos pegou em cima da mesa. E dizer que eu fiquei feliz ao ver a cara de ódio do Lucas seria o eufemismo do século, pois eu estava nas nuvens. Não planejei nada daquilo, mas as coisas foram acontecendo, e, quando percebi, eu e Mari já estávamos arrancando a roupa em cima das mesas de sinuca.

Lucas praticamente me fuzilava com os olhos, enquanto Pedro tentava arrancar Mari de cima da mesa.

— Desce daí agora! — Lucas ordenou e eu dei de ombros, lançando um beijinho em sua direção.

Aquilo o deixou ainda mais furioso, pois ele me puxou com tanta força que depois meu braço ficou todo roxo. Quando cheguei ao chão, Lucas não me deu tempo para reagir: ele me jogou em suas

costas, como se eu fosse um saco de batatas. Eu bati na sua bunda com as mãos em punho, na esperança de que ele me soltasse, mas foi em vão.

— Não acredito que você arrastou a Mari para essa sandice — Lucas gritava e, como a música não estava muito alta, praticamente todo o bar podia nos ouvir.

Levantei um pouco a cabeça e notei que Pedro vinha logo atrás, carregando Mari do mesmo modo. Apesar da humilhação, eu não consegui segurar a gargalhada. Dois homens daquele tamanho carregando duas garotas praticamente de cabeça para baixo foi uma cena que chamou a atenção de todos.

Senti uma mão forte acertando minha bunda e não acreditei que aquele filho da puta tinha me batido.

— Isso é para você parar de rir — disse ele, já chegando à porta do bar. — Se eu fosse seu pai, espancaria você, isso sim — Lucas completou, e eu pude sentir a raiva em sua voz.

— Eu não sou nada sua, então me põe no chão, tratador de porcos. — esbravejei, e Lucas fingiu que não me ouviu.

Assim que saímos, ele me soltou de forma abrupta e agradei por não estar de salto, pois com certeza cairia de bunda no chão.

— Você está sob minha responsabilidade — disse ele, totalmente fora de si. Lucas apontava o dedo para o meu rosto, então fechei a cara e cruzei os braços em sinal de protesto. Nem meu pai mandava em mim, não seria aquele caipira que iria mandar.

Continuei na mesma posição, mas, quando Lucas virou de costas para mim, não consegui evitar: meu Deus, como sua bunda ficava perfeita naquela calça apertada! Daria tudo para sentir aqueles músculos com meus dedos.

— Pietra, você é... demais — Mari disse, fazendo com que meu olhar desviasse do *mister bumbum* para ela. A voz arrastada revelava que ela estava muito mais bêbada do que eu. Na verdade, os meus anos de experiência fizeram com que meu fígado, se é que ainda existia esse órgão em meu corpo, se acostumassem, então não era fácil o álcool me derrubar.

— Sabia que você iria se divertir — eu disse com a voz alegre, pois estava levemente alterada.

Pedro chegou dirigindo a caminhonete e estacionou próximo a nós. Mari dava pulinhos e eu nunca tinha visto bêbada mais alegre. Lucas se virou para nós e seu olhar de advertência para Mari não fez efeito nenhum.

— Olha o que você fez! — esbravejou olhando para mim, mas apontando para Mari, que corria em direção à porta da frente da caminhonete do Pedro.

— O que eu fiz? — Levei as mãos ao coração, e bati os cílios, me fazendo de ofendida. Adorava provocá-lo, ele ficava muito sexy com cara de bravo.

Lucas olhou para o céu e passou as mãos pelo cabelo, deixando-os ainda mais despenteados. Se ele não tivesse me rejeitado na noite anterior, eu me jogaria em seus braços em um piscar de olhos. Mas o desgraçado pagaria caro, ninguém rejeita Pietra Alcântara, e ele sentiria na pele o que é uma mulher com orgulho ferido. Aquela noite era uma pequena mostra de que, mesmo sem planejar, eu já tinha conseguido tirá-lo do sério.

Passei direto por ele e escutei seus passos me seguindo. Abri a porta da caminhonete do Pedro e entrei. Coloquei o cinto e, assim que Lucas se sentou ao meu lado, Pedro partiu em direção à fazenda.

Olhei para fora pela janela, pois não conseguia estar no mesmo lugar que ele. Lucas era um feitiço; se eu o encarasse, me perderia, e tudo que eu estava pensando iria por água abaixo.

Uma música que eu não conhecia começou a tocar no rádio. Mari cantava tão alto que eu quase não ouvia a voz do cantor, mas deu para entender o que dizia a letra.

We're like fire and gasoline

I'm no good for you,

You're no good for me

We only bring each other tears and sorrow

But tonight, I'm gonna love you like there's no tomorrow

“Tomorrow” — Chris Young

Estava distraída com a letra quando olhei para o lado e vi que Lucas estava virado para mim e me encarava com os olhos tomados pela raiva e pelo desejo. Seu olhar se alternava entre as minhas pernas e o meu decote. Um pouco antes eu tinha fechado os botões da camisa, mas, como não tinha achado meu sutiã, estava sem ele.

— Quer? — perguntei atrevida. Segurei os seios e os sacudi na direção do Lucas, que bufou com a brincadeira.

— Olha aqui — ele apontou o dedo indicador bem perto do meu rosto, quase tocando o meu nariz —, não me interessa se você gosta de ficar pelada para todo mundo, mas eu não admito que você arraste a Mari junto com você. Estamos entendidos? — Sua voz soou ameaçadora, mas, antes que eu respondesse, Mari nos interrompeu, virando para o banco de trás.

— Maninho, não foi culpa da Pietra. — Ela tentou me defender, mas Lucas não a deixou falar.

— Cala a boca, Mariana. — Ela imediatamente lhe obedeceu. Meu Deus! Que poder aquele homem tinha sobre as mulheres, pois até eu me encolhi com a sua ordem. — Porra, ainda não acredito na cena que vi! — disse, descansando o rosto nas mãos.

Apenas a música no rádio quebrava o silêncio no carro. Nem Pedro ousou falar alguma coisa, na certa sobraria para ele também. Então, limitou-se a dirigir, coitado!

Chegamos à fazenda e somente eu desci da caminhonete. Não entendi por que a Mari continuou no carro e por que todas as luzes da casa estavam apagadas. Olhei de volta para o carro, e Lucas, vendo que eu estava confusa, desceu, andou até mim e disse:

— Vou levar Mari para casa, ela não tem condições de ficar aqui, os empregados estão de folga, então provavelmente não terá ninguém — explicou e eu olhei para aquela casa velha e enorme. Um frio subiu pela minha espinha e o medo de ficar sozinha se apoderou de mim.

Eu me virei e segurei o Lucas pelo braço. Surpreso, ele me encarou, sem entender o que eu estava fazendo.

— Por favor, não quero ficar sozinha — pedi, quase implorando para que ele ficasse comigo. Um vento frio soprou e um arrepio atravessou o meu corpo, fazendo com que eu passasse as mãos pelos

ombros tentando me aquecer.

Lucas deve ter ficado comovido com o meu pedido, pois andou até a caminhonete, trocou algumas palavras com Pedro e voltou. Mari colocou o corpo para fora da janela do carona e se despediu com um aceno.

Subimos em silêncio as escadas até a porta da frente. Quando chegamos, nós nos olhamos e pude sentir o desejo que nos dominava.

Ficamos alguns segundos parados, até que ele se virou impaciente em minha direção.

— Cadê a chave, Pietra? — perguntou nervoso. Arregalei os olhos com aquela pergunta e não soube o que responder. Não sabia que os empregados tiravam folga no sábado, então não me preocupei em pegar a chave. — Você só pode estar de brincadeira comigo! — Lucas disse e começou a andar de um lado para outro. — Você é burra ou só está fingindo? — Suas palavras duras despertaram minha raiva, mas, antes que eu pudesse responder, ele continuou: — Não sei daqui que eu vou ver se consigo entrar pela janela e destrancar a porta pelo lado de dentro.

Cansada de toda aquela loucura que tinham sido os três últimos dias, eu me sentei no chão e abracei os joelhos, descansando meu rosto neles. Só via escuridão à minha frente, e os barulhos estranhos me assustaram. Fiquei alguns segundos naquela posição e praticamente pulei de susto quando uma mão pesada pousou sobre o meu ombro. Mas, assim que abri os olhos, a segurança ao ver o Lucas próximo a mim me acalmou.

— Não tem como, as janelas são muito altas e todas as portas estão trancadas — explicou. — A essa hora Pedro já deve estar na cidade, e meu celular ficou em casa, não posso ligar pedindo para ele voltar.

Quando Lucas mencionou o celular, abri minha bolsa rapidamente, e... Droga! Sem bateria.

— Vamos ter que dormir no celeiro — Lucas disse assim que viu o aparelho apagado. Levantei depressa e me desequilibrei, mas ele me segurou pelos ombros, me fazendo ficar em pé.

— Nem morta que eu vou dormir com as galinhas. — Balancei a cabeça em negativa para ele, e Lucas sorriu pela primeira vez naquela noite. Seu sorriso me deixava sem ar.

— Eu disse celeiro, e não galinheiro, se bem que lá você se sentiria em casa — disse e me analisou de cima a baixo, parando os olhos nos meus seios.

Filho da puta! Ele acabou de me chamar de galinha!

— Olha aqui. — Apontei o dedo para ele.

— Olha o quê?

Lucas segurou meu dedo, mas não com força, somente o suficiente para me fazer recuar. Porém, quanto mais eu me inclinava, mais Lucas ficava perto de mim. Quando o seu rosto praticamente colou no meu, pude sentir sua respiração. O perfume que exalava tinha me atormentado durante toda a noite, mas senti-lo tão perto me embriagava mais do que todas as cervejas que havia tomado. A tensão entre nós dois me fez gemer.

Antes que eu pudesse raciocinar, os lábios do Lucas grudaram nos meus. Um beijo que fez levitar e que, não fossem seus braços fortes rodeando minha cintura, teria me feito cair. *De onde veio esse beijo?*, eu pensava, mas não queria a resposta. A única coisa que queria eram os lábios daquele homem. Levei minhas mãos à sua nuca e o apertei ainda mais contra mim. Caminhamos com os

corpos grudados até a parede da casa, onde me apoiei para passar uma das pernas em sua cintura. Nossas bocas não se desgrudavam. Lucas bombeou sua pélvis contra mim e eu pude sentir quão duro ele estava. Sua mão deslizou pela minha coxa, subindo em direção à minha bunda, e ele perguntou:

— O que você está fazendo comigo? — Ele estava praticamente sem ar quando nossos lábios se separaram. Abri minha boca para responder, mas Lucas me calou com outro beijo, dessa vez ainda mais intenso. Sua língua lambia o canto da minha boca, e seus dedos apertavam minha bunda com tanta força que eu já imaginava as marcas que deixariam. Ele enfiou a outra mão por baixo da minha camisa e acariciou os meus seios, me fazendo sentir sua pele áspera.

— Olha isso, são muito lindos — disse ele, brincando com os meus mamilos entre os dedos até o prazer me fazer gemer ainda mais alto. — Delícia.

Estava escuro, mas a claridade vinda da lua cheia permitia que eu visse a receptividade nos olhos do Lucas enquanto ele se perdia em minha boca.

Acaricieei o seu pau por cima do jeans e ele gemeu, se afastando.

— Vamos sair daqui — ele sussurrou e me arrastou até o galpão que ficava próximo da casa.

Ele me levou para um quarto que havia no galpão. Minha reação foi de desdém, mas já sabia que seria o melhor que teria naquela noite: uma cama com lençóis, que pareciam limpos, e uma televisão velha eram tudo que aquele lugar ostentava. Eu me sentei na cama e puxei Lucas em minha direção. Com pressa abri o zíper e puxei o seu jeans até o chão junto com a sua cueca boxer preta. Fiquei impressionada com o tamanho da sua ereção. Lucas jogou a cabeça para trás assim que sentiu minhas mãos pegando seu pau.

— Humm... — eu disse, lambendo os lábios. — Lindo.

Passei a língua por toda a extensão e o senti inchar ainda mais com aquele contato. Lucas era lindo, e ali tive a certeza de que todo o seu corpo havia sido feito para o pecado. Coloquei minha boca em volta do seu pau, pronta para fazer um sexo oral de primeira.

— Cristal. — Ouvir aquele apelido ridículo me fez lembrar de toda a humilhação que eu tinha passado na noite anterior. Afastei a boca, e Lucas protestou.

— Por que parou? — perguntou, segurando seu pau nas mãos. — Quero sentir essa boquinha gostosa me chupando — concluiu, excitado.

Respirei fundo e olhei de um lado para outro sem saber exatamente o que fazer, então eu tive uma ideia.

— Lucas, queria tentar uma coisa — pedi com um jeito de safada.

Ele abriu um sorriso, me fazendo ainda mais feliz. Quanto maior a altura, maior o tombo.

— Você manda, Cristal.

Eu me levantei devagar e tirei a sua camiseta, deixando-o completamente nu. Beije os músculos do seu peito, enquanto Lucas ainda acariciava o próprio membro.

— Tem uma cadeira lá fora, você poderia buscar para fazermos uma brincadeirinha? — eu perguntei com a voz mais sensual possível e segurei seu pau com força.

— Vou adorar — Lucas respondeu, sorrindo. Sem nenhum pudor por estar totalmente nu, ele saiu pela porta e eu corri até ela. Com a cabeça para fora, eu vi o exato momento em que Lucas levantou a cadeira e, andando de volta para o quarto, notou que eu estava olhando para ele. Dei um *tchauzinho*

para ele, e o sorriso que estava em seu rosto desapareceu. Lucas jogou a cadeira no chão e correu em minha direção, mas antes de ele alcançar a maçaneta eu a tranquei. Fiquei olhando para ela, enquanto Lucas batia e gritava sem parar.

— Pietra, abre a porta! — Seus gritos se misturavam às batidas e ecoavam pelo galpão. — Não estou brincando, Pietra, abre essa maldita porta!

— Desculpa, Ranger. Mas você não é homem para mim.



Lucas

— Pietra, sua desgraçada! Abre essa porta, porra! — Meu Deus, aquilo só podia ser brincadeira. Fazia vinte minutos que eu esmurrava a porta que nem um louco, mas nada de aquela patricinha cínica e enganadora de homens com tesão me responder. — Abre a porta! — gritei de novo, mas foi em vão. Podia ouvir a risada da maldita dentro do quarto.

— Burro! Burro! Burro! — Bati a mão espalmada na minha cabeça. Eu era muito idiota de ter deixado as coisas irem longe demais de novo, mas daquela vez Pietra foi mais esperta. Eu achando que a noite que tinha começado mal terminaria comigo dentro dela... Acabei foi do lado de fora, pelado e com frio.

Olhei para o meu companheiro de jornada entre minhas pernas e pude notar que o frio já fazia efeito: o que antes estava duro como um coco murchou. Andei pelo galpão usando as mãos para tapar meu pau enquanto procurava algo para vestir. Aquele quarto era o único que tinha fora da casa-grande, era o lugar que eu usava para descanso quando precisava ficar de plantão na fazenda. Minha ideia era ficar lá com a Pietra até o dia amanhecer, quando os primeiros empregados apareceriam. A maioria deles ficava de folga até segunda, mas alguns, como os empregados da casa, voltariam no domingo de manhã.

Passei pela baia do Ventania, que, por estar em recuperação, era o único cavalo que havia ali. Ele relinchou assim que me viu.

— É, companheiro. — Acaricieei a testa dele. — Noite difícil. — Seria cômico se não fosse trágico: eu estava pelado conversando com um cavalo. Poderia montar e cavalgar até a casa do tio Santiago, mas, apesar de tudo, não deixaria Pietra sozinha do lado de fora de casa. Querendo ou não, eu era responsável por ela.

Saí pelo quintal tentando encontrar o que vestir, mas a única coisa que eu achei foi um vestido no varal. Foi fácil deduzir que era da Pietra, pois mais ninguém na casa teria coragem de usar um pedaço de pano mínimo como aquele. Mal dava para saber se era um vestido ou uma blusa. Eu o

puxei do arame e, sem nem olhar direito, rasguei o tecido e o enrolei na cintura. Pelo menos meu amigo não ficaria envergonhado. Voltei para o galpão e coloquei a cadeira em frente à porta do quarto. Assim que Pietra saísse, eu torceria seu pescoço da mesma forma que se mata um frango.

Me sentei e, minutos depois, tive uma ideia; levantei e procurei a caixa de força do galpão. Desliguei a chave, e imediatamente tudo ficou escuro. Ela não estava com medo? Quis ver o que ia fazer.

Voltei rindo, me sentei na cadeira e aguardei: era uma questão de tempo até Pietra se pronunciar.

— Lucas! Seu filho da mãe! — ela gritou do quarto. *Não disse?* Quando o quesito era mulher, eu tirava de letra. — Liga a luz! — *Rá!* Se ela achava que eu iria dar o braço a torcer, estava muito enganada. Pietra não sabia com quem estava brincando, e, quando eu entro num jogo, não admito a derrota. Nunca sairia perdedor. — Eu te odeio, seu caipira idiota!

— A recíproca é verdadeira, patricinha mimada! — gritei de volta.

Inclinei a cadeira para trás e apoiei minha cabeça na parede. Era só esperar o dia amanhecer. Pietra ia descobrir com quantos paus se faz uma canoa.

Cochilei sentado e, quando acordei, percebi os primeiros raios de sol. Levantei e caminhei até a porta do galpão. O raiar do dia no campo era lindo, e eu contemplava o céu no horizonte. Voltei para o quarto e tentei entrar, só para ter certeza de que a maldita não tinha fugido enquanto eu dormia.

— Pietra, minha linda. Vem aqui para fora — chamei, provocando-a. — Seu Lucas está te esperando. Vem, Cristal.

Alguns segundos depois, ouvi um barulho de coisas caindo no quarto. Provavelmente ela estava quebrando tudo, tentando andar no escuro.

— Nem morta! — respondeu. — Vai embora, Lucas. — Aguardei alguns segundos perto da porta; se ela abrisse uma fresta sequer, eu partiria para dentro. Com a raiva que eu tinha acumulado nos últimos dois dias, eu colocaria Pietra no meu colo e estapearia sua bunda até deixá-la ardendo. — Some daqui, seu babaca — ela continuou me xingando.

Quando percebi que ela realmente não abriria, voltei a me sentar na cadeira. Escutei um barulho vindo de fora, e como ainda era cedo para a chegada dos funcionários fiquei em alerta. Com cuidado, cheguei até a porta para ver do que se tratava. Suspirei de alívio quando vi um cavalo trazendo meu tio.

— Sua bênção, tio — disse já do lado de fora. Santiago desceu do cavalo e me olhou dos pés à cabeça. Imediatamente, começou a rir. Minha cara de reprovação não adiantou e ele continuou tirando sarro de mim.

— Deus te abençoe, “filha” — ele brincou, mas aquilo só me deixou com mais raiva da Pietra. Quando eu colocasse minhas mãos nela... — Não sabia que agora eu tenho uma sobrinha. Você fica muito bem de dourado. — Ele apontou para o pano que me cobria e eu dei uma risada forçada.

— Ha-ha! Muito engraçado.

— Mari me contou o que aconteceu e eu vim ver se precisava de ajuda, mas pelo visto você sabe se virar. Mas cuidado, Lucas, para não se virar demais, se é que você me entende. — Ele piscou, e, se não fosse meu tio, eu o teria deixado de olho roxo. Já estava nervoso pela situação com a Pietra e ainda tinha que aguentar piadinhas.

Entrei novamente no galpão e meu tio me seguiu.

— Cadê a Pietra? — ele perguntou, e eu aponteí na direção do quarto. — Quer dizer que ela te trancou do lado de fora e sem roupa? — Santiago levantou as sobrancelhas me questionando e eu assenti. — Garota esperta.

— Você só pode estar brincando comigo, né? — eu disse irritado. — Você trouxe a chave? — Ele me olhou confuso. — Tio, a patricinha saiu sem as malditas chaves, por isso tivemos que passar a noite aqui fora.

Toda a cena da noite anterior voltou à minha mente. Eu estava pronto para transar com ela quando a maldita armou aquela cilada e eu caí como um patinho. Ela deve ter planejado tudo desde a hora em que me pediu para ficar na fazenda.

Santiago mexeu nos bolsos e tirou um molho de chaves.

— Esta é da cozinha. Lá dentro você consegue destrancar as outras portas — disse, segurando uma chave dourada. Meu tio jogou o chaveiro em minha direção e eu o peguei no ar. — Como ela te deixou sem roupa? — perguntou curioso.

— É uma longa história... — Não dava para explicar que meu pau estava na boca da Pietra e eu pretendia fodê-la antes de saber o que ela tinha armado para mim. Meu tio era muito profissional e seguia o velho ditado “onde se ganha o pão não se come a carne”. Eu também nunca havia me envolvido com alguém do trabalho, muito menos com a filha do patrão, mas Pietra mexia com cada músculo do meu corpo de uma forma que me deixava incontrolável. Era impossível resistir.

Antes que Santiago fizesse mais perguntas, escutamos o barulho da porta se abrindo. Olhamos para o corredor e vimos Pietra correr em direção à outra saída. Não pensei duas vezes. Saí correndo atrás dela e, quando a alcancei, eu a peguei e joguei seu corpo em meus ombros, assim como na noite anterior.

— Me solta, Lucas! — Ela batia em minhas costas, mas com a força que tinha mal fazia cócegas. — Agora!

— Bom dia, meu amor — eu disse sarcástico, e ela bufou. — Dormiu bem?

Caminhei mais alguns passos e ela não cansava de me acertar com seus socos insignificantes.

— Lucas, seu filho da puta, você está com meu vestido? — Ela levantou o tecido que cobria minha bunda. — Sabe quanto custou? Mais do que o seu salário, seu babaca.

Pietra estava brava porque eu tinha rasgado seu vestido, e eu estava puto porque ela tinha me deixado ao relento. Nós dois tínhamos motivos para acordar de mau humor, mas acontece que, naquela batalha, eu sairia vencedor.

Continuei caminhando com a Pietra resmungando em meus ombros. Sabia bem o que eu faria com ela. Na verdade, eu tinha passado a madrugada maquinando minha vingança. Tudo que eu tinha pensado ainda era pouco para o que ela merecia, mas, então, me lembrei de um apelido que ela tinha me dado: tratador de porcos.

— Ai, que nojo! — Pietra gritou e eu a imaginei tapando o nariz com os dedos como tinha feito quando me conheceu. Sorri, pois o cheiro era pouco para o que estava por vir. — Lucas, me põe no chão e vamos conversar como pessoas civilizadas — ela pediu com um tom de voz gentil. Pura encenação. Eu já conseguia perceber que aquilo não passava de falsidade.

— Desculpa, eu sou um idiota analfabeto, lembra? — disse me referindo aodia em que nos conhecemos. — Civilização não é comigo — completei dando um tapa em sua bunda. — Não se preocupa, você vai aprender como resolvemos as coisas por aqui.

Mais alguns passos e eu cheguei aonde queria: o chiqueiro.

Bem que eu gostaria que fosse um chiqueiro dos antigos, onde vários porcos ocupavam o mesmo espaço na lama. Mas, como as coisas mudaram, havia um local um pouco mais limpo, mas não muito. Parei em frente a ele e abri a portinha que o delimitava.

— Lucas, você não vai me deixar aí, né? — Pietra perguntou desesperada. Quando eu a virei nos meus braços, pronta para jogá-la, ela começou a espernear e a gritar. — Seu boçal, eu vou mandar te demitir. Lucas, isso é um... porco?! — Olhou incrédula para os animais à sua frente.

Contei até três, balançando em direção a dois porcos que estavam deitados. No três, eu a joguei, e Cristal caiu de bunda no chão, por cima dos dejetos que estavam ali.

— Isso é pra você aprender a respeitar as pessoas. Não vai pensando que pode chegar aqui e agir como se estivesse na cidade — gritei.

Pietra começou a gritar, mas os porcos ficaram com mais medo dela do que ela deles. Meu tio Santiago chegou e me olhou com reprovação. Logo notei que Mariana estava bem atrás dele.

— Mano, o que você fez? — Minha prima passou por mim antes de entrar no chiqueiro para ajudar Pietra a se levantar.

— Eu odeio você, Lucas! — Pietra gritava furiosa, tentando tirar a sujeira da roupa. Eu a deixei com Mariana e saí. Não ficaria esperando o sermão do Santiago e muito menos o da princesinha. Podia escutar os gritos dela enquanto eu me afastava. — Meu pai vai saber disso. Você me paga!

Mari tinha chegado à fazenda no carro do meu tio. Ela ainda não tinha um próprio, por isso havia aceitado o trabalho de babá da patricinha. Sem perguntar se eu poderia pegá-lo, entrei no carro e liguei a chave que estava na ignição. Fui direto para casa, sem nem perder tempo de passar na casa do meu tio para vestir outra roupa.

No caminho de volta eu pensava no que a Pietra tinha feito, mas também pensava em seus beijos e em sua boca me chupando. Esse misto de sentimentos que Cristal despertava me assustava. Eu queria matá-la, mas também queria beijá-la. Queria torcer o seu pescoço, mas também queria fodê-la. *Como essa garota me tira do sério!*

Quando cheguei em casa e desci do carro, escutei um assovio. Eu me virei e vi o filho da puta do Henrique.

— Gostosa! — ele gritou de dentro da sua caminhonete. — Quanto é o programa, Lucas? Ou seria Sheila? — Olhei para baixo e me dei conta de que estava quase nu. Mostrei o dedo do meio para o Henrique, que gargalhou ainda mais. — Vem aqui, chuchu. Vamos dar uma voltinha!

Abri a porta com a chave reserva, que ficava na janela, e entrei em casa antes que partisse a cara do Henrique.

Tomei um banho e dormi. Estava morto de cansaço. Acordei com o celular tocando. Primeiro achei que estivesse tendo um pesadelo, mas depois eu abri os olhos e realmente havia alguém me perturbando.

— Alô. Peguei o celular do criado-mudo e nem olhei quem era.

— Porra, Lucas! Quer abrir a porta? — Pedro! Tinha que ser ele.

— Vai para o inferno, não tem queijo. — Desliguei o telefone e tentei dormir novamente, mas Pedro era insistente e voltou a ligar.

— Caralho! — atendi xingando.

— Lucas, abre a porta. Seu tio pediu para eu vir atrás de você — Pedro falou e eu levantei sonolento.

Mal abri a porta e Pedro entrou. Apesar de estar irritado por ele ter me acordado, aquela seria uma boa hora para acertarmos as contas.

— Cara, se você soubesse como eu estou puto por você ter deixado as meninas beberem daquele jeito... Eu te sugiro ficar pelo menos uns três dias sem colocar a fuça na minha frente.

Pedro estava de pé na sala e agora me olhava envergonhado.

— Eu não tive culpa, *uai*. Achei que elas ficariam bem. Eu fiquei fora por pouco mais de trinta minutos — ele explicou e eu tive que tirar o chapéu para Pietra: ela precisou de apenas meia hora para fazer Mari perder toda a educação e a moral que eu e Santiago levamos a vida toda para lhe ensinar.

— O que meu tio quer? — perguntei, mudando de assunto. O estrago já tinha sido feito, e não adiantaria eu quebrar o nariz do Pedro, pois nada apagaria o vexame que a Mari deu.

— Santiago tentou te ligar e você não atendeu. As vacinas chegaram, e o representante já está impaciente te esperando. Você precisa ir até a fazenda recebê-las.

Droga! Eu sabia que as vacinas chegariam a qualquer momento, mas o que eu não esperava era ter que voltar à fazenda tão cedo.

Queria ficar o mais longe possível.

— E se prepare — Pedro falou. — Pietra está bufando que nem boi bravo por sua causa.

Pietra

Estava tomando o meu quarto banho. Esfreguei tanto minha pele na tentativa de tirar o cheiro dos porcos que ela estava ardendo. Ainda não acreditava na petulância daquele caipira idiota. Lucas realmente não tinha amor à vida e muito menos ao emprego. Assim que saísse do banheiro, eu ligaria para o meu pai e exigiria a demissão do ogro. Confesso que deixá-lo pelado ao relento não foi muito sensível da minha parte, mas, porra, o Lucas exagerou: rasgar meu vestido caríssimo, bater na minha bunda e ainda me jogar aos porcos foi demais. Era muito mais do que eu havia feito, mas tudo isso não chegaria aos pés do que eu iria fazer.

Enquanto terminava meu banho, pensei em mil maneiras de fazê-lo pagar e acabei descartando a possibilidade de pedir a sua demissão. Meu pai nunca deixava eu me meter nos assuntos da fazenda. Com certeza, eu iria dar com os burros n'água, ainda mais do jeito que todo mundo venerava o dr. Lucas. E, pensando melhor, se eu o queria, tinha que mantê-lo por perto. Mataria dois coelhos com uma cajadada só: ter Lucas e fazê-lo sofrer.

— Pietra, mais cinco minutos debaixo da água e você vai derreter! — Mari gritou do meu quarto. E naquele momento foi como se uma lâmpada acendesse em cima da minha cabeça: quem conhecia o

Lucas melhor do que a Mariana?

— Estou indo! — gritei de volta. Olhei para os meus dedos, e realmente eles já estavam enrugados.

Eu me sequei e saí enrolada na toalha. Mariana estava deitada na cama, jogando meu travesseiro de pena de ganso para cima. Ser folgado deveria ser de família, porque aquela ali não ficava atrás do Lucas. Mas até que ela era gente boa, nada que pudesse ser comparado à Letícia, mas dava para o gasto, ainda mais ali, quando eu precisava da sua ajuda. Dei um sorriso e segui até a porta do meu armário. Tinha comprado muitas roupas e optei por uma calça jeans justa nova, uma t-shirt que eu já tinha e botas estilo montaria. Sequei o cabelo e o deixei solto.

— Agora, sim, está uma legítima nativa. Digna de pegar qualquer carinha da região — Mari me elogiou, sorrindo. Um sorriso sincero. Mal sabia ela que eu não queria qualquer carinha, eu queria seu primo. E ele seria meu.

— Pietra? — ela me chamou um pouco nervosa. Me virei e a vi sentada na cama. Seu sorriso havia desaparecido por completo. — Você vai pedir para o seu pai demitir o Lucas? — Vi seu semblante triste e, realmente, fiquei com pena da garota. — É que meu pai é caseiro da Girassol há anos e não quer sair daqui.

Me sentei na cama ao seu lado. Naquele momento começava a *Operação Segura Peão*.

— Não — respondi, e ela me olhou espantada. — Eu também passei dos limites, principalmente deixando você beber daquela forma. Eu deveria saber que mexer com a princesa do Lucas me deixaria em maus lençóis. — Tentei soar o mais gentil possível.

Mari abriu um sorriso de alívio e me abraçou. Sério, ela me abraçou. Virada de lado na cama, eu fiquei sem saber o que fazer com meus braços. Estava acostumada a abraçar homens, e aquele contexto era totalmente diferente.

— Desculpa. — Acho que ela notou o meu desconforto. — Me empolguei.

— Tudo bem — respondi ainda incomodada com aquele gesto. — Mas me conta, por que veio para a fazenda tão cedo? Do jeito que você estava ontem, achei que dormiria o domingo inteiro — continuei, mudando de assunto.

Mari se mexeu desconfortável na cama e depois se levantou. Percebi que havia algum problema com ela.

— Eu queria conversar uma coisa com você — ela disse de costas para mim, como se estivesse com vergonha de falar. — Sempre fomos eu, meu pai e o Lucas. Nunca tive uma amiga de verdade com quem pudesse conversar certos assuntos. — Sua voz ansiosa deixava claro sobre o que Mariana queria conversar. Era só o que me faltava. Eu, conselheira sexual. Respirei fundo, tentando me acalmar. Seria uma troca justa. Mari me ajudava com Lucas e eu transmitia a ela todo o meu conhecimento sexual. E olha que eu não tinha pouco.

— Pode perguntar o que quiser, Mariana. Acho que depois de um strip-tease juntas nossa relação se estreitou um pouco, né? — brinquei para fazê-la confiar em mim. — Você está com algum problema?

Ela me encarava nervosa enquanto passava as mãos nas coxas.

— Pietra, eu sou virgem — soltou de repente. Sei que foi insensível da minha parte, mas não consegui segurar a risada. Virgem? Sabia que Mari era inexperiente, mas virgem? Porra! Achei que elas não existissem mais. — Pietra, para de rir de mim — pediu, constrangida.

Respirei fundo, me acalmei e pedi desculpas.

— Desculpa, Mari. É que eu vi você no quarto do Pedro na noite da tempestade, então fiquei surpresa com a sua revelação. E eu sou meio louca, tenho ataque de risos quando estou nervosa — desconversei. — Mas me diga: o que está te incomodando?

— Pedro — respondeu sem nem ao menos pensar. — E Lucas. — Bom, eu já imaginava também. Era fácil perceber que, por causa do ciúme desmedido que Lucas sentia, a coitada da Mari não podia nem respirar, que dirá transar.

— Mari, senta aqui. — Apontei para a cadeira da penteadeira. Ela assentiu, ainda envergonhada, e fez o que eu pedi. — Me conta do começo. — Ela respirou fundo antes de começar a falar.

— Na noite da tempestade eu fui até o quarto do Pedro. Nós... bem... Nós começamos a fazer algumas coisas, mas, quando ele descobriu que eu era virgem, praticamente me escorraçou. Isso tudo por medo do meu irmão.

Na noite em que fui rejeitada pelo Lucas, Mari sofreu a mesma coisa com o babaca do Pedro. O cara se afastou dela como se virgindade fosse uma doença. Tadinha! Fiquei com pena. Ela tinha lágrimas nos olhos ao me contar.

E a justificativa do Pedro era ridícula. O cara estava com medo do Lucas? Fala sério! Quem era esse Lucas? Um deus?

— Mari, é o seguinte... — Inclinei meu corpo para a frente e a encarei. Aquela garota precisava de uma dose de amor-próprio. Eu tinha tanto que não me importava em ceder um pouco do meu para ela. — A primeira coisa que eu vou te perguntar é: você quer o Pedro?

O brilho nos seus olhos quase me cegava. Certo, cegar era exagero, mas tanta doçura já estava revirando meu estômago.

— Claro. Eu sou apaixonada pelo Pedro desde que tinha 13 anos — Mari respondeu, e eu revirei os olhos em protesto. Ela não sabia aproveitar a vida. — O problema é que ele tem preconceito com a nossa diferença de idade. Pedro é quase dez anos mais velho do que eu, e ainda tem o ciúme desenfreado do Lucas, que faz todos os homens se afastarem de mim, inclusive o banana do Pedro — disse com raiva.

— Então, vamos fazer o seguinte...

Comecei a explicar todo o meu plano para a Mari, que prestava atenção nos mínimos detalhes, como se estivéssemos nos preparando para a guerra. Mas, se tratando de homens sem atitude como Pedro e Lucas, não seria tão diferente. O primeiro passo seria levá-la às compras. Da outra vez, ela praticamente não tinha comprado nada, e o que comprou foi de um mau gosto terrível. Depois, eu a convenci de que deixar Pedro com ciúme era a tática mais acertada. Se não desse certo, pensaria em algo mais radical. Em troca da minha ajuda, Mari me explicou o que agradava Lucas. Minhas ações precisariam de um pouco mais de planejamento, já que esse negócio de rodeio e de dançar música country em um bar lotado não era muito a minha praia. Mas eu sou mulher, e mulher se adapta a qualquer situação.

— *Operação Segura Peão?* — perguntei, e Mari levantou sorrindo. Estendeu a mão esticada e eu pus a minha sobre a dela.

— *Operação Segura Peão!* — ela respondeu. — Mas o que você viu no meu irmão é que ainda não entendi — disse com um ar de nojo. — Você deve estar acostumada com os riquinhos da cidade. E se espera galanteios e gentilezas, cai fora. Lucas é bruto, rústico e sistemático.

Mari não sabia, mas o que me atraía no Lucas era justamente o fato de ele não parecer em nada os garotos que eu costumava pegar, principalmente o Rafa.

— Ah, seu irmão pode ser um ogro, mas ele tem suas qualidades — eu disse brincando. — Agora vamos, estou morrendo de fome — chamei, e Mari me seguiu quarto afora.

Chegamos à cozinha sorrindo e os empregados nos olharam com surpresa. Provavelmente tentando imaginar o que eu e Mari tanto conversávamos. Tomamos café e comemos enquanto planejávamos as próximas táticas da nossa operação. Para começar, eu teria que ligar para o meu pai. Esse negócio de depender dos meninos para nos levar a todos os lugares não daria certo. Algumas coisas Mari e eu devíamos fazer sozinhas.

Peguei meu celular e liguei. Desde o dia em que ele me deixou na fazenda, ainda não havíamos nos falado.

— Alô? — Ele atendeu e eu notei o cansaço em sua voz. Meu pai trabalhava demais, sempre foi assim. Nunca tinha tempo para nada.

— Oi, pai. Sou eu — respondi naturalmente. Eu precisava dele, então usar de arrogância não seria bom para os meus planos. — O senhor está bem? — perguntei antes de fazer o meu pedido.

— Sim, estou bem. E você? Não me diga que ligou porque quer voltar para a cidade? Olha aqui, Pietra... — Ele começou a alterar o tom de voz, e eu o cortei.

— Nada disso, pai. O combinado de trinta dias ainda está de pé. Mas eu preciso de um carro. Não dá para ficar dependendo dos empregados para ir à cidade ou passear pela redondeza. Eu e a Mariana, a babá que o senhor me arrumou, estamos entediadas aqui na fazenda — expliquei e meu pai ficou em silêncio por um tempo. Achei que ele negaria, mas então respondeu:

— Tudo bem, se você prometer não se meter em encrenca. — Fiz um sinal de positivo para a Mari, que me encarava com os olhos arregalados. — Vou mandar entregar um carro aí na fazenda, mas lembre-se, Pietra: interior também tem leis de trânsito, e basta uma transgressão sua para eu mandar tirá-lo de você. — Seu tom de voz, que antes estava levemente carinhoso, ficou autoritário. Dei de ombros, pois estava acostumada. — Estamos entendidos?

— Claro, pai. Sem pisar na bola, prometo. — Enquanto prometia uma postura impecável, minhas intenções eram outras. Pietra Alcântara seguindo regras? Impossível.

— Amanhã o carro estará na fazenda. Preciso ir. Cuide-se e não se meta em problemas. Não estou aí para salvar sua pele. — Essa foi a maneira como ele se despediu de mim. Respondi com um simples tchau e desliguei.

— Amanhã teremos carro — disse para Mari, que estava sentada na mesa. Eu me aproximei dela e me sentei ao seu lado.

— Pietra, tem certeza de que isso vai dar certo? — perguntou insegura.

— Relaxa, Mariana! Tá comigo, tá com Deus — Tentei convencê-la de que estava em boas mãos.



Passei o resto da tarde de domingo conversando com a Mariana, que me contava tudo sobre o Lucas enquanto eu dava dicas de sedução para ela levar Pedro à loucura de uma vez por todas. Nunca ri tanto na vida, as expressões que a Mari fazia a cada coisa que eu falava eram hilárias.

Almoçamos uma comida simples, bem caseira. Nada do que eu estava acostumada a comer, mas tinha que dar o braço a torcer: estava uma delícia. Depois, eu e a Mari dormimos, ela no quarto de hóspedes, eu no meu. Afinal, não éramos de ferro, tínhamos praticamente virado a noite.

Um tempo depois, acordei assustada com um sonho, o que não era comum, pois eu sempre dormia como uma pedra e quase nunca sonhava. Eu me sentei na cama e passei as mãos pelo cabelo, tentando me lembrar do sonho. Quando levantei meu olhar, encarei a foto da minha mãe em cima da penteadeira. Então lembrei. Lágrimas brotaram em meus olhos imediatamente. Havia anos que eu não sonhava com ela. Se não fossem as fotos, eu nem a reconheceria mais.

Levantei e peguei o porta-retratos. No sonho minha mãe estava em meio a uma plantação de girassóis. Ela usava um vestido simples e florido. Parecia mais jovem do que nas fotos, seu sorriso era diferente, como se os sorrisos que eu via nas fotografias fossem falsos. A plantação era enorme, a perder de vista. Minha mãe sorria e me chamava, mas, quando andei em sua direção, ela se afastou, como se estivesse sendo puxada por mãos invisíveis. Então, começou a entrar em pânico, mas eu não conseguia alcançá-la. Depois caiu, e alguém a ajudou a levantar. Eu não reconhecia o homem, ele estava de chapéu e fazia carinho no rosto dela. Não consegui ver quem ele era, mas vi o olhar amoroso da minha mãe em sua direção. Mais lágrimas desciam enquanto eu me lembrava de cada detalhe do sonho. Parecia muito real: minha mãe estava desesperada antes da chegada daquele homem.

Eu também não reconhecia o lugar, mas minha mãe estava linda, simples como eu nunca tinha visto, mas parecia muito feliz.

Escutei um barulho de carro e me levantei rápido. Fui até a janela e vi quando Lucas desceu da caminhonete e caminhou até o galpão onde eu tinha passado a noite.

Coloquei o porta-retratos no lugar, fui ao banheiro lavar o rosto e vesti a roupa que estava usando antes. Calcei as botas e saí do quarto. Não havia ninguém pela casa, a noite estava começando a cair, mas ainda não tinha escurecido.

Fui até o galpão e encontrei o Lucas carregando algumas caixas. Ele ainda não tinha me visto, então eu pude apreciar seu traseiro dentro da calça apertada. Nunca fui ligada em bundas, na verdade eu gostava mesmo era de um abdômen tanquinho, mas Lucas tinha uma bunda tão gostosa que eu estava revendo meus conceitos.

Foi então que ele me viu e tossiu seco, fazendo com que meus olhos subissem até seu rosto.

— Pelo amor de Deus — ele começou a falar levantando as mãos para o alto. — Estou trabalhando, não venha me encher o saco — disse ríspido. Quase o mandei ir tomar naquele lugar, mas me segurei.

— Calma lá, gatinho — eu disse de forma manhosa. — Vim propor uma trégua.

Lucas deu uma gargalhada e eu fechei a cara. O que ele tinha de lindo, tinha de irritante.

— Trégua? — perguntou, ainda sorrindo. — E o que você ganha com isso? Garota, você não dá ponto sem nó — completou, sério.

Eu me aproximei um pouco mais, e Lucas respirou fundo com minha proximidade. Adorava a forma como eu o afetava.

— Olha... — comecei — nós dois exageramos. Você me deixou na mão, eu fiz o mesmo. Deixei Mari beber demais, passamos dos limites. Deixei você pelado fora do quarto. Você rasgou meu vestido e me jogou no chiqueiro. — Precisei me controlar para não esbofetear a cara dele quando me lembrei dos vários banhos que tinha tomado para tirar o cheiro dos porcos.

Lucas ainda me encarava desconfiado, provavelmente pensando nas palavras que eu tinha dito, mas não esboçava nenhuma reação. Infelizmente, e contra a minha vontade, eu sabia que tinha que dar o primeiro passo. Então, estendi minha mão em sinal de paz.

— Amigos? — perguntei, esperando uma resposta.

Lucas ficou olhando minha mão, e eu podia ver em seus olhos a batalha que travava internamente. Ai, meu Deus, que olhos!

— Tem certeza de que você não foi abduzida e trocaram sua mente pela de uma garota suportável? — falou em tom de brincadeira, mas eu fervei por dentro. Estava pronta para mandá-lo para o inferno quando ele pegou minha mão e sacudiu. — Vamos tentar. Não é uma promessa.

Sorri gentilmente, mas por dentro estava fazendo a dancinha da felicidade.

Operação Segura Peão!

Etapas “conquistar a confiança do inimigo”: concluída!

Eu me despedi do Lucas e o deixei terminando seu trabalho. Voltei para casa e fiquei orgulhosa do meu desempenho.

Olhei para trás e vi que Lucas ainda me encarava da porta do galpão. Dei um sorriso e ele acenou com a mão.

Minha atuação foi digna de um Oscar.



Lucas

O que aquela garota estava planejando? Fiquei olhando Pietra voltar para casa balançando aquela maldita bunda gostosa. Meu pau ficou duro só de pensar nela rebolando para mim.

— Cristal, se eu te pegar... — Balancei a cabeça. — Acho que preciso tomar um banho gelado.

— *Uai*, Lucas, falando sozinho? — Nem tinha visto Pedro se aproximar. Merda, ele olhou para mim e depois para Pietra, que estava entrando em casa, e franziu a testa. Eu precisava mudar de assunto, senão teria que responder perguntas para as quais nem eu mesmo sabia as respostas.

— O que você está fazendo aqui, cara? — perguntei enquanto caminhava de volta para o celeiro.

— Seu tio me chamou. Queria saber sobre o plantio do milho na próxima semana. — Pedro respondeu, mas senti que ele estava um pouco estranho, querendo dizer alguma coisa.

— Desembucha, Pedro! O que você quer me falar? — Conhecia o filho da puta havia anos e ele era um péssimo mentiroso.

— É... É... Lucas, queria falar sobre a Mariana! — Ele ficou olhando para o chão, sem conseguir me encarar.

— O que foi? É sobre o striptease no bar? Você ouviu alguma conversa na cidade? Porque eu vou quebrar a cara de quem quer que esteja difamando minha pequena — falei irritado.

Vi Pedro engolir em seco. O que havia de errado?

— Claro que não, cara! Se alguém falar mal dela, eu mesmo me encarrego disso. É só que... na verdade... eu só queria pedir desculpas por ter deixado aquilo acontecer com elas.

Realmente eu tinha ficado puto da vida com ele, mas a culpa era mais da Pietra do que do Pedro. Aquela garota era impossível.

— Tudo bem, cara. — Dei um tapinha nas costas dele. — Eu tenho certeza de que a minha prima não faria aquilo se não fosse aquela patricinha incentivando. A culpa é dela. Ainda não tive tempo, mas vou ter uma conversa bem séria com a Mariana — respondi e me afastei. Não queria prolongar muito o assunto, então voltei o foco para o trabalho.

Precisava dar uma olhada em alguns cavalos que tinham sido usados em provas de tambores. Além de produzir gado de corte, a Girassol tinha um haras para cavalos de competição. Depois de se exercitarem, era uma exigência que todos os cavalos da fazenda tivessem um tratamento especial nos músculos para que não sentissem dores. Essa é uma das coisas de que mais gosto no meu trabalho: fazer com que o animal se sinta bem e confortável. Pedro ainda conversava comigo sobre o plantio do milho quando eu cheguei a uma baia e comecei a realizar algumas práticas no cavalo. Primeiro fiz uma massagem, seguida de um tratamento com gelo para relaxar os músculos.

— Lucas, estou com dor aqui no ombro. Você pode fazer uma massagem em mim? — Pedro perguntou, tirando sarro da minha cara. Levantei e fingi que ia dar um soco, mas ele pulou para trás.

— Cai fora, idiota! — respondi, voltando ao trabalho. Ah, se ele não fosse meu amigo já tinha levado uma surra...

— Eu disse para você fazer agronomia. Se tivesse me ouvido, não teria que passar por isso. — Deu risada.

— Pedro, vai cuidar das suas florezinhas, vai. — Ele ficava puto quando eu dizia isso.

— Vamos ao Taurus hoje? — Pedro perguntou. Eu estava mesmo precisando tomar uma cerveja, mas o domingo tinha sido cansativo, então dispensei.

— Quem sabe amanhã? — respondi, e ele concordou.

Terminei meu trabalho e fui direto para casa. Uma boa noite de sono era tudo de que eu precisava.



Na segunda-feira de manhã eu visitei outras fazendas, deixando o trabalho na Girassol para depois do almoço.

Cheguei por volta das três horas e fiz mais uma sessão de trabalho com os cavalos. Quando terminei, já no fim da tarde, caminhei de volta para a minha caminhonete e vi um carro estacionado na frente da sede. Que estranho! Os funcionários da fazenda tinham carros daquele modelo? Era um carro preto, um Kia Soul, que sempre achei um carro para mulherzinha. Olhei para a casa e vi Mariana e Pietra darem pulinhos de alegria olhando para o carro. Se a patricinha estava feliz, então com certeza iria acontecer alguma merda.

Mari correu ao meu encontro e disse com entusiasmo:

— Você viu o carro da Pietra, mano? O pai dela mandou entregar. Chegou agora há pouco — Eu deveria saber que o carro era da princesinha. Me virei na direção da Pietra, que olhava para o carro com os olhos brilhando.

— Cuidado, Cristal, aqui não é a cidade. Na estrada, você pode encontrar animais, machucá-los e também acabar se machucando — adverti, provocando, e ela revirou os olhos. Eu sabia que ela detestava o apelido.

Eu teria mais dó dos animais do que dela, mas guardei o comentário para mim. Pietra pediu uma trégua, então ela teria. Estava disposto a mostrar que ela não me afetava.

— Preocupado comigo, *amigo*? — perguntou, sarcástica. — Obrigada por se importar, mas você não me conhece, peão. Sou boa em muitas coisas, principalmente em dirigir. — Engoli em seco. Eu queria descobrir no que mais ela era boa. Eu me lembrei de sua boca no meu pau e de como tinha

sido gostoso. Estava ficando excitado e, ao mesmo tempo, com raiva ao lembrar que ela tinha me deixado na mão. Precisava sair dali o mais rápido possível. Olhei para Pietra, que passava a língua nos lábios, e a amaldiçoei mais uma vez. Essa menina seria minha perdição!

— Preciso ir embora. — Beijei a testa da Mari e entrei na caminhonete.

— Espera, mano. Vamos lá em casa. Vou fazer um café — ela disse, gentil como sempre. Minha pequena é uma princesa. Mas eu precisava ficar o mais longe possível da fazenda e daquela garota, ou eu acabaria perdendo a cabeça.

— Eu preciso ir, pequena. Pedro está me esperando na cidade — eu me despedi e vi Pietra me dando um tchauzinho. *Filha da mãe!*

No meio do caminho, liguei o rádio. Estava tocando uma música do Keith Urban, e aumentei o volume.

It's gonna be a long, hot summer, we should be together

With your feet up on the dashboard now

Singing along with the radio, it's such a beautiful sound

And when you say my name in the middle of the day I swear I see the stars come out

When you hold my hand in the back of my mind just waiting on the sun to go down, the sun to go down

“Long Hot Summer” — Keith Urban

— O que você está fazendo comigo, patricinha? — murmurei sozinho. Eu estava perdendo o juízo, era a única explicação. Precisava tirar Pietra da minha cabeça, e eu sabia como: uma boa noite de sexo.

Cheguei em casa e precisava de um banho antes de ir encontrar com Pedro no bar. No chuveiro, a imagem da Pietra não saía da minha cabeça. Comecei a me tocar imaginando sua boca em mim. Já estava quase perdendo o controle, mas não ia me permitir gozar pensando naquela maldita. Daria isso para quem merecia: Raquel.

Assim que cheguei ao bar, encontrei Pedro dançando com uma loira — se é que aquilo poderia ser chamado de dança. Eles estavam praticamente fodendo na pista. Apesar de ser uma segunda-feira, o bar estava relativamente cheio. Todo mundo relaxando após mais um dia de trabalho pesado.

Pedro me viu chegar, sussurrou no ouvido da loira, que deu uma risadinha e saiu. Como dizem por aí: *mineiro come quieto!* Ele já devia ter pegado metade da cidade e ninguém ficou sabendo. Era uma das razões por que eu não o queria perto da Mari. Como seu amigo, eu sabia a maioria de suas aventuras. Estava ciente do que ele era capaz com aquele jeito nerd.

Pedro me deu um soco no ombro e caminhamos para o balcão. Raquel trouxe nossas cervejas e me cumprimentou.

— Oi, Perigoso. Achei que você não iria mais aparecer depois do que aconteceu com sua prima — comentou de forma séria. — Não quero brigas no meu bar, Lucas. Isso vale para você também, Pedro — Raquel disse depois de me dar um selinho. Adorava o seu jeito livre e sem-vergonha.

— Não vamos arrumar encrenca, Raquel. — Tentei acalmar a fera. — Além do mais, o pessoal sabe que não deve mexer comigo, mas prometo que não vou perder a cabeça de novo — disse de maneira desprezível. Não queria me gabar, mas era bastante respeitado na região.

— Adoro quando você faz jus ao seu apelido, Perigoso! Será que você mostra esse perigo todo na cama também? — Raquel se pendurou em cima do balcão e sussurrou no meu ouvido.

Lambi os lábios para excitá-la. Era disso que eu precisava.

— Você sabe que eu sou, mas você sempre é bem-vinda a provar novamente! — Dei uma mordida no pescoço dela. — Que tal hoje, depois que você fechar o bar? — perguntei, mesmo já sabendo a resposta. Raquel nunca negava fogo.

Ela voltou para trás do balcão e me encarou. *Eita, morena gostosa.*

— Claro, hoje eu já ia fechar mais cedo, dia de semana não tem um momento tão grande — disse, com uma piscadela.

Tomei mais algumas cervejas com o Pedro enquanto conversávamos sobre assuntos da fazenda.

— Cara, não acredito que você jogou a patroazinha no chiqueiro. — Eu sabia que meu tio iria contar a ele. E com certeza Pedro não deixaria passar uma chance de me sacanear.

— Ela me provocou, teve o que mereceu. — Não tinha contado a ninguém como fui parar pelado do lado de fora do quarto, mas ele era meu amigo e eu precisava conversar com alguém. — Você não vai acreditar no que a Pietra me fez antes. Quando eu achei que a levaria para a cama, ela me deixou pelado e trancado do lado de fora do quarto.

Pedro já tinha me ouvido falar coisas piores sobre outras mulheres, mas não sei por que eu não tive vontade de contar detalhes sobre a Pietra. Quando terminei, ele estava segurando uma risada.

— Se você ficar rindo da minha cara, eu juro que vou esquecer que somos amigos e te descer a porrada — avisei irritado. Era só o que me faltava, aquele filho da mãe ficar zombando de mim.

Pedro balançou a cabeça em negativa, ainda rindo.

— Você está fodido, Lucas, nunca na minha vida pensei que uma garota ia conseguir te laçar. O Perigoso Lucas Ranger está caidinho por uma garota que nem faz o seu tipo.

Larguei a cerveja no balcão com tanta força que a garrafa quase quebrou. Pedro estava falando merda.

— Você está louco? Comeu queijo estragado, foi? Vamos parar de falar dessa garota, que ela me dá nos nervos. — Pedro percebeu que eu estava falando sério e se calou. Ele olhou para um canto e deu uma piscada. Virei para ver o que estava acontecendo: a loira estava mandando um beijo para ele.

— O que você tem com as loiras? — perguntei apontando a garrafa na direção da garota. Grande parte das meninas com quem Pedro ficava era de loiras.

— Não sei. — Ele deu de ombros. — São gostosas, mas na verdade eu tenho medo de me envolver com as morenas. Elas têm um poder sobre mim, e se eu me apaixonar vou acabar fodido que nem você! — disse ele, cabisbaixo.

— Eu. Não. Estou. Fodido! Na verdade pretendo foder alguém daqui a pouco. — Olhei na direção da Raquel, que estava atendendo um cliente. — E eu espero que minha prima não seja uma dessas

morenas. — Ele não me olhou nem fez nenhum comentário sobre a Mari. Eu não sabia se aquilo era bom ou ruim.

Quando o bar estava quase fechando, eu já tinha tomado mais cervejas do que o normal para um dia de semana. Pedro já tinha se despedido e saído com a loira.

Esperei Raquel fechá-lo, pois ela iria direto para minha casa. Deixaria minha caminhonete lá e pegaria uma carona com ela. Não tinha condições de dirigir.

— Então, Perigoso, você nunca bebe mais do que três cervejas em véspera de dia de batente. — Raquel me conhecia muito bem, mas eu não iria contar sobre Pietra. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada, só estresse do trabalho. — Ela não se convenceu com a minha resposta. Raquel era inteligente e me conhecia o suficiente para saber que eu não me envolvia com ninguém a ponto de me abrir.

O bar não era muito longe da minha casa, então não demoramos a chegar. Eu mal fechei a porta e já pressionei Raquel contra ela. Eu precisava foder duro e sabia que ela não reclamaria, pois adorava transar assim.

Raquel usava um vestido florido de alcinha. Enquanto eu descia a alça do vestido, comecei a morder seu pescoço. Sem perceber como, ela já estava enrolada na minha cintura.

— Gostosa — murmurei esfregando minha ereção contra ela. Chupava um mamilo, enquanto apertava o outro. Raquel gemia cada vez mais alto. Eu intercalava aqueles movimentos com leves mordidas.

— Ah, Lucas... Mais, por favor! — Raquel gritou. Eu estava em uma nuvem de luxúria e desejo, não ouvia mais nada, só precisava me enterrar nela. Rasguei sua calcinha com força e peguei uma camisinha na minha carteira. Desci a calça junto com a boxer que usava. Apoiei Raquel na parede e desenrolei o preservativo no meu comprimento. Em um único golpe, me enterrei nela. Meti duro, até sentir minhas bolas batendo na sua bunda. Com o dedo esfreguei seu clitóris, e beijei seu pescoço. Depois de um tempo bombeando sem parar, senti ela me apertar e sabia que estava gozando. Foi quando eu me perdi, bombeei mais duas vezes e gozei como nunca havia gozado antes.

— Pietra! — gritei.

Merda, o que eu fiz?!

Pietra

Se eu estava feliz? Muito. O carro não era lá essas coisas, mas pelo menos eu não ficaria mais enfiada naquele fim de mundo sem nada para fazer, muito menos dependeria daquele caipira gostoso quando quisesse sair. Olhei para Mari ao meu lado, e ela parecia mais feliz que eu. Provavelmente nunca tinha andado em um carro novo. Eu estava começando a me acostumar com aquela garota.

— Que tal darmos uma voltinha na cidade para estrear nosso novo “brinquedinho”? — convidei. Eu estava tão feliz que nem havia percebido que Lucas estava chegando perto de nós, mais lindo do que nunca. Mariana e ele trocaram algumas palavras, mas Lucas não tirava os olhos de mim. Antes de partir, disse para tomarmos cuidado na estrada e me chamou por aquele apelido idiota.

Estávamos entrando no carro, quando vimos o pai da Mariana. Ele realmente era um coroa gostoso.

— Tchau, pai! Vamos dar uma volta.

Mari se despediu dizendo que estávamos indo até a cidade dar uma volta, quando aquele infeliz jogou um balde de água fria nos nossos planos.

— Nada disso! Você não conhece a estrada, Pietra, e aqui é perigoso, principalmente durante a noite — disse com um olhar duro, e Mari saiu do carro de cabeça baixa. *Fala sério! Quem esse cara pensa que é? O Wolverine?*

Mariana parou na frente do pai e tentou convencê-lo.

— Ah, pai, mas eu conheço a estrada e ensino à Pietra por onde ela deve ir — insistiu, e eu também fiz cara de cachorro abandonado, mas ele não voltou atrás.

— Nem pensar! Você nunca pegou a estrada à noite. — Santiago não se rendeu às nossas manhas. Droga! Geralmente aquilo funcionava. — Prometi ao seu pai ficar responsável pela sua segurança — completou, e eu não tive muito como argumentar, pois me lembrei das ameaças do meu pai de confiscar o carro. Precisava fingir que andaria na linha, pelo menos por enquanto.

Cabisbaixas, Mari e eu entramos em casa. Depois do jantar, conversamos no meu quarto. Trocamos algumas ideias sobre a *Operação Segura Peão*. Não podíamos nos esquecer de que isso era a nossa prioridade.

Ela me falou que um amigo poderia ajudá-la, e eu já tinha o meu par: Henrique. Precisávamos causar ciúme nos meninos. E, com certeza, eles cairiam feito patinhos. Como Lucas deixou claro que não morria de amores pelo Henrique, meu plano era perfeito. Não me importava com a aposta idiota que ele tinha feito. Meu objetivo era o Lucas, e eu passaria por cima de qualquer coisa para tê-lo.

— Então se prepare, amanhã bem cedo iremos à cidade — falei, me despedindo da Mari. Ela saiu do quarto toda animadinha. Minha mais nova aliada era chucra e doce ao mesmo tempo. Era difícil entender o que estava sentindo com aquela nova amizade. Eu sabia que tinha me aproximado dela para conquistar seu primo, mas gostava de sua companhia. Ela era alegre, e seu jeito de garota do interior sempre me fazia sorrir.

Tomei um banho e me deitei cedo. Precisava descansar, afinal, o dia seguinte seria longo, e eu colocaria em prática meu plano para montar o peão.

Quando peguei no sono, sonhei com a minha mãe novamente. Dessa vez ela estava andando a cavalo em uma clareira, usando um vestido branco simples e cabelos soltos. Estava muito simples e linda ao mesmo tempo. Ela olhou para trás e sorriu. Eu queria saber o que a fazia sorrir; era um sorriso puro e sincero. De repente, ela virou a cabeça para outro lado e eu vi aquele mesmo homem misterioso, também montado em um cavalo. O animal era negro com o pelo brilhando de tão escuro, o cavalo mais bonito que eu já tinha visto. Então, os dois saíram galopando lado a lado.

— Mãe! — Eu acordei gritando... Então, quando percebi que aquilo tudo tinha sido mais um sonho, comecei a chorar. Fiquei confusa, não sabia por que os sonhos com ela estavam se tornando constantes.

Deitei novamente e me peguei pensando no Lucas. Meu Deus, que confusão estava a minha cabeça... Adormeci completamente perdida. Nunca tinha me sentido assim, sempre fui muito segura,

mas desde que havia chegado à fazenda alguém tinha tirado meu chão.

♪ *Amanheceu, peguei a viola, botei na sacola e fui viajar...* ♪

— Que merda é essa?! — Acordei assustada ouvindo uma música de caipira no rádio. Tentei colocar o travesseiro na cabeça e voltar a dormir, mas a música parecia cada vez mais alta.

Sem ter alternativa, eu me levantei.

Desci as escadas procurando o filho da mãe que tinha me acordado.

— Quem foi que me acordou a essa hora? — perguntei gritando pelo corredor que dava para a cozinha. — Ainda mais com esse rádio velho no último volume? — Cheguei irritada. Poxa, se ainda fosse o David Guetta...

— Calma, Pietra! — Mari exclamou, abaixando o volume do rádio. — Você disse que era para acordarmos cedo. Já está pronta? — perguntou com naturalidade. Ela só podia estar de brincadeira! *Euzinha* sair de casa às oito da madrugada? Eu odiava acordar cedo. Com certeza não era uma pessoa matinal.

— Já volto — respondi, e ela assentiu com um sorriso, voltando a ligar o rádio. Revirei os olhos e marchei para o quarto.

O que eu não faço por alguns orgasmos com um peão gostoso?

Tomei um banho para relaxar, afinal, eu precisava estar no meu melhor humor. Vesti um short curto e uma t-shirt branca. Calcei uma bota cano curto e fiz uma trança no cabelo molhado mesmo, para não perder tempo secando. Olhei no espelho e me surpreendi: eu estava parecida com a minha mãe no sonho. Simples!

Desci, e Mari já estava impaciente. Entramos no carro e respirei fundo, sentindo o cheirinho de couro. Pluguei o celular no sistema de som e apreciei a voz da Pitty.

Será que eu já posso enlouquecer?

Ou devo apenas sorrir?

Não sei mais o que eu tenho que fazer

Pra você admitir

Que você me adora

Que me acha foda

Não espere eu ir embora pra perceber

“Me Adora” — Pitty

Mari bufou e eu a encarei.

— O quê? Isso, sim, é música, não essa porcaria que você escuta. — Dei de ombros ligando o carro.

Saímos da fazenda com destino à cidade. Mari já tinha marcado um encontro com os garotos e combinamos como tudo seria. Eu a deixaria em uma padaria para tomar café com o Rodrigo enquanto eu iria até a casa do Henrique.

Quando já estávamos chegando, eu vi aquela bendita caminhonete azul na direção contrária.

Aumentei o volume e Mari me olhou com um sorriso no rosto. Confesso que nem reparei em que música tocava, provavelmente era outro rock nacional. Lucas passou devagar por nós e seus olhos se arregalaram quando ele me viu. Dei um aceno e sorri divertida.

— Você não tem jeito — Mari comentou após uma risada.

— Ele vai ver do que sou capaz — comentei.

Expliquei a Mari o que ela deveria falar para o Rodrigo, pois, tímida do jeito que era, não iria conseguir convencer o cara a fingir.

— Seja segura. Como ele te conhece, vai saber que você está aprontando. Ofereça algum benefício. Sei lá... Quem sabe uns beijinhos? — Ela me olhou assustada. — Mariana, tire uma casquinha, né? O Rodrigo é um gato.

Mari ouviu cada palavra e desceu do carro quando chegamos à padaria. Antes de entrar, foi até a minha janela e explicou como eu fazia para chegar à casa do Henrique. O pai dele era fazendeiro, mas o Henrique vivia na cidade. O que seria bom, pois eu não estava a fim de me embrenhar no meio do mato, já bastava me esconder na Girassol.

Segui as indicações da Mari e parei em frente à casa que batia com a descrição dela. Desci do carro e toquei a campainha.

Olhei para a rua e algumas pessoas me encaravam com curiosidade. Acenei para algumas que me cumprimentaram, e mais uma vez amaldiçoei meu pai.

— Ora, ora... — Virei e juro que quase desmaiei. Puta merda! Onde estava com a minha cabeça que não tinha notado quão gostoso Henrique era. — Estou curioso para saber o que a novata quer comigo. — Mais um apelido idiota, como se não bastasse Cristal.

— Bom dia, Henrique — falei séria, mas não pude evitar correr meus olhos por aquele monumento na minha frente. Henrique estava de jeans e camiseta. O jeans não era tão apertado quanto os que Lucas usava, mas ainda assim o deixava irresistível. — Posso entrar? — Voltei minha atenção para seu rosto e vi sua boca se abrir em um sorriso.

— Claro — ele respondeu abrindo a porta, mas, antes de eu passar, ele esticou o braço bloqueando o meu acesso à sala. — Mas antes quero saber o resultado da sua análise — acrescentou em um tom malicioso, enquanto encarava meus seios.

Pensei que teria problemas com aquele cara, pois, se não fosse minha fixação por um certo peão, Henrique estaria no papo.

— Pegava fácil — respondi passando a língua nos lábios, provocando-o. Ele então tirou o braço e liberou minha passagem.

Meu pai amado! A casa estava de cabeça para baixo. Ele não tinha nem metade da organização do Lucas. Me virei e fiquei muito próxima ao Henrique. Seus olhos baixaram para a minha boca e eu senti um arrepio. Queria o Lucas, mas não era santa. Não podia negar que o Henrique me balançava. Fala sério, com um corpo e um rosto daqueles, qualquer mulher praticamente se jogaria em seus braços. Mas, apesar de me sentir atraída por ele, não era nem uma faísca perto do fogo que me consumia toda vez que estava com o Lucas.

— Tenho uma proposta para te fazer — soltei de uma vez por todas. Henrique arregalou os olhos e me olhou com espanto.

— E o que eu posso fazer pela novata? — perguntou andando em direção ao sofá.

Henrique se sentou sem indicar que eu fizesse o mesmo e me deixou em pé. *Lindo e grosso*. Acho que eram as características básicas dos homens daquela cidade.

— Quer ficar comigo? — perguntei sem nenhum pinga de vergonha na cara. Estava disposta a tudo para mostrar para aquele peão quem eu era.

Henrique se levantou e andou em minha direção como um leão atrás de sua presa. Merda! Ele não tinha entendido nada. Claro! Eu não tinha explicado.

— Não precisa pedir duas vezes, linda. — Henrique chegou próximo a mim e puxou meu corpo contra o dele. — Vou adorar te satisfazer. — Seus olhos castanhos me fitavam com desejo e eu tentei me soltar. — Calma, gatinha, eu prometo ser gentil — completou sarcástico.

Conseguí me afastar.

— Henrique... — Respirei fundo enquanto escolhia as palavras certas. Tinha que convencê-lo. — Não é isso que você está pensando. Preciso que você finja que está comigo. Tenho motivos para querer isso, e você é o cara ideal para estar ao meu lado — elogiei, pois homem adora ter o ego massageado. — Lindo, inteligente e charmoso. Henrique, eu preciso de você.

Ele me olhou confuso por alguns segundos. Eu não queria explicar que aquilo tudo era para causar ciúme no Lucas, mesmo sabendo que não demoraria muito para ele perceber que esse era o objetivo.

— Pietra, deixa ver se eu entendi: você quer que eu finja que sou seu namorado?

— Namorado, não — expliquei. — Ficante.

Henrique balançou a cabeça em negativa. Merda, ele não podia recusar, era perfeito para o papel.

— E qual o propósito dessa loucura? — Ele voltou a se sentar no sofá.

— Isso é da minha conta. E aí, Henrique? Aceita ou não? — Eu estava impaciente, precisava de uma resposta.

Henrique me olhou dos pés à cabeça. Esse cara era tarado, só podia ser.

— E o que eu ganho com isso? — Sua voz gritava por sexo, e, se fosse em outros tempos, ele conseguiria.

— O que você quer? — Antes de ele abrir a boca, eu completei: — Sexo não está entre as opções.

A decepção em seus olhos logo se transformou em um sorriso despretensioso. Além de tarado, era louco. No mínimo estava pensando na grana que tiraria de mim. Meu pai ia me matar, mas seria uma grana bem-gasta.

— Nada — Henrique respondeu, me surpreendendo.

— Como assim, nada?

Ele abriu os braços se apoiando no sofá. Eu ainda esperava uma resposta, mas parecia que Henrique estava pensando no que falar.

— Eu sei qual é o seu objetivo. E confesso que gostei. — Ok, estava muito surpresa. — Não sou idiota, Pietra. Sei que você quer fazer ciúme no Lucas, e já faz um tempo que tenho vontade de ver aquele doutorzinho quebrar a cara.

Abri um sorriso. Melhor que isso, impossível.

— Perfeito!

Deixei Henrique e fui buscar Mari, que já tinha me mandado uma mensagem com um sinal de positivo em relação à sua missão. Ela também tinha convencido Rodrigo.

Combinei os detalhes com Henrique: nada de sexo, e beijos e carícias seriam sem exageros, somente o suficiente para convencer Lucas do nosso “relacionamento”. Prometi que seria por pouco tempo, confiava no meu taco, e Lucas seria meu o mais rápido possível.

Quando estacionei, vi Mari abraçada a um cara na calçada. Ele era alto, moreno, estava com uma calça justa e camisa xadrez. Era até parecido com o Lucas, de tão lindo.

Mari se despediu dele e entrou no carro.

— Esse é o Rodrigo? — perguntei, incrédula. Mari assentiu.

Meu Deus! Onde é que eu estava com a cabeça que não tinha prestado atenção nesses dois? Fácil. Lucas Ranger.

— Vamos às compras? — propus, e Mari bateu palmas.

Operação Segura Peão!

Etapa “conquistar aliados”: concluída!



Lucas

— Porra, Raquel. — Saí de dentro dela, mas continuei com a cabeça baixa. Porra! Porra! Que mancada. — Eu... eu...

Fiz a besteira de levantar os olhos para me desculpar. Raquel me encarava com decepção. Cara, eu sabia que a Raquel era desencanada com a maioria das regras impostas pela sociedade, ainda mais quando se tratava de sexo, mas que merda! Trocar o nome na hora H é inadmissível.

— Raquel... eu... — Tentei me explicar, e ela levantou a mão para que eu parasse. E eu? Calei a merda da boca, é lógico.

— Não tente consertar. — Ela abaixou o vestido e passou a mão na barra para desamassá-lo. — Só vai piorar as coisas — completou.

Com cara de tacho e morrendo de vergonha, eu levantei minha calça e me vesti. Naquele momento nem Viagra faria meu amigo levantar de novo.

— Olha, Lucas, eu entendo que não temos uma relação convencional e que nosso caso é puramente sexual, que entre nós não rola nenhum sentimento, só química. — Comecei a respirar normalmente, achando que ela tinha relevado minha merda, mas engano meu. — Mas só volte a me procurar quando me quiser de verdade. Não quero ser estepe para você transar pensando em outra.

Ela realmente estava chateada e eu não sabia como melhorar a situação. Raquel pegou suas coisas e começou a abrir a porta.

— Desculpa, Raquel, eu bebi demais — falei tentando contornar, mas acho que não seria tão fácil. Mulher com orgulho ferido é foda. Senti isso com a Cristal e depois com a Raquel.

Ela saiu e parou em frente à minha casa.

— Não esquentar, Perigoso. Mas vai atrás da sua patricinha. — Piscou e saiu em direção à sua caminhonete. Fiquei na porta, e, antes de ir embora, Raquel acenou se despedindo. Quando eu a vi partindo, tive certeza de que tinha acabado de perder minha “amizade colorida”. Mulher nenhuma perdoaria o que eu fiz.

Entrei e fechei a porta. Uma raiva tão grande se apoderou de mim que eu comecei a esmurrar e chutar a porta contra a qual tinha comido a Raquel poucos minutos antes.

— O. QUE. ESTÁ. ACONTECENDO. RANGER? — Entre uma palavra e outra, eu esmurrei a madeira dura até minha mão doer.

— Droga! — gritei. Saí da sala e tudo que eu queria era tomar um banho e esquecer aquela noite de merda.



Passei a semana inteira na rotina de sempre. Liguei para a Raquel para pedir desculpas, e ela me disse que estava tudo bem, apesar de deixar claro que não estava.

O pior de tudo foi ver minha prima de risadinhas e conversinhas com a Pietra. Sempre que eu chegava à fazenda, elas já estavam saindo de carro. Questionei meu tio e ele me contou que elas não faziam nada de mais. Além disso, a Mari estava fazendo seu trabalho ao acompanhar Pietra para todo canto.

Passei dias tentando descobrir o que aquelas duas aprontavam. Se a Pietra estava no meio, chumbo grosso estava por vir.

Do trabalho para casa e vice-versa foram os meus trajetos até a sexta-feira, mas já estava na hora de parar de arrastar o chifre no chão e sacudir a poeira. Ainda mais porque teria rodeio no fim de semana, e eu já estava louco para montar de novo.

Passei na plantação para combinar com o Pedro de irmos juntos ao rodeio. Ele orientava os funcionários sobre o manuseio e a utilização correta dos produtos tóxicos quando cheguei. Cumprimentei todos e caminhei até o meu amigo.

— E a loira, companheiro? — fui logo perguntando, dando um soco em seu ombro. A semana tinha passado tão rápido que nem havíamos conversado sobre a gostosa com quem ele tinha saído do Taurus.

Pedro pegou um bloco e continuou fazendo algumas anotações.

— Foi bem — respondeu seco. Pedro era tímido, mas não se engane, porque, na hora de descrever uma transa, ele era muito comunicativo. Então, de cara estranhei o seu silêncio.

Pedro saiu em direção à sua caminhonete e praticamente ignorou minha presença.

— Porra, Pedro! Tá doente? — brinquei, mas parecia que ele não estava nos seus melhores dias.

— Nada, Lucas, estou cansado. Rodeio hoje? — perguntou, adiantando o assunto que me fez ir até ele. O que era ainda mais estranho; se eu não o arrastasse, Pedro praticamente nunca saía de casa.

— Ok, nos vemos lá! — respondi e andei até minha caminhonete. Vi Pedro partindo e me questionei: o que tinha deixado meu amigo tão para baixo? Fosse o que fosse, nada que cerveja e mulher não resolvessem.

Ainda não havia escurecido e eu tinha que acompanhar o embarque dos cavalos para a competição que aconteceria na cidade.

Havia tempos eu não treinava, já que a única fazenda que tinha touros preparados para o rodeio era a propriedade do pai do Henrique. E nos últimos tempos eu não estava a fim de olhar para a cara daquele playboy disfarçado de caubói. O rodeio daquele dia seria simples. Acontecia duas vezes por

ano e sempre coincidia com a festa da igreja. Desde que tinha voltado do Texas, eu participava da montaria, mas naquele momento não tinha opção: o estadual estava chegando e, se eu quisesse ter uma chance de participar como peão principal, teria que voltar a treinar na fazenda do pai do Henrique. Ponderei as alternativas e resolvi que no dia seguinte estaria lá.

Chequei todos os cavalos e, após averiguar o necessário, dei minha autorização assinando a papelada. Pronto! Minha semana de trabalho tinha oficialmente terminado. A partir dali era só diversão.

Estava indo pegar a caminhonete, pronto para ir embora, quando ouvi gritos femininos. Sabia que eram da Mari e da Pietra, então fiquei curioso para saber o que a cabeça de vento estava obrigando minha prima a fazer.

Caminhei até a área que ficava nos fundos da casa. Era um local grande, destinado a festas, com churrasqueira e piscina. Palmeiras e um jardim muito bem-cuidado decoravam o espaço.

Procurei as meninas e, quando olhei para a piscina, meus olhos se arregalaram. Pietra saía da água de costas para mim. Já na borda da piscina, ela passou as mãos pelo cabelo molhado e inclinou a cabeça para trás. Um biquíni verde com argolas douradas nas laterais deixava seu corpo... Uau! Como ouvi a Carol dizer várias vezes: me mata com a faca da cozinha.

— Droga, Mari! — praguejei ao sentir que Mari jogava água em mim.

— Dá para disfarçar? — ela perguntou em voz baixa, mas nossa conversa nos denunciou, pois, assim que levantei os olhos, Pietra tinha se virado e estava nos encarando.

— Oi, Lucas. — Confesso que ouvi sua voz, mas meus olhos estavam focados em seus seios. Não resisti. Eram gostosos demais. — Quer se juntar a nós? — perguntou atrevida, e logo depois mergulhou novamente na água. Observei seu corpo deslizar por toda a extensão da piscina até chegar ao lado da Mari, que estava praticamente aos meus pés. — A água está uma delícia! — disse, passando as mãos pelo cabelo novamente e sorrindo para Mari.

Fiquei desconfortável, sem saber o que fazer ou falar. *Droga, Lucas! Desde quando você perde a fala?*

— Agradeço o convite, mas tenho que ir — respondi, mas logo desviei minha atenção para Mari. Tinha que ficar longe dos olhos daquela maldita. — Mari, quer ir à festa da igreja? — perguntei, querendo manter minha ótima relação com minha prima. Aquela bandida não ia estragar isso.

— Na verdade, mano, eu e a Pietra temos planos para hoje. — Mari recusou meu convite, e eu vi um sorriso em seu rosto. Já Pietra estava indecifrável. Ela me olhava como se tivesse ganhado a batalha. Qual? Eu ainda não sabia.

Continuei em pé, olhando para baixo. E, por mais que eu quisesse, meus olhos não conseguiam desviar do corpo da Cristal.

— E o que vocês vão fazer? — perguntei, com uma pontada de raiva. Não queria as duas por aí. Ainda não tinha engolido a história do striptease.

Mari levantou a mão e jogou mais um pouco de água em mim. Tentei desviar, mas já estava todo molhado.

— Coisas de meninas, Lucas Ranger — Pietra respondeu.

Aquele ar de superioridade dela não me deixava nada tranquilo. Pietra era altiva, sua expressão não deixava dúvidas de que ela não entrava em uma guerra para perder. E aquilo me deixava ainda mais desconfiado em relação à sua trégua.

— O que está aprontando? — Não consegui segurar minha ansiedade, então eu a questioneei.

Cristal sorriu de forma ingênua, mas ela não me enganava. Aquilo de anjo não tinha nem as asas.

— Ei — ela respondeu, um pouco ofendida. — Sou uma garota de palavra. Eu disse que ia dar trégua. — Sua boca dizia uma coisa, mas seus olhos revelavam outra.

Pietra não aguardou mais perguntas e começou a conversar animadamente com a Mari. Sem ter muito o que fazer, eu as deixei e fui embora. Precisava de muita cerveja para esquecer a semana e, depois daquela cena, o corpo da Pietra, coberto apenas por aquele pedaço de pano verde.

— Calma lá, amigão — falei, enquanto dirigia. — Vamos arrumar alguém para você.

Precisava arrastar Pietra para fora da minha mente. Risquei Raquel da lista, já que, depois de segunda-feira, eu não seria tão cara de pau. Então o jeito era esperar para ver o que a noite me reservaria.



Por volta das dez horas, eu já estava pronto. Coloquei uma camiseta branca, não muito apertada, mas que destacava meus músculos, e uma camisa xadrez roxa, com os botões abertos. Afinal, as mulheres gostavam. Vesti uma calça jeans e minhas botas preferidas. Peguei meu chapéu e fui até a praça da cidade a pé. Ao lado dela ficava a igreja, onde todas as barraquinhas tinham sido montadas, e do lado da igreja, em uma área vazia, uma arena com algumas arquibancadas havia sido instalada. Assim que cheguei, notei que seria uma festa das mais cheias. Todo mundo estava ali e vi que a noite ia ser proveitosa. Muitas mulheres, e algumas eu ainda não conhecia, ou seja, sozinho eu não voltaria para casa.

Dei uma volta cumprimentando as pessoas e fui para o bar da Raquel. Tinha combinado com Pedro lá e já estava um pouco atrasado.

Apesar de a festa acontecer do lado de fora, o bar estava lotado. A música “Até você voltar” ressoava pelo salão, e o clima romântico predominava.

*De copo sempre cheio, coração vazio
Tô me tornando um cara solitário e frio
Vai ser difícil eu me apaixonar de novo e a culpa é sua
Antes embriagado do que iludido
Acreditar no amor já não faz mais sentido
Eu vou continuar nessa vida bandida até você voltar*

“Até você voltar” — Henrique & Juliano

Fui até o balcão e Raquel já me recebeu com uma cerveja. Tinha duas pessoas a mais para ajudá-la. Realmente estava lotado como eu nunca tinha visto.

— E aí, Perigoso? Não se esqueça, nada de confusão no meu bar! — disse, mas logo saiu para atender outros clientes. Não entendi a razão do seu aviso, eu não tinha mais motivos para brigar. Procurei Pedro, mas não o encontrei.

— E aí, gato? — uma voz conhecida me cumprimentou.

— Oi, Carol — respondi gentilmente e lhe dei um abraço.

Carol vestia um jeans extremamente apertado que deixava suas coxas grossas ainda mais apetitosas. Uma camisa aberta por cima de uma baby look destacava seus seios empinados. Ela realmente era linda e, no tempo que passamos juntos, de falta de sexo eu não pude reclamar. *Carol? Será?* Não sabia se rolaria com ela novamente, mas, não querendo abrir mão das opções, engatei uma conversa.

— Vai montar? Tem bastante gente hoje.

— Vou, faz tempo que não treino, então vai ser legal voltar à arena.

— Não vejo a hora — respondeu com uma piscadela. — Quer dizer, eu e todas as mulheres da região. — Carol levou a garrafa de cerveja à boca, e seus olhos passaram pelo salão. Acompanhei seu movimento e vi que muitas mulheres nos encaravam.

— Carol... você não tem jeito — brinquei.

— Eu?! — Ela se fez de desentendida. — A culpa é sua. — Apontou com a garrafa me acusando, porém com um sorriso genuíno que começava a me agradar.

Meia hora se passou entre uma cerveja e outra, e Carol ainda estava ao meu lado. Que ela me queria era um fato inquestionável, seu sorriso safado e sua voz melosa deixavam isso bem claro. Mas não sabia se estava preparado para reatar com ela.

— Foi mal pelo atraso. — Pedro chegou. — Oi, Carol — ele a cumprimentou e levantou um dedo para a Raquel, que logo trouxe mais uma cerveja. Estávamos todos em pé encostados de frente para o balcão quando Pedro se virou para o fundo do bar e engasgou.

— Vamos lá, Pedro, respira. — Carol dava tapas nas costas dele, tentando fazê-lo voltar a respirar.

— O que foi, Pedro? Viu um fantasma? — foi a minha vez de falar. Pedro estava pálido como um morto-vivo, e seus olhos, arregalados na direção contrária a nossa.

Já preocupado, comecei a procurar o que tanto tinha assustado Pedro, a ponto de fazer o cara perder o ar. No momento que meus olhos pousaram em uma mesa mais afastada, fiquei possesso. *Como não vi isso?!*

— Que porra é essa?! — gritei, e Carol se assustou com minha reação.

Dois casais sentados em uma mesa eram um show à parte: Pietra estava ao lado do Henrique, e Mari, ao lado do Rodrigo. Puta merda! Apertei a garrafa de cerveja com tanta força que eu achei que ela se espatifaria em minhas mãos.

Henrique falava algo no ouvido da Pietra, que sorria abertamente para ele. As mãos dele estavam em volta dela, e sua boca não deixava pescoço dela. Aquilo me deixou puto. A idiota estava ficando com ele.

— Desgraçado. Filho de uma puta — Ouvi Pedro praguejar do meu lado. Olhei para ele, que estava vermelho como um pimentão. Ele podia matar alguém apenas com um olhar, pois um ódio

mortal emanava dele. Foi quando eu me toquei e virei meus olhos para a mesa.

Para a minha surpresa, Rodrigo fazia pior com a Mari. Eles trocavam beijos, nada muito escandaloso, mas ainda assim eram BEIJOS NA BOCA. Ele também mantinha suas mãos em volta da minha prima. As duas sorriam como se estivessem gostando de estar nos braços daqueles filhos da mãe.

Me virei para colocar minha garrafa no balcão, e Raquel me olhou, já prevendo o que eu ia fazer. Droga! Fazia quanto tempo que eles estavam ali?

Pedi desculpas para Raquel com o olhar e saí em direção à mesa. Não precisei nem chamar: Pedro me seguiu na mesma hora.

Alguém estava querendo morrer naquela noite.

Ao chegar à mesa, passei meus olhos por Henrique e Pietra e parei em Mari. Todos eles se levantaram para nos cumprimentar. Rodrigo apertou minha mão, como se aquela situação fosse a mais normal possível, e disse:

— Lucas. — disse ele e balançou a cabeça.

— Maninho, não vi vocês chegando. — Mari pulou no meu pescoço, me abraçando. Claro que ela não tinha visto, estava se esfregando no Rodrigo. O cara era gente boa, mas não era para a minha pequena. Ela me soltou e deu um sorriso forçado para o Pedro. — Oi, Pedro.

Se restava alguma dúvida dos sentimentos do Pedro pela minha prima, ela terminou naquele momento. Pedro segurava as mãos em punho, pronto para distribuir socos. Droga! Se eu arrumasse mais uma briga no bar, Raquel arrancaria meu couro no chicote.

— E aí, Ranger. — A voz do Henrique chamou a minha atenção. — Tudo bem, cara? — Ele estendeu a mão, mas eu não o cumprimentei. Pietra me encarava e eu via o cinismo em seus olhos. Para me provocar, ela estava usando o Henrique: o cara que tinha apostado que abriria suas pernas. Era muita sem-vergonhice até mesmo para a Cristal.

Continuamos os seis em pé, e o clima ficava cada vez mais tenso. Podia ouvir a respiração do Pedro, que mantinha o olhar fixo na Mari. No entanto, minha prima parecia ter olhos somente para o Rodrigo, ao contrário da Pietra, que, apesar de estar abraçada ao Henrique, não deixava de me encarar.

— Pena que já estávamos de saída, senão vocês poderiam se juntar a nós — Pietra disse, gentilmente. Henrique falou alguma coisa em seu ouvido que a fez sorrir. O desgraçado estava se aproveitando para se exhibir, como se dissesse: “Olhem, ela é minha.” Playboy filho da mãe!

A fúria que Pedro sentia começou a me contagiar. Eu estava pronto para pular na garganta deles quando, enfim, meu amigo resolveu falar.

— Aonde vocês pensam que vão? — perguntou ríspido, e eu sabia que ele se dirigia principalmente a Mari.

Rodrigo puxou minha prima para mais perto dele, como se fosse possível se encaixarem ainda mais. Em troca, ele recebeu um beijo carinhoso. O que Mari estava querendo com aquilo? Ela tinha enlouquecido.

— Nós vamos à festa ver as montarias e depois encerrar a noite no lago. — Rodrigo se apressou em responder, sem mostrar um pinga de medo do Pedro. — Vou apresentar minha namorada aos meus

amigos — completou, e, depois dessa, o desastre ficou iminente.

— Na... na... na... namorada? — Pedro gaguejou. — Quer me explicar o que está acontecendo, Mariana? — Dessa vez ele usou o nome dela, prova de que já estava no seu limite. Eu também estava chocado com as palavras do Rodrigo, mas no momento teria que me segurar para acalmar Pedro.

— Isso mesmo, namorada — Mari respondeu dando um passo à frente e deixando Rodrigo abraçá-la por trás. — Rodrigo me pediu em namoro e eu aceitei. Algum problema? — ela respondeu friamente e eu entendi o porquê daquela palhaçada toda. Ela estava fazendo de propósito. Lancei um olhar mortal para Pietra, porque com certeza era ideia dela. A maldita deu de ombros e sorriu.

— Mari, vem aqui. — Eu a puxei pela mão e nos afastamos um pouco da mesa. — O que você está fazendo? — perguntei em um tom de voz baixo.

Ela soltou sua mão da minha e me olhou com raiva. Desde quando Mariana sentia raiva de mim? Culpa da Cristal. A patricinha já estava passando dos limites. Eu teria que pôr um fim naquilo antes que ela me enlouquecesse.

— Lucas, eu não tenho que dar satisfações da minha vida para você. — Sua voz era forte e decidida. — Tenho 18 anos e estou cansada de viver na sua sombra e na do Pedro. Eu já contei para o meu pai, então para de bancar o irmão superprotetor e me deixa viver como uma garota normal.

Mariana esperou uma resposta minha, mas, diante da explicação, eu fiquei mudo, sem saber o que dizer. Ela estava certa, não era mais uma criança. Mas, porra, era muito difícil ver a minha pequena crescer.

Ela cruzou os braços e bateu o pé no chão, impaciente.

— E o Pedro? — perguntei, e ela desviou os olhos, não querendo me encarar para responder. — Você gosta dele?

— Nem sempre temos tudo o que queremos — disse com tristeza nos olhos. Sim, ela era apaixonada pelo Pedro, e eu me senti um merda por ter tentado afastá-los. — Você deveria saber disso. — Seu olhar se voltou para Pietra e eu entendi sua indireta, assim como tinha entendido mais cedo na piscina. Mari sabia o que estava rolando entre mim e a Cristal.

— Tome cuidado! Você é a pessoa mais importante da minha vida. Não vá com muita pressa, ou pode acabar se machucando. — Nós nos abraçamos e dei um beijo em sua testa. Não tinha mais o que fazer.

Voltamos para a mesa, onde o Pedro e o Rodrigo continuavam se encarando como se estivessem em um ringue, esperando somente o soar do gongo para caírem na porrada.

— Vamos, Pedro. — Bati em suas costas e o puxei pelo braço. Ele me olhou como se eu fosse o maior idiota do mundo.

— Como assim, “vamos”? — perguntou, extremamente surpreso. — Você vai concordar com essa loucura, Lucas? Eu não acredito nisso. — Ele passou as mãos pelo cabelo, pronto para explodir.

Mariana voltou a abraçar Rodrigo.

— Cara, a Mari é maior de idade e meu tio concordou — tentei explicar. — Não podemos fazer nada. — Pedro olhou uma última vez para a minha prima e saiu empurrando as pessoas que estavam em sua frente.

Eu não estava nada feliz com aquela história e ainda teria uma conversa com Santiago, mas, por enquanto, o máximo que eu podia fazer era deixar Rodrigo ciente das consequências caso magoasse a minha prima.

— Acho que nem preciso dizer nada, né, Rodrigo? — falei, sem deixar dúvidas de que o mataria se ele pisasse na bola.

— Não se preocupa, Ranger — ele assentiu. — Você me conhece e sabe que eu sou melhor do que isso. Nunca magoaria a Mari. — Ele a olhou com carinho, e eu senti que um triângulo estava se formando: Pedro, Mari e Rodrigo. Isso ainda daria pano para manga. — Confie em mim.

Antes de sair, eu não resisti em provocar Pietra. Tinha focado tanto na Mariana que havia me esquecido de que ela também estava ali.

— Qual é a aposta hoje, Henrique? — Sabia que Pietra não iria gostar da minha insinuação, mas, para minha surpresa, ela sorriu.

— Não se preocupa, *amigo*. Henrique já me explicou o que aconteceu, e confesso que não foi uma aposta tão ruim. — Cristal deu uma gargalhada e piscou. Eu saí da mesma forma que Pedro: soltando fogo pelas ventas!

Fui procurar Pedro e logo vi os quatro saírem pela porta do bar. Nas terras do pai do Rodrigo havia um lago, e era comum a garotada organizar um luau em suas margens. Música, violão e violas nunca faltavam, assim como cerveja. As cidades vizinhas eram bem próximas, então todos acabavam se reunindo ali. Eu mesmo estive lá várias vezes — e em nenhuma delas saí sozinho.

Como não achei Pedro dentro do bar, fui procurá-lo do lado de fora. Encontrei meu amigo olhando para a praça, paralisado, e tentei mudar o foco da conversa. Falar com ele sobre Mari seria difícil, ainda mais depois de ter percebido que minha prima tinha feito tudo aquilo de caso pensado.

— Não acredito que Pietra está ficando com aquele idiota — eu disse, encostando um pé na parede e apoiando minhas costas nela. — Está tudo bem? Você está estranho...

— Para, Lucas! — Pedro se irritou. — Não quero saber porra nenhuma da Cristal! Eu não posso mais, Lucas. Chega!

Pedro balançava a cabeça como se estivesse lutando para explicar o que estava acontecendo. Mulher com problemas é foda, mas para os homens é bem mais difícil lidar com os sentimentos.

— Quer saber o que aconteceu com a loira? — perguntou, virando-se em minha direção. Antes que eu pudesse responder, ele continuou: — NADA! Eu falhei... Meu amigo não subiu.

Putá merda, por essa eu não esperava!

— Pedro, isso acontece com todo mundo — generalizei, pois claro que eu não iria confessar que também já havia acontecido comigo.

Comecei a caminhar em direção à arena, as montarias já iriam começar. Todos estavam saindo da igreja e já se encaminhavam para as arquibancadas. Mas a voz ríspida do Pedro me fez parar.

— Lucas, você é burro ou o quê? Eu não transei com a loira porque não quero outra mulher que não seja a Mariana. Eu amo a sua prima desde o dia em que pus os olhos nela — confessou, e eu fiquei atônito. Minha prima tinha 13 anos quando eu e Pedro ficamos amigos. Vendo a surpresa no meu rosto, ele continuou: — Tira esse olhar de horror da sua cara, não sou pedófilo. Meu carinho pela Mari era de irmão, assim como o seu, mas ela cresceu, e puta merda, Ranger. — Ele passou as

mãos pelo cabelo, desesperado. Eu que não queria passar por isso nunca. Não reconhecia o meu amigo. — Mari é decidida, linda, inteligente e educada. Ela é capaz de fazer qualquer um babar por ela. Eu não consegui. Juro que tentei me afastar, mas ela me amarrou.

Pedro terminou de falar e começou a andar.

— Aonde você vai, Pedro? — gritei, pois ele estava praticamente correndo.

Ele parou de forma abrupta e se virou para mim com um semblante de raiva.

— Estou indo buscar o que é meu — disse possessivo. — Se Rodrigo encostar em mais um fio de cabelo da Mariana, ele será um homem morto.

— Mas... — tentei argumentar, mas Pedro foi firme em sua decisão.

— Não tem mas, nem meio mas, Lucas — disse, já caminhando. — Demorei muito tempo para me decidir, e parte disso foi por causa da nossa amizade. A Mari é minha. Você pode ficar aí, chorando suas pitangas pela patricinha, ou pode vir comigo e me ver quebrar a cara daquele babaca.

Tentei acalmar o Pedro.

— Vamos fazer assim: nada de confusão. Prometi que iria montar, então depois vamos juntos até o lago e buscamos as meninas. — Pedi e, mesmo a contragosto, Pedro concordou. Ele se acalmou por alguns minutos e continuamos caminhando.

Pietra

Antes de encontrar Lucas na piscina, eu e Mari tínhamos feito compras. Segui seus conselhos e comprei mais algumas peças country. Afinal, além da nossa *Operação Segura Peão*, Mari me avisou que naquela noite aconteceria uma festa com rodeio. E claro: ela fez questão de me contar que Lucas montaria. Confesso que gostei de saber da festa e, mais ainda, da chance de começar a colocar em prática o nosso plano. A ideia de provocar Lucas em seu habitat natural me agradava muito.

Mas tudo acabou se revelando muito mais do que eu esperava. Lucas e Pedro praticamente surtaram ao nos ver com os meninos. Mariana também me surpreendeu: eu jurava que ela iria fraquejar e desistir do plano quando visse o olhar do Pedro para ela. Mas a garota é das minhas. Ela se manteve firme e não cedeu.

— Que horas o Lucas vai montar? — perguntei assim que nos sentamos na arquibancada. Henrique se mantinha distante, como tínhamos combinado. Eu até o peguei flertando com as meninas sentadas ao nosso lado. Mas que se dane! Não me importava. Já Rodrigo, ao contrário, segurava a mão da Mari o tempo todo, e eu começava a achar que o plano iria ferrar com ele. O cara estava bancando o namorado de verdade durante toda a noite. Babando por ela e fazendo todas as suas vontades.

— O Lucas vai ser um dos primeiros a montar — Rodrigo respondeu. — Dei uma passada no brete antes de vir para cá, e ele já estava lá.

De onde eu estava, não conseguia ver o Lucas. E já estava ficando louca só de pensar nele vestido com aquela calça apertada e camisa xadrez.

Deus do céu!

Não me chamo Pietra se não arrancar aquela fivela no dente!

Olhei em volta e tenho certeza de que fiz uma careta, pois a garota ao lado do Henrique ficou me olhando torto. Abri um sorriso falso e continuei analisando o lugar.

Nunca tinha me imaginado sentada em uma arquibancada de madeira, rodeada de caipiras, aguardando um homem saltar em cima de um touro.

— Estou enlouquecendo! — murmurei indignada, balançando a cabeça.

— Falando sozinha, Pietra? — Mari perguntou enquanto levava um punhado de amendoins à boca. Ao lado dela, Rodrigo bebia água, enquanto Henrique tomava todas as cervejas que via pela frente.

Mari me ofereceu o amendoim, mas recusei. Eca! Não me arriscaria a comer nada daquela feira. Vai saber a procedência da comida. Tinha perdido o juízo, mas não era para tanto.

— Boa noite, turma do chapéu! — o locutor gritou.

Eu me segurei na arquibancada. Estática. Pois todo mundo se levantou e começou a pular e a bater palmas. E a madeira embaixo dos meus pés tremia, sacudindo todo o meu corpo.

Por favor, Senhor. Não me deixe morrer.

Nem ouvi as palavras seguintes do locutor, tamanho era o meu medo de aquela estrutura desmoronar.

— Vamos lá, Pietra. — Mari segurou meu braço e me obrigou a ficar de pé. — Maninho já deve entrar.

Aí sim: algo que me interessava.

— Essa coisa tem certificado do Inmetro? — perguntei, apontando para as tábuas embaixo de mim.

Mari e Rodrigo se entreolharam e soltaram uma gargalhada.

— Não se preocupa, Pietra. Você está segura — Henrique sussurrou em meu ouvido, passando a mão na minha cintura.

Nos minutos seguintes eu fiz de tudo para acreditar nas palavras dele, mas toda vez que o locutor pedia para o público dançar, o meu coração trepidava de pânico, da mesma forma que a arquibancada fazia meu corpo trepidar. E, para piorar o pesadelo, meus tímpanos sofriam com as músicas. Desde a “Dança da manivela” até uma versão ridícula de “We Will Rock You”, do Queen, quando todo mundo batia palmas e levantava as mãos. Freddie Mercury deve ter se revirado no túmulo naquele exato momento. Olhei em volta toda a plateia, desde velhinhos até as crianças, fazendo a coreografia. Cansada de tanta breguice, resolvi ir embora. Aquele brucutu do Lucas não merecia tanto esforço. Quando me preparava para descer, a gritaria ensurdecadora chamou minha atenção.

— Vocês o conhecem? O homem que logo estará entre os profissionais, representando nossa cidade e nossa região. Aquele que todos os homens gostariam de ser e que todas as mulheres gostariam de ter na sua cama. Quem é? Quem é?

Antes de terminar a narração, o locutor teve sua resposta. Eu olhava e escutava tudo, ainda incrédula.

Ranger! Ranger! Ranger!

Meus olhos pousaram em Mariana, que tinha os dela fixos na arena.

— É sério isso? — Eu me referia ao coro que tinha se formado. Estava embasbacada.

— O mano é muito conhecido por aqui — respondeu Mari sem parar de bater palmas.

— Percebi... — murmurei para mim mesma. Não é que o caipira tinha sua fama?

— Isso mesmo. É o nosso Lucas Ranger. Então, bora lá. Portão 1 para Ranger. Ele se prepara,

Lucas monta Coragem. Será que nosso peão também está com ela? Para tudooooooooo...

— Caralho! — gritei frustrada. Meu coração estava acelerado e, quando o locutor parou, quase tive um troço.

— Fiquei sabendo que Ranger preparou um verso. É isso mesmo, produção?

E aí essa. Meu coração estava na boca com a expectativa da montaria, e Lucas me vinha com poesia.

— Isso mesmo, Marcão. Preparei um verso para uma garota que está na arquibancada.

Olhei em volta, mas, em vez de olharem para a arena, Mariana e os meninos olhavam para mim.

Que porra era aquela? Antes de transformar meus pensamentos em palavras, a voz do Lucas me sacudiu:

Garota da cidade, você não sabe o que está perdendo.

Suba na cama desse peão e não se preocupe com o tempo.

Pois eu garanto que em oito segundos você estará enlouquecendo.

Tchê! Tchê! Tchê!

— Ops! — Mariana levou a mão à boca, sorrindo. Rodrigo e Henrique também me encaravam, todos se divertindo com a palhaçada protagonizada pelo Lucas, que me tinha como alvo. E eu? Ainda não acreditava no que o idiota tinha feito.

Esqueci o medo da maldita arquibancada e descii os degraus, abrindo espaço entre as pessoas que estavam na minha frente. Ouvi Mari me chamar, mas nada me pararia naquele momento.

Assim que cheguei ao primeiro degrau, realmente achei que tudo viria abaixo. Novamente o nome do Ranger ecoava pela noite e em minha cabeça.

— Quem esse caipira idiota pensa que é? — continuei falando sozinha e caminhando firme. Henrique me alcançou e colocou a mão em meu ombro, me abraçando.

— Vamos lá, princesa. Vou te levar para afogar as mágoas.

Olhei de relance para a arquibancada. A noite não estava saindo como eu tinha planejado.

Lucas

— Cara, por que você fez isso? — Pedro me perguntou assim que saí da arena.

Passei o tempo que me preparava para montar pensando naquela patricinha e decidi me vingar. Sabia que a Cristal ficaria possessa. Então criei aqueles versos de última hora e decidi declamar para todo mundo ouvir.

— Cadê eles? — perguntei ao Pedro.

Apesar de estar feliz por ter permanecido oito segundos em cima do Coragem, ainda tinha que resolver o problema das meninas. Pedro continuava possesso e eu não conseguia esquecer a Cristal

nos braços do Henrique. Porra! Será que Pedro tinha razão quando disse que eu estava me apaixonando pela dondoca? Era castigo, não havia outra explicação.

— Já devem ter ido. — Pedro marchava até a caminhonete. — Você demorou um século distribuindo autógrafos.

Antes que ele partisse e me deixasse para trás, eu entrei na caminhonete, e, imediatamente, ele arrancou. Ainda bem que meu amigo não tinha bebido, senão as coisas poderiam ter sido ainda piores.

Vinte minutos depois chegamos à fazenda do Rodrigo. Estava cheia como sempre, e estacionamos próximo aos outros carros. Descemos pela trilha que dava acesso ao local e eu já podia ouvir o som do violão junto com o da galera cantando.

*E aí, quando vem me ver?
Tô aqui esperando você.
E nem dormi e a noite já passou
Não consigo mais me dominar
Você me enfeitiçou
E a gente nem ficou...
Olha o que me causou...*

“A gente nem ficou” — Jorge & Mateus

Assim que chegamos, algumas garotas nos cumprimentaram, bem como os caras que estavam tocando. Entre as meninas, estava a Carol, sentada em uma cadeira de praia próxima à fogueira. Ela me olhou e, discretamente, apontou para onde estava a Pietra.

Sentada ao lado do Henrique, ela ria de algo que devia ser muito engraçado. E eu tinha uma séria desconfiança de que a piada era sobre mim.

Mari estava em pé, encostada em uma árvore. A conversa entre ela e o Rodrigo parecia ser mais séria. Pedro estava prestes a correr em direção a eles, então eu parei em sua frente e o segurei com as duas mãos.

— Calma lá, amigo. Me deixa resolver isso. Vou falar com a Mari e, apesar de ainda não concordar com a ideia de vocês ficarem juntos, acho que precisam conversar.

Pedro olhou para mim e de volta para onde estavam Mari e Rodrigo, que ainda não tinham percebido a nossa presença.

— Tira ela de lá agora, Lucas. Antes que eu faça uma besteira. — Foi a única coisa que ele conseguiu falar.

Fui até eles e, no caminho, passei por Pietra, que se levantou e me seguiu, deixando Henrique sentado.

— O que você vai fazer, Lucas? — perguntou.

— Não é da sua conta — respondi sem me virar.

Quando cheguei perto, Mariana levantou os olhos e me viu. Ela nitidamente ficou com medo e saiu de perto do Rodrigo para ir ao meu encontro.

— Maninho.... — Ela implorava com os olhos para eu não fazer uma besteira.

— Pequena, vamos embora — disse e a puxei pela mão, arrastando-a atrás de mim. Se demorasse mais um minuto, seria capaz de Pedro jogar Rodrigo no lago.

— Lucas! — Rodrigo estava atrás de nós com cara de poucos amigos. — Mariana agora é minha namorada, e quero que você respeite isso — disse ele, e eu não conseguia acreditar que ele era tão burro a ponto de se deixar levar pela minha prima.

Vi que Pietra estava do outro lado observando a cena e mantive Mariana junto a mim. A música tinha parado e todos nos encaravam para ver se aquilo ia dar em briga. O local era um pouco escuro, apesar da claridade que vinha das tochas e da fogueira.

— Rodrigo, não me leve a mal. Preciso conversar com a Mariana. Se amanhã ela ainda insistir no namoro, vocês terão a minha aprovação — respondi, e ele não retrucou. — E você, vem também. — Apontei para Pietra, que cruzou os braços e fechou a cara.

— Pietra, é melhor vir — Mariana disse com uma voz triste, e a patricinha concordou.

Cristal caminhou até o banco onde Henrique estava e sussurrou algo no seu ouvido. Ele respondeu e os dois me olharam. Antes que eu fosse lá tirar satisfações, levei Mari até a caminhonete e abri a porta para ela entrar. Minha prima e Pedro trocaram olhares, mas ambos estavam mudos.

Me sentei no banco da frente e esperamos Pietra chegar. Ela entrou, bateu a porta com muita força e disse:

— Pronto, homem das cavernas, estamos aqui! — Sua provocação fazia meu sangue ferver.

— Mari, avisa ao tio que você vai dormir na minha casa. — Olhei para trás para ver como ela estava. — Acho que temos muito o que conversar.

Pedro ligou a caminhonete e partiu.

Eu estava pensando em todos os acontecimentos da noite, na verdade nos das últimas duas semanas. Pietra estava envolvida em todos eles. Quando a vi se engraçando com o Henrique, tive vontade de socar a cara do maldito novamente. Como ela podia estar com um cara que tinha apostado que a comeria? Mas eu tive que me segurar, não podia sair por aí acertando a cara das pessoas sem mais nem menos. Pietra era maior de idade, mas vê-la com ele me deixou doente. Agradei por ter as merdas do Pedro e da Mari para desviar a minha atenção. Não conseguia colocar os pensamentos em ordem. A verdade era que a Cristal abalava o meu mundo, e isso me deixava confuso.

Ninguém falava nada, o silêncio era total. Eu não sabia o que faria em relação à Pietra, minha cabeça estava fervendo, mas uma coisa era certa: precisava colocá-la para fora da minha vida, de uma forma ou de outra.

Chegamos em casa e Mariana desceu da caminhonete como um raio. Abriu a porta correndo com a chave reserva que eu havia escondido. Pedro a seguiu gritando e pedindo que ela parasse. Saí da caminhonete e Pietra fez o mesmo depois. Antes que ela passasse pela porta, eu a segurei pelo braço com força. Mas que merda! Eu estava extremamente irritado com ela.

— Por que esse sorrisinho cínico? Você planejou isso tudo, não foi? — Fui direto ao ponto. Pietra estava sorrindo ao ver Pedro correr atrás de Mariana, e ali eu tive certeza de que tudo tinha o dedo dela. Aquela garota estava brincando com fogo.

Pietra puxou o braço e deu um passo para trás em direção à rua.

— Você ficou louco, Lucas? — respondeu praticamente gritando no meio da calçada. — Mari faz o que quiser da vida dela! — continuou esbravejando e eu já estava com medo de os vizinhos saírem para ver que barraco era aquele. — Mas confesso que dei uma ajudinha... Pedro precisava de uma sacudida. — Eu sabia. Nunca me enganava a respeito da patricinha, mas, se ela achava que poderia manipular todo mundo, tinha mexido com a família errada.

— Não quero mais saber de você se metendo nas nossas vidas. — Caminhei enquanto falava, deixando meu corpo bem próximo ao dela.

Pietra abria a boca e fechava como um peixe fora d'água, mas eu continuei minhas acusações, sem deixá-la respirar.

— Sabe o que você é, Pietra? — pronunciei o nome dela com desdém. — Uma patricinha fútil e mimada que acha que pode tudo. Mas você não pode.

— Você tem que deixar a Mariana viver — disse ela, decidida. Nossos corpos estavam muito perto, e eu pude sentir um cheiro leve de álcool em seu hálito.

— Você não sabe de nada, garota — retruquei e cheguei ainda mais perto, aprisionando seus olhos nos meus. — Você nem conhece o significado da palavra família. Nem seu pai te aguenta. Fútil, perdida e sozinha. — Pietra desviou os olhos e eu senti que estava passando dos limites, mas não conseguia parar. Tinha que mantê-la longe de mim, e aquela era a maneira que tinha encontrado para afastá-la. — Vazia! É isso que você é, garota. Uma boneca oca por dentro, que não sabe o que é o amor que sinto pela minha prima.

Vi lágrimas em seus olhos. Merda! Merda! Pietra mais uma vez estava chorando. Mas logo ela levou as mãos ao rosto, secou as lágrimas que rolavam e me encarou com a raiva que eu tinha causado.

— Você não me conhece. — Sua voz seca mas autoritária me fez recuar. — Não sabe nada sobre a minha vida e o que eu passei. — Senti tristeza em suas palavras. — Eu odeio como você acha que sabe de tudo, mas quer saber de uma coisa, Ranger? — Bateu o dedo indicador no meu peito com muita força. — Você também é sozinho, assim como eu. Ou acha que acredito nessa vidinha de peão solto no mundo que você leva? Isso é uma desculpa. Você é tão oco quanto eu, Lucas Ranger. — Ela pronunciou o meu nome com desprezo.

Mais uma vez eu a tinha magoado. Tentei pedir desculpas, mas, antes de pronunciar as palavras, ela se virou e começou a caminhar pela rua escura. Merda! Aonde ela estava indo?

— Pietra, volta aqui! — gritei, mas ela nem sequer olhou para trás ou diminuiu seus passos. — Por favor, eu passei dos limites. Desculpa, era isso que você queria ouvir? — Vi que ela parou e se virou, olhando para trás.

— Some da minha frente, Ranger. — Pietra sempre tinha uma atitude superior, e a mágoa que vi em seus olhos no dia da tempestade na minha casa não chegava aos pés da que eu presenciei naquele momento.

— Aonde você vai? — perguntei, diminuindo a distância entre nós.

Pietra voltou a caminhar na minha frente.

— Para a fazenda — respondeu direta. Eu pensei que tivesse ouvido errado, pois o que ela havia dito era uma loucura. Ir para a fazenda a pé?

Corri até ela e a parei com as mãos, segurando os seus ombros. Pietra tentou se afastar, mas eu a segurei.

— Escuta. — Ela não me olhava, então segurei o seu queixo fazendo seus olhos verdes me encararem. Aquele olhar fazia meu coração se apertar. Como eu pude ser tão grosso? — Não precisa me desculpar. Eu sei que fui um cavalo e que mereço toda a sua raiva, mas deixa eu te levar em casa — argumentei e percebi que ela estava analisando a proposta. Então Pietra assentiu e respondeu apenas “ok”.

Caminhamos de volta para a minha casa. Ainda havia gente se divertindo, e provavelmente seria uma das noites em que Raquel fecharia bem tarde. A rua também estava tomada. O rodeio tinha acabado, mas as pessoas permaneciam na cidade.

Pietra abriu a porta da minha caminhonete e entrou. Sua carranca ainda era de poucos amigos.

— Preciso avisar o Pedro e a Mari — eu disse, abrindo a porta para descer, mas Pietra segurou o meu braço. O calor de suas mãos me provocou arrepios. Assim que percebeu o seu efeito sobre mim, ela recuou.

— Não precisa — disse ela, me soltando. — Mandeí uma mensagem para ela, não queria que a Mari se preocupasse. — Senti que o carinho dela pela minha prima era verdadeiro. E isso me deixou ainda mais culpado pela minha atitude.

Virei a chave na ignição e partimos. O silêncio era constrangedor, mas eu não sabia o que falar. Pedir desculpas não adiantaria. Ela era orgulhosa, mas também tinha um coração fácil de magoar, e eu tinha me esquecido disso. Começou a chover, o que deixou o clima ainda mais pesado.

Quando chegamos à fazenda, a chuva estava intensa. Antes que Pietra saísse da caminhonete, eu a segurei.

— Desculpa, ok? — Passei as mãos no cabelo, nervoso. Por que ela me deixava assim? — Eu sei que exagerei em algumas coisas, mas não foi minha intenção te magoar.

— Sim. — Soltei a respiração que nem percebi que estava segurando e sorri. Afinal, ela tinha me desculpado. Em seguida, Pietra completou: — Você quis, sim, me magoar e conseguiu. — Droga! Descobri que estava fodido.

Como a chuva estava forte, ela desceu da caminhonete e foi correndo em direção à porta da casa. Fiz o mesmo sem me importar em me molhar. Corri atrás dela e quase caí quando meu pé afundou em uma poça d’água. Mas eu a alcancei e a puxei pela cintura fazendo com que parasse.

Pietra começou a espernear e a gritar ao mesmo tempo. Fiquei de frente para ela e, mesmo com a chuva em seu rosto, eu conseguia perceber que os olhos estavam lacrimejando. Ela começou a esmurrar meu peito com as duas mãos, enquanto colocava para fora toda a raiva que sentia.

— Odeio você, seu caipira desgraçado.

— Não, não odeia. — Ela parou de supetão com minha declaração e levantou o rosto, me encarando. Estar tão perto dela, e sentir aquele corpo colado ao meu, despertou o meu desejo. Naquele momento, eu tive certeza: precisava tê-la a todo custo.

— O que você quer, Ranger? — Sua voz estava carregada com o mesmo desejo que eu sentia.

Colei meus lábios nos dela, em um beijo nada paciente. Apertei Pietra contra o meu corpo e senti suas mãos enlaçarem o meu pescoço possessivamente. Ela me puxava, tentando tomar tudo de mim.

Em resposta, eu invadia seus lábios, possuindo sua boca com a minha língua. Descolei nossos lábios e pude ouvir as nossas respirações. Um raio clareou o céu, e vi seu sutiã por baixo da camisa branca molhada. Levei a mão até eles e ela gemeu com meu toque.

— Eu quero você, Cristal. — Finalmente respondi sua pergunta, embora o beijo já tivesse sido claro o bastante.

Pietra voltou a ficar na ponta dos pés, me alcançou e me beijou novamente. A chuva caía em nós, e o calor que eu sentia por aquela mulher só aumentava. Gemi quando senti meus lábios presos em seus dentes.

— Também quero você, peão. — Ouvir sua confirmação me deixou duro como pedra. O corpo dela também ansiava pelo meu. Eu podia ver a excitação em seus olhos.

Peguei Pietra nos braços e a carreguei até a caminhonete. Assim que a coloquei no chão, ela me empurrou contra o capô e colocou as mãos por baixo da minha camiseta encharcada. Meu corpo inteiro tremeu com o calor do toque. Fiz o que desejava: abri botão por botão da camisa dela.

— Lucas, está chovendo — ela disse, sorrindo, mas me deixando totalmente livre para chegar aos seus seios. Virei Pietra de costas para mim, contra o meu corpo, e abri o sutiã. Segurei seus seios e confirmei quanto eram perfeitos em minhas mãos. Ela colocou a bunda em minha virilha e eu rocei meu pau em seu traseiro, fazendo com que ambos gemêssemos. Chegava a doer o desejo que sentia por ela. Continuei acariciando seus seios molhados. Pietra apoiou a cabeça no meu ombro, gemendo cada vez mais com as carícias que eu fazia em seus mamilos, já enrijecidos.

— Eu sei que está chovendo. — Depois de alguns minutos, resolvi responder à altura: — E nem toda essa água apaga o fogo que eu sinto quando estou perto de você — confessei entre lambidas em sua nuca. Distribuí beijos em seu pescoço até chegar ao seu ouvido. — Quero você, Cristal, e tem que ser aqui e agora — disse e não reconheci minha própria voz embargada pelo tesão. Tudo parecia conspirar para o que estávamos fazendo: a chuva, o céu rajado pelos raios, a escuridão a nossa volta. Eu me afastei dela para abrir a porta da caminhonete e pegar um preservativo no porta-luvas. Quando me virei, quase caí para trás: Pietra estava quase nua, vestindo apenas uma calcinha minúscula branca.

Ela enxugava a água que caía no seu rosto e puxava os cabelos para trás. Olhei para o seu corpo como um animal faminto. Mesmo no escuro eu conseguia reconhecer cada traço dela. Pietra era linda de uma forma natural, não tinha curvas tão estonteantes, mas era perfeita para mim. Enquanto eu me deliciava com a visão à minha frente, ela se aproximou e, sem desviar os olhos dos meus, levou suas mãos até minha blusa e a tirou. Em seguida, fez o mesmo com a minha camiseta. Nós nos abraçamos e, enquanto ela me beijava, suas mãos desceram para o meu jeans, abrindo o botão.

— O que você esconde aqui, garanhão? — A chuva tinha diminuído um pouco. Pietra abaixou minha calça e alcançou o meu pau. Grunhi como um animal no cio. Ela se ajoelhou na grama encharcada. Não acreditei que ela faria aquilo. Não a queria ajoelhada daquela maneira, mas não consegui emitir uma palavra, paralisado pela antecipação do prazer que estava por vir.

Com uma das mãos, Pietra abaixou minha calça até o chão, e com a outra segurou meu membro totalmente ereto. Desejei que estivesse claro para enxergar nitidamente o que ela estava fazendo. Apesar de não ver, eu senti... E como senti! A boca da Cristal me tomava quase por inteiro. Eu sentia

o vaivém dos seus lábios me fazendo perder o equilíbrio. Tive que me encostar na caminhonete para não desabar.

— Que boca gostosa — murmurei enquanto levava as mãos para segurar o seu cabelo.

Ela me lambia e me chupava com perfeição. Segurava a base do meu pau com uma das mãos, enquanto contornava o restante com seus lábios lindos e quentes. Eu a desejava tanto que já estava a ponto de gozar.

Levantei Pietra de forma abrupta. Sua carinha de assustada me fez sorrir.

— Quero gozar quando estiver dentro de você — expliquei, enquanto tirava as botas e a calça para fodê-la com liberdade. — Se vira, linda. — Encostei seu corpo na porta da caminhonete antes que ela pudesse assentir.

— Lucas, e os funcionários? — ela perguntou, assustada.

Foda-se, ninguém sairia no meio de uma chuva como aquela, a não ser dois malucos a ponto de transar entre raios e trovões.

— Não interessa — respondi em um tom tão duro quanto o meu pau. — Abre as pernas, Pietra — ordenei e ela não respondeu. Suas mãos estavam espalmadas na porta da caminhonete e eu vislumbrei sua bunda perfeita. Dei um tapa forte em seu traseiro, para que no dia seguinte ela lembrasse quem tinha estado ali.

Desenrolei o preservativo no meu membro e, antes de pegar o que eu queria, levei um dedo até sua boceta e escutei Pietra arfar.

— Está molhada da chuva? — Retirei o dedo e o levei até seu rosto. Contrariando minhas expectativas, ela o chupou e gemeu ao sentir o próprio gosto. — Muito gostosa. — Sorriu com o meu elogio. — Agora, vamos te comer, linda — disse, já encaixando meu pau em sua entrada. Pietra não era virgem, mas era apertada pra caralho. Deslizei um pouco mais, e mesmo com o preservativo senti o calor do seu interior. Deliciosa!

Antes de eu chegar ao fundo, Pietra começou a rebolar, fazendo meu pau se remexer dentro dela.

— Lucas, eu não aguento mais essa demora — suplicou, e eu entendi seu desespero. Estava tentando ir devagar, prolongar o prazer, mas me sentia um vulcão prestes a explodir.

— Gosta forte, né? — perguntei e me afundei de uma vez. — Ah, meu pai. — Senti que ela estava me sugando para dentro. — Faz isso de novo! — pedi e senti meu pau sendo apertado.

Pietra rebolava e eu comecei a aumentar o ritmo dos meus movimentos. Entrava e saía dela com facilidade, como se conhecesse cada parte do seu corpo. Era muito familiar para mim, familiar até demais. Ela passou os dedos pelos lábios e alcançou o clitóris, estimulando-se em movimentos circulares. Era excitante vê-la buscar o próprio prazer.

— Eu vou gozar, Lucas. — Gemeu baixo, abrindo mais as pernas e impulsionando o quadril contra mim. Eu também estava no limite. Segurei seu cabelo com uma das mãos e o puxei de forma bruta para trás, até que senti seu rosto perto do meu.

— Se lembra dos oito segundos? — sussurrei as palavras que eram puro tesão em seu ouvido.

— Sim — arfou.

— Conte até oito, Pietra. — Soltei seus cabelos e comecei a meter com uma intensidade que até eu desconhecia. Contei mentalmente junto com ela. No seis, sua voz já estava fraca e ela

convulsionava em minhas mãos. Segurei sua cintura e gritei no oitavo segundo, liberando tudo que estava preso em mim. Gozamos juntos, e Pietra ficou mole em meus braços.

Abri a caminhonete e a deitei no banco de trás. Com a luz acesa, pude ver sua cara de satisfação e saciedade.

— Lucas? — ela me chamou quando fiz menção de me afastar. A chuva tinha cessado totalmente, o que era um alívio. Estávamos encharcados, mas não havia arrependimentos.

— Não vamos estragar o que aconteceu com palavras. Amanhã conversamos. — Fui firme, e ela entendeu. Não tinha a menor chance de eu discutir com ela. O que eu mais queria naquele momento era levá-la para a cama e começar tudo de novo.

Pietra

— Lucas, precisamos dormir — murmurei sonolenta, sentindo um corpo forte pressionar o meu na cama. Lucas era insaciável. Meu Deus, o homem era uma máquina!

— Dormir é para os fracos — disse, alternando as palavras entre lambidas no meu ouvido. — Nesse momento, quero comer você de novo. — Passou a beijar o meu pescoço, e, em um piscar de olhos, eu estava montada nele. — Vem, Cristal. Eu sei que você está louca para cavalgar no garanhão aqui.

Sentada em seu quadril, eu sentia o seu membro totalmente ereto me pressionar. Percebi que Lucas já estava com o preservativo, o que me fez sorrir... Lucas era muito convencido. Também, pudera, com uma disposição daquela, o homem realmente era um perigo.

— Vai negar fogo? — Sua voz divertida contrastava com seus olhos semicerrados. — Na cidade não tem macho de verdade?

Lucas era um grosso, mas, em vez de me sentir ofendida, eu ficava extremamente excitada com suas palavras chulas.

Ergui o corpo na altura necessária para encaixar meu sexo ao dele e desci devagar por sua ereção, gemendo.

— Meu Deus, Pietra. Você é muita gostosa. — Lucas começou a investir lentamente. A sensação de ser preenchida por ele era indescritível. Comecei minha vida sexual relativamente cedo, não tanto quanto as adolescentes de hoje, eu já tinha 18 anos, mas nenhuma das transas que tive se comparava ao sexo com Lucas. O que sentia era diferente, era maravilhoso e, ao mesmo tempo, assustador.

— Lucas... — Gemi de prazer com suas mãos em meus seios. Seu toque arrepiava cada centímetro da minha pele. Todo o meu corpo respondia ao seu contato, como se o reconhecesse de outras vidas. — Que delícia!

Lucas me puxou pela nuca com uma das mãos. Assim que sua boca ficou próxima ao meu ouvido, suas palavras me excitaram ainda mais.

— Eu sei. Você já disse isso algumas vezes essa noite. — Mesmo presunçoso, ele estava certo. O sexo na chuva, depois no chuveiro e na cama, tinha sido incrível. E aquele não estava deixando nada a desejar. — Fique assim, linda.

Continuei deitada sobre o corpo dele, e Lucas começou a movimentar o quadril de forma rápida e devastadora. Eu já estava a ponto de gozar novamente, quando ele parou. Sério, ele parou!

— Poxa, Lucas, eu estava quase lá — disse levantando o corpo e um pouco contrariada por ele ter interrompido mais um orgasmo intenso.

Ele levantou o olhar para minha boca e sorriu. O desgraçado tinha um sorriso perfeito, meio malicioso e meio moleque. Na medida certa para me fazer ficar ainda mais molhada.

— Eu sei, você já estava me sugando com a sua boceta apertada. — Juro que talvez pela primeira vez eu tenha ficado corada, pois senti meu rosto queimar. — Tá com vergonha, Cristal? — Ele virou nossos corpos, ficando agora por cima, sem sair de dentro de mim. — Nesse momento, estou com meu pau todo enterrado em você. — Depois de dizer isso, ele o tirou completamente. Estava todo melado pelos meus fluidos. — Hummm... E pelo visto você também está gostando. — Passou os dedos por cima da camisinha e depois levou à boca. — Gostosa pra caralho e ainda fica corada. Perfeita!

Lucas se abaixou e começou a me beijar. Nada comparado ao beijo na chuva, mas mesmo assim foi intenso, tudo com o Lucas era desmedido. Sua língua brincava com a minha, e eu sentia leves mordidas nos lábios e no queixo. Seu pau começou a entrar e sair devagar de dentro de mim. Comecei a ter aquela sensação novamente. Sentia que estava caindo, meus pensamentos já não faziam sentido. Agarrei o lençol e arqueei meu corpo necessitando dele e implorando por ele. Senti uma de suas mãos alcançarem o meu clitóris. Lucas mordeu e segurou o lóbulo da minha orelha com os lábios, enquanto fazia movimentos em meu ponto sensível, me enlouquecendo.

— Vem comigo, Cristal. — Com os cotovelos apoiados no colchão e cada mão de um lado da minha cabeça, Lucas ficou muito próximo a mim, encarando meus olhos, buscando algo que eu não sabia o que era.

Tive vontade de gritar quando ele abaixou a cabeça, desviou dos meus olhos e capturou um dos meus mamilos com a boca. Soltei palavras sem sentido em meio a gemidos.

— Vamos lá, Potranca. Goza gostoso! — Lucas disse, dando um tapa no lado externo da minha coxa. Senti o formigamento de sua mão contra minha pele subir como um fogo me consumindo, então gozei forte. Não sei se gritei, se gemi ou se chorei. Só sei que me perdi. De uma forma tão intensa que eu nunca mais queria me encontrar.

— Pietra... — Ouvi meu nome sendo pronunciado, mas já estava distante. Adormeci exausta.



Acordei com o toque do meu celular e instantaneamente passei o braço ao meu lado para ver se Lucas estava comigo. Ao sentir o vazio na cama, uma frustração tomou conta de mim. Mas logo me lembrei de tudo, e um sorriso idiota despontou no meu rosto. Meu despertador estava tocando e eu nem me lembrava de tê-lo programado.

Levantei e caminhei até a minha penteadeira.

— Meu Deus, estou igualzinha à Bruxa do 71, do Chaves — brinquei, sorrindo para o espelho. Meu cabelo estava espetado e despenteado, meu rosto vermelho, havia marcas no meu pescoço e meus lábios estavam inchados.

— Droga, Lucas fez um bom trabalho. — Estava virando para ir ao banheiro, quando percebi um bilhete pregado no canto do espelho. Eu o peguei para ler e dessa vez abri um sorriso de orelha a orelha. Era do Lucas.

Adorei a noite! Tive que sair para atender uma emergência. Animal ferido.

Mas se prepara, vou te buscar para passar o dia comigo.

Use botas. Você fica gostosa com elas.

Beijos para a minha Potranca.

— *Ranger.*

Olhei para o bilhete e para o meu celular. *Putz!* Não tinha nem amanhecido ainda. Provavelmente Lucas tinha programado o despertador. O aparelho também mostrava duas ligações perdidas da minha amiga Letícia. Estava com saudades da minha companheira de farra.

Tomei um banho rápido e sequei meu cabelo para sair com ele solto. Vesti um short jeans e uma camisa de botão de mangas curtas. Um cinto não muito largo combinava com as botas de caubói. Passei só protetor solar e um brilho labial. Peguei os óculos escuros e descí correndo as escadas em direção à cozinha.

— Bom dia, Lúcia — cumprimentei a cozinheira e me surpreendi ao ver que ela já estava trabalhando. Sempre ouvi meu pai dizer que o dia na fazenda começava cedo, mas não pensei que fosse tanto. Lúcia me olhou espantada. Eu não costumava ser tão gentil, mas, com a noite anterior, meu humor estava mais que perfeito. — Você por acaso viu o... — Virei a cabeça enquanto falava e dei de cara com ele. — Lucas?

Ele estava sentado em uma cadeira, próximo à mesa, terminando de descascar uma laranja que colocou em uma cesta enorme ao seu lado.

— Bom dia, Cristal. Dormiu bem? — Seu olhar malicioso me fez sorrir. O desgraçado sabia que tinha me dado uma canseira.

— Sim, e você? Parece cansado. — Eu me atrevi a desafiá-lo.

Lucas sorriu abaixando a cabeça, mas ainda me olhando. Lúcia parecia alheia à nossa conversa.

— Um pouco. Tive que domar uma potranca, não foi fácil, mas no fim consegui o que queria. — Para muitos poderia parecer uma ofensa, mas eu sabia que Lucas estava me provocando. Foi assim desde que nos vimos pela primeira vez. — Vamos lá? — ele me chamou ao levantar, segurando a cesta nas mãos.

Dei uma olhada na Aparecida, que estava ao lado da Lúcia. Não sei se as duas eram discretas ou se estavam se fazendo de sonsas para escutar minha conversa com o Lucas. Não me importei, estava bem demais para me preocupar com fofocas.

— E aonde vamos? — questionei quando saímos pela porta, deixando a cozinha. Antes de responder, ele olhou de um lado para outro. Acompanhei seus olhos para tentar descobrir o que procurava, mas estava muito escuro. Foi quando senti seus lábios tocarem os meus carinhosamente.

— É uma surpresa. — Encostou na ponta do meu nariz com o dedo indicador. Quase derreti com aquele gesto. Estava virando uma pamonha.

Lucas pegou em minha mão, entrelaçando meus dedos aos dele. Estava vestido como sempre, camisa xadrez e jeans: totalmente delicioso. Andamos até a porta do galpão, e fiquei surpresa.

— Vamos começar o dia no galpão? De novo? — perguntei e torci o nariz quando ele me olhou.

— Claro que não, sua boba. Vamos pegar o Ventania — respondeu naturalmente.

Paralisei e Lucas tentou me arrastar com ele.

— Você está querendo dizer que vamos a cavalo? — Ele sorriu assentindo e eu não acreditei na sua resposta. — Nem morta que eu ando naquele animal.

Lucas bufou divertido. Acho que nunca o tinha visto tão à vontade. Passou uma das mãos em minha cintura e me puxou para ele.

— Querida, você está segura comigo. Sou o melhor peão da região. — Abaixou a cabeça em direção ao meu ouvido. — E eu sei que você sabe cavalgar. Meu pau ainda se lembra de você galopando em cima de mim.

Eu me afastei dele.

— Nossa, Lucas. Você não presta! — Dei um soco em seu ombro e não esperei uma resposta. Saí andando em sua frente. Aquele homem seria minha perdição.

— Posso ouvir sua risada, Cristal — disse ele atrás de mim. Eu ainda iria matá-lo por aquele apelido ridículo.

Como não tive escolha, montei o Ventania com o Lucas. Não me lembrava se andara a cavalo quando criança. No começo, a sensação foi horrível, mas, com o corpo do Lucas tão perto e uma de suas mãos apertando meu quadril contra ele, me esqueci de tudo. Até pular de bungee-jump com o Lucas seria perfeito.

Ainda estava meio escuro e, como se soubesse o caminho, o Ventania seguiu por um trieiro quase imperceptível.

— Sabe se a Mari está bem? — Eu estava preocupada. Se Pedro a tivesse rejeitado novamente, ela estaria péssima.

Lucas bufou.

— Eu liguei para ela. Acho que os dois colocaram os pingos nos “is”.

Lucas era muito ciumento, mas a vontade de ver a prima feliz era maior do que qualquer coisa. Eu estava começando a admirar a personalidade dele.

Eu apreciava o clima de pós-chuva com Lucas agarrado a minha cintura.

— Confie em mim, você vai adorar — ele sussurrou em meu ouvido, me segurando forte. E o pior é que eu confiava de olhos fechados nele.

Todas as células do meu corpo diziam que aquilo estava errado. Desde que tinha chegado à fazenda, eu e Lucas vivíamos em pé de guerra. Como tudo poderia ter mudado tão de repente?

— Algum problema, Potranca? — Acho que Lucas sentiu a tensão em meu corpo. — Não me diga que ainda está com medo do Ventania? Ele é inofensivo — brincou.

Mal sabia Lucas o que se passava pela minha cabeça e que todos os altos e baixos que eu estava vivendo o envolviam.

— Já estou me acostumando com esse animal.

— Essa é a minha Cristal.

Fechei os olhos ao ouvir aquele apelido ridículo: eu já estava me acostumando.

— Chegamos!

Quando abri os olhos, a paisagem que vi me tirou o ar. Lucas pulou no chão, e, enquanto uma de suas mãos segurava o arreio para o Ventania manter-se imóvel, a outra estava estendida em minha direção.

Desci do cavalo com a ajuda de Lucas e, assim que meus pés tocaram o chão, notei que ele me encarava de uma forma diferente. Seus olhos brilhavam, e eu senti toda a vibração do seu corpo quando sua boca tocou a minha.

Meu Deus! Onde estou com a cabeça que não percebi isso chegando?

— Me dá um minuto, vou prender o Ventania — disse ele e caminhou segurando as rédeas até uma árvore próxima. Por mais que estivesse ciente da paisagem única ao nosso redor, eu não ousava desviar o olhar do Lucas.

Depois de prender o cavalo, Lucas pegou a cesta e caminhou de volta.

— Vem — disse, pegando a minha mão. — Você vai perder a festa.

Fechei a cara e Lucas sorriu.

— Meu conceito de festa é um pouco diferente — provoqueei.

— Eu sei, mas, depois que provar o que vou te proporcionar, você nunca mais vai trocar isso aqui pela cidade grande.

Assim que terminou de falar, apontou para a cachoeira a nossa frente. Os primeiros raios de sol refletiam na água cristalina.

— Uau! — exclamei.

Lucas deu um sorrisinho de “eu não te disse?”, me deixando sem graça. Mas ele estava certo: nada que eu tinha vivido se comparava àquele momento. E essa constatação me deixava ainda mais confusa. Como se eu não tivesse habitado meu corpo até então e só tivesse despertado depois de chegar à fazenda.

— Senta aqui — disse ele, depois de estender a toalha e se sentar no chão.

Nunca vi ninguém

Viver tão feliz

Como eu no sertão

Perto de uma mata

E de um ribeirão.

Deus e eu no sertão

“Deus e eu no sertão” — Victor & Leo

— Ranger poeta? Essa foi boa. — Eu me sentei ao seu lado e me delicieei com sua risada.

— Bem que eu queria, mas não é um poema, e sim uma música.

Dei de ombros, pois com certeza não a conhecia.

Permanecemos ali, sem dizer muita coisa, somente apreciando o nascer do sol. Fiquei impressionada com quanto aquilo era romântico. E eu que achei que Lucas correria de mim.

Em certo momento, para quebrar o silêncio, Lucas começou a tirar da cesta o que chamou de nosso café da manhã.

— Trouxe sanduíches, frutas, doces, suco e o meu preferido... — Ri quando ele tirou um Danoninho da cesta. — Ei, tem que ser muito macho para admitir que gosta de Danoninho — disse ele, fingendo-se ofendido.

Comemos de tudo um pouco e eu perguntei quem tinha preparado os sanduíches, pois estavam deliciosos. Lucas jurou de pés juntos que tinha sido ele, o que eu duvidava totalmente.

Como resposta às minhas provocações, Lucas ameaçava me atirar na cachoeira. Claro que acabamos na água gelada, mas, por sorte, consegui tirar as roupas antes. Estava de calcinha e sutiã e não consegui esconder o meu desejo ao vê-lo somente de cueca. Mas Lucas se negava a transar ali, pois sabia que a cachoeira era muito visitada pelos funcionários e suas famílias nos fins de semana.

Depois de nos secarmos, nos vestimos e montamos o Ventania para voltar para a fazenda. Antes de chegar perto da sede, Lucas desviou do caminho e me levou a um campo que eu não conhecia.

— Vou te mostrar meu segundo lugar preferido na fazenda.

Então, alguns metros depois, eu avistei, como no meu sonho, uma plantação enorme de girassóis. Dessa vez nem esperei Lucas me ajudar a descer. Pulei do cavalo e andei meio desequilibrada até as flores.

— Lucas, o que é...? — Perdi a voz ao olhar para a plantação novamente. Minha pele arrepiou quando me lembrei da minha mãe.

Senti seus braços me envolverem, me abraçando, e o cheiro do Lucas me acalmou. Relaxei um pouco quando ele começou a falar.

— Meu tio cuida dos girassóis. É lindo, né? — ele disse. As lembranças me invadiram e eu não conseguia entender o porquê dos sonhos.

— Faz tempo que essa plantação existe? — Tinha que tentar achar alguma pista que ligasse minha mãe àquele lugar.

Lucas me virou para ele e passou a mão pelo meu rosto.

— Muito tempo. Eu sempre vinha aqui quando era criança e estava na fazenda visitando o meu tio. Por quê? — perguntou curioso.

— Nada, é que eu não conhecia esse lugar — disfarcei, pois, antes de explicar os sonhos a alguém, eu teria que entendê-los.

Voltamos para casa e Lucas foi embora com a promessa de voltar à noite. Ele disse que tinha um compromisso durante a tarde, mas, mesmo morrendo de curiosidade, não perguntei o que era.

Nós nos despedimos e eu subi direto para o quarto. Tomei um banho, dessa vez bem demorado. Depois, me sentei na cama ainda de toalha e peguei meu telefone. Fiz uma ligação que evitava fazer havia alguns dias. No terceiro toque, ele atendeu.

— Não me diga que já bateu o carro.

— Oi, papai, também é bom falar com você. E não, não bati o carro — respondi ríspida. Meu pai era sempre tão frio e grosso que eu tinha receio de conversar com ele.

— Que bom, menos um problema. Mas o que aconteceu, então? — Seu tom de voz tinha mudado um pouco, mas nem de longe lembrava a forma carinhosa como Santiago tratava a Mariana.

— Quero ficar mais... — disse de olhos fechados, com medo de me arrepender da decisão. — Quero ficar mais um tempo na fazenda — completei, pois meu pai ainda estava em silêncio.

— Quem é você e o que fez com a minha filha? — Dessa vez, e posso dizer que foi uma das poucas vezes, ouvi meu pai soar divertido.

— É que a Mariana é muito legal, e eu queria passar mais um tempo com ela — tentei ser convincente, não queria colocar Lucas na história, pois nem eu sabia como ficariam as coisas entre nós.

Meu pai concordou e parecia aliviado com a minha decisão. Na certa estava mesmo, assim me manteria longe de problemas. Ele respondeu que eu poderia ficar o tempo que quisesse. Encerrei o telefonema e retornei a ligação da Letícia, mas caiu na caixa postal.

Ouvi uma batida na porta, e, em seguida, Mari entrou no quarto.

— Oi, como foi ontem? — perguntei. Já não me aguentava de tanta curiosidade para saber se o plano tinha dado certo.

Ela estava com uma carinha triste, mas abriu um sorriso tímido.

— Acho que estamos nos entendendo, mas Pedro vai ficar uma semana fora, então não sei como vai ser quando ele voltar. Também foi por isso que vim falar com você. Lucas pediu para te avisar que ele volta só no domingo. Eu dei seu número, ele tentou ligar, mas estava sem sinal.

Não consegui disfarçar minha decepção. *Porra! Logo agora.*

— Onde eles estão?

— O Instituto de Defesa Agropecuária recebeu uma denúncia de uma praga que anda matando alguns animais na região e pediu a ajuda do Lucas. Como a primeira pista indica que a causa está no pasto, ele levou Pedro.

— Entendi. — Eu me sentei na cama com Mari ao meu lado.

— Isso quer dizer que você e o maninho estão juntos? — Foi a sua vez de ser curiosa.

Dei de ombros.

— Não sei. A gente ficou, mas... Lucas é muito complicado e não sei se os nossos mundos vão se encaixar.

— Deixa de besteira, a gente se encaixa onde nosso coração está.

E, dito isso, a Mari saiu, me deixando sozinha com os meus pensamentos. Não sei se rolaria algo além de sexo entre mim e Lucas, mas ele tinha se mostrado uma pessoa diferente no piquenique. E estava claro que eu me sentia cada vez mais atraída por ele.



Foram os sete dias mais longos da minha vida. Tanto eu quanto Mariana estávamos em uma tristeza só. Tentamos nos distrair fazendo compras, fomos à cidade, e Mari até me ensinou a jogar truco. Mas nada do que eu fizesse tirava Lucas da minha cabeça. Comecei a achar que realmente estava gostando dele, pois nunca tinha pensado tanto em uma pessoa. Mari ainda tinha a sorte de que Pedro ligava todos os dias, mas eu e Lucas nunca mais nos falamos. Ele não entrou em contato e eu não me senti segura para tomar a iniciativa.

No domingo, enquanto eu estava sentada no sofá zapeando os canais de TV, meu celular apitou. Quase deixei para lá, mas resolvi ver quem era.

Cheguei. Precisamos conversar.

Te pego na fazenda hoje de tarde e você passa a noite comigo.

Ranger

Meu coração quase saltou pela boca. Meu Deus! Ele voltou! Ele voltou! Dancei pela sala com o celular na mão, mas, quando percebi o que estava fazendo, me sentei de volta e tentei disfarçar.

— Calma, Pietra. Essa não é você — falei sozinha, mas logo abri um novo sorriso. — Que se foda! Eu quero ele.

Resolvi fazer algo que já deveria ter feito: liguei para o Henrique. Ele tinha ajudado muito na finalização da *Operação Segura Peão* e eu lhe devia uma explicação.

— Oi, gata, tudo bem? Caramba! Fiquei uma semana sem minha namorada — ele atendeu brincando.

— Henrique, precisamos conversar — eu disse séria e ouvi a sua risada.

— Me deixa adivinhar... O idiota se tocou?

— Mais ou menos isso — respondi sem conseguir conter a minha alegria. Não sabia se a noite e o dia que tinha passado com Lucas se repetiriam, mas sabia que estava disposta a lutar. Pelo quê, eu ainda não sabia. Eu não era uma mulher de relacionamentos, e sabia que o meu mundo e o do Lucas eram totalmente diferentes, mas as palavras da Mari me convenceram a tentar.

— Gata, por que você não vem aqui em casa? Está rolando um encontro de amigos. Alguns peões estão treinando para o campeonato, e vai ser bacana você conhecer um pouco mais da vida do seu *namorado*. Ele disse que estaria aqui — completou com sarcasmo.

Fiquei pensando se Lucas não tinha vindo direto me procurar por isso, então resolvi fazer uma surpresa e acabei concordando. Seria legal conhecer um pouco mais das paixões do meu caubói, já que não o tinha visto montar na festa.

— Ok, me explica como chegar aí.

O caminho até a sua fazenda não era difícil nem longo. Chegando lá, eu conversaria com ele, deixando tudo em pratos limpos. E ainda mataria a minha curiosidade de ver o Lucas em ação.

Encerrei a ligação e, quando coloquei o celular na estante, vi o ícone de mensagem piscando.

Saudades, meu bebê.

Rafa.

Por mais incrível que pudesse parecer, não senti vontade de responder. Rafa não fazia mais falta. Eu só conseguia pensar no meu lindo peão de olhos azuis.

Lucas

Estava feliz, apesar de tudo ter sido um pouco diferente do que estava acostumado. Achei que uma noite seria o suficiente para tirá-la do meu pensamento, mas me enganei. Eu queria mais e, por isso, planejei o piquenique. Era meio romântico? Sim, mas não era porque não tínhamos um relacionamento que não poderíamos fazer algo assim. Eu tinha sexo sem compromisso com as mulheres com quem me envolvia, mas sabia tratá-las bem, com respeito e sinceridade. Acho que era por isso que elas sempre queriam mais.

Tinha planejado uma noite maravilhosa, mas fui convocado pelo INDEA para assumir o tratamento de alguns animais que estavam morrendo misteriosamente. Conversei com um pecuarista pelo telefone e minha primeira suspeita foi de que a causa era a ingestão de uma erva. Então chamei Pedro, que relutou um pouco, mas seu lado profissional falou mais alto e ele me acompanhou.

Ficamos confinados durante uma semana. De cara eu e Pedro descobrimos que realmente se tratava de um tipo de braquiária venenosa que havia crescido no pasto, mas, até que os animais se recuperassem, eu não poderia voltar. E ele ficou para me fazer companhia.

Evitávamos qualquer assunto que envolvesse as meninas, mas eu sabia que Pedro falava com Mariana todos os dias. Pensei em fazer o mesmo e ligar para Cristal, mas fiquei inseguro, sem saber o que dizer.

Pensava nela 24 horas por dia. Não conseguia evitar. Sua imagem aparecia em minha mente sem pedir permissão. Então, assim que cheguei à cidade, a primeira coisa que fiz foi lhe mandar uma mensagem. Precisávamos conversar e decidir o que fazer. Não era somente sexo, eu era experiente o bastante para saber que era mais que isso. Apenas não sabia ainda o que significava.

Só não tinha ido direto para a Girassol porque o Rodrigo havia me avisado que um dos juízes da Confederação Estadual de Rodeio estaria presente no treino, e eu não poderia perder a oportunidade de trocar algumas palavras com ele.

Cheguei à fazenda do Henrique por volta das três horas. Sorte que o clima estava ameno, nada de muito sol, e a chuva tinha dado uma trégua. Estacionei minha caminhonete e fui direto para a pequena arena que ele tinha montado. No percurso, cumprimentei a todos e tranquilizei o pai do Henrique sobre as mortes dos animais.

Os treinos eram a atração das tardes de domingo, muita gente gostava de nos ver montando e aquilo se estendia até de noite, com muita música e muita dança. Mas naquele dia o meu plano era treinar e voltar para a Girassol. Estava ansioso para reencontrar Pietra.

Como a maioria dos peões, eu vestia calça jeans e camisa de manga longa, e calçava botas, o normal do dia a dia. A diferença era que por cima da calça havia uma proteção de couro, e eu usava um colete de proteção nos ombros, para o caso de o touro vencer e me derrubar. O mesmo equipamento que havia usado na montaria da festa da igreja.

Antes de chegar à arquibancada, avistei Henrique conversando com dois caras, os mesmos que fizeram a tal aposta sobre Cristal. Eu ainda não tinha tirado aquilo da cabeça. Andei em direção a eles, e, assim que notaram minha presença, os dois covardes desconversaram e deixaram Henrique sozinho. Este não vacilou, me encarou e se manteve firme. O desgraçado sabia disfarçar, pois eu tinha certeza de que ele estava se borrando por dentro.

— Boa tarde, Henrique. — Coloquei o colete no chão e apertei sua mão um pouco mais forte do que de costume.

— E aí, Ranger, beleza? — Henrique devolveu o cumprimento com um sorriso sarcástico. — Achei que não iria aparecer, faz tempo que não treina.

— Pois é, Rodrigo me avisou sobre o juiz — expliquei. — Mas, antes de ir para a arena, queria falar com você sobre a Pietra.

Ele abriu ainda mais o sorriso e eu fervei de raiva. Me lembrar dos dois juntos, principalmente do Henrique a tocando, me deixava possesso. Eu sabia que o que eu tinha com a Cristal nem era uma relação ainda, mas estava disposto a ficar com ela pelo tempo que passasse na fazenda. E não aceitava compartilhá-la, muito menos com o babaca do Henrique.

— Esquece isso, cara. — Henrique abanou a mão e saiu andando. — Ela já se explicou. A Potranca te enganou direitinho. — Ele riu de mim ou para mim, não entendi. — Ela está lá. — Divertido, ele apontou para um ponto no meio da arquibancada.

Não sei o que me deu, mas imaginar que Pietra estava ali, principalmente com Henrique, depois de tudo que havia acontecido entre nós, me deixou sem chão. Furioso, andei em direção à arquibancada. Era pequena, somente para que os amigos acompanhassem os treinos. Subi dois degraus, passando por algumas pessoas, e a chamei pelo nome. Erro meu. Não só Pietra se virou, mas outros quatro pares de olhos me fitaram: eram Ângela, Andressa, Ana e Alessandra, as filhas do sr. Ananias, dono do pequeno mercado da cidade. Bem, as duas primeiras eu já tinha pegado. E, segundo o boato que rolava na cidade, as outras duas estavam na fila. Não tinha culpa se elas cobiçavam o que as outras tiveram. Andressa foi a primeira, me teve somente por uma noite, mas foi o suficiente para despertar a inveja nas irmãs. Como elas eram lindas e eu sou um homem livre e desimpedido, não perdi tempo.

— Oi, Ranger — as quatro disseram em uníssono e eu revirei os olhos. Além da beleza, o que elas tinham em comum era o descaramento. O pior foi ver a expressão de raiva nos olhos da Pietra. Claro que, com aquela recepção, ela tinha entendido o que estava acontecendo. Neste caso específico, o que tinha acontecido.

— Oi, meninas — cumprimentei com um sorriso forçado e elas suspiraram. — Pietra, posso falar com você? — perguntei e fiquei alguns segundos esperando, até que ela levantou e segurou minha mão, que havia estendido para ajudá-la a descer os degraus.

Caminhamos até debaixo de uma grande árvore e encontramos Henrique no caminho. Ele nos deu um sorriso de provocação: ou o cara estava procurando encrenca ou se fazendo de idiota.

Quando chegamos, ela se encostou na árvore e eu a encurrelei com meu corpo. Coloquei uma mão de cada lado do seu rosto, não dando chances para ela escapar. Encarei seus olhos verdes à procura de respostas, mas, antes de encontrar, eu a beijei. Estava com tanta saudade que tomei seus lábios com uma intensidade descomunal. Pietra não se afastou, devolvendo o beijo com a mesma vontade. Suas mãos puxaram minha cintura em sua direção e eu deixei que minha pélvis encontrasse o seu quadril. Mas, antes que aquilo virasse um ato obsceno em plena luz do dia, me afastei ofegante. Eu queria mais, e teria, mas não ali.

— O que está fazendo aqui? Eu avisei que ia te buscar mais tarde — eu disse com a voz ainda falha pelo beijo e embargada pela decepção de saber que ela havia voltado a procurar aquele babaca. Pietra entortou um pouco a cabeça e sorriu moleca. — Não quero você perto do Henrique — soltei antes de pensar no que falava. Porra! Estava com ciúme. Desde quando sabia o que era isso?

— Ciúme, garanhão? Estava com saudade. — Ela puxou minha camisa e sua língua deslizou para fora, molhando os lábios. Não pude deixar de me lembrar da sua boquinha perfeita me chupando enquanto a chuva caía sobre nós.

— Nada disso. — Eu me afastei antes de passar vergonha. Estava começando a exhibir uma ereção, e isso não era bom para quem pretendia montar um touro que pesava oitocentos quilos. — Eu e Henrique não nos damos bem, é só isso — expliquei remexendo as pernas, tentando acalmar meu amigão lá de baixo.

— E o que eu tenho com isso? — Ela cruzou os braços. Estava séria... e linda. Usava um vestido curto tomara que caia xadrez vinho, um cinto largo que marcava sua cintura fina, e calçava botas sem saltos. Já seu cabelo estava preso em uma trança lateral um pouco bagunçada pelo vento. Isso tudo me fez pensar que, se algum dia eu me apaixonasse, seria por alguém como ela. Não a Cristal intocável, mas a Pietra simples.

Parei em sua frente outra vez e toquei seu rosto antes de começar a falar. Tinha preparado aquilo para a noite, antes ou depois de me enterrar naquele corpo maravilhoso, mas precisava marcar território naquele momento.

— Quero ficar com você pelo tempo que estiver na fazenda. — Percebi que Pietra segurava a respiração, então soltou um suspiro de alívio. Talvez ela estivesse tão ansiosa para ouvir aquilo quanto eu estava para falar. — Com exclusividade — completei, e ela arregalou os olhos.

— E o que acontece com o *oi, Ranger?* — ela imitou a voz das meninas com desdém, e eu gargalhei.

— Não tenho culpa se todas me querem — provoqueei para que ela também sentisse a raiva que me possuía por causa do Henrique.

Pietra cerrou os olhos, e eu percebi nela a mesma possessividade que eu sentia.

— Como foi a viagem?

— Depois do treino, eu te conto tudo.

Voltamos para a arquibancada, e Pietra se sentou novamente perto das meninas, mas dessa vez mantendo certa distância. Fui para o lado esquerdo do cercado, onde os touros estavam sendo colocados no brete. Vesti meu colete e ajeitei o protetor de couro por cima da calça jeans.

— E aí, Conrado, beleza? — cumprimentei o funcionário da fazenda que sempre me ajudava nos treinos. — O que temos para hoje? — perguntei, apontando para os animais que estavam sendo preparados.

Olhava para Pietra na arquibancada, enquanto ouvia Conrado explicar sobre os touros que estavam no ponto para serem montados.

— Ranger, eu te aconselho a montar o Tufão. Rodrigo tentou e não parou seis segundos — comentou sorrindo e eu o acompanhei. Na verdade, imaginava que o Rodrigo estaria por ali. Mesmo contra a vontade do pai, montar era o sonho dele.

Olhei para o touro. Ele bufava com raiva, era enorme, todo preto com manchas brancas na testa e nas patas. Fiquei apreensivo, pois eu não treinava com um animal tão grande havia semanas e não sabia se estava preparado para o desafio. Respirei fundo e tomei a decisão.

— Prepara ele, Conrado. — Ele assentiu, desceu da cerca e foi em direção ao local onde Tufão estava. Coloquei o capacete para proteger o rosto e a cabeça. Sempre usava os equipamentos de segurança.

Tentei me convencer de que não precisava fazer aquilo para impressionar ninguém, mas sabia que Pietra estava me observando e queria mostrar a ela do que eu era capaz. Coisa de homem. Sabia que ela não tinha me visto montar na noite da festa.

Subi na cerca e ouvi os gritos de todos que assistiam. Eu me concentrei no animal que estava chegando e, assim que ele se posicionou ao meu lado, eu o montei. Segurei o arreio com as mãos, tentando me equilibrar em cima dele, até estar preparado para pedir a abertura da porteira.

Montar sempre foi algo único. Eu sentia a adrenalina do touro atravessar meus ossos. O animal tremia, eu tremia, meu coração tremia. Fechei os olhos e me lembrei das palavras do tio Santiago: “Desligue-se de tudo e concentre-se no animal. Durante oito segundos, você e o touro serão apenas um.”

Respirei fundo e assenti para que Conrado abrisse a porteira. Tudo ficou silencioso ao meu redor, não escutava mais os gritos e nada do que as pessoas pronunciavam. Levantei a mão e, assim que a porteira se abriu, cometi um grande erro: olhei para a arquibancada e vi Henrique ao lado da Cristal. Os dois estavam sorrindo e olhando para mim. Não deu tempo de parar, era tarde demais. O portão se abriu e Tufão saiu em disparada, pulando e rodopiando. Minha cabeça girava na mesma intensidade com que o animal se debatia. Fechei os olhos por um segundo, e no seguinte eu estava no chão. Minhas costas bateram na areia e senti uma dor insuportável descer pela minha coluna até as pernas. Dois funcionários da fazenda, juntamente com Conrado, entraram na arena para tentar afastar

o touro de mim. Tentei levantar, mas não consegui. Um pânico tomou conta de mim: não sentia as pernas.

Rezei para que fosse apenas por causa da pancada. Como veterinário, sabia que, se tivesse acontecido algum dano à minha coluna, o recomendado era ficar imóvel. A dor que sentia deu lugar ao frio. Foi como se estivessem colocando meu corpo em um tanque com gelo.

— Deus, não tire meus movimentos — implorei de olhos fechados e, quando abri novamente, vi um par de olhos verdes me encarando.

Pietra!

— Pelo amor de Deus, Lucas! Diz que está bem!

Pietra

Henrique andou em minha direção e, se ele se sentasse ao meu lado, eu teria que mudar de lugar. Prometi ao Lucas que me afastaria dele e estava disposta a cumprir. Fiquei muito feliz com a proposta de tê-lo com exclusividade. Ficar comigo, exclusivamente comigo, pelo tempo que eu passasse na fazenda, ou seja, acho que teria que ligar para o meu pai e dizer que ficaria na fazenda por tempo indeterminado. Vi que Henrique se sentou próximo às meninas e puxou conversa com elas. Eu havia explicado a ele que nossa farsa tinha chegado ao fim. Era impressionante como a *Operação Segura Peão* tinha sido eficiente. O Pedro estava aos pés da Mari e eu estava nas nuvens pelos momentos que tinha passado com meu garanhão. Henrique tinha entendido tudo e ainda fez piada. Ele era o típico galinha pegador, mas muito divertido.

Escutei uma gritaria, e todos à nossa volta começaram a bater palmas. Como no outro dia, o nome Ranger era gritado aos quatro ventos. Olhei na direção da arena e vi Lucas em cima de uma estrutura de madeira, um cercado. Deus! Meu coração disparou como nunca antes.

Será que...? Não! Impossível. Eu não poderia estar apaixonada por um homem que eu conhecia havia menos de um mês. Então, Lucas sorriu para um cara que estava ao seu lado enquanto ele se preparava para montar e... Puta merda! É, eu estava apaixonada por aquele caipira.

— Ranger! Ranger! Ranger! — As quatro cabritas saltitantes que estavam ao meu lado soltavam gritinhos sincronizados. Olhei para elas querendo fuzilar todas. Percebendo meu semblante de mulher das cavernas, Henrique não perdeu a oportunidade de me provocar.

— Isso daria um livro. O peão e a patricinha — disse sarcástico, porém não detectei maldade em seu comentário. Pelo contrário, concordei, pois era verdade. — Olha lá! — Apontou para a frente, e eu vi a porteira se abrindo.

— Puta merda! — Lucas montava um dinossauro. O touro era enorme. Que cara maluco. Meu coração subiu para a garganta e fechei os olhos por um segundo.

— Meu Deus! — Escutei a voz do Henrique e, quando abri os olhos, vi Lucas deitado no chão, se contorcendo. Henrique desceu alguns degraus e eu o segui. — Fica aqui, Pietra.

— Nem a pau. — Passei por ele, pulei dois degraus e cheguei ao chão. Corri até a porteira de entrada da arena, mal esperei retirarem o touro e entrei. Corri até Lucas, que havia parado de se mexer. Me ajoelhei ao seu lado.

— Pelo amor de Deus, Lucas! Diz que está bem! — pedi e, assim que ele abriu aqueles lindos olhos azuis para mim, eu tive a certeza de que realmente estava apaixonada. E eu não poderia perdê-lo. Não depois de tudo.

— Ranger, cara. — Henrique se ajoelhou do outro lado, e eu pude ver que ele realmente estava preocupado.

Lucas tinha uma expressão de pânico no olhar.

— Não sinto, Henrique... Não sinto minhas pernas — Lucas gemeu e eu levei as mãos à boca para conter o grito que insisti em sair mesmo contra a minha vontade. — Tira ela daqui! Tira a Pietra daqui! — Lucas gritou e eu senti meus braços serem puxados.

— Não! Quero ficar com você! — implorava, mas o olhar dele era de raiva. Mas por que raiva? Olhei para trás, e as mãos que me arrastavam para longe do Lucas eram do Rodrigo.

— Vamos, Pietra, deixa o pessoal ajudá-lo. — Ele tentava me acalmar, esfregando as mãos em meus ombros. — Vai ficar tudo bem.

Joguei os braços para cima e comecei a chorar.

— Como assim bem? Não tem nenhuma ambulância. Tem pelo menos hospital nessa porra de cidade? — Estava desesperada. Lucas precisava de cuidados.

De longe, acompanhei o resgate. Estava muito aflita, algumas pessoas começaram a ajudar o Lucas. Não sei de onde surgiu, mas havia uma maca antiga, na qual ele estava sendo colocado e imobilizado.

— Calma, Pietra. Alguns de nós fizemos curso de primeiros socorros, inclusive o Henrique. Vamos dar assistência ao Lucas e na cidade tem ambulância. Se for preciso, ele vai ser levado ao hospital da região. Mas fica calma, ainda não sabemos o que aconteceu.

Rodrigo me abraçou e eu tentei não chorar, mas foi impossível. Chorei pedindo proteção para aquele que era dono do meu coração.

Uma caminhonete entrou na arena e vários homens levantaram a maca que mantinha Lucas imobilizado. Seu rosto estava pálido, e seus olhos, arregalados. Quando vi a maca sendo colocada na caçamba da caminhonete, corri em direção a ela.

— Me deixa ir com ele? — pedi ao Henrique, que balançou a cabeça negando. — Por favor! — implorei.

— Ele precisa de espaço, Pietra. Avisa ao Santiago e diga que estamos levando ele para o Hospital Regional — Henrique disse apressado e entrou na caminhonete.

Saí correndo em direção ao meu carro. Não tinha levado o celular e precisava falar com o Santiago e com a Mari. Meu Deus, como eu ia contar para ela que o Lucas estava... Ai, meu Deus, não gosto nem de pensar. Rodrigo me acompanhava a passos largos, com o celular na mão e um olhar de frustração.

— Você não está em condições de dirigir — disse ele, e eu não argumentei, pois não estava mesmo. Dei a volta e me sentei no banco do carona, enquanto o Rodrigo ajustava o banco para dirigir meu carro.

Ele me entregou o celular e vi o nome do Santiago nos contatos.

— Fica tentando ligar. Não está completando chamada.

Rodrigo ligou o carro e partiu rápido em direção à fazenda.

Tentei ligar várias vezes para Santiago e para Mariana, mas nada de a ligação completar. Graças a Deus o Rodrigo foi rápido e, pouco depois de passarmos a porteira da entrada da Girassol, paramos em frente a uma casa simples, rodeada por um cercado branco. Não conhecia o local, nem de quando era criança. Vi a caminhonete do Pedro estacionada na entrada. Eu e Rodrigo descemos juntos, e Mari, Pedro e Santiago foram nos receber.

— Que porra você está fazendo aqui? — Pedro chegou gritando e eu entrei na frente antes que ele partisse para cima do coitado do Rodrigo.

— Pietra, você está chorando? — Mari perguntou, vendo meu estado.

Eu estava encolhida, abraçando o meu próprio corpo, sem forças para falar.

— O Lucas...

— O que tem meu sobrinho? — Santiago questionou, nervoso.

Vendo minha fraqueza, Rodrigo se aproximou de mim, ficando ao meu lado.

— Lucas caiu no treino e foi levado para o hospital. — Vi Mari empalidecer e se agarrar ao Pedro, que a segurava para que ela não desabasse. Santiago franziu o cenho, preocupado.

Engoli em seco antes de completar a notícia:

— Ele não sentia as pernas. — Minha voz saiu estrangulada pela dor. Dor que a Mari passou a compartilhar comigo.

— Calma, Mel. — Pedro acariciava seu cabelo. Vi Rodrigo virar o rosto e notei que ele realmente sentia algo a mais pela Mariana. — Pegue suas coisas, faça uma pequena mala com itens pessoais para o Lucas e vamos direto para o hospital. — Pedro foi racional, e Mariana assentiu, tentando conter o choro.

Mari caminhou para dentro da casa e eu fui atrás dela. Deixei os homens conversando e rezei para Pedro e Rodrigo não se estranharem em um momento como aquele. Ajudei Mariana com a mala. Segundo ela, sempre havia coisas do Lucas por lá, o básico. Provavelmente, depois teríamos que passar em sua casa. Abracei Mariana, antes de sair do quarto.

— Ele vai ficar bem. Vou ligar para o meu pai, e Lucas terá o que precisar. Ele vai sair dessa, Mari. — Não sabia se estava acalmando a ela ou a mim. Mas ela deu um sorriso forçado.

— Obrigada — disse ela, dando um beijo em meu rosto. — Lucas e meu pai são tudo que eu tenho. — Eu conseguia sentir o amor que ela devotava ao irmão e fiquei ainda mais impressionada com tantos sentimentos novos que descobria.

Depois saímos e encontramos todos prontos para partir. Mari também tinha feito uma mala com coisas para nós duas que eu carregava. Não poderia perder tempo passando na sede e também não arredaria o pé de perto do Lucas.

— Consegui falar com eles — Rodrigo me avisou. — Eles o levaram para o Regional mesmo. Levo seu carro e volto com o Henrique. — Concordei.

Mari e Santiago foram com o Pedro e eu com o Rodrigo. A viagem que durou trinta minutos pareceu uma eternidade. Rodrigo ligou o rádio, mas todas as músicas que tocavam me faziam lembrar o Lucas, e eu comecei a chorar. Então, Rodrigo desistiu e desligou.

Quando chegamos ao hospital, o sol já estava se pondo. Pedro já havia chegado, tinha sido impossível acompanhá-lo em meu carro.

— Como ele está? — fui logo perguntando a Mariana. Ela estava sentada e, quando me viu, se levantou para me abraçar.

Retribuí o gesto de carinho, mas logo me afastei, querendo saber notícias. Ninguém falava nada e todos trocavam olhares tristes. Além de nós, Henrique e outro homem, que me lembro de ter visto na fazenda, estavam na sala.

— Ainda não sabemos — Santiago respondeu. — Ele está passando por exames para verificar se houve algum dano mais sério na coluna. Parece que uma vértebra foi trincada ou algo assim — explicou, e eu segurei Mari nos meus braços.

Não sabia que podia ser tão forte a ponto de servir de apoio para outra pessoa. Mas era assim que me sentia naquele momento: um porto seguro, mesmo que estivesse totalmente destruída.

Me sentei no sofá com Mariana ao meu lado e ficamos horas naquela posição. Nenhuma de nós se mexia.

Um médico se aproximou e nos levantamos na expectativa por notícias.

— Família de Lucas Vitor? — o médico perguntou e Santiago tomou a frente. Eu nem sabia que Vitor era o segundo nome do Lucas. Sempre pensei, por mais estranho que parecesse, que Ranger fizesse parte do seu nome.

— Tenho boas notícias. — Suspirei aliviada e Mari sorriu ao meu lado. Graças a Deus! — O paciente sofreu uma lesão na medula espinhal pela pancada. Queda de um touro, certo? — Henrique confirmou, e o médico continuou. — Com o deslocamento de uma das vértebras, sua medula foi comprimida. É como se ela estivesse inchada, o que causa a dormência nas pernas. Mas, com o tratamento certo, ele poderá voltar a se locomover normalmente.

Todos sorriram e se abraçaram, celebrando a boa notícia, mas eu estava focada no “poderá”.

— Doutor? — chamei antes que ele se afastasse. — Qual é a probabilidade de ele não se recuperar totalmente? — Não sabia se queria ouvir a resposta, não podia nem imaginar o Lucas sem andar.

— Geralmente, quando esse choque medular acontece, o paciente recupera a capacidade motora em um período que varia de uma semana a seis meses. Mas, como nada é cem por cento certo, teremos que aguardar sua evolução. Se, de forma natural e com a ajuda de apoio profissional, após seis meses ele não tiver apresentado melhora, realmente, o caso fica mais delicado. Mas o rapaz é jovem, forte e saudável, e estamos apostando todas as nossas fichas na recuperação total. — Fiquei mais calma com a explicação, embora ainda estivesse apreensiva. Nada de mau poderia acontecer ao meu Ranger. — Podemos vê-lo? — Tinha esperança de falar com ele e abraçá-lo.

— Claro. — Ele olhou na prancheta em sua mão. — Mariana e Santiago foram autorizados a entrar. Mariana é você?

Senti o chão sumir e sacudi a cabeça em negativa. O médico me olhou com tristeza.

— Desculpa, ele autorizou a entrada somente dos dois.

Santiago seguiu o médico, e Mari parou na minha frente, me olhando com cumplicidade.

— Tenho certeza de que foi um engano. Fique aqui, que eu já volto para você entrar. — Balancei a cabeça concordando e me sentei no sofá, próxima ao Rodrigo.

Quase vinte minutos depois, Mari saiu com os olhos brilhando de lágrimas e me levantei depressa, pronta para ver meu peão. Então, Mari parou na minha frente, e suas palavras me fizeram desabar.

— Ele mandou te dizer... — ela engasgou. — Ele pediu para você ir embora. Lucas não quer você aqui, Pietra.

Fechei os olhos, pois só poderia ser um pesadelo, do qual eu precisava acordar.

— Como... Como assim ele não quer me ver? — balbuciei já com lágrimas nos olhos. — Por quê, Mari? — Aguardava a resposta, mas ela parecia tão confusa quanto eu.

Mari olhou para o Santiago, que sacudiu a cabeça.

— Eu não sei, Pietra. — Ela se sentou ao lado do Pedro no sofá e continuou falando, mas eu sabia que ela só queria me poupar, apenas procurando as palavras certas.

— Desembucha, Mariana. Por que ele está me mandando embora? — perguntei com a voz um pouco alterada. Estava aflita para vê-lo, morrendo de vontade de contar que estava apaixonada, que pela primeira vez alguém realmente tinha entrado no meu coração. E ele tinha resolvido se afastar de mim? Estava perdida.

Santiago tentou explicar, pois Mari apenas chorava nos braços do Pedro.

— Pietra, ele está muito abalado, acabou de receber a notícia da paralisia. É normal ele se sentir um pouco perdido. — O pai da Mari falava esfregando meus ombros com seu jeito paternal, me confortando. — Não foi somente você. Hoje ele não quer ver mais ninguém. Eu vou ficar aqui com ele, e vocês voltam para a fazenda. — Ele olhou por cima do meu ombro em direção ao Henrique e ao Rodrigo.

— Mas eu queria vê-lo. Estou preocupada com ele, Santiago — falei num tom de súplica. Sei que ele notou sinceridade em minhas palavras, pois me lançou um olhar compreensivo.

— Eu sei, Pietra, mas se coloca no lugar do Lucas. Ele acabou de receber uma notícia muito grave. Apesar de confiarmos que ele voltará a andar, isso é difícil demais para qualquer pessoa. — Mari sacudiu a cabeça, concordando com o pai, e ficou ao meu lado. — Tenho certeza de que, quando o choque inicial passar, Lucas vai te receber. — Acabei concordando, pois teria que respeitar o momento que ele estava vivendo.

— Mel, o seu pai tem razão. Não tem por que nós ficarmos aqui. Vamos embora e amanhã retornamos com todas as coisas de que o Lucas vai precisar — Pedro disse, trazendo Mari para seus braços, e ela me encarou. Eu sabia que ela não queria ficar longe do Lucas, mas, diante do pedido do Pedro, ela acabou aceitando. — Pietra, posso te dar carona. Você deve estar exausta e ainda não conhece totalmente o caminho.

— Eu não vou — respondi de forma sucinta e todos me encararam. — Não saio daqui. Mari trouxe algumas roupas, e eu vou procurar um hotel próximo ao hospital.

— Pietra, realmente não é necessário — Santiago tentava me convencer, mas eu estava decidida.

— Desculpa, Santiago, gostaria que respeitasse minha decisão. Não é hora para falar disso, mas eu e o Lucas... — Procurei as palavras certas para explicar o que estava sentindo. — Nós meio que

estamos juntos — falei de cabeça baixa, um pouco envergonhada.

Mari arregalou os olhos e Santiago suspirou. Notei o desconforto dele com as minhas palavras, mas não soube identificar o motivo. Mesmo com o seu olhar de repreensão, eu não recuei. Depois descobriria o que o incomodava tanto.

— Se cuida, Pietra. Fico feliz que tenham se acertado — Mari disse e me abraçou.

— Não se preocupa comigo. E pode acreditar que, assim que ele se levantar daquela cama, eu vou chutar a bunda dele.

Eu e Mari nos despedimos. Prometi contar tudo a ela sobre a minha história com o Lucas assim que ela chegasse, no dia seguinte. Pedro se despediu, assim como Henrique.

— Obrigada pela ajuda, Rodrigo. Realmente não conseguiria chegar aqui sem você — agradei com um abraço toda a sua gentileza.

— Tudo bem, linda. Tem certeza de que vai ficar bem? — perguntou, realmente preocupado. Por um segundo senti pena dele. Será que Mari não tinha consciência de que Rodrigo era apaixonado por ela? Impossível. Estava escrito na testa dele.

— Vou ficar bem — tentei tranquilizá-lo.

— Anota meu número. Se precisar, não hesite em me ligar, ok? — Rodrigo já estava se comportando como um irmão mais velho. Quando procurei o celular para anotar o número dele, lembrei que o aparelho não estava comigo. Então, pedi que ele falasse com a Mariana para pegá-lo na fazenda.

Perguntei na recepção onde era o hotel mais próximo e fiquei aliviada ao descobrir que havia um a poucos metros do hospital. Informei a Santiago onde eu estaria, embora ele continuasse me repreendendo com o olhar, e me despedi. Ignorei sua reação e me concentrei em como Lucas reagiria à minha presença no dia seguinte.

Fiz check-in na recepção do hotel, que não era uma espelunca nem um cinco estrelas, mas pelo tempo que ficaria ali estava de bom tamanho. Levei para o quarto a malinha que Mari tinha preparado e fui tomar um banho. Deixei a água lavar meu corpo, e flashes do que tinha acontecido voltaram à minha mente.

— Por favor, Senhor — rezei sozinha, enquanto encarava o espelho. Nunca fui de rezar, sempre tive tudo o que queria, por isso não estava acostumada a implorar por algo ou por alguém. Então, orei da minha maneira e torci para que Deus me desse uma chance e me escutasse. Nunca tinha desejado algo com tanta força como desejava a recuperação do Lucas. Estava confusa com meus sentimentos, meu mundo parecia virado de cabeça para baixo desde que vi o sorriso do meu peão antes de ele montar. Mas eu estava puta com o destino por ter feito aquilo comigo. Ri por dentro. *Desde quando eu acredito em destino?*

Olhei para o pijama que Mari tinha colocado na sacola e decidi vestir uma camiseta do Lucas que estava junto. Uma lágrima desceu pelo meu rosto quando o cheiro do seu perfume invadiu meu nariz. Sua camiseta cheirava a roupa lavada, mas ainda assim tinha um resquício do seu aroma. Cheiro do Lucas... Cheiro do Ranger. Caminhei até o lado da cama e peguei o telefone do hotel para ligar para o meu pai. Tinha certeza de que ele se recusaria a ajudar o Lucas, alegraria que ele tinha se machucado fora do trabalho e que não tinha responsabilidade nenhuma pelo ocorrido. Na verdade, um mês antes,

eu pensaria da mesma forma. Mas algo havia mudado. Lucas, Mari, Pedro, Santiago e até Rodrigo estavam entrando em minha vida de uma forma que nunca pensei que pudesse acontecer. Tudo isso, somado às lembranças da minha mãe e aos sonhos estranhos que vinha tendo, estava me deixando confusa e perdida. Porém, uma coisa era certa: Lucas! Ele me balançou.

O telefone tocou até cair na caixa postal. Olhei para o relógio na parede e vi que já passava das dez horas. Liguei novamente, e então ele atendeu com a aspereza de sempre.

— Você sabe que horas são, Pietra? Eu trabalho amanhã — disse ríspido, mas pela primeira vez eu não retuquei. Tinha um plano B caso meu pai se recusasse a ajudar Lucas, mas tudo seria mais fácil se ele se prontificasse a pagar o tratamento.

— Preciso da sua ajuda — disse, me deitando na cama. Eu me sentia profundamente sozinha. Estava acostumada a ficar só, mas daquela vez era diferente. — O Lucas caiu de um touro e está hospitalizado — expliquei, e meu pai ficou alguns segundos em silêncio.

— Foi na Girassol? — Sua pergunta me fez ter a certeza de que ele se recusaria a ajudar. Mas ele continuou antes que eu respondesse. — Ele está bem? Qual é seu estado clínico? — Eu me sentei na cama, realmente surpresa com a preocupação repentina do meu pai.

— Ele corre risco de ficar sem andar por um tempo. Não sei explicar muito bem o que o médico disse.

— Você está no hospital? — Foi a vez de o meu pai ficar surpreso.

— Eu... Nós... Eu e Mari nos tornamos muito próximas, e eu acompanhei ela até aqui — respondi sem dar muitas explicações. A verdade poderia atrapalhar, então menti.

— Vou ligar para o Santiago e informar que o tratamento do Lucas será por minha conta — meu pai afirmou com convicção, sem dúvidas na voz, o que realmente me pegou desprevenida. — Vou reorganizar minha agenda para visitar vocês. — Certo! A história realmente estava ficando estranha. Meu pai não mudava sua agenda por ninguém, e por que faria isso por um simples veterinário? Não fazia sentido. — Pietra? — Ele chamou minha atenção, pois eu havia ficado muda.

— Ok! — respondi, ainda tentando imaginar o porquê de tanta preocupação do meu pai com o Lucas, mas não questionei. Fiquei com medo de ele voltar atrás. — Amanhã falo com o Santiago também.

Eu me despedi e tentei relaxar um pouco, pois sabia que dormir seria impossível. Me sentia perseguida pelos olhos do Lucas me encarando enquanto estava imóvel naquela arena. Passei horas me virando na cama até que não consegui mais suportar. Peguei uma calça jeans e uma camisa branca da malinha, calcei as botas e saí. Olhei para o relógio, e eram cinco da manhã. Foda-se! Precisava ir ao hospital.

Chegando lá não encontrei Santiago na recepção, então, disfarçadamente, fui até o corredor que dava para os quartos e procurei pelo do Lucas. Escutei Mari falar na noite anterior que ele estava no 302.

Lucas estava deitado em uma cama com alguns fios ligados a ele. O quarto estava na penumbra. Era pequeno, mas pelo menos era individual. Eu me aproximei dele e passei a mão pelo seu rosto. Estava tão lindo, tão normal, tão ele... Tirando os fios e tubos que o rodeavam, era como se ele estivesse dormindo ao meu lado, como na noite que havíamos passado juntos.

— Estou aqui — sussurrei com medo de acordá-lo, mas também queria que ele sentisse minha presença. Levei os lábios até o seu rosto e acariciei sua pele.

— Senhorita, não é permitido visita nesse horário. — A voz baixa de uma mulher chamou minha atenção. Virei para a porta e vi uma enfermeira com cara de poucos amigos me encarando. — Terá que sair.

Dei uma última olhada em Lucas e saí, seguindo a dona ranzinza. Quando cheguei à recepção, encontrei Santiago com um copo de café, e com as mesmas roupas do dia anterior.

— Bom dia, Pietra. Já por aqui? — ele me cumprimentou e ofereceu o café que carregava. Agradei, mas nada desceria pela minha garganta em um momento como aquele.

— Não consegui dormir. — Eu me sentei no sofá e peguei uma revista da mesa de centro para folhear.

— Seu pai acabou de ligar. Obrigado por tê-lo avisado. Apesar de ainda achar que a sua história com o Lucas não vai acabar bem — Santiago disse preocupado, e eu coloquei a revista de volta na mesa.

— Você tem alguma coisa contra mim, Santiago? — perguntei querendo entender o motivo da sua contrariedade. Desde que cheguei, ele nunca tinha me tratado mal ou com indiferença, mas a partir de quando soube de mim e do Lucas, ele me olhava estranho e então soltou aquela.

Santiago continuou a beber o café, tentando agir naturalmente, mas o seu desconforto era nítido.

— Não tenho nada contra você, Pietra. — Sua voz era gentil, me deixando ainda mais confusa. — Pelo contrário, acho que o tempo que está passando na fazenda está te fazendo bem, você mudou da água para o vinho desde que chegou, e eu sei que isso se deve à minha filha e ao meu sobrinho — completou. Santiago realmente estava certo. Eu havia mudado. A Pietra com uma nova maneira de ver a vida. Sorri com a sua constatação, pois era daquela forma que me sentia e fiquei feliz por ele ter reconhecido aquilo. — Porém, eu já vi isso acontecer no passado, e não acabou bem. — Arregalei os olhos, pois, depois de tudo o que ele disse, me jogou aquela bomba.

— O que quer dizer? O que aconteceu? — perguntei, elevando minha voz.

— Essa não é uma história minha. Pergunte ao seu pai quando ele estiver aqui. Segundo ele, em uma semana no máximo estará na fazenda — explicou.

— Por que meu pai se importa tanto assim com o Lucas? — Eu estava angustiada por respostas. Com tudo acontecendo ao mesmo tempo, eu precisava saber o que meu pai e Santiago escondiam.

— Faz parte da história.

Então Mari chegou acompanhada de Pedro e correu para me dar um abraço. Ela também tinha madrugado, comprovando a minha tese de que ela só foi embora porque Pedro praticamente a arrastou.

— Oi! — Ela me abraçou. — Alguma novidade? — perguntou ao pai.

— Ainda na mesma. Sem nenhuma alteração.

Passamos algumas horas comentando sobre Lucas e sobre as mudanças que deveriam ser feitas para acomodá-lo, caso ele não se recuperasse antes de voltar para casa. Era difícil falar e pensar naquilo, mas se tratava de uma realidade que deveria ser discutida. Sugeri que, assim que ele pudesse voltar para casa, se hospedasse na fazenda, pois era maior e tinha a piscina, que poderia ser

de grande ajuda na sua recuperação. Além disso, ele estaria perto da família. Mari concordou, mas Santiago disse que a decisão seria tomada pelo Lucas.

Começou o horário de visitas, e todos nós entramos. A enfermeira não chamou por nomes, então entendemos que poderíamos entrar. Assim que chegamos ao quarto, Mari passou na frente de todos e se jogou nos braços do primo.

— Ei, pequena. Não chora. Eu estou aqui — Lucas disse secando as lágrimas da Mariana. Deu um beijo em seu rosto e outro em sua testa. Fiquei comovida com a cena e tive que segurar o choro.

— O que ela está fazendo aqui? — Lucas perguntou quando os seus olhos pousaram em mim. — Eu disse para ela ir embora. Por que ninguém faz o que eu peço?

— Calma, maninho. — Mariana tentava acalmá-lo, mas era em vão. Santiago e Pedro me olhavam e eu não sabia se corria ou se chorava, enquanto Lucas esbravejava, me mandando embora.

— Quero ela fora daqui. Agora! — ele começou a gritar, e eu tentei chegar até ele, mas fui parada por Pedro. Logo uma enfermeira entrou e, ao saber o motivo da discussão, pediu que eu me retirasse para o bem-estar do paciente.

— Por favor, senhora. Não fará bem a ele se estressar — explicou.

Mais uma vez, não tive o que fazer. Eu me senti impotente, dilacerada. Os olhos do Lucas demonstravam desprezo, e eu não entendia por que ele me tratava daquela maneira. Relembrei tudo o que vivemos e eu não conseguia acreditar que ele não sentia nada por mim. Que ele era tão indiferente a ponto de me expulsar do seu quarto e da sua vida.

Fui embora. Com o coração na mão atendi ao pedido do Lucas. Estava acabada, triste como nunca tinha me sentido antes.

Chorei quase o dia todo, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Mariana me consolava, também sem entender porra nenhuma e, enquanto eles podiam entrar e sair do quarto do Lucas em todos os horários de visita, eu tinha que ficar na recepção, esperando por notícias.

Foi assim durante toda a semana. Eu implorava a Mari por detalhes: se ele sorria, se chorava, se sentia frio, se estava tranquilo, se conversava com os médicos, suas expectativas, o que planejava. Ela sempre me respondia com tristeza no olhar, apesar de tentar amenizar o meu sofrimento contando tudo sobre Lucas.

Na terça-feira eu tinha pedido a Mari para passar a noite com ele. Ela disse que depois que Lucas adormecia era difícil acordar no meio da noite devido aos medicamentos. Fiz uma coisa errada, mas não me arrependi: paguei ao segurança para que me deixasse entrar. Decorei o horário das visitas médicas e das rondas das enfermeiras. Aconteciam de hora em hora, bem cronometradas. Elas chegaram, aferiam a pressão do Lucas, verificavam o soro, faziam anotações na prancheta e iam embora. Nos intervalos, eu saía do banheiro e me deitava ao seu lado na cama. Descansava a cabeça na curva do seu pescoço e respirava o seu cheiro. Por uma hora eu era feliz, até que chegava o momento de me esconder novamente. Na manhã seguinte, antes do horário em que o Lucas acordava, eu saía do quarto disfarçadamente. Fiz isso por vários dias seguidos, até que em uma manhã, quando estava indo embora, ouvi sua voz:

— O que você está fazendo aqui? — perguntou com uma voz ainda sonolenta. — Eu mandei você ir embora. — Estava quase chegando à porta e voltei para responder.

— Sabe, Lucas — falei, encarando seus olhos. — Eu sempre consigo o que eu quero. E, no momento, eu quero você. — Apontei o indicador em sua direção, para enfatizar que era por ele que eu estava ali. — Portanto, ir embora e te deixar aqui está fora de cogitação. Pode ir se acostumando.

Lucas abriu a boca, mas fechou logo em seguida, virando a cabeça para o lado oposto de onde eu estava. Não querendo contrariá-lo, eu saí.

Eu passava a noite com ele e tentava dormir no hotel durante o dia. Pelo menos o mínimo para aguentar. Rodrigo ligava diariamente e era a única ligação que eu fazia questão de atender, apesar de também ter falado com meu pai algumas vezes. Rafa estava tentando entrar em contato, insistentemente, porém eu recusava todas as suas chamadas. Também não retornava as mensagens da Letícia.

Voltei à noite para o hospital e passei pelo segurança que eu havia subornado. Ele me cumprimentou com um aceno e liberou a minha entrada. Passei a noite fazendo o mesmo que nos últimos dias, mas o cansaço me venceu e acabei adormecendo. Acordei assustada, vendo os primeiros raios de sol entrarem pela janela. Tentei me levantar depressa da cama, para que Lucas não acordasse comigo ali, mas uma mão firme rodeou minha cintura e a outra acariciou meu cabelo.

Levantei a cabeça e vi Lucas acordado, me fitando com seus belos olhos azuis. Fiquei com medo de que ele me expulsasse de novo, então tentei me desvencilhar e sair antes de ser enxotada.

— Desculpa, Cristal — falou com uma voz carinhosa. — Fica aqui comigo? — Sorri com o seu pedido.

Meu Ranger estava de volta.

Lucas

Ouvir de um médico que eu corria o risco de nunca mais andar foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Acho que, tirando o dia em que soube da morte dos meus pais, eu nunca tinha sentido tanto medo. Eu era o Lucas, o veterinário que vivia em cima dos cavalos, o Perigoso que dançava e curtia a vida com toda a alegria de um jovem da minha idade, o Ranger que sentia a adrenalina pulsar nas veias ao permanecer oito segundos em cima de um touro. E naquele momento, o que eu era? Um monte de massa em cima de uma cama, um cara que dependeria de alguém para limpar a bunda e lhe dar banho.

Minha primeira reação: revolta. Assim que o médico saiu, eu esbravejei, xinguei e questionei Deus por ter feito aquilo comigo. Não entendia o motivo do castigo. Eu era um cara correto, vivia a vida com a base moral que havia recebido dos meus pais e posteriormente do Santiago, não fazia mal a ninguém. Não merecia sofrer aquilo.

Minha segunda reação: desespero. Tentei de todas as formas mexer as pernas. Então, eu me lembrei de quando era criança e meu pai chegava de alguma viagem. Ele sempre trazia presentes, nunca voltava sem algo para mim e para minha mãe.

Lucas, adivinha o que eu trouxe?

Um chapéu novo?

Feche os olhos e peça bem forte. Se você pedir com fé, o seu desejo se realiza.

Ao me lembrar das palavras do meu pai, fiz exatamente o que ele dizia: fechei os olhos e pedi com todas as forças, implorei desesperadamente para que minhas pernas se movessem.

— Vamos lá. — Abri os olhos e, quando percebi que não tinham se mexido um milímetro sequer, lágrimas desceram pelo meu rosto. — Vamos lá, se mexam! — gritei, e nada: era como se eu não tivesse mais controle sobre o meu corpo. Meu cérebro mandava, mas minhas pernas não obedeciam. Não sentia nada, somente um formigamento constante, como se elas estivessem dormentes. Da cintura

para cima, eu estava normal. Consegua mexer o tronco, os braços e a cabeça, mas da cintura para baixo eu estava morto.

Passei quase meia hora naquele martírio, tentando, desejando, suplicando que elas se movessem.

Então, veio minha terceira reação: tristeza. Tudo que havia feito na vida, todos os meus sonhos e planos me passaram pela cabeça. Olhei para o teto e fiquei por um bom tempo tentando assimilar o que havia perdido. Perdido para o touro, perdido para o mundo, perdido para mim mesmo. Recordei os dias anteriores e Pietra tomou conta dos meus pensamentos, era como se eu a conhecesse havia décadas. Ela estava em minha pele, e eu, se fechasse os olhos, poderia ver seu rosto, seu cabelo caindo sobre os olhos, sua boca vermelha, suas bochechas coradas e sua cara de menina sapeca. Fui inundado por lembranças do nosso sexo na chuva. Estávamos loucos um pelo outro. Por mais que eu já tivesse feito aquilo um milhão de vezes, e que o ato de entrar e sair de dentro de uma mulher fosse tão corriqueiro e natural, com Pietra era diferente. Seus gemidos não invadiam somente meus ouvidos, eles penetravam mais, iam até onde nunca antes alguém havia entrado. Pensava em seu sorriso, em seus olhos semicerrados pelo desejo, em sua expressão saciada após fazer amor.

A última reação foi a mais difícil e dolorosa: vergonha. Como eu ia encará-la novamente? Como eu poderia dizer que estava apaixonado? Pietra nunca mais iria me tratar da mesma forma. Eu seria um inválido, alguém que não serviria mais aos seus propósitos. Eu era só metade de um homem. Eu lutaria com todas as minhas forças para me reerguer, para voltar a ficar de pé, mas até lá queria Pietra longe de mim. Piedade não era um sentimento que eu queria que ela sentisse por mim e, provavelmente, seria o que ela teria para me oferecer.

Descansei um pouco e, após alguns exames, autorizei a entrada do Santiago e da Mariana. Não sabia quem mais estaria aguardando, provavelmente Henrique ainda estaria no hospital. Eu tinha ficado surpreso com a sua solicitude ao me socorrer. Não era a reação de alguém que queria a mulher do outro.

Conversei muito com o meu tio e com a minha prima, os dois estavam muito abalados e preocupados. Fiz meu papel de irmão mais velho e tentei convencer a Mari de que tudo ficaria bem. Depois de um tempo com eles, percebi seus olhares de compaixão. Senti vontade de ficar sozinho e, sem dar explicações, pedi que fossem embora. Mari ainda tentou argumentar que Pietra queria me ver, mas não cedi. Não queria vê-la. Não queria ver ninguém. Para minha surpresa, na visita do dia seguinte, enquanto eu abraçava a Mariana, ouvi um suspiro. Pietra chorava por mim. Mas por quê? Seria pena? Culpa por estar com o Henrique no momento em que eu era derrubado pelo animal?

Não quis ouvir suas explicações. Gritei, xinguei e a expulsei do quarto. Deixei claro para toda a minha família — que incluía Pedro — que não queria receber visitas da Pietra. Fui tão duro e insensível que nem Mari me questionou.

Passei pela primeira fase do tratamento, que consistia em tomar muitos remédios para que minha medula desinchasse. Só depois seria possível avaliar a gravidade do dano. Além da minha família, vários amigos me visitaram. Rodrigo e Henrique entraram juntos, e, quando Henrique tocou no nome da Pietra, perguntando por que eu tinha exigido que ela fosse embora, eu cortei o assunto. Era muita cara de pau da parte dele.

— Acho que você vai se arrepender — ele me avisou antes de sair, mas eu não respondi.

Raquel levou vários CDs de que eu gostava, como de Blake Shelton, Chris Young e Brad Paisley. Só música country de qualidade. Ela era carinhosa, demonstrava preocupação com meu estado, mas estava na cara que a nossa relação tinha mudado. Eu não sentia mais a mesma faísca em seus olhos, aquele olhar que me colocava cheio de desejo. E não era somente pela situação, pelo momento. Era por nós. Eu tinha mudado, meus sentimentos já não eram mais os mesmos, e, infelizmente, aquela minha nova fase não incluía Raquel.

— Quando vai dizer a ela? — perguntou na primeira visita que me fez, dois dias após o acidente.

Disfarcei o incômodo com aquela pergunta olhando para os CDs em minhas mãos. Raquel pegou um deles, e, quando a encarei, ela me olhava como uma mãe pronta para dar uma bronca no filho.

— Não sei do que você está falando, Raquel — respondi, ignorando seu olhar de repreensão. Cruzei os braços e desviei o rosto. Eu estava agindo como uma criança.

— Quando vai deixar de ser cabeça-dura, Perigoso? — A primeira parte da sua frase soou dura e implacável, realmente chamando minha atenção, mas aquela frieza toda foi quebrada quando Raquel usou meu apelido. — Você é melhor do que isso, Lucas. É mais do que essa pose de pegador sem sentimentos, eu tenho certeza. Eu não me engano, sei quem você é desde que te conheci. E tenho certeza de que a novata também sabe. Não jogue uma chance como essa fora, pode ser a única.

Apesar de falar sério, Raquel piscou de um jeito divertido, me fazendo sorrir. Após sua visita, pensei em suas palavras, e pela primeira vez eu dormi bem. Era uma loucura, mas podia sentir o cheiro da Pietra. Sonhei com ela dizendo que estava ali, mas quando acordei vi o quarto vazio. Aquele sonho estranho se repetiu na noite seguinte. Era como se, ao sonhar com ela, o calor do seu corpo e o seu aroma entrassem em mim. Então, eu dormia calmo e sereno. Certa manhã, eu a vi saindo do meu quarto. No primeiro momento fiquei bravo por ela ter me desobedecido, por todos terem ido contra a minha vontade, mas, quando ela disse que me queria e que estava ali por mim, levei um baque. Eu me senti desarmado e sem palavras para rebatê-la. Vi a mágoa em seus olhos e me amaldiçoei por tê-la tratado tão mal.

Naquela noite, adormeci aguardando as lembranças ou os sonhos chegarem. Não sabia bem do que se tratava, só que precisava daquilo para dormir, para superar mais um dia. Foi então que o cheiro da Pietra tomou conta de mim. Um aroma doce e delicado. Fechei os olhos, e talvez, quem sabe pelo menos daquela vez, meu pai tivesse razão. Desejei que Pietra estivesse ao meu lado, aquela patricinha mimada que chegou atolando os sapatos na lama e torcendo o nariz para o meu cheiro. Revivi a cena e as nossas brigas em minha cabeça, eu pelado no galpão, Pietra no chiqueiro, todas as vezes que nos provocamos para esconder os nossos verdadeiros sentimentos.

— Pietra — murmurei seu nome, como se aquilo pudesse trazê-la de volta. Como se eu pudesse, com um simples chamado, fazê-la sentir por mim o que eu sentia por ela. Adormeci como sempre, sentindo minha Cristal junto a mim.



Durante a madrugada, senti uma leve fisgada no pé esquerdo. Fiquei assustado, além da dormência eu não sentia mais nada. Talvez fosse só impressão, mas eu tinha que conferir. Abri os olhos e tive uma grata surpresa quando vi minha Pietra ao meu lado. Ela dormia na minha cama. De lado, deitada

sobre um dos braços e com uma das mãos em cima do meu peito. Fiquei paralisado. Por alguns segundos, eu observei sua mão subir e descer com os movimentos da minha respiração. Olhei seu rosto e percebi quão serena ela estava. Passei um braço por suas costas e a trouxe para mais perto. Dei um beijo em sua cabeça e fiquei assim por um tempo.

Um barulho fez minha atenção se voltar para a porta do quarto. Uma enfermeira, que eu já conhecia bem, fechou a cara para a cena que viu. Eu entendia, aquilo não era comum, e me questionei como Pietra havia conseguido entrar fora do horário de visita.

Pedi silêncio para a enfermeira levando o indicador à boca. Ela ficou ainda mais séria, mas, ao olhar para a mulher que estava ao meu lado, sua expressão se suavizou.

— Pelo menos ela não está no banheiro — disse ela, de uma forma mais gentil.

— Como? — Fiquei confuso, sem entender bulhufas do que ela havia falado.

— A garota. — Apontou para Pietra e ficou em silêncio, enquanto aferia minha pressão. Após contar quantas vezes meu coração batia por segundo, continuou: — Ela faz isso há dias. Passa a noite com você e se esconde no banheiro quando chega a hora das rondas médicas. — Abri a boca e fechei, tentando processar o que a enfermeira dizia. Era ela. Pietra estava o tempo todo comigo. Um sorriso despontou em meu rosto, e a enfermeira, vendo minha reação, deu um leve aceno com a cabeça, assentindo. Fez algumas anotações em minha ficha, mas, antes de sair, disse algo que ficou impresso em mim.

— Você tem sorte. Nunca vi amor tão grande.

Olhei para Pietra em meus braços. Será que Cristal estava apaixonada?

Vários sentimentos diferentes tomaram conta de mim. Sentia ciúme, uma paixão louca, além da vontade de mantê-la nos meus braços para sempre.

Fitei novamente seu belo rosto e, apesar de ela parecer tranquila, eu podia ver as olheiras, o jeito como dormia, a respiração pesada. Pietra estava visivelmente cansada.

— Dorme, minha Potranca. — Acariciei seu cabelo e ela se aconchegou no meu peito. — Eu não vou a lugar algum.

Peguei no sono abraçado à única mulher que eu queria comigo. Acordei imaginando se tudo aquilo tinha sido um sonho, um sonho bom, mas ainda assim um sonho.

Foi então que percebi que não era sonho. Pietra estava ao meu lado, junto a mim. Respirei fundo e seu aroma invadiu meu corpo, trazendo paz para a minha alma. Eu queria abrir os olhos, mas não podia, não saberia o que dizer. A vontade de tê-la ao meu lado era maior que tudo. Desejava que Pietra ficasse. Mas para quê? Eu não tinha mais nada a oferecer, a não ser a descoberta de que pela primeira vez eu estava apaixonado.

Assim que o dia amanheceu, eu tive que tomar uma decisão.

Pietra acordou assustada, olhando de um lado para outro, com uma carinha de quem tinha sido pega em flagrante. Eu a segurei em meus braços para que não fugisse.

— Desculpa, Cristal. — Um pedido que saiu estrangulado, mas que não bastava, eu queria mais. — Fica aqui comigo? — Eu a encarei, aguardando uma resposta. Desejando que ela dissesse sim.

— Por favor, não me manda mais embora — ela disse com lágrimas nos olhos. Pietra chorando, eu nunca me acostumaria. Seu pedido me pegou desprevenido. Toda a sua máscara de garota da

cidade caiu. Deitou-se em meu peito e levou a mão à boca, tentando sufocar o choro. — Eu quero ficar aqui com você.

— Então fica — respondi, seguro do que falava. Nunca tinha sentido tanta certeza. — Fica aqui comigo. — Sabia que estava sendo egoísta ao prender Pietra a mim, mas o medo de vê-la com outro fez com que eu engolissem o orgulho.

Cristal se levantou e me olhou emocionada.

— Eu vou ficar, mas eu quero mais. — Desviou os olhos por alguns segundos, mas logo voltou a me encarar com uma expressão segura, algo que predominava nela. — Eu quero você. Não só como amante. — Fiquei sem entender o que ela propunha. — Quer namorar comigo, Lucas?

Engasguei e, se não fosse pelas minhas pernas mortas, eu teria pulado da cama pelo tamanho do susto.

— Eu quero tentar — ela continuou. — Sei que vai ser difícil, seu mundo é muito diferente do meu. Eu... — Gaguejou antes de completar. — Eu não sou como as mulheres daqui, mas quero o benefício da dúvida. Eu posso te fazer feliz. Me dá uma chance?

O tempo parou por alguns minutos, e nenhum de nós ousou falar. Pietra se sentou na cama e se mexeu desconfortável. Quando mordeu o lábio inferior, fez as minhas dúvidas desaparecerem.

— Acho que vou fazer esse sacrifício. Vem aqui — falei, brincando. Eu a puxei para perto e nos beijamos, lenta e carinhosamente. Seus lábios se abriam recebendo a minha língua e a acariciando. Senti a excitação tomar conta de mim, e logo a afastei. Não sabia o que poderia fazer. Ainda não havia tido aquela conversa com o médico, e não suportaria descobrir que não funcionava mais. Tive medo de ter perdido a virilidade.

— O que foi? — ela questionou e eu observei as expressões do seu rosto. Uma linha surgiu em sua testa e, quando vi, eu já estava acariciando sua pele, desfazendo-a.

— Nada. Só vamos com calma, tá? — pedi, tentando fazê-la entender que não era nada com ela.

Minha família escolheu justamente aquele momento para invadir o quarto. Pietra deu um salto, se levantou da cama e escondeu o rosto, um pouco envergonhada. Não pude deixar de sorrir. Era um lado dela que eu ainda não conhecia.

— Até que enfim vocês se acertaram! — Mari gritou, animada. Pedro estava ao seu lado e meu tio um pouco atrás, com um jeito retraído, como se não quisesse se aproximar.

Peguei na mão da Pietra e a puxei para mais perto da cama. Era ali que eu a queria, ao meu lado.

— Gentil como um coice de mula e tão discreta quanto um carro alegórico — brinquei com a Mari. Desde o acidente eu não sentia tanta alegria por simplesmente estar vivo e fazer parte de uma família tão perfeita quanto aquela. E agradecia por Cristal estar ao meu lado.



Passei mais uma semana no hospital. Comecei a fisioterapia lá. Com a confusão toda da Pietra dormindo comigo, eu me esqueci de contar ao médico sobre a fígada. Quando contei, ele disse que era normal e que, se tudo corresse bem, eu recuperaria os movimentos aos poucos. Eu queria me recuperar logo para dar a Pietra tudo o que ela merecia. Sobre a parte sexual, ele disse que a minha condição não seria um obstáculo, mas que o meu estado emocional e o psicológico poderiam afetar

essas funções. Fisicamente tudo estava funcionando perfeitamente, ou seja, dependia mais de mim do que de qualquer outra coisa.

Mas fiquei com medo e não quis arriscar. Eu e minha Potranca nos limitávamos a carícias, ainda que um simples toque em sua pele já me deixasse louco.

— Oi, meu lindo... — A voz da Pietra ficou fraca e ela me olhou de um jeito que dizia que se tivesse uma arma eu estaria morto.

— Oi, Cristal.

Raquel estava sentada ao meu lado e, assim que viu Pietra entrar, se levantou.

— Acho que não fomos apresentadas formalmente. Eu sou a Raquel, dona do Taurus.

— Eu sei quem você é. Como vai, Raquel? — *Ops!* Acho que Pietra já sabia ou desconfiava da minha antiga relação.

Eu acabava de passar pela primeira crise no namoro. E sorria pela situação. Pietra estava louca de ciúme desde que entrou no quarto e viu Raquel próxima à minha cama. Mas, enquanto Raquel estava lá, as duas mantiveram a compostura.

— Já fodeu com ela, né, seu filho da mãe? — Pietra questionou assim que Raquel saiu.

— Isso não tem mais importância. — Tentei desviar o assunto. — Vem aqui me dar meu beijo de bom-dia.

Usei de todo o meu charme, mas não obtive resultado. Depois que Pietra descobriu sobre a minha história com a Raquel, o hospital quase foi abaixo. Minha Potranca brava era a coisa mais linda do universo.

No dia seguinte à visita da Raquel, foi a minha vez de entrar em combustão por possessividade. Henrique e o pai me visitaram, e, apesar de ter sido uma visita cordial, ao sair Henrique encontrou Pietra na porta do quarto. Eles trocaram algumas palavras e ela sorriu se despedindo. Fiquei puto e perdi a paciência tentando fazer com que ela me contasse o que tanto cochichava com o babaca. Pietra gargalhou da cena que eu fiz e, enfim, me contou tudo, inclusive o que tinha acontecido no dia do acidente. Eu me desconcentrei ao ver o Henrique conversando com ela. Eu sabia que a culpa não era dela, havia tempos eu não montava um animal tão perigoso, e tinha escolhido justamente o touro encrencado do dia. Queria aparecer, mostrar a ela que era melhor do que qualquer *boyzinho* da cidade. E por isso vacilei.

Pietra explicou que Henrique estava falando de mim. Que sabia que eu estava caidinho por ela, assim como ela estava por mim. Conclusão: até que o babaca não era tão babaca assim.

— E aí? Preparado para voltar para casa? — Fui pego de surpresa, pois não sabia que teria alta.

— Graças a Deus — Mari murmurou.

— Jura, doutor? — perguntei.

— Basta seguir com o tratamento. Respeitar o horário dos remédios e continuar a fisioterapia. No mais, o que poderia ser feito no hospital já foi feito.

Suspirei aliviado. Claro que faria tudo o que era recomendado. Não via a hora de voltar a ser o Lucas de antes.

Depois da festa com a notícia da alta, começou a discussão de onde eu ficaria.

Eu batia o pé querendo ir para a minha casa, Santiago gostaria que eu fosse para a dele, e Pietra e Mariana defendiam que o melhor seria eu ficar na fazenda.

Após analisar os vários argumentos que as meninas defendiam, como o espaço, os animais que eu tanto amava, a família por perto, os empregados a minha disposição e a piscina — que seria de grande ajuda para minha recuperação —, aceitei voltar para a Girassol. Mas é claro que o fato de saber que a Pietra estaria comigo o tempo inteiro também pesou na decisão.

Mari e Pietra prepararam tudo para minha saída do hospital, mas a decepção que me atingiu quando eu vi a cadeira de rodas foi inexplicável.

— Vai ser por pouco tempo, Lucas. Eu prometo. — Pietra estava agachada ao meu lado, segurando minhas mãos.

— Cara, você vai tirar isso de letra — Pedro emendou.

Olhei para baixo e vi minhas pernas imóveis, meus pés em uma espécie de apoiador. Ouvi um clique e logo estava andando para a caminhonete do Pedro.

Andando não, sendo levado em uma maldita cadeira de rodas.

— Contratei o melhor fisioterapeuta da região — Pietra informou, tentando aliviar a agonia que era sentar e ser transportado naquela coisa. Eu me sentia impotente, humilhado. Como se não existisse mais lugar no mundo para mim. Entrar no carro foi ainda mais humilhante. Meu tio e Pedro me colocaram na caminhonete, um me segurando pelo tronco, o outro sustentando as minhas pernas. Uma sensação de terror tomou conta de mim. Eu não poderia nem queria passar uma vida inteira daquela forma. Não merecia.

Assim que entrou na caminhonete, Pietra percebeu que havia algo errado, segurou minha mão de forma carinhosa e puxou o meu queixo para que eu a olhasse.

— Eu estarei com você, amor. — Era a primeira vez que ela me chamava assim. Pietra estava mudada, de uma forma quase irreconhecível.

— Obrigado — agradei sem fazer comentários, e ela descansou a cabeça no meu peito. Eu estava sentado em uma espécie de almofada, que me dava mais equilíbrio e fazia com que meu corpo não sofresse tanto com a viagem. Santiago foi com o seu carro, enquanto Pietra, Pedro e Mari foram comigo. Demoramos um pouco mais para chegar à fazenda, já que Pedro manteve a velocidade baixa. Quando chegamos, meu tio já estava nos aguardando.

— Pietra... — Santiago a chamou, mas ela saiu correndo da caminhonete para abrir a porta da sede. Ela sorria, estava feliz por eu estar ali. E eu me agarrava a essa vontade de tê-la para voltar a ser como era.

Enquanto olhava a minha garota saltar os degraus da escada em minha direção, eu vi um homem, um garoto, na verdade, atrás dela. Ele correu e a alcançou. Eles estavam perto o suficiente para que eu ouvisse a conversa.

— O que está fazendo aqui, Rafa? — ela perguntou trincando os dentes, como se aquilo a fizesse manter a calma.

— Gata, estou aqui por você. Não está feliz? — o mauricinho respondeu e a abraçou. Pietra tentou se desvencilhar, mas, quando ela se soltou, ele levou seus lábios até a boca dela.

— Larga ela, seu idiota. — Quando percebi já estava esbravejando e me debatendo, com o Pedro tentando me acalmar. Fiquei com ódio. Queria ter as pernas para chutar a bunda do desgraçado.

— Quem é o aleijado? — o cara perguntou, sarcástico, olhando de mim para Pietra. — Virou Madre Teresa, gatinha?

O jeito como ele a tratava, a forma como a olhava e a maneira como Pietra reagiu à sua presença indicavam claramente que os dois haviam tido um relacionamento. E o pior é que ele tinha ido atrás dela.

— Pietra? — perguntei, mas, antes de ela responder, o cara se adiantou, estendendo sua mão para mim.

— Prazer, sou o Rafa. Namorado da Pietra.

Vi Pietra empalidecer e desviar os olhos dos meus. Era verdade, ela sabia mentir muito bem, mas naquela semana, enquanto eu permanecia em uma cama de hospital, Pietra tinha se despedido das máscaras que usava e eu tinha aprendido a ler suas expressões.

— Namorado?!

Pietra

Eu não acreditava no que estava acontecendo. Só podia ser brincadeira.

— Cala a boca, Rafael! — disse alterada, repreendendo-o. Tanto por ter dito aquele absurdo sobre o Lucas quanto por ter se apresentado como meu namorado. Rafa sabia muito bem que não éramos namorados. Nossa relação sempre tinha sido bem clara, e eu não entendia o que ele estava fazendo ali. E muito menos por que agiu daquela forma diante do Lucas.

— Pietra? — Lucas me chamou mais uma vez. — Estou esperando uma resposta. O que está acontecendo aqui? — perguntou, ríspido. Seu semblante foi ficando cada vez mais abalado. Minha vontade era de matar o Rafael. Lucas já estava tão desanimado e inconformado com a sua situação que não precisava de mais aquela palhaçada.

Antes que Rafael pudesse dizer outra idiotice, eu agachei para ficar na altura dos olhos do Lucas.

— Confia em mim — pedi e dei um beijo de leve em seus lábios. Lucas olhava de um jeito perdido para Rafael e, então, balançou a cabeça, como se estivesse se entregando, me entregando ao Rafael. Para não deixar dúvidas do que eu sentia, segurei seu rosto e o encarei. — Eu sou apaixonada por você. Não pense que se livrará de mim, garanhão.

Levantei, e parecia que tinha conseguido acalmar o Lucas, apesar de sentir a raiva pairando sobre ele.

— Santiago, eu pedi para que preparassem um quarto aqui embaixo para o Lucas. Acomode ele, por favor. — Olhei para o visitante, que me fitava friamente. — Tenho um problema para resolver. — Passei a mão pelo braço do Rafael e o puxei em direção ao galpão. Ele seguiu sem falar nada; na verdade, o desgraçado ria.

— Um aleijado, Pietra? Você já teve dias melhores.

— Cala essa boca, Rafael! — gritei, e ele arregalou os olhos, perplexo. Sem contar quando transávamos, acho que nunca tinha gritado com o Rafa. Não me lembrava sequer de ter conversado

seriamente sobre qualquer assunto com ele. — O que você está fazendo aqui?

Ele encostou um pé na parede e cruzou os braços, me encarando. Ele sempre tinha sido o tipo de homem ideal para mim. Loiro, alto, corpo atlético, olhos azuis e do mesmo nível social que o meu. Tudo que eu queria antes de conhecer Lucas, mas que já não fazia mais o menor sentido.

— Vim atrás de você, Pietra — respondeu, se afastando da parede e se aproximando de mim. Dei dois passos para trás, mantendo distância. — Que porra está acontecendo, Pietra? Primeiro, eu te ligo durante duas semanas sem você sequer me atender. Também não respondeu nenhuma mensagem da Letícia. Depois, quando chego aqui, dou de cara com você de casinho com um caipira fodido. E agora você me rejeita? — Rafael completou, alterando o tom de voz. Eu juro que já estava ficando cansada da maneira como ele falava do Lucas.

— Em primeiro lugar, Rafael, nós não somos namorados, e você sabe muito bem disso. — Apontei o dedo no rosto dele. — Em segundo, não pedi para você vir atrás de mim. Em terceiro, Lucas, o caipira fodido, é o meu namorado. Agora, você me faria um grande favor se mandando daqui imediatamente — completei, mas, quando me virei para sair, Rafael segurou meu braço com uma força absurda.

— Você está de brincadeira, gatinha — disse ele, e eu pude ver a raiva em seus olhos. Acho que nunca tinha visto Rafael tão chateado. — Para de brincar de fazenda feliz e vamos embora. — Saiu me arrastando, enquanto eu tentava manter os pés no lugar.

— Ficou louco, Rafael? Solta meu braço! — gritei e escutei alguém chamar por ele, que parou imediatamente de me puxar.

Voltei a atenção para o caminho que dava para a porta lateral da casa e vi minha melhor amiga caminhando em minha direção. *Porra! Letícia também está aqui.*

— Rafa, ficou maluco? — perguntou, olhando-o severamente.

— Perdi a cabeça, Lê.

Rafael, Letícia e eu sempre fomos amigos. Na verdade eu a conheci primeiro. Estudamos juntas no colégio interno, onde meu pai me obrigou a passar toda a adolescência. Letícia sempre foi minha amiga, ficando do meu lado quando eu precisava, apesar de eu quase nunca ter pedido a sua ajuda, pois isso não fazia meu tipo. Quando completei 20 anos, passei seis meses na França e me apaixonei por Paris. Quando voltei, Letícia estava namorando Rafael. Alguns meses de convivência depois, eu senti olhares diferentes dele para mim. Resumindo: Rafael largou Letícia e começamos a transar.

Letícia se aproximou e me abraçou. Eu sentia falta da minha amiga. Sempre fizemos tudo juntas, e por um momento eu me senti culpada por não ter retornado suas ligações nem respondido suas mensagens.

— Lindinha, como está? Senti sua falta — disse ela, sem me soltar. Apesar de ser uma demonstração de carinho, sem querer eu comparei o abraço com os da Mariana. Com Letícia era diferente, como se fosse algo mecânico. Estávamos juntas, porém distantes. Difícil de entender, até para mim.

— Eu estou bem, Letícia — respondi assim que nos afastamos. Rafael estava um pouco mais distante. — Não sabia que estavam aqui.

Fitei Letícia e ela havia mudado muito em um mês. Seu cabelo tinha um tom avermelhado, nada vulgar, ela tinha estilo e bom gosto. A cor fazia um belo contraste com sua pele branca e seus olhos claros. Um corpo torneado, fruto de dietas loucas e muita academia, estava adornado por um vestido curto e colado. Eu nunca neguei que ela era linda; na verdade, durante crises de TPM, eu evitava ficar muito perto dela para não me sentir inferior diante da sua beleza. A antiga Pietra sempre queria se sentir a mais bonita.

Antiga Pietra! Essa é boa!

— Rafa está certo, lindinha — Letícia voltou a falar. — Por que nos ignorou por semanas? — Sem se alterar, ela cobrou uma explicação.

— É complicado. — Passei as mãos pelo rosto. Não queria ter aquela conversa na frente do Rafael. Precisava falar primeiro com a Letícia. Mas naquele momento sentia necessidade de estar com o meu peão. — Podemos conversar depois? — Rafa começou a falar, mas Letícia o interrompeu:

— Pode ir. Depois nos falamos — E eu saí em disparada para o quarto do Lucas.

Entrei pela porta lateral, passei pela cozinha e andei em direção ao corredor. Ainda bem que a sede era enorme e tinha alguns quartos no primeiro andar. E, se não tivesse, eu colocaria um elevador para manter Lucas próximo a mim. Tinha feito uma pesquisa na internet e conversado com os médicos enquanto estávamos no hospital. A partir das informações que consegui, mandei fazer uma pequena reforma em casa. Foda-se! Meu pai não poderia reclamar. Ele tinha se mostrado muito preocupado com a situação do Lucas. O motivo eu ainda não sabia, mas naquele momento não precisava saber. O importante era manter o meu namorado perto de mim.

Tirei todos os móveis que pudessem atrapalhar a locomoção do Lucas. Deixei o espaço livre para que ele pudesse ir e vir sem problemas. Santiago fez questão de comprar alguns dos equipamentos necessários. Algumas coisas para a fisioterapia, colchões especiais, tudo para que o meu Lucas se sentisse confortável e confiante em sua recuperação.

Cheguei ofegante ao quarto, como se tivesse corrido uma maratona. Na verdade, estava morrendo de medo de ele fugir antes que eu pudesse voltar e me explicar. Enquanto conversava com o Rafa e a Letícia, eu fiquei de olho na caminhonete do Pedro e no carro do Santiago.

Lucas estava sentado na cama, com as costas apoiadas em uma grande almofada e as pernas esticadas. Mari e Pedro estavam no sofá ao lado da cama e, assim que me viram entrando, se levantaram para sair. Lucas olhava pela janela, perdido em seus pensamentos. Cortava meu coração vê-lo daquela forma. Nunca havia me preocupado tanto com o bem-estar de uma pessoa. Lucas entrou em minha vida abalando todas as minhas certezas. Ele quebrou a casca que me envolvia e entrou sem pedir permissão. Me conquistou completamente com a sua personalidade forte e o seu jeito turrão.

— Ei — chamei, e ele virou o rosto para me encarar. — Estou aqui. — Cheguei mais perto, e Lucas parecia ainda mais distante. Medo... Foi o que senti.

— Pedi para Mari não desfazer minhas malas — disse ele, mas sem parar de olhar a porra da janela. — Já que seu namorado chegou, não tenho mais o que fazer aqui.

Porra! Lucas estava mal. O meu Ranger nunca se entregaria daquela forma. Não antes de fazer uma cena de homem das cavernas, sem gritar como um louco e ameaçar quem quer que o estivesse

incomodando. Fiquei alguns segundos em silêncio, imaginando que tudo o que acontecera o abalara psicologicamente. Claro que era uma besteira sem tamanho, mas naquele momento ele se sentia menos homem. Alguém que não era digno de mim. Era como se ele tentasse me dizer: “Fique com ele. Ele pode andar, eu não.” Então eu disse:

— Ok, vou arrumar minhas malas. — Lucas se surpreendeu com as minhas palavras.

— Como assim? — questionou, um pouco incrédulo.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim. — Estava firme em meu propósito. Eu estaria perdida sem ele, e já não faria diferença me jogar em um precipício, desde que fosse com Lucas. — Você quer ir embora sem ao menos me ouvir? Tudo bem! Mas fique sabendo que vou com você até o inferno. — Cruzei os braços e fiquei aguardando uma resposta.

Via claramente a surpresa em sua fisionomia. Também pudera: eu mesma estava confusa com as minhas atitudes. Se alguém me contasse, um mês antes, que eu estaria feliz morando em uma fazenda, e ainda por cima apaixonada por um peão veterinário, eu riria da cara do cidadão e diria que ele estava sofrendo de insanidade mental gravíssima. Tipo: você é louco de pedra!

Mas lá estava eu. Tentando convencer um cabeça-dura a ficar comigo.

— O que esse babaca está fazendo aqui? — perguntou Lucas com uma voz grossa e ameaçadora. A mesma que tinha me feito me contorcer debaixo dele, com os seus comandos durante o sexo. Bingo! Funcionou. Dei a volta e me sentei bem ao seu lado. Seus olhos, que antes estavam distantes, praticamente me obrigavam a falar.

— Vai manter a calma e ouvir tudo?

Ele fechou a cara diante do meu comentário.

— Acho que não tenho para onde ir mesmo. — A amargura em sua voz deixava claro que Lucas estava inseguro. Eu precisava conversar com Santiago e Mariana para ver a melhor maneira de não deixarmos o problema derrubá-lo.

— Olha, Lucas. Você só me conhece há um mês, mas sabe que a Pietra que chegou aqui era bem diferente da Pietra que está na sua frente — expliquei. — Confesso que não sei exatamente em que momento mudei, mas sei que isso aconteceu. Não posso negar o meu passado, mas posso lutar por um futuro. Um futuro com você. Como? Ainda não sei — completei um pouco insegura. Realmente não sabia como agir. Era tudo muito novo para mim, uma completa escuridão. Mas eu sabia quanto queria o Lucas, e estava disposta a tentar.

— Desembucha logo! — Lucas disse autoritário. *Adoro esse estilo do meu Ranger.*

Ainda ao seu lado, eu contei a ele quase todo o meu passado. Falei sobre minha amizade com a Letícia e aproveitei para dizer que ela também estava na fazenda. Contei sobre meu envolvimento com o Rafa, e como vivíamos antes de eu voltar para a fazenda. Falei sobre o meu acordo com ele: sexo e orgasmos em troca de status na sociedade e presentes caros. Nesse momento, Lucas fez uma careta e ficou inquieto.

— Está na cara que esse mauricinho de merda quer o seu dinheiro. Como você pode ser tão burra, Cristal? — ele me repreendeu, e eu fiquei um pouco chateada pela forma como falou. Vendo que recuei, ele voltou atrás. — Desculpa, mas não consigo aceitar um homem barbado vivendo às custas de uma garota.

— Eu gostava desse acerto. — Lucas arregalou os olhos com a naturalidade da minha resposta. — Funcionava bem para os dois.

Sentada, abracei os meus joelhos apoiando minha cabeça sobre eles.

Lucas estava certo, eu tinha sido uma estúpida, mas eu não conhecia outro tipo de relacionamento. Rafa era o último, aquele com quem fiquei por mais tempo, mas basicamente todos os caras — de antes e até de durante o meu relacionamento com o Rafael — me tratavam daquela forma simplesmente porque eu deixava.

— Só descobri como um homem de verdade deveria ser e agir quando cheguei aqui na fazenda — continuei, falando com a cabeça baixa. — Vendo você, Pedro e até Rodrigo foi que percebi como era idiota. — Eu revelava toda a minha alma com aquelas palavras, mas não sabia como deveria agir.

Senti um toque em meu braço, então levantei a cabeça. Lucas tentava se inclinar para a frente e me alcançar. Vendo o esforço que fazia para tentar me consolar, me deitei ao seu lado e descansei a cabeça em seu peito. Assim eu me sentia protegida e segura.

— Nunca tinha precisado de ninguém na minha vida até descobrir você... E então percebi que aquilo não era vida. — *Foda-se! Acabei de me declarar!* Fechei os olhos e apertei a camiseta do Lucas entre os dedos, esperando suas palavras.

— Eu também me sinto assim. — Fiquei tão surpresa que me levantei para encará-lo. — Eu sei que ainda é cedo e também não sei como vai ser de agora em diante. — Seu olhar estava distante, como acontecia toda vez que falava sobre o futuro. — Mas queria que você soubesse que nenhuma mulher mexeu comigo como você. No começo achei que fosse só sexo, que nossa implicância mútua era química e nada mais. Só que, quando vi você com o Henrique, algo acordou dentro de mim. E, no dia em que transamos na chuva, eu percebi que não era e não poderia ser só sexo. — Lucas me puxou novamente para os seus braços e me beijou de forma carinhosa. Um beijo que fez minhas dúvidas desaparecerem. — Eu quero você ao meu lado, sei que não posso dar tudo de que você precisa, que deveria me afastar, mas sou egoísta a ponto de te prender a alguém como eu. Quero você comigo.

Lucas terminou de falar e eu não conseguia respirar. Tentava fazer meus pulmões trabalharem, mas algo travava meu corpo. Minha voz não saía, e meus ouvidos zumbiam. Eu não conseguia escutar mais nada. Estava tão emocionada e tão feliz com aquelas palavras, e ao mesmo tempo tão furiosa por Lucas ter se diminuído, que queria beijá-lo e estapeá-lo com a mesma intensidade. Assim que meu corpo voltou a responder aos meus comandos, eu tomei uma atitude.

Montei em Lucas com cuidado. Segurei todo o meu peso nas minhas pernas, para não correr o risco de machucá-lo.

— Sabe o que eu acho? — perguntei com o rosto dele em minhas mãos. — Somos dois idiotas apaixonados — respondi, e Lucas sorriu. — Adoro o seu sorriso. — Não pude deixar de elogiá-lo. Andava tão difícil arrancar um sorriso dele que eu tinha que aproveitar cada centelha de alegria que ele oferecia.

— Ok! — Ele passou a mão no meu cabelo, afastando os fios que caíam no meu rosto. — Você venceu, minha Potranca. — Lucas e seus apelidos para mim. Eu já tinha me acostumado com os dois: Cristal e Potranca. — Mas quero o babaca fora daqui. — Soava bastante sério, e eu assenti. — Está na cara que a fonte secou e agora ele precisou vir atrás de você.

— Vou conversar com ele — prometi, e Lucas torceu o nariz lindamente. Meu Deus, cada expressão dele me deixava ainda mais apaixonada. — E com a Lê também. — Eu me lembrei da minha amiga. Dei um beijo na ponta do seu nariz e pulei da cama. — Já volto, e vamos conversar sobre o seu fisioterapeuta e sua enfermeira. — Estava na hora de recomeçar o tratamento.

Lucas sorriu e eu fiquei sem entender o motivo. Olhei para ele, que deu de ombros.

— A fantasia de todo homem: uma enfermeira gostosa em um vestido branco — ele brincou, e eu adorava que ele estivesse se descontraindo um pouco, mas infelizmente tive que cortar o barato do Lucas.

— Estou apaixonada, mas ainda não fiquei louca. Sua enfermeira tem 50 anos e cinco filhos. — Nem morta eu contrataria alguém que pudesse dar em cima do meu namorado. Apesar de ter dúvidas de que mesmo ela, uma senhora, se comportaria e não acabaria caindo de quatro por ele. Todas caíam.

— Droga de mulher ciumenta que eu fui arrumar! — reclamou ele, ainda sorrindo.

Soprei um beijo em sua direção e saí do quarto. Precisava falar com minha amiga e o Rafa. Seria uma conversa séria, mas mesmo assim um sorriso idiota estampava meu rosto.

— Pelo visto o caipira te laçou. — Ouvi a voz da minha amiga assim que cheguei à sala. Letícia estava sentada no sofá com os pés na mesa de centro e uma revista de moda nas mãos.

— Só um minuto, Lê. — Levantei um dedo pedindo para ela aguardar.

Fui até a cozinha e, como eu esperava, todos estavam sentados em volta da mesa.

— Mari, você pode ficar com o Lucas um minuto? Não quero que ele fique sozinho. — Ela se levantou imediatamente e, sem responder, caminhou em direção ao corredor com uma cara de poucos amigos que revelava certa raiva de mim.

— Mari! — gritei, e ela se virou. Cruzou os braços e me encarou séria. — Não se preocupa, eu vou resolver isso.

— O que você vai fazer não me interessa. Mas fique avisada de que se magoar meu irmão será uma mulher morta, porque eu vou arrancar cada pena de você! — ameaçou apontando o dedo na minha cara. Então, Mari passou pela sala e eu vi quando ela e Letícia trocaram olhares nada amistosos. *Era só o que me faltava!*

— Lê, preciso do Rafa fora daqui ainda hoje — soltei, sem rodeios. Minha amiga e eu sempre fomos muito francas uma com a outra, então eu não precisava fazer cerimônia com ela.

— Eu entendo — respondeu ela, se levantando do sofá. — Acontece que o carro dele estragou na viagem e vai levar uns três dias para consertarem. E eu realmente não acredito que o Rafa vai deixar o brinquedinho dele aqui nesse fim de mundo. — Seu tom de voz já não era tão amigável ao tratar a fazenda com desdém. Ela era exatamente como eu quando cheguei ali.

— Droga! Lucas vai ficar puto comigo — esbravejei.

— E desde quando você se preocupa com o que os homens pensam a seu respeito? — minha amiga me perguntou, surpresa.

— Desde que o homem em questão ganhou meu coração — expliquei, ainda pensando preocupada em como chutar o Rafa da fazenda.

Lucas

— E o que você vai fazer? — perguntei, assim que Pietra entrou no quarto. Fiquei com a Mariana enquanto ela conversava com os visitantes. Estava extremamente irritado e não podia fazer nada para chutar o desgraçado para fora: estava entrevado em uma cama, e todo mundo insistia em se revezar para não me deixar sozinho, como se eu fosse uma criança, e ainda mais essa. Parecia brincadeira. Essa história de carro quebrado não colou comigo.

— O que eu já fiz, você quer dizer — disse ela, caminhando até mim. Minha prima saiu do quarto assim que Pietra chegou, e, pela cara da Mari, ela estava bem chateada com a amiga. Conversaria com ela depois.

Pietra se sentou ao meu lado e me fitou diretamente nos olhos. Estava impressionado com a sua firmeza. Na verdade, desde que chegou ela sempre teve esse olhar altivo, mas o fato de aceitar tão bem estar apaixonada por alguém naquelas condições me deixava muito surpreso. Sem falar em tudo que fez para me receber em sua casa.

— E o que você fez? — Eu ainda queria uma resposta.

— Pedi ao Santiago que deixasse o Rafael em um hotel na cidade. Letícia vai ficar aqui, no meu quarto. Ela vai voltar com o meu pai, que deve chegar em alguns dias — explicou.

Ouvir Pietra falar sobre o pai — que também era meu patrão — me deixou incomodado. O que ele iria pensar ao ver um simples empregado morando com a sua filha na sua fazenda?

Meu Deus, onde eu estava com a cabeça quando aceitei essa maluquice?

— Pietra... — chamei, e seus olhos verdes me encararam. — Não sei se é certo eu estar aqui. Você não tem obrigação de cuidar de mim, seu pai pode não gostar de me ver aqui. Na verdade, estou me sentindo mal com tudo isso. — Tentei não soar ingrato. E, assim como eu esperava, ela fez cara de desgosto.

— Garanto a você, meu amor, que meu pai fez questão que você tivesse o melhor tratamento possível — disse passando a mão pelo meu rosto, fazendo um carinho. Seu toque era um acalento em

meio ao turbilhão de coisas que eu sentia. — É isso que eu também desejo. O melhor para o melhor. — Sorriu lindamente e eu me esqueci do assunto da conversa.

— Vem aqui.

Eu a puxei para a cama. Pietra se aninhou ao meu lado e começou a subir e descer os dedos no meu peito. Estremeci ao sentir sua mão macia descer até a barra da minha camiseta e tocar minha pele.

— Pietra — murmurei em advertência, mas ela ignorou minha súplica e continuou a me torturar. Sua mão passeava por baixo da minha camiseta e subia pela minha barriga em direção aos meus mamilos. Não sei se foi pelo fato de estar há semanas sem sexo, mas aquilo me deixou extremamente excitado. Fiquei surpreso, pois pensava que não conseguiria sustentar uma ereção, mas, só de sentir sua mão em minha pele, fiquei duro.

— Vamos tentar — implorou ela com a voz carregada de desejo. Sua boca distribuía beijos no meu pescoço, e minha pele se arrepiava com sua língua próxima à minha orelha. — Te desejo tanto que chega a doer.

Não aguentei ouvir seu pedido e me virei em sua direção. Nossos olhos se cruzaram e imediatamente encarei sua boca, que implorava para ser beijada. Não contive a vontade. Pietra levantou um pouco o corpo, ficando com o rosto bem próximo de mim.

Tomei sua boca com urgência. Quando senti o gosto daqueles lábios, eu enlouqueci. Como eu queria estar inteiro para ela... Estávamos sozinhos em uma cama, e minha vontade de me enterrar em seu corpo perfeito era avassaladora. Desejei voltar no tempo e reviver o único dia em que estivemos juntos. Tão juntos e completos como um só.

Pietra levantou mais minha camiseta e começou a gemer em minha boca, o que me excitou ainda mais. Não suportava o tesão que me possuía e comecei a tirar sua blusa. Foda-se! Precisava dela, de estar com ela, de vê-la gozar. De ver seus olhos verdes brilharem enquanto ela gritava meu nome.

Precisava fazê-la minha de novo.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Uma tosse seca seguida de uma voz feminina nos tirou da névoa de desejo que nos envolvia.

Imediatamente abaixei a camiseta e olhei para Pietra, que continuava na mesma posição, só que rindo. Do que ela ria eu não sabia. Olhei para a porta aberta e vi uma linda mulher parada na entrada do quarto. Só poderia ser a amiga da Cristal que estava na fazenda.

— Tudo bem, Lê, queria mesmo te apresentar ao meu namorado. — Pietra, enfim, ajeitou a roupa e se levantou da cama. Ainda ficava atordoado com a palavra “namorado”, mas estava me acostumando. Eu não poderia dizer o mesmo da garota, que olhava para nós dois como se aquilo fosse algo surreal. Bom, eu não podia culpá-la. Quem imaginaria o peão e a patricinha namorando? Eu não.

— Prazer, Letícia. Eu sou o Lucas. — Queria me dar bem com a única amiga de verdade da Pietra. Estendi a mão e a garota me cumprimentou.

— O prazer é meu, Lucas. E pode me chamar de Lê. — Sorriu, um sorriso bonito, mas estranho. Ela me olhava como se eu fosse um presente pronto para ser desembalhado.

— Pietra, a enfermeira chegou! — Mari entrou no quarto gritando, mas paralisou por um momento quando viu Letícia ao lado da minha cama. — Você vai recebê-la? — perguntou sem tirar os olhos da garota. Era nítido que minha prima não tinha gostado da Letícia e não fazia esforço algum para disfarçar.

Pietra assentiu e antes de sair beijou os meus lábios.

— Mari, vem comigo? Vamos mostrar o quarto a ela e definir alguns pontos — disse Pietra, puxando minha prima pela mão. Senti que Mari resistia em se afastar, mas acabou concordando e saiu. Eu ficava feliz em ver minhas duas garotas se dando tão bem.

— Enfim, sós. — A voz da Letícia chamou minha atenção. — Confesso que quando a Pietra disse que estava apaixonada, eu pensei que só poderia ser brincadeira dela. Mas vendo você — disse, levantando as mãos com as palmas para cima — começo a entender o motivo de a minha amiga ter perdido o juízo. — Ela se aproximou um pouco mais. — Você é um belo homem. Um dos mais lindos que eu já vi.

— Obrigado — respondi sem muita certeza do que deveria dizer. Sério que aquela garota estava dando em cima de mim na caradura? O namorado da sua melhor amiga?

Como se percebesse a minha surpresa, Letícia sorriu sarcasticamente.

— Não se preocupa, gato. Além de amigas, eu e Pietra somos parceiras. Compartilhamos quase tudo. Sabe como é, né? — Piscou, ainda sorrindo.

— Não. Não sei — respondi meio ríspido, mas na verdade eu sabia, só não queria pensar no passado da Pietra. Imaginar a situação à qual Letícia se referia me deixava enjoado.

— *Ménage*, suruba, orgia e outros nomes que se podem dar para esse tipo de prática sexual peculiar — falou sem nenhum pudor, me deixando ainda mais irritado com o assunto. — Ah! Ela não te contou? — Letícia levou a mão à boca, se fazendo de surpresa.

— Não vai rolar. — Queria acabar com qualquer tipo de pensamento que ela pudesse ter a meu respeito. Ficar com duas mulheres ao mesmo tempo era a fantasia da maioria dos homens, mas eu não conseguiria compartilhar a minha Cristal, ainda mais com essa garota que estava claramente agindo pelas costas da amiga.

— Isso é o que vamos ver — falou em tom irônico.

— Vamos ver o quê? — Pietra entrou animada. Passou pela amiga e se sentou ao meu lado.

Olhei para Letícia, esperando ver o que elaalaria.

— Nada de mais. Estávamos falando que logo, logo vamos ver seu namorado correndo por aí — disse, com a cara mais lavada do mundo.

Bufei, mas Pietra não notou. Teria que conversar com ela depois. Apesar de tudo, eu não queria estragar a amizade das duas.

— Claro que vamos — concordou Pietra, animada. — Meu namorado é o melhor. Sabia que ele fez especialização no Texas? — completou orgulhosa, e eu fiquei surpreso, pois não tínhamos conversado sobre o tempo que estudei fora.

As duas começaram a conversar sobre outros assuntos e me senti um peixe fora d'água, perdido no meio das duas. Pietra e Letícia falavam sobre desfiles de moda, cinema, celebridades. Percebi quanto Cristal pertencia àquele mundo e por um instante duvidei de que a nossa relação pudesse dar

certo. Mas, então, me concentrei na minha Potranca. Em momento algum ela me deixou, sempre me tocava de forma carinhosa, e volta e meia me olhava com um sorriso meigo. O que me fez empurrar as dúvidas para fora da minha cabeça.

Depois de muita conversa e uma tentativa frustrada de interagir com as duas, Letícia saiu quando a enfermeira entrou no quarto.

Pietra não estava brincando quando disse que tinha caprichado na enfermeira. Uma senhora muito simpática me cumprimentou. Na hora tive uma crise de riso: o ciúme de Pietra era mesmo enorme para ela ter contratado uma mulher de meia-idade para cuidar de mim. Depois de me refazer do meu ataque de loucura, que também tinha atingido a minha namorada, que gargalhou comigo, conversei com a enfermeira e tirei algumas dúvidas.

De tudo o que ouvi, o que mais me deixou incomodado foi a tal da sonda urinária. Ainda não tinha me acostumado com aquele troço enfiado no meu pau. Mas era necessário, então me conformei.

Pietra insistiu que durante a noite ela própria cuidaria de mim, e, a contragosto, a enfermeira concordou. Recomeçaria a fisioterapia no dia seguinte. Estava ansioso, já tinha sentido alguma diferença nas pernas, mas não tinha contado nada a ninguém, pois poderia ser somente impressão. Falsa esperança era tudo de que eu menos precisava naquele momento.



Estava deitado, e Pietra se preparava para dormir. Durante a tarde ela havia levado algumas coisas para o quarto. Não vi mais Letícia, e também não ouvi mais falar do pangaré do ex.

A enfermeira me ajudou a tomar banho e me vestiu.

— Meu pai deve chegar em dois dias. Falei com ele hoje — Pietra disse ao se aconchegar ao meu lado no edredom. Para meu desespero, ela fez questão de vestir uma camiseta minha. Respirei fundo quando entrelaçou suas pernas na minha. Eu estava só de cueca e senti seu toque em minha perna, o que me animava e me dava esperanças de voltar a andar rapidamente.

— E o que ele vai pensar disso tudo? — questionei, ainda preocupado.

— Já disse para não se preocupar. — Levantou o rosto para me olhar. — Somente descanse. Amanhã será o primeiro dia da sua vitória.

Não tinha muito o que fazer, a não ser concordar. Também não queria ficar longe da Cristal, e, se ela me queria ali, era ali que eu ficaria.

Conversamos um pouco mais sobre o início da fisioterapia. Pietra estava mais animada que eu, o que me fez sentir medo.

Será que ela continuará apaixonada se eu fracassar?

Adormeci com esse medo me corroendo. Somente o tempo seria capaz de responder as minhas perguntas.



— Amor, me ajuda a te virar. — Pietra me despertou. — Quer deitar de qual lado? — perguntou, prestativa.

Meio sonolento, eu respondi. Apoiei as mãos no colchão e Pietra girou meu quadril. Por causa da paralisia, eu não deveria ficar na mesma posição por um longo período. Do contrário, começariam a surgir feridas em minha pele. Depois de me virar, Pietra se levantou e colocou um travesseiro entre os meus joelhos, me deixando mais confortável. Ela se deitou novamente ao meu lado e me abraçou pelas costas. Eu avaliava cada gesto dela como se não acreditasse no que estava acontecendo.

Aquela garota estava me surpreendendo a cada segundo, me tornando ainda mais dependente dela.

Adormeci sentindo uma paz enorme somente por sentir sua respiração no meu pescoço. Estava cada vez mais apaixonado pela minha Potranca e sentia que ela respondia com a mesma intensidade.

— Amor... Amor... — Acordei sobressaltado com Pietra me chamando. Suas mãos tocavam meu ombro de leve para me despertar. — Você estava tendo um pesadelo. Vou buscar uma água. — Ligou o abajur ao lado da cama e se levantou.

Ela voltou com um copo de água. Eu me sentei na cama e ela endireitou minhas pernas.

— Tudo bem? — interrogou. Tomei a água e acalmei a respiração. Estava suando frio. Fazia tempo que eu não sonhava com meus pais.

— Sim. Eu tive um pesadelo com os meus pais — respondi, ainda abalado pelo sonho. — Sonhei com o dia em que soube da morte deles.

— Sinto muito, amor. — Me deu um beijo nos lábios e depois se afastou. — Mari me contou que eles foram vítimas de um assalto. Você tinha quantos anos?

Percebi que Pietra sabia muito pouco sobre mim, e eu sobre ela. Não conhecia o passado da minha namorada, e mesmo assim sentia que nossos caminhos tinham se cruzado por algum motivo. É como se nossas diferenças se completassem para formar um todo. Nunca tinha me sentido tão vivo, mesmo com metade do corpo morto.

— Eu tinha 10 anos. Faz exatamente quinze anos que eles morreram. E você, quantos anos tinha? — repeti sua pergunta. Sabia que ela tinha passado pelo mesmo que eu.

Pietra arregalou os olhos, surpresa.

— Que coincidência. Faz exatamente quinze anos que minha mãe morreu. Eu tinha 8 anos. Uma doença... Não sei muito bem o que foi, mas foi muito rápido — respondeu melancólica. Imaginei como minha garota deve ter sofrido sem uma figura materna. Eu, que sou homem, senti na pele a falta de uma mãe. Para Pietra deve ter sido ainda mais difícil.

— Em que mês ela morreu? — perguntei curioso.

— Junho.

— Meus pais também. — Fiquei impressionado.

Pietra e eu nos encaramos, provavelmente pensando a mesma coisa.

Era muita coincidência.

Pietra

Não preguei os olhos durante o restante da noite. Fiquei pensando em como duas pessoas que nunca tinham se visto, como eu e Lucas, tinham tanta coisa em comum. O fato de seus pais e minha mãe terem falecido no mesmo ano e no mesmo mês me deixou apreensiva. Não via a hora de o meu pai

chegar. Desde as conversas que havia tido com ele e com Santiago, eu sabia que existia um segredo que certamente afetaria a minha vida. E a do Lucas. Depois dessa revelação, fiquei ainda mais preocupada.

Abraçada a ele, sua mão segurava a minha por cima da sua barriga. Acho que nunca na vida tinha dormido de conchinha com alguém, e confesso que estava adorando. Colada no seu corpo, eu me concentrei em sua respiração e pensei em quando exatamente a minha vida tinha virado de cabeça para baixo. Desde o nosso primeiro encontro, senti que a atração entre nós era palpável, mas nunca imaginei que chegaríamos até aquele ponto. Eu estava loucamente apaixonada por aquele homem. Quando vi Lucas cair daquele touro, eu senti como se o céu tivesse desabado sobre mim. Nada do que eu tinha desejado na vida fazia mais sentido. Naquele momento, eu só pedia a Deus que não o tirasse de mim. Entrei em desespero no hospital quando ele pediu para eu me afastar, mas ele não conseguiu me manter longe. Sinto que Lucas tomou um pedaço de mim, sem o qual eu já não podia viver.

Como eu pude passar toda a vida sem sentir isso?

Fechei os olhos por alguns segundos e pensei se em algum momento eu havia sido feliz de verdade. Cheguei à conclusão de que minha vida toda tinha sido superficial. A felicidade que eu havia encontrado nos braços do Lucas era imensurável. Tinha tanto medo de estragar tudo que, quando vi o Rafa, tremi. Não poderia mudar meu passado, mas vi que nunca tinha feito nada de produtivo. Nunca tinha trabalhado, nem faculdade eu havia cursado. Terminei o ensino médio no internato e nunca mais estudei. Ter uma profissão não estava nos meus planos. Eu só queria viajar, festejar, comprar e levar uma vida sem propósito.

Abri os olhos novamente e olhei para o homem ao meu lado. Suas costas bem-desenhadas, o cabelo negro perfeitamente bagunçado, tudo era lindo.

O que eu quero hoje? Nada além de ficar com meu Lucas, meu Ranger.

Alcancei o seu pescoço e comecei a distribuir beijos abaixo da sua orelha. Senti quando Lucas se remexeu e apertou ainda mais minha mão contra o seu corpo. Continuei beijando o seu pescoço, seus ombros e suas costas. Lucas se virou um pouco para mim.

— Bom dia, amor — ele disse, abrindo aqueles olhos azuis lindos.

Fitei seu rosto por alguns segundos.

— Eu te amo.

Ele arregalou os olhos e ficou paralisado. Droga! Era cedo demais, eu sabia. Mas, depois de toda a madrugada pensando no meu passado e quanto eu queria passar o resto da vida com o Lucas, não me segurei.

— Pietra, eu... — Ele ficou desconcertado.

— Não precisa dizer nada, meu lindo. — Resolvi aliviar a pressão. Passei a mão pelo seu rosto, desfazendo as rugas de preocupação que apareceram em sua testa. — Eu sei que não sou exatamente a mulher que você escolheria para a sua vida. Sei que não pertenço a esse mundo de botas e chapéu. Na verdade, eu ainda nem sei o que você está fazendo com a patricinha fútil que te chamou de analfabeto e caipira. — Abri um sorriso forçado, pois pela primeira vez sentia vergonha e remorso por algo que tinha feito. — Mas eu quero você e vou aceitar qualquer coisa que tiver para me

oferecer. Só não me manda ir embora, nem tenta me tirar da sua vida — supliquei. — Você e todo o pacote que veio junto foram as melhores coisas que já me aconteceram, mesmo sabendo que não mereço você, a amizade da Mariana ou o carinho do Pedro — terminei de falar já com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu estava muito sensível. Tudo era muito intenso. Não conseguia olhar para Lucas sem sentir medo de perdê-lo. Precisei desabafar e acabei soltando um “eu te amo” fora de lugar, que provavelmente teve o efeito contrário do que eu gostaria.

— Ei. — Ele levantou meu queixo para que eu o olhasse. — Você mudou muito, meu amor. Sabe por que eu te chamo de Cristal? — Sacudi a cabeça em negativa. — Porque eu te achava linda, mas intocável e, principalmente, muito fácil de quebrar. E sabe o que eu vejo hoje? — Passou a mão pelo meu rosto, secando as lágrimas. — Uma Pietra forte, que sabe o que quer, que está prestes a enfrentar o pai para me manter na sua casa, que está cuidando de um caipira aleijado que não tem mais nada a oferecer.

— Nunca mais diga isso, Lucas — pedi, realmente brava. Tive vontade de ir atrás do Rafa e quebrar a cara dele por ter colocado essa ideia na cabeça do Lucas. — Você não é aleijado, e isso é temporário — completei, me levantando da cama.

— E se não for? — Lucas elevou a voz. — E se eu ficar assim para sempre? Você está disposta a se prender a mim logo agora que descobriu uma nova vida?

— Isso não vai acontecer. Acredito em você. — Fui sincera. Se havia algo em que acreditava, era na sua recuperação. — E, se acontecer, eu estarei ao seu lado. Não vou te deixar, Lucas. Não adianta pedir o contrário.

Saí do quarto tentando não pensar no que fez ele não responder a minha declaração. Não o culpava pelo silêncio, sabia que o que sentia por mim era forte, e isso era o suficiente para me dar esperança. O importante era não deixar Lucas se abalar com pensamentos negativos.

Fui tomar um banho e deixei Lucas dormir mais um pouco. Eu me sequei no banheiro e fui para o quarto sem toalha. Ele esbugalhou os olhos assim que me viu nua. Me fazendo de desentendida, demorei um bom tempo para escolher o que vestir. Podia ouvir sua respiração pesada e sentir seu olhar sobre mim. Eu o queria muito, mas sabia que não podia forçar nada. Tudo teria que ser no seu devido tempo.

— Você não está me ajudando. — Ouvi sua voz em meio a uma gargalhada.

— Não sei do que você está falando — provoquei, olhando-o por cima do ombro, enquanto abotoava o sutiã.

— Potranca, Potranca... — brincou.

Fomos interrompidos por uma batida na porta. Vesti rapidamente uma camiseta e um short jeans. Ainda descalça, abri um pouco a porta e vi Mari.

— Olá, pombinhos — disse, descontraída. — Posso entrar ou o mano está em um estado inapropriado para uma irmã mais nova?

Abri mais a porta para que ela entrasse, e Lucas deu um sorriso.

— Estou só de cueca.

— Droga! Muita informação. — Mari fez uma careta antes de sair do quarto.

Ainda sorrindo pela brincadeira dos dois, eu chamei a enfermeira para que ela cuidasse da higiene do Lucas. Bem que eu poderia fazer tudo, tinha aprendido até como passar a sonda, mas meu namorado se recusava, e eu entendia que tudo estava sendo muito difícil para ele.

Com Lucas já pronto para enfrentar seu primeiro dia na fazenda, tomamos café da manhã e aguardamos o fisioterapeuta chegar. Ele iria três vezes por semana para o tratamento, mas naquele dia eles teriam apenas uma conversa inicial sobre como tudo seria. A fisioterapia somente se iniciaria de fato na próxima consulta.

Quando o fisioterapeuta chegou, deixei os dois sozinhos e fui acordar Letícia. Já passava do meio-dia e ela ainda não tinha descido.

Entrei no quarto sem bater, e Letícia não estava na cama. Pelo barulho do chuveiro, só poderia estar no banho. Aproveitei para pegar um dos meus sapatos que estavam em uma caixa sobre o guarda-roupa. Quando a peguei, notei que havia outra, bem encostada à parede, praticamente escondida. A curiosidade falou mais alto, e a peguei para ver o que tinha dentro.

Abri a caixa de madeira e nela estavam guardadas muitas fotos, cartas, bilhetes e flores secas. Eram fotos da minha mãe que eu nunca tinha visto e que nem sabia que existiam.

Quando o barulho do chuveiro parou, juntei tudo de volta na caixa e me apressei para sair. Não queria ter que explicar a Letícia o que era aquilo, se nem eu mesma sabia do que se tratava.

Segurando a caixa, saí pela porta da cozinha sem que ninguém percebesse. Não sabia para onde ir. Algo me dizia que ali estavam muitos segredos, então comecei a caminhar pelo campo, sem rumo. Caminhava e pensava nas insinuações do Santiago, nas atitudes do meu pai e nas coincidências que rondavam a mim e ao Lucas.

Parei quando avistei a grande plantação de girassóis. A mesma com a qual eu tinha sonhado. A mesma aonde Lucas tinha me levado. Me sentei à sombra de uma grande mangueira e respirei fundo. Ao mesmo tempo que queria descobrir se as respostas às minhas dúvidas estavam ali dentro, eu tinha muito medo do que descobriria. Por fim, abri a caixa.

Comecei a analisar foto por foto. Eram antigas. Lágrimas de saudade se formavam em meus olhos. Fotos da minha mãe comigo, brincando no parque, andando a cavalo. Um cavalo parecido com o Ventania. Minha mãe vestida de forma simples, como no meu sonho. Passei uma por uma, e o meu peito ia se apertando ainda mais. Mas então uma foto chamou minha atenção: minha mãe estava junto de um homem que eu nunca tinha visto. Ele sorria, e minha mãe beijava seu rosto de maneira carinhosa. Os dois montados em um cavalo.

— O que está acontecendo? — murmurei sozinha. Aquele não era o meu pai. Por que minha mãe guardaria a foto de outro homem?

Remexi um pouco mais a caixa e peguei algumas cartas enroladas em uma fita. Todas eram cartas de amor trocadas entre minha mãe e um homem chamado Vitor. Em todas, eles faziam juras de amor eterno e planejavam o futuro juntos. Procurei na memória onde havia escutado aquele nome. Foi quando abri outra carta. Li e reli o pequeno bilhete e entrei em pânico. Não podia ser.

— Não! Não! Não! — gritei, desesperada.

*Desculpa, Ceci, não posso ir ao nosso encontro.
Lucas ficou doente e eu estou com ele no hospital.
Mas eu preciso saber: o filho que você espera é meu?
Por favor, estou desesperado por notícias suas.
Com amor, Vitor*

—Vitor. Vitor. — Eu me levantei, não conseguia mais ficar parada.

Família de Lucas Vitor.

Eu me lembrei das palavras do médico na recepção do hospital.

— Lucas Vitor! Lucas Vitor! — repeti várias vezes. — Não pode ser.

Comecei a andar de um lado para outro sem saber o que pensar. Eu me agachei novamente e abri todas as cartas que restavam, mas nenhuma respondia a dúvida que estava me devastando. Era um pesadelo.

Juntei tudo na caixa novamente e saí em disparada. Totalmente perdida e confusa, eu entrei na sede e dei de cara com o Lucas sentado à mesa da cozinha.

— Amor, onde você estava? — perguntou, assim que entrei. Tenho certeza de que Lúcia ficou surpresa pelo tratamento carinhoso do Lucas comigo, pois ela nos encarava friamente.

— Eu já volto, amor. — Dei um beijo em seu rosto e fui para o quarto que dividíamos. Passei sem nem prestar atenção em Letícia, que estava sentada no sofá da sala. Abri depressa o guarda-roupa e escondi a caixa no fundo de uma das gavetas. Eu me olhei no espelho e tentei me acalmar. Estava pensando em algo terrível. Fiz de tudo para afastar aquela ideia, mas não consegui.

— Está tudo bem? — Letícia disse ao entrar sem bater. — Procurei você por toda parte.

— Sim — disfarcei. — Fui dar uma volta, espairar um pouco — menti. — Vamos, o almoço deve estar pronto — concluí para mudar de assunto e saí rumo à cozinha.

Eu me sentei ao lado do Lucas. Abri o meu melhor sorriso, mas volta e meia ele me encarava desconfiado, enquanto conversava com a Mari e até com a Letícia. Eu não conseguia prestar atenção em nenhuma vírgula do que eles diziam. Sabia que estavam falando sobre a fisioterapia, mas nada entrava na minha cabeça. A pequena possibilidade de aquele pesadelo ser real estava tirando minha sanidade.

— Como seus pais se chamavam? — perguntei ao Lucas, disfarçando o interesse por trás do questionamento, mas sentia cada fibra do meu corpo tremer.

— Minha mãe se chamava Heloísa, e meu pai... Está tudo bem, linda? — perguntou antes de responder o que eu queria saber, notando o meu desconforto. Balancei a cabeça afirmativamente, porque não conseguia pronunciar uma palavra sequer. Estava muda. — Então, meu pai se chamava Vitor.

Foi como um soco no meu estômago. Senti tanta dor que corri para o banheiro. Mari foi atrás de mim e, assim que cheguei no vaso, segurou o meu cabelo. Eu queria chorar, gritar e, ao mesmo tempo, desaparecer. O destino não podia ter sido tão cruel comigo. Lucas não poderia ser meu irmão. Aquilo não estava acontecendo.

— Pietra, o que foi? — Ouvi a voz do Lucas, o que me deixou ainda mais doente.

— Sai daqui, mano! — Mari gritou, e eu ouvi sua cadeira se afastar. — Pronto... Pronto — Mari

repetia, e senti suas mãos jogando água em minha nuca. — Está melhor?

— Sim, deve ser algo que eu comi. Vou tomar um banho — respondi, sacudindo a cabeça.

— Tem certeza? — perguntou, preocupada.

— Tenho, sim. Obrigada, Mariana. — Eu a abracei com carinho.

Agradei por ela ter me deixado sozinha e também por sua preocupação. Liguei o chuveiro, mas não entrei no box. Escorreguei as costas na parede até me sentar no chão frio. As perguntas rodeavam a minha cabeça, me deixando tonta. Eu não queria acreditar. Tentava juntar as peças e encontrar uma alternativa, mas era como andar em círculos, sempre chegava ao bilhete escrito para minha mãe e, mesmo que não quisesse acreditar, estava na cara que tinha sido escrito pelo pai do Lucas. Fiquei tão desesperada que me deitei no chão do banheiro e comecei a chorar, aproveitando que o barulho da água caindo abafaria o som dos meus gemidos.

— Pietra, está tudo bem, amor? — Não sei quanto tempo tinha se passado, mas Lucas estava batendo na porta do banheiro como um louco. — Pietra, me responde! Estou preocupado, porra! Não faz isso!

Achei forças para gritar de volta.

— Estou saindo!

Tirei a roupa e entrei rapidamente debaixo d'água. Minutos depois, eu saí e encontrei um Lucas preocupado me aguardando no quarto.

— Meu Deus! Achei que você tivesse desmaiado — falou, um pouco chateado. — Está melhor? — mudou o tom de voz e perguntou com carinho.

— Sim, meu amor — respondi com a voz trêmula. — Deve ter sido algo que eu comi. Pedro já chegou? — perguntei, olhando para o meu guarda-roupa. Estava fazendo de tudo para não ter que encará-lo.

— Tem certeza de que está bem? Eu posso ficar aqui com você.

Havíamos combinado que Pedro buscaria Lucas para resolver algumas coisas na cidade. Ele queria conversar com o veterinário que iria substituí-lo e também precisava pegar algumas coisas em casa.

— Não precisa, Letícia me faz companhia — respondi, abrindo um sorriso forçado. Vi quando Lucas fez uma careta. — Não se preocupa, vou ficar bem.

Tive que convencê-lo de que estava bem. Até o último momento, Lucas relutou em me deixar, mas acabou sendo convencido por mim e pela Mariana e foi embora com Pedro.

Assim que Lucas saiu, voltei para casa.

— Pietra, precisamos conversar. Você não pode ignorar o Rafa dessa forma — Letícia falou quando passei por ela na sala. Corri imediatamente para o meu quarto, ignorando a minha amiga. Não queria falar com ninguém. Queria esquecer o maldito bilhete. Eu me tranquei no quarto e voltei a chorar. Cada detalhe daquele mês passou como um filme em minha memória, e uma certeza se abateu sobre mim: eu não seguiria sem ele.

Estava sem chão... Sem rumo... Sem alma. Era doentio pensar que eu poderia estar apaixonada pelo meu irmão. Não suportei a dor e comecei a gritar na tentativa de arrancar o sofrimento de dentro

de mim, mas foi em vão. Quanto mais eu gritava, mais meu coração sangrava. Gritei por vários minutos até ser derrotada pelo cansaço.

— Pietra, minha filha. — Ouvi a voz do meu pai me chamando. Tropecei e caí na cama, mas tentei me levantar o mais depressa possível. Ele tinha as respostas pelas quais eu tanto ansiava.

Assim que abri a porta, meu pai me olhou espantado.

— Por favor, pai — comecei a suplicar. Ele não entendia o que eu estava falando. — Diz que é mentira, pai, por favor, isso não pode ser real. Diz que é mentira. — Eu me agarrei a ele chorando, completamente desesperada.

Ele demorou alguns segundos para responder, mas me pareceu uma eternidade.

— Filha, eu não sei do que você está falando. Por favor, se acalma. — Meu pai me abraçou forte, e foi uma das poucas vezes que recebi esse carinho. Mas me sentia tão despedaçada que não conseguia pensar no que estava acontecendo.

— O Lucas não pode ser meu irmão — murmurei baixo, como se aquilo pudesse fazer tudo ser uma mentira. — Eu e o Lucas não somos irmãos. Isso não pode acontecer. Eu o amo. Amo como nunca amei ninguém.

Meu pai se afastou para me olhar. Meu corpo inteiro tremia, com medo da resposta que viria.

— Pietra, eu não sei o que está acontecendo. De onde foi que você tirou essa ideia, minha filha?

Abri o guarda-roupa e peguei a caixa que tinha escondido lá. Espalhei tudo que tinha dentro sobre a cama. Meu pai encarou surpreso cada foto e cada carta.

— O que é isso, pai? Por que tem várias cartas do pai do Lucas pra minha mãe? Diz pra mim! — implorei por respostas. Não tinha mais voz, não tinha mais forças. Então, caí no chão, sentada sobre as pernas.

— Você e o Lucas não são irmãos — meu pai respondeu com os olhos fechados. Vi seu rosto transfigurado pela dor. — Mas você precisa saber de algumas coisas — explicou.

Meu pai me ajudou a levantar, e eu sentei na cama, esperando para ouvir o que ele tinha para contar.

— A primeira delas é que... — meu pai hesitou, mas continuou — Vitor, o pai do Lucas, foi o grande amor da vida da sua mãe. Eles se amaram por anos, e a última palavra que ela disse antes de morrer foi o nome dele.

Apesar de mais calma por saber que Lucas e eu não éramos irmãos, a história me deixou estarecida.

Minha mãe e o pai do Lucas? Não fazia sentido.

Lucas

Eu não queria deixar Cristal sozinha, ela parecia não estar bem, mas acabei dando o braço a torcer. Realmente precisava resolver muitas coisas na cidade, já que tinha saído do hospital direto para a fazenda. Precisava falar com o novo veterinário, passar em casa para pegar algumas coisas e ir ao posto de saúde para uma consulta com o dr. Jorge. Além disso, também precisava fazer uma visitinha a certa pessoa.

Desde que tinha visto aquele idiota beijando a minha namorada, eu não conseguia parar de pensar no que fazer. O problema é que eu não poderia partir para cima do cara enquanto estivesse preso naquele maldito trambolho. Mas é para essas coisas que servem os amigos.

Sorri com esse pensamento enquanto Pedro dirigia concentrado na estrada.

Eu tinha pedido que ele me levasse ao hotel e me ajudasse a dar um chega para lá no pangaré. Pedro não pensou nem dois segundos antes de me responder. Esse companheirismo era o que eu mais gostava no meu amigo. Companheiro é companheiro, filho da puta é filho da puta.

— Aonde você quer ir primeiro? — Pedro perguntou quando já estávamos quase chegando à cidade.

Fiquei tentado a ir direto atrás do idiota, mas me contive. Deixaria por último, assim não atrapalharia o restante dos meus compromissos.

— Vamos em casa, passamos no dr. Jorge, visitamos o pangaré e depois vamos buscar o Leandro.
— Confirmei o itinerário e Pedro não discordou.

Entrei em contato com Leandro, um amigo de faculdade, para pedir que ele prestasse serviços em algumas fazendas onde eu trabalhava. Assim os proprietários não ficariam na mão durante a minha recuperação. Por sorte, Leandro estava trabalhando na fazenda Raio de Sol, que ficava na região. Sempre confiei de olhos fechados nele, um veterinário excelente e muito profissional. Eu tinha certeza de que ele faria um trabalho tão bom quanto o meu ou até melhor. Leandro era funcionário

fixo da Raio de Sol, mas, assim como eu, prestava serviços para outras fazendas. Quando contei a ele sobre o acidente e pedi sua ajuda, ele prontamente respondeu ao meu pedido.

Pedro estacionou na porta da minha casa e eu aguardei ele tirar a maldita cadeira da caminhonete.

— Vamos lá, mano — disse ele, me carregando e me sentando.

— Se for para ficar assim pelo resto da vida, vou preferir morrer — disse em voz baixa. Pedro imediatamente virou a cadeira de frente para ele e me encarou com ódio. Acho que nem quando nós brigamos na faculdade eu o vi tão chateado comigo.

— Porra, Lucas! — gritou, e eu abaixei a cabeça recuando. — Nunca mais fale uma merda dessas. Já imaginou como a Mari e o Santiago ficariam? E eu, seu melhor amigo? E a Pietra, já pensou o que ela acharia se te ouvisse dizer isso?

Pensei em toda a minha família — o que sobrara dela — e me dei conta de quanto eles também deveriam estar sofrendo. As palavras do Pedro me fizeram lembrar da minha Potranca. Pietra estava muito diferente de quando chegou — mais emotiva, mais alegre e, principalmente, mais humana. Era impossível não se encantar com ela. Eu estava apaixonado, isso era óbvio, mas fiquei surpreso quando a ouvi dizer “eu te amo”. Acho que ainda não estava preparado para uma declaração tão profunda.

Enquanto divagava sobre minha relação com a Cristal, Pedro me levava para dentro de casa.

Eu precisava somente de algumas roupas, uns livros e meu notebook. Eu dizia onde estava e Pedro pegava para mim. Foi quando me dei conta de que eu não estava com um amigo, mas com um irmão. Em nenhum momento ele saiu do meu lado. Nem sei como conciliava o trabalho com a profissão de babá.

— Pedro? — chamei, e ele olhou para mim. — Obrigado por tudo, cara.

Meu amigo guardou minhas coisas em uma sacola e caminhou até mim, colocando a mão em meu ombro.

— Você faria o mesmo por mim, irmão — disse ele, convicto e com toda a razão.

Sempre fui um cara que defende a família com unhas e dentes. Depois de perder meus pais, eu não suportaria perder mais ninguém. Por isso cuidava da Mari como se ela fosse uma irmã. E Pedro também passou a fazer parte daqueles por quem eu luto.

Ele empurrou a cadeira até o carro. Antes de me colocar no banco, vi Carol caminhar em nossa direção. Alguns passos antes de nos alcançar, reparei em como ela olhava para a cadeira. Seu olhar se encheu de piedade e isso me desestabilizou totalmente.

— Oi, Carol. — Pedro chamou sua atenção, pois ela me encarava sem ao menos disfarçar quanto sentia pena de mim.

— Oi, Carol. — Imitei Pedro e a cumprimentei, porém de maneira mais contida e fria.

Ela corou e ficou sem graça. Sabia que estava me deixando desconfortável.

— Desculpa, Lucas. Não fui te visitar no hospital porque achei que já tinha gente demais — disse ela, comovida. — Mas Raquel sempre me dava notícias suas. Como você está?

— Aleijado.

— Lucas! — Pedro me repreendeu, gritando. Carol começou a chorar e eu desviei o rosto para o lado. *Porra! Será que toda vez que encontrar alguém vai ser assim?*

— Foi mal, preciso ir — cortei qualquer tipo de conversa que pudéssemos ter. Na verdade, não via a hora de resolver tudo e voltar para a fazenda. Pelo menos Pietra não me olhava com pena. Bendita a hora em que aceitei seu convite para ficar lá: não conseguiria suportar as pessoas na cidade.

Pedro me tirou da cadeira e me colocou na caminhonete, sob o olhar pesaroso da Carol. A vontade de me afastar de tudo aquilo não cabia mais em mim. Era frustrante e revoltante pensar que semanas antes eu era um homem inteiro e que depois virei um aleijado.

— Meu Deus... — Tentei respirar normalmente, mas estava difícil manter o controle.

— Cara... — Pedro começou a dizer, mas depois se arrependeu e ligou a caminhonete. Saímos mudos, mas vi meu amigo sacudir a cabeça, inconformado com o que tinha acontecido. Eu sabia que estava agindo como uma criança mimada, mas não conseguia manter a calma diante da situação.

O posto de saúde ficava a poucas quadras da minha casa. Era pequeno e modesto, mas o dr. Jorge era um excelente médico. Já fazia muitos anos que ele tinha vindo da capital com a família. Assim que estacionamos, mais uma vez Pedro me ajudou. Então falei:

— Eu sigo daqui.

Pedi que ele aguardasse na recepção enquanto eu falava com o médico. Tinha um assunto específico para tratar e não queria ninguém por perto. A situação já era frustrante o suficiente sem plateia.

— Então, doutor... — comecei, um pouco envergonhado. — Na verdade, dr. Jorge, eu queria saber se eu realmente, se eu posso... — Levantei o braço com o punho fechado, tentando explicar a que me referia.

— Você quer saber se é capaz de manter uma ereção na situação em que está? — perguntou, direto e sem rodeios.

Acho que nunca tinha sentido tanta vergonha na vida. Não estava acostumado a falar do desempenho do meu amigo com outro homem, então fiquei bastante incomodado.

— Vamos lá, Ranger. — O médico inclinou a cadeira um pouco. — Conheço você desde que teve sua primeira dor de barriga.

Segurei um sorriso. É claro que conhecia. O dr. Jorge trabalhava na cidade desde que eu era criança.

— E então? Posso funcionar normalmente? Como era antes?

Queria logo acabar com aquela tortura de consulta. O médico do hospital já tinha me explicado, mas eu queria uma segunda opinião antes de tentar alguma coisa com a Cristal. Precisava resolver aquilo! Estava ficando louco com ela dormindo junto comigo. Parecia que eu iria explodir se não a tocasse. Era tão excitante tê-la ao meu lado... Quando ela me acordou toda cuidadosa para me trocar de posição, senti que precisava me esforçar mais. Por ela e por mim.

— Lucas, tenho certeza de que o seu médico já te explicou, mas vou explicar de novo: é perfeitamente possível que você tenha uma vida sexual normal. O problema não afetou suas sensações. E, pelo que eu soube, a sua condição é passageira. O alerta que posso dar é que, talvez, você não consiga sustentar uma ereção por muito tempo. Eu sugiro duas opções: que você seja

sincero com a sua parceira, contando sobre essa pequena limitação, ou... — Parou de falar e tirou uma caixinha da gaveta. — Estimulante sexual!

— Nem fodendo! — falei alto demais e, reconhecendo que tinha exagerado, abaixei o tom de voz. — Não vou usar Viagra, dr. Jorge.

O médico sorriu e recolocou a caixa na gaveta.

Viagra? Fora de cogitação.

— Imaginei que diria isso. Então, basta ter uma conversa franca com sua parceira e vocês certamente conseguirão achar uma alternativa. Tudo vai dar certo. — Apoiou as mãos na mesa e ficou me encarando.

— Entendi, era só isso mesmo. Obrigado! — agradei, e o médico se levantou, abrindo a porta para que eu pudesse passar. Quando Pedro me viu, levantou-se e me buscou.

— Ah, Lucas? — o dr. Jorge chamou, e virei a cadeira para olhá-lo. — Seus girinos ainda estão nadando. Não se esqueça da camisinha!

Pedro deu uma gargalhada, e ainda bem que não tinha mais ninguém na recepção, ou todos saberiam sobre o meu cardume.

— Vai se foder, comedor de queijo! — xinguei.

No caminho até o hotel, Pedro não parava de rir. Eu já tinha me dado por vencido e até soltei um risinho pela sua cara de pau em me provocar.

— Bom dia, dona Cidinha — cumprimentei a dona do hotel onde o idiota estava hospedado. Meu tio havia me contado para onde tinha levado o infeliz, e estava na hora de eu ter uma conversinha de homem para pangaré. Fiquei dez impacientes minutos contando tudo o que tinha acontecido para a dona Cidinha. Desde que eu me entendia por gente, ela mantinha o único hotel da cidade.

Depois de dar meu histórico médico, consegui convencê-la de que eu e Pedro estávamos indo visitar um amigo. Como me conhecia desde pequeno, não achou que eu estivesse mentindo. *Que Deus me perdoe.*

Pedro me empurrou até o quarto indicado, bateu na porta, e se afastou um pouco. Segundos depois, a porta se abriu.

— Ah! Só pode ser brincadeira — o babaca disse assim que abriu a porta. Tentou fechá-la, mas Pedro colocou o pé nela, impedindo-o.

— Boa tarde. Quero trocar uma palavrinha com você.

Não esperei ele responder. Pedro bateu o braço na porta, jogando o tal do Rafael para trás.

— Era só o que me faltava: o aleijado e o caipira. — Sorriu sarcasticamente, depois de se refazer da pancada da porta. Eu e Pedro nos entreolhamos, e no minuto seguinte Rafael estava agachado na minha frente. Pedro tinha torcido seus braços atrás de suas costas até fazê-lo ficar de joelhos.

— Bom, o aviso vai ser rápido. Presta atenção, porque, se eu tiver que repetir, pode ser que o Pedro se irrite e quebre o seu braço.

Rafael esbugalhou os olhos e se debateu tentando se livrar das mãos do meu amigo, mas foi impossível. Um pequeno movimento e Pedro partiria os seus ossos.

— Fica longe da Pietra! — Liberei toda a raiva que estava contida desde aquele dia. — Agora ela é minha e você não vai chegar perto da minha namorada. E nem arrancar mais um centavo dela! Eu

sei que você só queria o dinheiro da Pietra, porque, se você a amasse, já teria vindo atrás dela há muito tempo. Estamos entendidos?

Quando pensei que o desgraçado tinha entendido o recado, ele sorriu presunçoso, o que me fez ferver. Se não estivesse na porra da cadeira de rodas, eu o mataria.

— Você não conhece a Pietra. Acha que ela vai se contentar com esse mundinho? Com essa vidinha medíocre, com um homem deficiente? — Quando o cara disse as últimas palavras, Pedro apertou mais seu braço, fazendo-o gritar.

— O passado dela não importa. O que importa é que ela é minha, minha namorada, minha mulher. E, se você encostar nela novamente, juro que o deficiente aqui vai arrancar as suas bolas. — Minhas palavras carregavam todo o ódio que eu sentia.

Gigolô, filho da puta.

Vendo que eu tinha terminado, Pedro o soltou e o moleque gemeu de dor, esfregando os braços.

— Caipiras idiotas! — gritou enquanto saímos.

Nós nos despedimos da dona Cidinha, que parecia alheia ao que tinha acontecido, e Pedro sorria convencido, satisfeito com o que havíamos aprontado.



Já era fim de tarde quando nos encontramos com Leandro. Tínhamos combinado de irmos juntos para a Girassol.

— Cara... sinto muito — disse ele no momento em que me viu. — Mas você vai sair dessa, meu amigo. — Deu um tapa em minhas costas, fazendo meu corpo chacoalhar para a frente. Soltei um palavrão, e Leandro e Pedro sorriram. Até que enfim alguém que não me olhava como se eu fosse morrer ou ficar preso naquela geringonça para sempre.

Fui na caminhonete com Pedro, e Leandro nos seguiu. No caminho, conversamos sobre vários assuntos, inclusive Mariana. Quando ouviu o nome da minha prima, ele mudou de expressão.

Porra! Será que eu fico assim com a Cristal? Parecendo um idiota?

Era nítido que Pedro ainda ficava um pouco constrangido ao falar sobre a Mari.

— Desculpa, eu deveria ter ficado longe, mas não consegui. — Ele sabia que tinha quebrado todas as promessas que tinha me feito.

— Cara, eu é que deveria pedir desculpa. Eu sabia que vocês dois se gostavam de verdade e mesmo assim tentei impedir o relacionamento.

Pedro sorriu, agradecido.

Eu ainda sentia ciúme da minha pequena, mas sabia que ela estaria em boas mãos.

— Mas, se a fizer sofrer, eu te capô — ameacei, sério.

— Eu sei — respondeu, mais sério ainda. Pedro sabia que eu não brincava quando se tratava da Mariana.

Chegamos à fazenda, e Leandro estacionou ao lado da caminhonete do Pedro. Assim que nos viram, as meninas foram em nossa direção. Mari com um vestido florido e Pietra de jeans, camisa xadrez e o cabelo em uma trança lateral. Perfeitamente linda.

Leandro saiu da caminhonete e parou ao meu lado. Então, aconteceu o que eu temia desde o início: na hora, as meninas pararam e olharam embasbacadas para o meu amigo e novo veterinário da Girassol. Leandro e eu tínhamos a mesma idade, e sua fama por toda a redondeza se igualava à minha. Porém, a diferença entre nós era que Leandro usava tudo isso a seu favor, enquanto eu era mais reservado. Ele não deixava escapar nada e, apesar de todo o estilo caubói, suas tatuagens eram o que mais impressionava as mulheres. E minha namorada e minha irmã claramente concordavam com isso.

— Puta merda! — Mari exclamou.

— Olha a boca, Mariana — repreendi.

— Influência da Pietra — disse ela, apontando o dedo para o lado, mas sem tirar os olhos do Leandro.

— Porra! — foi a vez da Pietra se expressar.

Fiquei totalmente incrédulo ao ver a cara de pau das duas. Nem tentaram disfarçar a baba escorrendo. Pedro voltou com a minha mala nas mãos e logo passou a fuzilar a minha prima com o olhar.

— Boa noite, senhoritas. — Leandro não perdeu tempo e se apresentou. Tirou o chapéu sorrindo e fez as duas suspirarem.

— Fora dos limites — Pedro e eu dissemos juntos, e o safado continuou sorrindo.

— Fique longe — completei.

— Ok! Entendido! — Levantou as mãos em sinal de rendição. — Mulher de amigo meu para mim é... mulher. — Deu de ombros mudando o ditado. — Mas vou respeitar suas belas damas.

Continuamos os cinco parados nos encarando em frente à sede, até que Pedro chamou a atenção de todos.

— Mariana, preciso falar com você. Vem comigo! — Minha prima saiu do transe e o seguiu.

Pietra também recuperou a voz e resolveu se apresentar.

— Prazer, Pietra. — Estendeu a mão, e Leandro a cumprimentou. — Sou a filha do dono daqui. — Apontou para a casa atrás dela.

— Leandro Vasques. Quer dizer, então, que você é a patroa?

Ela sorriu com gentileza, confirmando, e se virou para mim.

— Vamos entrar, amor? — perguntou com aquela voz que me desarmava. Como ficar bravo com aquela garota?

— Se não for incômodo... patroa! — brinquei, e ela se agachou na minha frente, beijando meus lábios. Aprofundei um pouco mais o beijo. Não que acreditasse que Leandro fosse tentar algo, mas não custava nada deixá-lo saber que a Potranca tinha dono.

— Recado entendido, vou ali falar com o Santiago — Leandro disse. Pietra desgrudou da minha boca e eu vi meu tio conversando com o meu substituto.

Pedro voltou da sua breve conversa com Mariana e eu percebi que a coisa não tinha sido muito boa para ela. Minha prima estava com uma tromba de elefante.

— Seu pai chegou? — perguntei a Pietra, pois tinha avistado o carro do Araújo estacionado.

— Chegou! Vou avisar que você está aqui, ele quer falar com você — afirmou, um pouco insegura. Será que ele tinha reclamado da minha estada na fazenda? Bom, se fosse isso, logo descobriria.

Pietra entrou, e Pedro subiu minha cadeira pela rampa até a porta. Ele voltou para pegar a minha mala e eu segui sozinho. Precisava mostrar que não era um completo fardo. Nenhum pai gostaria disso para a sua filha.

— Pai, você me prometeu! — ouvi Cristal suplicar. Ela estava chorando? — Por favor, o Lucas... — Ela parou de falar assim que me viu. Arregalou os olhos, e eu vi quanto não queria que eu escutasse a conversa. Ela estava em pânico.

— Eu o quê, Pietra? — perguntei e fiquei esperando uma resposta. Mas, pela cara que fizeram, eu provavelmente não iria querer saber.

Pietra

Pedi... Implorei... Supliquei ao meu pai que não contasse nada ao Lucas. Depois de dizer que minha mãe e o pai do meu namorado eram completamente apaixonados, meu pai me contou algo que me tirou o chão. Uma coisa que com certeza me separaria do Lucas. Antes fôssemos irmãos, pelo menos eu teria o amor dele de alguma forma. Mas o que descobri é doloroso além do limite, algo inexplicável, que me fez sentir vergonha de quem sou ou era. As palavras do meu pai ainda ecoavam em minha cabeça quando o Lucas chegou da cidade.

Ele precisa saber. É um direito do Lucas.

Não! Não! Não! Eu não poderia perdê-lo. Foi isso que disse ao meu pai, e recebi um prazo: duas semanas para lhe dizer a verdade ou ele mesmo contaria. Pensei em todas as maneiras de contar aquele absurdo, aquela monstruosidade. Mas, em todos os cenários que imaginei, o Lucas me deixava no final.

Assim que escutei a caminhonete do Pedro estacionando, corri para a porta e me encontrei com a Mari. Letícia estava no quarto, e meu pai, no escritório. Eu havia trocado poucas palavras com minha amiga e ela não estava muito feliz com isso. O que na verdade pouco me importava. Minha única preocupação era não perder o amor que eu tinha acabado de encontrar.

Abri meu melhor sorriso, falso como tudo o que eu tinha vivido até então. A vida inteira eu tinha seguido a sombra da minha mãe, imaginando que ser rica e fazer parte da high society me aproximariam dela. Ledo engano. Eu estava tão longe da minha mãe quanto estava da verdade.

Eu e Mariana fomos receber os meninos e o novo veterinário. Apesar do péssimo momento, não deixei de prestar atenção na beleza do Leandro. E claro que usei isso para provocar um ciúme de leve no Lucas, que caiu como um patinho. *Adoro provocá-lo!*

Quando voltei à sala, meu pai estava em pé com um semblante preocupado, então mais uma vez eu implorei para que não contasse nada.

— Eu o quê, Pietra? — A voz do Lucas ressoou atrás de mim e eu tremi. Desejei que o chão se abrisse sob os meus pés para não ter que me virar e encará-lo. Mas sabia que isso não aconteceria, então eu o olhei. Lucas queria respostas, mas eu não conseguia raciocinar de forma lógica.

— Nada, é só... — gaguejei, e ele continuava a me encarar. Olhei instintivamente para o meu pai, implorando por ajuda.

— Não é nada, Lucas. Pietra pediu que eu resolvesse a questão com o Rafael e o levasse embora — meu pai mentiu, e eu voltei a respirar.

Lucas ainda me olhou desconfiado e tive medo de que não acreditasse, mas então abriu o sorriso mais lindo e moleque do mundo.

Meu Deus! Como estou apaixonada!

— Acho que o Rafael não vai ser mais problema, sr. Araújo — disse ele, sério e ao mesmo tempo descontraído. Como fazia aquilo? As palavras contrastavam com o seu olhar.

Meu pai fez uma careta e se aproximou de onde o Lucas estava.

— Pode me chamar de Roberto, agora que é meu futuro genro. — Lucas corou. Mordi o lábio inferior, pois estava ansiosa. Lucas era um dos únicos homens que eu tinha visto corar, e ele ficava lindo assim. — Sinto muito pelo que aconteceu. Pietra me disse que é passageiro.

— É o que os médicos dizem. — Deu de ombros como se aquilo não fosse importante.

— Sim, é passageiro — afirmei e me coloquei ao seu lado. Odiava ver Lucas sem confiança em si próprio. — A fisioterapia recomeça amanhã e com certeza em poucas semanas ele já vai estar recuperado.

Meu pai se surpreendeu com o meu comentário. Na verdade, desde que eu tinha contado sobre os meus sentimentos pelo Lucas, ele me olhava de uma forma diferente. Acho que nunca havia acreditado que eu encontraria alguém.

— Claro que vai — concordou meu pai, gentilmente. — E, se precisar de mais alguma coisa, estou à disposição. — Eu nunca saberei como agradecer ao meu pai.

— Sobre isso... — Lucas abaixou a cabeça. — Não quero ser um transtorno pra vocês.

Eu me agachei ao lado de Lucas e segurei sua mão. Ele parecia uma criança com medo e, mesmo com o pânico que tomava conta do meu coração, eu tive que ser forte. Forte por ele.

— Já falamos sobre isso, meu amor. — Tentei ser gentil e passar todo o carinho que sentia, mas sem constrangê-lo perante o meu pai.

— Lucas, você é meu funcionário há alguns anos e, mesmo que não estivesse aguentando essa louquinha que é minha filha, eu daria todo o apoio de que você precisa — meu pai argumentou. — Fique o tempo que necessitar, porque quero você de volta cuidando dos meus animais.

— Obrigado mesmo, senhor... — Lucas ia dizer “Araújo”, mas, vendo o olhar de repreensão do meu pai, mudou de ideia. — Roberto.

Me levantei e conduzi Lucas até a sala de jantar.

— Você deve estar com fome. Vamos lá — eu disse.

— Preciso falar com o Leandro — disse ele, antes de chegarmos à mesa.

— Quer que eu o chame? — perguntei, provocando.

Lucas me devolveu uma careta e eu adorei vê-lo com ciúme.

— Eu falo com ele — meu pai se adiantou. — Vocês podem jantar, estou sem fome.

Sabia que para ele também estava sendo difícil. Meu pai contou que sempre amou minha mãe, e devia ser doloroso para ele ver o filho do rival que ele nunca foi capaz de superar sentado em sua

sala e com sua única filha.

— Está tudo bem? — Lucas perguntou preocupado quando ficamos sozinhos. — Estou achando você um pouco nervosa.

Voltei a abrir o sorriso forçado na esperança de convencê-lo do contrário.

— Claro, Perigoso.

— Perigoso? — perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Ouvi Raquel te chamar assim uma vez... E gostei. — Dei de ombros, mas por dentro estava fervendo de ciúme. Sabia muito bem o que ele havia sentido ao me ver encarando o Leandro, pois era assim que eu me sentia toda vez que ouvia o nome da Raquel. — Se você não se lembrar dela toda vez que eu te chamar assim, esse vai ser o seu novo apelido.

— E o que houve com Garanhão? — Ajeitou a cadeira por baixo da mesa e colocou grosseiramente os cotovelos nela.

Revirei os olhos ao ver aquela cena. Alguns hábitos da antiga Pietra nunca sumiriam.

Ainda de pé, eu bati a mão em seus braços, tirando-os da mesa.

— Eu gosto de Lucas Garanhão Perigoso Ranger Vitor.

— São muitos apelidos. — Sorriu. — Eu te dei apenas um.

— Dois. — Levantei os dedos indicando a quantidade e me sentei ao seu lado.

— Cristal não conta. Já é quase seu segundo nome. Mas Potranca... — Um olhar malicioso transformou seu rosto, e eu senti um arrepio na pele. Será que ele estava preparado para dar aquele passo? Não queria forçá-lo, mas não suportava mais esconder o desejo que sentia.

Jantamos sozinhos. Mari e Pedro tinham ido embora, assim como Leandro, que, antes de ir, passou pela sala apenas para se despedir de Lucas e combinar os dias em que estaria na fazenda. Ele foi gentil ao beijar minha mão e piscar, provocando Lucas deliberadamente. Entrei na brincadeira e disse que ele poderia me chamar de patroa sempre que quisesse. Lucas bufou, e Leandro e eu rimos da sua cara de contrariado.

Letícia desceu por poucos minutos quando já estávamos terminando o jantar. Disse que queria conversar comigo e eu prometi que falaríamos ainda naquele dia. Então, ela subiu novamente para o meu antigo quarto. Deixei Lucas aos cuidados da enfermeira e fui ao escritório falar com o meu pai. Eu o encontrei lendo uma revista de agronegócios.

— Posso entrar? — perguntei, e meu pai assentiu.

Eu me sentei no sofá ao lado da poltrona em que ele estava.

— Desde quando você precisa de permissão para alguma coisa? — perguntou ele, impressionado com minha mudança de comportamento repentina.

— Pai, eu não quero perdê-lo. — Uma lágrima solitária desceu pelo meu rosto, deixando meu pai ainda mais surpreso.

Ele se levantou e se sentou ao meu lado, bem próximo a mim. Era estranha aquela proximidade. Não estávamos acostumados, e ficamos desconcertados diante da nova situação.

— Você mudou muito desde a última vez que te vi. — Ele me olhava com as mãos sobre as pernas. — Lucas deve ser especial.

Sequei a lágrima que tinha rolado e segurei o choro.

— Não só ele. Aprendi muito com a Mariana, o Santiago e... — parei um pouco e respirei fundo — com a minha mãe. — Então, meu pai desviou os olhos de mim. — Tenho sonhado muito com ela desde que cheguei — completei.

— Eu acho que te devo um pedido de desculpas. — Ele se ajeitou na poltrona e segurou minha mão. — Eu não fui o melhor pai do mundo. Estava magoado e sofrendo com a perda da sua mãe. Na verdade, eu não a perdi, pois nunca a tive. — Sorriu forçadamente, mas eu senti sua dor. — Então, achei que você ficaria melhor em um colégio onde pudessem te ensinar tudo o que eu não conseguiria. Mas o tiro saiu pela culatra. Você se tornou uma mulher fútil e materialista, o oposto de sua mãe. Quando eu percebi já era tarde demais. Obrigá-la a passar um mês aqui foi a minha última tentativa de mudar algo.

Concordei com cada palavra, pois tudo era verdade. Eu me ressentia por ter passado a vida inteira sozinha, sem a companhia e o amor dele, e tudo que eu fazia era para chamar sua atenção.

— Mas confesso que fiquei surpreso com o que vi até agora. E um pouco preocupado. Não quero que se machuque, mas Lucas precisa saber de tudo.

— Pai... — implorei. — Ele não vai me perdoar.

— Isso só o tempo vai dizer, minha filha. Mas é o certo a se fazer. Muita coisa já foi tirada do Lucas. Não lhe tire a oportunidade de saber a verdade.

Não concordava com o meu pai, mas eu ainda não sabia o que fazer. Me levantei e, antes de sair, ele me chamou novamente.

— Amanhã vou à capital para adquirir alguns animais e devo voltar em uns cinco dias.

Eu me despedi dele e subi as escadas correndo até o quarto da minha amiga. Abri a porta e entrei sem bater. Letícia estava ao telefone:

— Calma, Rafa, eu vou tentar resolver essa bagunça — disse, me olhando duramente. — Tchau! — Ela se despediu e desligou. — Posso saber que porra é essa? — perguntou diretamente a mim.

— Do que está falando? — Eu estava surpresa com seu acesso de raiva.

Letícia caminhou até mim.

— Rafael acabou de me contar que seu “namorado” — fez sinal de aspas com as mãos ao pronunciar a palavra — e aquele caipira amigo dele o atacaram no hotel. Sinceramente, Pietra, já não basta tudo que você está fazendo com ele? — perguntou. Eu não me contive e sorri. Agora sabia por que Lucas tinha dito que o Rafa não seria mais problema. — Você ficou louca! — minha amiga completou, me dando as costas.

— Letícia, eu já te disse que estou apaixonada. — Queria que ela entendesse que era uma loucura, sim, mas uma loucura que me fazia muito feliz.

Ela se virou e a sua raiva era palpável.

— E vai fazer o quê? — perguntou ríspida, alterando o tom de voz. — Vai se mudar para a fazenda e ter um monte de bezerros desmamados como filhos? Vai trocar seu sonho de morar em Paris por um... um...

— Um o quê? Termina! — gritei. Letícia recuou, mas eu não. Ela estava debaixo do meu teto, e eu não admitiria que ninguém falasse mal do Lucas na minha frente. — Meu pai volta em cinco dias e

depois disso você vai embora com ele. Quanto ao Rafa, não quero mais saber de nada que se refira a ele. E por favor... — Encarei seus olhos azuis. — Respeita o Lucas, ou nem espero meu pai chegar.

— Está me expulsando? — questionou, incrédula.

— Não. Estou te dando um aviso.

Não esperei ela responder. Desci as escadas e, o mais rápido que pude, entrei no meu quarto. Abri a porta e paralisei ao ver meu namorado já na cama. Ele estava sentado com uma grande almofada apoiando as costas. Com o notebook no colo, ele estava usando óculos. Quando achei que não podia me apaixonar mais por ele, tive essa visão.

— Oi. — Eu me aproximei da cama totalmente excitada. — O que está fazendo?

— Nada de importante. Apenas lendo um artigo sobre choque medular — respondeu normalmente. Retirou os óculos e os colocou na mesa de cabeceira.

— Você vai conseguir, amor. — Já estava me acostumando a chamar Lucas desse jeito, e acho que ele também.

— Eu vou tentar — disse ele, e eu fechei a cara para o seu comentário. — Ok, eu vou conseguir — consertou, e eu sorri em agradecimento. — Agora, vem aqui.

Me sentei ao seu lado na cama. O cheiro dele invadiu minhas narinas e me deixou completamente extasiada. Era inebriante e viciante. Um aroma que me fazia reconhecê-lo mesmo de olhos fechados. Uma mistura de perfume com seu próprio cheiro que o fazia único. Cheiro de Ranger.

— Por que Ranger? — Sempre tive essa curiosidade, mas havia me esquecido de perguntar.

Lucas me puxou para os seus braços e eu me aconcheguei em seu peito. Gostava de ficar assim com ele. Perto. Colados. Juntos.

— Você sabe que eu passei um tempo no Texas, certo? — perguntou, enquanto passava as mãos pelo meu cabelo. — Quando voltei, Rodrigo me colocou esse apelido por causa de uma das polícias de lá, conhecida como Texas Ranger. No começo achei idiota, mas sabe como é, “Cristal”: apelidos pegam.

— Disso eu sei — respondi. — Vou tomar um banho e já volto — avisei e dei um beijo em seus lábios. Antes que eu me afastasse, Lucas aprofundou a língua em minha boca, me invadindo e tomando posse do que era dele. Gemi em resposta, e ele sorriu sem desgrudar os lábios dos meus. Em contrapartida, mordi seu lábio inferior e o puxei. Abri os olhos e vi Lucas com os dele fechados. Saboreei aquela visão. Meu homem entregue a mim. Soltei antes de fazer uma besteira e atacá-lo sem chance de ele se defender. Dei um selinho para indicar que nosso beijo estava no fim e saí em direção ao banheiro.

Embaixo do chuveiro, tentei me acalmar. O dia havia sido o mais turbulento da minha vida. Muita coisa aconteceu. Imagens das fotos, das cartas e dos bilhetes, meu pai, minha mãe e Lucas rodeavam minha cabeça. Fiquei um bom tempo debaixo d’água até criar coragem para sair e encarar Lucas novamente.

Com uma toalha enrolada no corpo e outra no cabelo, eu saí do banheiro. Estava pronta para colocar uma camisola e me deitar ao lado de quem me fazia tão bem. Era bom demais dormir com ele e eu queria que durasse para sempre.

— Vem aqui, Potranca — uma voz grossa me chamou. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

Quando eu me virei, Lucas havia tirado o lençol que antes o cobria e eu fiquei surpresa ao ver seu membro totalmente duro, tentando se libertar da boxer preta.

Não pensei duas vezes. Sabia o que ele estava me oferecendo e agarrei a chance. Tirei a toalha do cabelo e, enquanto caminhava até a cama, eu deixei a que cobria meu corpo escorregar. Estava tão louca por ele que meu sexo latejava pela antecipação do prazer que sentiria. Isso era fato. Tinha passado somente uma noite com o Lucas, mas o prazer que senti na ocasião foi indescritível. Ele era um amante maravilhoso.

— Tem certeza? — perguntei, pois, mesmo vendo que seu corpo estava respondendo a mim, eu não queria obrigá-lo a nada.

Quando cheguei mais perto, Lucas puxou minha mão e a colocou no seu pau. Estava com o rosto sério. Tomado pelo mesmo desejo que eu.

— Sinta minha certeza. Estou tão louco por você que quase me arrastei até o banheiro.

— E o que eu posso fazer por você... Perigoso? — sussurrei perto do seu ouvido.

— Primeiro você precisa saber que isso pode ser rápido, e eu não quero deixá-la na mão. Está disposta a tentar?

Eu sabia das possíveis limitações. Tinha conversado com o médico, mas estava disposta a fazer de tudo para ser dele novamente. Minha resposta à sua pergunta foi me deitar ao seu lado e tomar sua boca em um beijo ardente. Como antes, quase nos fundimos um ao outro através de nossos lábios. Alcancei sua ereção com uma das mãos e comecei a acariciá-la.

— Me ajuda a deitar — ele disse afastando um pouco os lábios. — Gostosa demais...

Estremeci com suas palavras e fiz o que ele me pediu. Deitei Lucas na cama com cuidado e, vendo-o tão vulnerável, resolvi ir com calma para que ele não se frustrasse.

— Feche os olhos e confie em mim. — Lucas atendeu ao meu pedido. E eu me empolguei com seu consentimento. Fui até os pés da cama e me ajoelhei no chão.

— Sente isso? — questionei ao tocar a sola dos seus pés com os dedos. Lucas gemeu em resposta. Comecei a tocá-lo devagar e com cuidado.

— É uma sensação estranha, mas eu sei que você está tocando meu pé esquerdo — confirmou onde eu o tocava, e eu sorri. Isso foi bom.

— E agora? — Soltei sua perna e comecei a acariciar a outra, deixando minha mão deslizar pela sua pele até sua coxa.

— Pietra, eu posso sentir — sua resposta foi um gemido cheio de desejo. Eu mesma estava totalmente molhada apenas em deixá-lo com tesão. Minha tortura era tão grande que meu ponto sensível pulsava.

— E você também pode sentir isso? — Não dei tempo para que respondesse. Antes que ele pronunciasse uma palavra, eu abaixei a boxer que escondia aquilo que eu desejava. Quando sua ereção saltou, eu a abocanhei, colocando toda a sua extensão em minha boca.

— Puta que pariu! — meu homem gritou. — Meu Deus! Você vai me matar. Eu sinto. Eu sinto. Vire sua boceta para mim, Potranca.

Ele ordenou sério e autoritário. Fiz o que me pediu e fiquei deitada sobre ele, meu rosto de frente para o seu pau. Voltei a acariciá-lo, ficando ainda mais excitada e louca por ele.

Eu me assustei quando senti sua mão pesada dar um tapa na minha bunda.

— Potranca safada. — Bateu novamente, mas agora do outro lado. — Está molhada por me chupar, gostosa. — Senti um dedo me invadir e quase urrei de prazer.

Voltei a chupá-lo com toda a vontade, enquanto segurava a base do seu pau com uma das mãos e acariciava suas bolas inchadas com a outra. Lucas gemia o tempo todo e também não me dava descanso. Suas mãos abriam a minha bunda e sua língua passava por toda a minha boceta. Quase enlouqueci quando ele parou no meu ânus e começou a me foder com a língua.

— Vou querer isso aqui. — Ele brincava comigo e quase gozei quando ele enfiou o dedo em mim. — Você vai me dar seu cuzinho? — Ele girou o dedo e dessa vez não segurei o grito.

— Lucas! — gritei e ouvi sua risada. Várias sensações tomavam conta do meu corpo. E eu já estava a ponto de gozar, mas então Lucas retirou o dedo, me deixando na expectativa. Mas foi por pouco tempo. Com uma das mãos, ele empurrou as minhas costas em direção ao seu pau novamente. Atendi ao seu pedido e o senti inchar ainda mais em minha boca.

Sua língua agora distribuía lambidas em meu clitóris.

— Goza, gostosa. — Ele deu um novo tapa. Acelerei os movimentos e Lucas voltou a me penetrar com o dedo. Sua língua me fodia com vontade e eu não conseguiria me segurar por muito tempo.

— Lucas, eu não aguento mais.

— Eu também não, meu amor — gemeu próximo à minha entrada. — Goza comigo. Goza e lambuza meu rosto. Vamos juntos.

Apertei suas bolas e em resposta Lucas prendeu meu clitóris entre os dentes e chupou violentamente, enquanto seu dedo fazia todo o caminho entrando e saindo da minha bunda.

— Vamos, safada. — Ele bateu no meu traseiro diversas vezes seguidas. — Isso mesmo, minha Potranca, suga minha língua com essa bocetinha apertada! Tão gostosa quando goza...

Então eu gozei. Estremeci com sua língua em meu interior. Quis gritar, mas estava com a boca totalmente preenchida. Acelerei meus movimentos e não demorou muito para sentir o primeiro jato atingir o fundo da minha garganta.

— Toma tudo, gostosa. Ah, que delícia! — Ouvi-lo gemer e saber que eu o satisfazia quase me fez gozar novamente.

Lambi até a última gota que saía dele.

Quando acabou, eu me deitei ao seu lado e sorri ao ver que ele estava realmente lambuzado. Seu rosto estava molhado, e Lucas me dava o olhar mais safado do mundo. Passei a mão pelo seu rosto e, antes que pudesse fazer qualquer coisa, Lucas pegou minha mão e a levou à boca, lambendo tudo, dedo por dedo.

— Você é muito gostosa.

— E você é um depravado.

— Um depravado que você ama.

— Sim... eu amo — reafirmei o que tinha dito pela manhã.

Lucas me olhou e, mais uma vez, não fez nenhum comentário sobre as minhas palavras. Eu me levantei da cama e peguei a toalha que tinha jogado no chão.

— Eu também — Eu o escutei dizer, mas não entendi.

— Você o quê? — perguntei, ainda de costas para ele.

— Eu também te amo.

Paralisei. Meu coração disparou e lágrimas brotaram em meus olhos. Nunca na vida tinha ficado tão feliz com apenas quatro palavras.

Eu me virei e não me importei com as lágrimas que desciam.

— Eu te amo, meu amor. — Dessa vez ele disse olhando em meus olhos e invadindo minha alma.

— Minha Pietra, minha Cristal, minha Potranca.

Lucas

— Repete, por favor — Pietra pediu, enquanto me encarava com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu. Amo. Você — falei pausadamente para que me entendesse.

Apoiei as mãos na cama e me sentei.

— Lucas, meu amor. Eu não sei o que dizer. — Ela estava visivelmente emocionada e tentava secar as lágrimas que teimavam em rolar pelo seu rosto. Tão linda... Corada e descabelada depois da nossa brincadeira. Deliciosamente nua e chorando pelas palavras que eu tanto tinha relutado em dizer, mas que pularam da minha boca assim que a olhei se afastando. Não sei o que me deu, mas senti uma vontade enorme de que soubesse o que eu sentia, o que eu tinha descoberto com ela.

— Um “eu também” funciona, ou vou achar que sou um idiota — brinquei, pois ela já tinha dito que sentia o mesmo por mim.

Minha Cristal abriu um sorriso enorme e só não pulou em mim porque ficou com medo de me machucar. Ela se sentou ao meu lado na cama e segurou meu rosto entre as mãos. Estávamos tão próximos que pude sentir sua respiração.

— Eu sempre vou amar você — disse ela, e eu sentia toda a sinceridade em sua voz trêmula pela emoção. — Lucas, você me salvou.

Fiquei sem entender o que ela queria dizer com aquelas palavras. Olhei confuso para a bela mulher em minha frente. Vários questionamentos atravessaram os meus pensamentos, principalmente: se eu mesmo não tinha conseguido me salvar, como a teria salvado?

— Não fui eu quem te salvou — discordei.

Ela balançou a cabeça, fazendo que sim.

— Foi sim, meu amor — reafirmou. — Me salvou de uma vida inútil e sem objetivos. Lembro quando me chamou de boneca oca. — Fechei os olhos com ódio de mim mesmo por ter dito aquilo. — Ei, não se sinta culpado, era verdade. Tudo aquilo era verdade, porque eu era assim. Mas você mudou isso.

Ela passou a mão no meu rosto e eu a segurei, levando-a aos meus lábios. Dei um beijo na palma da sua mão direita e dobrei seus dedos, fechando-a.

— Guarda com você — pedi e ela abriu a mão sobre o coração.

— Sempre — ela respondeu sorrindo.

Trocamos um beijo apaixonado, cheio de sentimentos. Tudo aquilo me assustava, mas eu me livraria do medo para me jogar de cabeça na relação. Pietra havia passado a fazer parte da minha vida. Significaria o meu recomeço, que, se Deus quisesse, aconteceria o mais rápido possível.

E eu fiquei ainda mais esperançoso quando consegui satisfazer minha Potranca. Saber que mesmo na situação em que me encontrava ela se contorcia de prazer comigo era algo que me renovava. Descolei os lábios dos dela, quase sem fôlego.

Abri os olhos e usufruí da visão de minha linda Cristal, nua, sentada ao meu lado com os cabelos ainda molhados do banho. Beijeí seu pescoço e ela inclinou a cabeça, me dando acesso à sua clavícula. Aproveitei e lhe tasquei uma mordida no ombro, marcando sua pele.

— Que porra é essa? — esbravejou, esfregando a pele marcada.

— Olha a boca! — eu a repreendi. — Por isso a Mari está xingando mais que um tropeiro. — Pietra revirou os olhos e eu fiquei mais sério. — Isso foi por ter me provocado com o Leandro. — Ela abriu um sorriso sapeca, me confirmando o que eu já sabia: a filha da mãe tinha feito de propósito. — Se olhar para ele por mais de oito segundos, eu vou te punir.

— Isso é uma promessa? — Passou a língua pelos lábios sem receio em me provocar deliberadamente.

— Querida, agora que sei que nosso amigo está a pleno vapor — eu disse, passando a mão pelo meu pau semiereto, e Pietra acompanhou meus movimentos —, posso te castigar e te deixar sem gozar por algumas semanas.

Ela soltou uma gargalhada, me pegando desprevenido.

— É por essas e outras que meu celular está cheio de vídeos do Manuel Ferrara.

— Manuel quem? — perguntei sem entender merda nenhuma.

Levantou e sacudiu a mão.

— Não te interessa. Vou tomar outro banho e depois volto pra te ajudar.

Saiu me deixando sem respostas.

Essa mulher vai me matar!

Pietra voltou minutos depois e me ajudou a sentar na cadeira. Eu estava grudento e precisava de outro banho. Ela me deixou no banheiro e eu mesmo me lavei. Quando saí, ela já estava vestida com uma das minhas camisetas. Ficava ainda mais linda usando o que era meu. Pietra me ajudou, e, em poucos minutos, estávamos lado a lado na cama. Ela virada de frente para mim com a cabeça sobre as mãos, como uma criança.

— Sempre vou te amar — repetiu a sua declaração de antes.

— Sempre — devolvi.

Tinha certeza de que nada nos separaria. Nosso amor crescia a cada gesto, cada palavra, cada olhar. E eu não iria mais fugir do que sentia. Pietra era minha.

Ela se aninhou em meu corpo, e beijeí sua testa.

— Durma com os anjos, minha Potranca.



Acordei ouvindo um barulho, e, quando abri os olhos, o relógio da mesa de cabeceira marcava sete horas. Levei um susto. *Quem entrou no nosso quarto?*

Tateei o meu lado da minha cama.

— Pietra? — chamei e ninguém me respondeu. Eu me virei e estava sozinho na cama. Imediatamente fiquei preocupado: ela nunca levantava cedo. — Cristal? — chamei um pouco mais alto e logo um furacão adentrou o quarto.

— Aconteceu alguma coisa, amor? — ela perguntou e se sentou ao meu lado. — Está tudo bem?

Esfreguei os olhos. Os remédios que eu tomava me deixavam sonolento, e era difícil acordar tão cedo.

— Eu é que pergunto. Fiquei preocupado quando não te vi. Aonde você foi tão cedo?

Ela riu para mim, ou de mim, e me dei conta de que eu estava agindo como uma criança medrosa.

Ela tirou os chinelos e um short extremamente curto — que me fez ferver de ciúme por ela ter saído do quarto assim —, e se deitou novamente ao meu lado.

— Estava me despedindo do meu pai. Ele foi para a capital e volta em alguns dias — explicou.

— Entendi — eu disse antes de pegar no sono novamente.

Voltamos a dormir e, como se o tempo tivesse passado em um piscar de olhos, o sol tomou conta do quarto, atravessando as janelas e iluminando tudo. Involuntariamente, tentei me levantar. Sempre fazia isso, como se meu cérebro esquecesse que meu corpo não o obedecia mais. Só que daquela vez senti algo diferente. Tentei novamente e senti, juro que senti, meu pé esquerdo se mover! *Deus, que seja verdade!*, pedi internamente, mas depois não consegui segurar os próprios pensamentos e os transformei em palavras desesperadas.

— Deus, por favor — pedi, cerrando os olhos, como meu pai fazia, mas infelizmente nada aconteceu. — Vamos lá! — tentei outra vez.

Como antes, minhas pernas não me obedeceram. Agradei por Pietra não estar no quarto para ver a cena humilhante que eu protagonizava. Alguns minutos depois, enquanto eu amaldiçoava o dia em que resolvera montar aquele touro, ela entrou sorrindo.

— Adivinha quem já está na fazenda — disse ela, animada.

— Coelhinho da Páscoa — bufei sem paciência, mas, depois da cara que Pietra fez, me arrependi.

— Alguém está mal-humorado hoje? — Não foi bem uma pergunta, mas uma constatação. — Para o seu governo, felizmente, não é o coelhinho da Páscoa, mas o seu fisioterapeuta. — Ela soou dura.

Caminhou levando a cadeira até mim.

— Como se adiantasse alguma coisa — murmurei antes de ela se virar.

— Disse alguma coisa?

— Não, só pensei alto — disfarcei, evitando começar o dia com um sermão daqueles.

Pietra segurou a cadeira para que eu me sentasse. Com a cadeira ao lado da cama, eu passei para lá, puxando as pernas e colocando-as no apoio específico. Minutos depois, a enfermeira já estava no quarto para me ajudar com as minhas necessidades. Aquela era a parte mais chata... Tentava fazer o

possível para me virar sozinho, mas ainda tinha problemas em passar a sonda urinária. E nem morto que deixaria Pietra enfiar uma mangueira no meu pau.

Com que cara ela olharia para o meu pau novamente?

Depois que tomei banho, a enfermeira saiu e Pietra entrou de novo. Estava animada, contando a conversa que tinha tido com o dr. Fábio. Fomos para a sala e cumprimentei o fisioterapeuta. Conversamos um pouco sobre o que seria feito durante a reabilitação. Ele era sério e quase não sorriu. Grande e forte, devia ter uns 35 anos e não me parecia uma ameaça. Eu não via nada que me fizesse pensar que teria problemas com ele e as meninas. Fábio tinha uma postura muito profissional e eu gostei dele, apesar de ter certeza de que não pegaria leve comigo.

Combinamos que tomaríamos café e logo depois começaríamos minha primeira sessão de fisioterapia fora do hospital.



— Como está a sua sensibilidade, Lucas? — perguntou ele, tocando minha perna.

Pietra tinha preparado um quarto para a realização do tratamento. Quando entrei, fiquei surpreso: o cômodo estava equipado até com aparelhos de musculação. Ela contou que tinha organizado tudo enquanto eu ainda estava no hospital.

— Eu sinto onde está tocando, consigo identificar o local — respondi, encarando o teto. — Acho que mexi o meu pé hoje de manhã — contei, e ele olhou surpreso.

— Isso é ótimo! Pelo visto vou ter pouco trabalho por aqui.

— Deus queira que sim.

Fizemos vários exercícios, incluindo alguns com bolas e cordas. Ele me ensinou alguns movimentos que eu deveria fazer de manhã, antes de me levantar. Eram importantes para ativar a circulação das pernas. Naquela hora, Pietra e Mari, que tinha acabado de chegar, estavam atentas a cada palavra que ele dizia, aprendendo tudo.

Quando terminamos, eu estava exausto. Os exercícios me deixaram muito cansado e aproveitei para descansar depois do almoço.

Pietra não saía do meu lado e, quando se afastava, nunca ficava mais de dez minutos sem aparecer para ver como eu estava.

Era irritante me sentir vigiado, mas ao mesmo tempo eu me comovia com o seu cuidado.

Foi assim durante toda a semana. Dormia, acordava, comia e fazia fisioterapia. Como previ, Fábio era muito rígido e não me deixava fazer corpo mole. Recebi algumas visitas, entre elas a da Carol, que me pediu desculpas pela cena na frente da minha casa. Claro que eu não poderia culpá-la, também não tinha sido um poço de gentileza naquele dia. Raquel foi outra que me visitou, e mais uma vez Pietra quase teve um ataque de tanto ciúme, fuzilando minha amiga desde que ela estacionou a caminhonete na fazenda. Na verdade, as duas até conversaram sozinhas, mas nem sob tortura Pietra quis me contar o assunto. Pedro e Mari não eram mais considerados visitas, pois entravam e saíam da sede o tempo todo.

A única pessoa que me preocupava era a tal da Letícia. A garota vivia se insinuando para mim, dando sorrisinhos ou jogando indiretas quando Pietra não estava por perto. Até que perdi o pouco da

paciência que ainda restava.

— Vem cá... — chamei quando atravessou a sala somente de toalha. — Sua amiga sabe que você não vale nada? — perguntei sério, mas Letícia abriu um sorriso irônico antes de me responder.

— Sempre soube. E você sabe que ela continua a mesma egoísta e mentirosa de antes? — Seus olhos brilharam de pura maldade.

— O que quer dizer com isso? — Eu confiava na Cristal, via a mudança nela a cada dia, mas desde que o pai tinha ido embora eu a sentia um pouco retraída e distante. Talvez aquela onça soubesse o que estava acontecendo.

— Nada, não. — Soprou um beijo em minha direção. — Lucas Vitor — disse meu nome completo, me deixando ainda mais encucado.

Filha da mãe! Eu tinha que descobrir um jeito de abrir os olhos da Pietra sobre a cobra que ela estava abrigando em casa.

Na quinta-feira à tarde, nos sentamos na varanda para ver o pôr do sol.

— Queria te fazer uma pergunta — Cristal disse em uma cadeira ao lado da minha. — Mari não pensa em fazer faculdade?

Segurei suas mãos, entrelaçando nossos dedos.

— Ela terminou o ensino médio no ano passado e, como não tinha decidido que curso fazer, optou por aguardar mais um ano. — Sorri ao me lembrar da situação em que minha prima se encontrava. Pedro queria que ela fizesse agronomia, eu, é claro, tentava arrastá-la para a medicina veterinária, e meu tio ainda insistia para que Mari fosse enfermeira.

— Eu queria tentar. — A voz da Pietra soou tão baixa que pareceu mais um sussurro.

— Tentar o quê? — questionei, sem entender do que ela falava.

— Fazer faculdade — respondeu, envergonhada. — Mas não sou boa em nada, então não sei o que fazer.

Levantei seu queixo para que me olhasse. Toquei de leve meus lábios nos dela e trocamos um beijo carinhoso. Me senti mal ao ver que Pietra se diminuía tanto. Eu sabia que tinha uma parcela de culpa nisso. Quando chegou à fazenda, eu a tratei como uma patricinha fútil, mas não era isso que ela estava demonstrando ser.

— Você vai conseguir, meu amor — incentivei, e meu peito se encheu de orgulho pela mulher que estava ao meu lado.

Uma grande transformação. Da água para o vinho.

O resto da noite foi agradável, e, antes de dormirmos, Pietra e eu trocamos carícias até chegarmos a um orgasmo alucinante. Descobri que minha Potranca tinha uma habilidade e tanto com as mãos, e eu, é claro, fiz a minha língua trabalhar, dando todo o prazer que ela merecia. Ainda não me sentia seguro para arriscar o sexo com penetração. Pietra também tinha um pouco de medo de me machucar sem querer. Mas, apesar de limitado, o sexo com ela era ótimo.

Mais uma vez adormecemos juntos. Estávamos cada dia mais ligados, como se um elo invisível unisse nossas vidas de uma forma surpreendente.



— Cadê todo mundo? — Olhei de um lado para outro, empurrando a cadeira, mas não via ninguém pela casa.

Era sexta à noite e Pietra me forçou a me arrumar como se fôssemos sair. Na hora, eu já havia deixado claro que não iria para a cidade. Achava que, enquanto não me recuperasse, não teria coragem de encarar o olhar das pessoas. Então ela me tranquilizou dizendo que receberíamos uma visita. Concordei e coloquei uma calça jeans e uma camisa xadrez vermelha. Calcei tênis e coloquei um relógio que havia tempos não usava.

— Estou aqui, amor! — Cristal gritou da sala de jantar.

Levei a cadeira até a entrada, mas parei assim que cheguei à porta.

— Gostou? — Avistei uma Pietra linda, sorrindo pela minha cara de espanto.

A sala estava toda decorada. Velas e flores espalhadas por todo o cômodo. A mesa muito bem-posta e também decorada com castiçais e flores, girassóis, para ser mais exato. Um balde com champanhe e duas taças estavam no centro da mesa, dando àquilo tudo um ar de comemoração.

Mas o que me deixou boquiaberto e totalmente sem ar foi minha namorada.

Perfeita era pouco para descrever o que eu via.

Pietra estava com um vestido azul estampado com flores na barra. Um cinto marcava sua cintura fina, e o decote tomara que caia me deixava tentado a puxá-lo para liberar seus seios empinados. Desci os olhos por suas pernas e vi que o vestido terminava pouco acima dos joelhos. Botas estilo caubói me fizeram sorrir. Voltei a encarar seu rosto corado diante da minha análise. Seu cabelo estava preso em uma trança lateral, com um pequeno girassol enfeitando o penteado.

— Nunca vi nada tão maravilhoso na vida! — exclamei, quando consegui falar.

— Você gostou mesmo? — perguntou insegura, olhando para a roupa que vestia.

Só consegui balançar a cabeça, pois estava totalmente deslumbrado com ela e tudo que tinha preparado escondida de mim.

— Hoje você é meu, Perigoso — afirmou em tom malicioso. — E não pense em fugir.

— Não posso fugir. — Dei de ombros, aceitando o inevitável. — Meu destino é você.

Dias depois Mari me chamou para uma conversa e contou que Pedro estava preparando uma noite romântica para ela. Confessou também que seria a primeira vez que se entregaria a ele. Sabia que Mari era virgem e dei alguns conselhos. *Só espero não tê-la traumatizado com minha sinceridade.* Mas, enfim, aproveitei que Mariana e Pedro estariam ocupados na noite de sexta e preparei algo especial para o meu Perigoso. Dispensei todo mundo. Enfermeira, empregados, e até despachei Letícia para a cidade. Meu pai ainda não havia voltado e eu queria ter uma noite a sós com o meu namorado. Descobri com Mari a comida preferida do Lucas, e pedi que a Lúcia deixasse o jantar pronto antes de sair. Nem que eu quisesse eu conseguiria preparar qualquer receita sem provocar um pequeno terremoto na cozinha. Convenci Lucas a se preparar para uma noite especial, mas sem dizer o que faríamos. Enquanto ele se aprontava, eu me vesti no quarto da Letícia. Coloquei um vestido que a Mari tinha praticamente me obrigado a comprar e fiz uma trança. Apesar de achar um pouco estranho, eu gostei do novo visual. Combinava com o Lucas e, pelo brilho em seus olhos quando me viu, tenho certeza de que o surpreendi.

Suas palavras ao me dizer que nunca fugiria de mim me atingiram em cheio. Meu deus! Como era possível amar tanto uma pessoa em tão pouco tempo? Lucas me virou do avesso. Todas as certezas que eu tinha caíram por terra durante o tempo que passei na fazenda. Apesar de ainda estar sentida e magoada com meu pai, eu teria que agradecer a ele. Ir para a fazenda foi a melhor coisa que eu fiz na vida.

— Vai ficar me encarando ou vai me dar um beijo? — Lucas soou divertido, me fazendo perceber que eu não me mexia havia alguns minutos, apenas olhando para o homem que me tirou dos trilhos.

Caminhei até ele e me sentei em seu colo. Lucas travou a cadeira, para evitar um acidente, e passou um dos braços pela minha cintura. Sentada de lado, eu segurei seu rosto com uma das mãos e acariciei sua pele áspera pela barba por fazer, enquanto nossos lábios se encaixavam. O beijo se aprofundou, e eu gemi quando Lucas enfiou a mão por baixo do meu cabelo, me segurou forte na nuca

e inclinou minha cabeça para trás. Não deixamos de nos beijar; pelo contrário, quanto mais me faltava ar, maior era a minha urgência em ser dele.

— O que você fez comigo? — Lucas encostou a testa na minha e eu encarei aqueles lindos olhos azuis que tanto amava.

Dei um selinho delicado em seus lábios antes de responder.

— Talvez o mesmo que você fez comigo — sussurrei, sem me afastar. Trocamos mais alguns carinhos e eu me levantei pronta para iniciar uma noite inesquecível. — Vem — acenei para ele. — Vamos jantar.

Lucas me olhou de uma forma maliciosa e eu sabia que sua mente pervertida pensava em alguma besteira. Ele sempre estreitava os olhos quando pensava em sexo.

— Vai ter Pietra ao molho branco no cardápio? — brincou, confirmando o que eu já desconfiava.

— Se você se comportar, pode ser que tenha uma sobremesa especial. — Pisquei atrevida, e Lucas me olhou tenso, mostrando que havia entendido a provocação. Adorava quando ele me olhava com desejo. E assim eu tinha esperanças de que eu sempre seria o suficiente para ele.

Lucas se posicionou à mesa e eu me sentei ao seu lado, ficando o mais próxima possível. Retirei a tampa que cobria a travessa, e ele sentiu o cheiro do prato.

— Adoro peixe. — Sorriu ao ver a comida que mandei preparar.

— Eu sei.

— Andou pesquisando? — perguntou, curioso.

Dei de ombros.

— Só queria te agradar.

— Ultimamente é tudo o que você tem feito: me agradar.

O jantar foi excelente. Tomei uma taça de champanhe e Lucas ficou no suco de laranja, já que não podia misturar os remédios com álcool. Depois que terminamos, ficamos um tempo na sala e, mais uma vez, eu me sentei em seu colo. Permanecemos em silêncio, ouvindo a música que preenchia o ambiente. John Mayer era um dos meus cantores favoritos, e fiquei surpresa quando percebi que Lucas cantarolava a música em um inglês perfeito.

Damn, baby

You frustrate me

I know you're mine, all mine, all mine

But you look so good it hurts sometimes

“Your Body Is a Wonderland” — John Mayer

— Quer dizer que nem só de música sertaneja vive o meu peão? — perguntei enquanto Lucas passava a mão pelo meu cabelo, me transmitindo paz e segurança.

— Gosto de música boa, não importa o gênero — sussurrou em meu ouvido. — *Your body is a wonderland* — acompanhou o refrão da música. Quando sua voz chegou aos meus ouvidos, eu não prestei atenção em mais nada. Levantei o rosto, que descansava em seu ombro, e o encarei.

— Faz amor comigo? — pedi. Lucas me olhou sério, lutando contra o desejo que sentia. Beijei seu pescoço na tentativa de convencê-lo. Tudo o que eu tinha feito naquela noite era uma tentativa de quebrar a barreira que ele havia imposto.

— Cristal, eu... — começou a se desculpar, mas eu o interrompi.

Coloquei o indicador em seus lábios, calando-o.

— Por favor. — Fiz meu famoso biquinho, e Lucas sorriu com a minha tentativa de seduzi-lo.

— Como dizer não a você? — falou. Pulei do seu colo, e um sorriso de orelha a orelha despontou em meu rosto. Isso era um sim e eu saberia aproveitá-lo muito bem.

Levei Lucas para a cama e o ajudei a se sentar. Já estava craque em transportá-lo. Ele apoiou as costas na cabeceira e seus olhos não desviavam de mim em momento algum, analisando cada gesto meu. Aproveitei que me examinava e comecei a excitá-lo. Eu me afastei da cama e vagarosamente comecei a me despir. Primeiro tirei as botas, depois o cinto e, por último, o vestido com um movimento rápido.

— Porra! — praguejou alto. — Linda. — Seus olhos brilharam ao ver a lingerie que eu usava. Um sutiã meia taça, sem alças e extremamente sexy. Preto e rendado, deixava meus seios empinados. Um cristal brilhava bem no meio e minha calcinha também era enfeitada nas laterais por pequenos cristais incrustados no tecido.

— Vira! — Lucas ordenou com uma voz poderosa que fez os meus pelos se arrepiarem.

Fiz o que pediu e dei uma meia-volta devagar, quase parando. Sabia que o torturava, pois ouvia sua respiração forte, pesada e desregulada.

— Gostou do que viu? — Olhei por cima do ombro e perguntei, soando totalmente maliciosa. Lucas não sorria, estava muito sério, concentrado em mim e no que eu fazia. Levei as mãos às costas e soltei o sutiã. A peça caiu no chão no mesmo momento em que ele gemeu alto. Agradei por ninguém ter ficado em casa, pois pelo visto a coisa não seria muito silenciosa.

— Amor... — chamou. Quando eu me virei, quase caí para trás sem fôlego. Lucas acariciava seu pau, e sua mão subia e descia pelo seu membro totalmente ereto. Imediatamente passei a língua no meu lábio inferior, morrendo de vontade de dar prazer ao meu homem. — Você está me matando aqui.

Comecei a caminhar em sua direção, mas Lucas me mandou parar. Fiquei no lugar, aguardando a próxima ordem.

— Tira a calcinha. Vem peladinha pra mim, vem.

Uma corrente elétrica atravessou meu corpo, me deixando ainda mais excitada. Lucas era uma tentação de boca fechada, mas, quando me provocava dizendo obscenidades, eu ficava a ponto de explodir. Se fosse mais rápido para ele, eu não me importaria nem um pouco, pois para mim também não iria demorar.

Deslizei a calcinha pelas pernas sem tirar os olhos dele. Queria ver o brilho em seu olhar e descobrir através das suas expressões se eu o afetava da mesma forma que ele a mim. Alcancei a trança para desmanchá-la e ouvi um pedido que não pude recusar:

— Quero que cavalgue em mim usando ela. — Imediatamente afastei a mão do cabelo. O quarto estava à meia-luz, e o abajur iluminava o rosto do meu Ranger.

— Desejo tanto você que chega a doer — confessei. Enquanto ele se dava prazer me olhando, eu me acariciava vendo o vaivém da sua mão forte e máscula no próprio corpo.

— Your body is a wonderland... — repetiu o refrão da música. Levantou o indicador e fez um gesto me chamando. — Quer me ajudar? — Então, eu tirei a sua roupa toda com o maior prazer.

Engatinhei por cima do seu corpo e me sentei em suas coxas. Enquanto olhava fixamente para o seu abdômen, constatava que ele ficava cada dia mais gostoso.

— Pietra... — gemeu. — Não me provoca, Potranca — disse assim que sentiu minha mão segurar a sua ereção.

Não respondi. Continuei estimulando o seu pau, sentindo minha mão melar com a sua excitação. Lucas fez uma careta de prazer quando eu o apertei um pouco mais forte. Uma das suas mãos agarrou minha nuca de um jeito firme, me aproximando dele a ponto de nossos lábios quase se tocarem.

— Eu disse para não me provocar, pois eu vou cobrar — repetiu.

E cobrou caro. Sua mão livre segurou um dos meus seios. Lucas não foi gentil, puxava meu mamilo com mais força do que o normal, mas a dor não era insuportável. Eu gemia enquanto ele alternava os movimentos. Uma hora puxava o meu mamilo, em seguida o massageava. Repetiu isso muitas vezes e quase me fez gozar. Meu ventre se contraía e eu já sentia os primeiros sinais de um orgasmo surgindo. Tentei me posicionar em cima do seu pau, mas Lucas me impediu. Sua mão em minha nuca me impedia de beijá-lo, o que me fazia arquear o corpo para trás. Lucas passou então a devorar os meus mamilos, já inchados de tanta excitação. Primeiro um, depois o outro.

— Potranca, fique de joelhos na cama — ordenou e, mais uma vez, eu obedeci. Achei que Lucas me chuparia, pois naquela posição seu rosto ficava na altura do meu centro, porém outra vez fui surpreendida. Seu dedo indicador me invadiu sem qualquer clemência ou aviso. Quase perdi os sentidos quando ele começou a estocar freneticamente, mas Lucas me manteve no lugar, apoiando a mão em minha bunda. — Vamos lá, gostosa. Meu dedo está te fodendo. Goza pra mim.

Apoiei as mãos nos seus ombros, tentando me reequilibrar.

— Potranca safada. — Sorriu, malicioso. — Sua bocetinha já está me sugando.

Pronto! Foi tudo de que precisei para quebrar em mil pedaços. Comecei a gozar, mas senti um vazio quando Lucas retirou o dedo do meu interior. E esse vazio se tornou o ápice do meu tesão quando Lucas voltou a me possuir da mesma forma, com brutalidade, mas agora era seu pau que me invadia. A mão que segurava minha bunda, e que havia poucos minutos estava em mim, me puxou para baixo até que me encaixei totalmente em seu membro.

— Não vou aguentar muito tempo. Se mexe, Cristal. — Senti o desespero em sua voz. Subi e desci, fazendo-o soltar palavrões. Claro que percebi que Lucas estava sem camisinha, mas estava dominada pelo desejo e não pensei em mais nada.

Um orgasmo intenso me invadiu quando ele me penetrou. Meus movimentos ficaram mais lentos e, percebendo que meu corpo estava saciado, Lucas segurou minha cintura. Ele subia e descia o meu corpo, me fazendo tomar todo o seu pau de forma rápida e profunda. Não demorou muito para que ele também estremecesse. Percebi quando seu abdômen se contraiu e sua respiração falhou. Lucas parou de se mover e me beijou vorazmente enquanto sentia sua ejaculação jorrar dentro de mim. Ele mordeu meu lábio inferior com tanta força que senti gosto de sangue na boca.

— Porra! — gritou assim que viu o que havia feito. — Desculpa, meu amor. Eu perdi totalmente o controle.

Nada importava depois de ele ter me chamado de amor após a melhor transa da minha vida. Qualquer dor que eu pudesse ter sentido havia desaparecido.

— Repete — pedi, emocionada com tudo o que acabara de acontecer.

Ele levou o polegar ao meu lábio, acariciando o machucado.

— Me desculpa — falou, com pesar na voz.

— Não. Repete a frase inteira.

Sorriu, entendendo o que eu queria.

— Desculpa, meu amor. Você é o meu amor. Dorme comigo, meu amor. Fica comigo, meu amor. Nosso sexo foi... Uau... Meu amor — completou.

Lucas beijou meus lábios novamente, mas dessa vez com delicadeza.

Saí de cima dele e, assim que viu seus fluidos escorrerem por minhas coxas, ficou preocupado e falou:

— Por isso também. — Apontou para o meio das minhas pernas. — Nunca fiz isso sem camisinha.

— Nem eu. Sempre fui louca, mas não a ponto de me expor. Mas não se preocupa, eu tomo pílula — tranquilizei-o.

Fui ao banheiro, me lavei e voltei para o quarto com um pacote de lenços umedecidos para limpar o Lucas. Claro que ele se animou quando seu pau voltou a ficar ereto com meu toque, mas sabíamos que precisaríamos ter calma e ir devagar. Então, passamos o resto da noite conversando, trocando beijos e carícias românticas, até que eu adormeci em seus braços, me sentindo segura, protegida e, principalmente, amada.

Abri os olhos com a claridade do quarto e percebi que um par de olhos azuis me encarava.

— O que foi? — perguntei, me aconchegando mais nele. — Sou tão feia assim de manhã?

— Pelo contrário — respondeu, sorrindo. — Quando acordei, achei que estava no paraíso.

Apoiei meu queixo em seu peito nu.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

O sábado não foi tão diferente do resto da semana. Lucas fez os exercícios que o fisioterapeuta ensinara e foi tomar banho. A enfermeira já tinha chegado, mas ele fez questão de fazer tudo sozinho. Eu o ajudei a se vestir e partimos para a cozinha. Fiquei surpresa ao ver Mari e Letícia sentadas juntas à mesa. As duas se olhavam com desconfiança, e eu precisava pôr um fim nessa briga. Elas eram minhas amigas, a Letícia desde sempre, e a Mari era parte da minha nova vida.

Letícia apenas nos cumprimentou e subiu para o quarto. Troquei algumas palavras com a Mariana, enquanto Lucas conversava com o Leandro na porta. Mari se despediu dizendo que voltaria mais tarde, e, quando ela deu alguns passos, eu não consegui segurar a risada.

— Mari, você está andando estranho. — Ela se virou em minha direção e também gargalhou. Nem vi que Lucas estava atrás de nós. Quando notei sua presença, achei que ela desconversaria, mas me surpreendeu.

— GG, amiga — respondeu e saiu sorrindo.

— GG? — Lucas perguntou sem entender nada.

Ele posicionou a cadeira à mesa e eu me levantei para lhe servir o café. Por alguns instantes, imaginei se Mari responderia ou não.

— E então? — Lucas arqueou uma sobrancelha esperando uma resposta.

— Grande e grosso — respondi, saciando sua curiosidade. No começo Lucas continuou sem entender do que eu falava, então resolvi continuar. Uma hora ele teria que parar de tratar Mari como criança. — Pelo visto Pedro é igual a você.

Lucas cuspiu todo o café na mesa. Achei que seus olhos iriam saltar para fora. Ficou vermelho, e a mão que segurava a xícara começou a tremer. Ele pegou o celular do bolso da calça e ligou para alguém.

— Pedro, seu comedor de queijo filho da puta, aparece na minha frente pelo próximo século e eu arranco as suas bolas. Não acredito que você teve coragem de fazer isso. Eu vou te mat... — A frase se perdeu quando eu tomei o telefone da sua mão e o desliguei.

Lucas ficou incrédulo pela minha ação.

— Mari não é uma criança, meu amor. — Continuou tremendo de raiva. — Agradeça por ter sido com o Pedro. Minha primeira vez foi em uma festa, eu estava tão bêbada que nem me lembro da cara do desgraçado — continuei. — Mari perdeu a virgindade com o homem que ama e Pedro já deu provas suficientes do que sente pela sua prima.

Sua expressão se suavizou. Óbvio que ele tinha entendido o meu ponto de vista. Mariana e Pedro se amavam, e Lucas sabia que não poderia lutar contra isso.

— Ok, não matar — disse, mais calmo. — Mas posso dar um soco na cara dele?

— Um olho roxo, talvez — emendei, e no fim rimos daquilo tudo.

O celular na minha mão tocou e, vendo que era o Pedro, eu atendi.

— Você me deve uma. Acabei de salvar a sua vida.

— Diz para ele que vou aí — Pedro falou, preocupado. — Vou conversar com ele de homem para homem.

— Está tudo bem, dom-juan — brinquei pelo seu jeito galanteador. — Te esperamos.

Encerrei a ligação, e, pela careta do Lucas, aquele seria um assunto muito difícil de engolir.

Lá vamos nós.



Passamos uma manhã muito agradável. Com a ajuda da enfermeira, coloquei Lucas na piscina. Ficamos um tempo na água enquanto o sol estava fraco. Pratiquei com Lucas alguns exercícios da fisioterapia e o senti bem mais animado. Ele disse que sua sensibilidade estava mais apurada a cada dia e que pela primeira vez tinha esperança de voltar a andar. Meus olhos se encheram de lágrimas com a confissão.

Estava quase na hora do almoço quando deixei Lucas no quarto. Na verdade, ele me expulsou quando a enfermeira entrou para trocar a sonda. Ainda bem que Lucas não a usava o tempo todo. Era uma das coisas que mais o deixavam constrangido. Aproveitei que ele não estava sozinho e fui para a sala. Liguei a TV e fiquei zapeando até que a voz da Letícia chamou minha atenção.

— Vou embora com o Rafa hoje — avisou, e eu me virei.

— O Rafa já vai tarde — murmurei.

— Sabe, Pietra — parou em frente à TV, me encarando —, às vezes eu acho que você ficou louca ou que fizeram lavagem cerebral em você. Olha para esse lugar, você merece coisa melhor do que um veterinário deficiente. — Meu corpo inteiro tremeu diante daquela frase. — Tá, ele é gostoso, eu confesso, mas não serve pra você, pelo menos não serve mais.

— Cala a boca. Você não sabe de nada — eu tentava falar baixo para Lucas não escutar, mas a raiva me impedia. — Acabei de ficar feliz por sua partida também.

Me levantei para sair dali, mas Letícia se moveu mais rápido, passando por mim e parando na minha frente.

— E seu sonho de morar em Paris? As festas, seu apartamento, suas roupas de grife? O que vai fazer sem tudo isso? Você vai se cansar rápido daqui. — Letícia sacudia meu corpo com as mãos. Tentava me convencer, mas aquilo não me importava mais. Quando fiz amor com Lucas pela primeira vez, na chuva, algo mudou em mim. Eu sempre soube que tudo o que fazia antes era errado, mas até então não me importava, não precisava de ninguém. Só que agora eu tinha o Lucas e ele nunca amaria a antiga Pietra. E eu tinha mudado por ele, para ele, pelo amor que descobri sentir e também por mim mesma. Eu sabia que, se não mudasse, seria infeliz.

— Eu amo o Lucas. — Tirei as mãos dos meus ombros. — Eu amo ele como nunca amei ninguém. Não espero que você entenda. Eu não entendia até o dia em que ele caiu daquele touro e o medo de perdê-lo foi maior do que qualquer coisa que eu já senti.

— Não! Você não ama ele — respondeu seca. — Quem ama não engana. Quem ama não mente. Eu sei o que é o amor. Eu amava o Rafa no dia em que você abriu suas pernas para ele e tirou ele de mim. — Recuei com suas palavras, mas Letícia continuou. — Você só pensa em você. Não mudou nada. Continua a mesma garota fútil, mimada e egoísta. — Letícia olhou por cima do meu ombro e eu não entendi seu gesto, até que suas palavras mataram minha esperança de um dia ser feliz. — O que vai acontecer quando seu namorado descobrir que seu avô mandou matar os pais dele? Quando descobrir que você mentiu esse tempo todo e escondeu a verdade? Que sua família destruiu tudo o que ele tinha? — Imediatamente, eu entrei em pânico.

— Mentira! — Ouvi um grito e não precisei me virar para saber quem era. Abaixei a cabeça e as lágrimas começaram a cair.

— Lucas, meu amor. — Eu me virei e vi o horror em seu rosto. — Eu posso explicar. Não é verdade! A Letícia inventou isso. Não acredita nela.

— Cala a porra da boca — Lucas continuou gritando. — Pelo menos uma vez na vida fala a verdade, Pietra. Fala a verdade, pelo amor de Deus! — implorou, e eu não conseguia pronunciar nenhuma palavra.

Sacudi a cabeça, confirmando, e ele se contorceu.

— Mas eu posso explicar. — Tentei alcançá-lo, mas Lucas fez um sinal negativo com a cabeça.

— Fica longe de mim — ele me pediu com a voz embargada, e meu coração rachou ao meio.

Fiquei na frente dele e não notei que Mariana tinha entrado na sala.

— O que eu fui para você? Uma aposta? Uma brincadeira de mau gosto? — Meu coração palpitava com cada palavra que Lucas proferia. — Me diz, porra! — gritou com todas as forças.

— Eu te amo. — Consegui falar, com o intuito de fazê-lo perceber quanto ele era importante para mim.

— Não, você só ama a si mesma — rebateu, e eu detectei o desprezo em suas palavras. — A vida inteira eu batalhei para pôr na cadeia os assassinos dos meus pais. Lutei com unhas e dentes para descobrir quem mataria um vendedor e uma dona de casa. E olha só que ironia do destino: estou trepando com a neta do assassino. Com a neta daquele que praticamente fodeu com a minha vida. Por quê?

Não respondi, e ele gritou outra vez:

— Por quê?

— Minha mãe estava se divorciando para ir embora com seu pai. Vitor sempre foi o grande amor da vida dela. — Engoli em seco, pois era doloroso demais até para mim. — Meu avô descobriu e não aceitou que a única filha se casasse com um simples vendedor. Então... — lágrimas e mais lágrimas desciam pelo meu rosto, me fazendo suspirar — ele forjou um assalto, e o resto você já sabe — contei a história que meu pai tinha me contado havia pouco tempo.

— Meu Deus! — ele exclamou, levando as mãos à garganta, como se a dor o sufocasse.

— Mas não era para sua mãe estar com ele — soltei, e Lucas me olhou furioso. — Não era para ela ter morrido.

— Quer dizer que ela estava no lugar errado, na hora errada? — Assenti, e Lucas moveu a cadeira um pouco para a frente, mais próximo a mim. — Você sabe quanto isso é ridículo? Saber disso tudo pela piranha da sua amiga?

Escutamos um grito. Viramos e vimos Mariana agarrada aos cabelos da Letícia.

— Você fez de propósito, sua vadia! — Mari puxava brutalmente as mechas ruivas da minha até então amiga. Ela socou o rosto da Letícia duas vezes até derrubá-la. Mariana subiu em cima da Letícia e não parou o ataque.

— Sua caipira idiota! — Letícia gritava, enquanto tentava em vão se livrar da Mari.

Um. Dois. Três. Quatro tapas. Mariana não parava.

— Sua puta! Acha que eu não vi você transando com aquele mauricinho no galpão? O mesmo que chegou aqui dizendo que era namorado da Pietra? — Mari sacudia os ombros da Letícia, batendo as costas dela no chão. Levantou-se e posicionou a perna para trás, pronta para chutá-la. Letícia encolheu o corpo, já esperando a pancada, mas Pedro, que entrou na sala naquele momento, impediu que Mariana continuasse.

— Me deixa chutar essa desgraçada — Mari disse, tentando se livrar de Pedro, mas ele não a soltava. — Você mexeu com a família errada, sua vaca! — Mari literalmente cuspiu as palavras no rosto da Letícia.

Fiquei passada com o que ouvia. Letícia e Rafael juntos, na fazenda? Ela passou a mão limpando onde Mari havia cuspidido e sorriu com sarcasmo.

— Para uma roqueira, você é bem esperta. Levou dois dias para descobrir o que Pietra não descobriu em anos. Trouxa! — Ela se levantou, apontando para mim. — Eu nunca larguei o Rafael.

Usávamos você e o seu dinheiro. — Fiquei atônita. *Como pude ser tão burra?* — Enquanto você estava aqui brincando de fazendeira, nós transávamos na sua cama. Ele me fodia enquanto eu usava suas roupas! — Letícia gritou, descontrolada.

Andei até ela e dei mais um tapa em sua cara, já vermelha pelo ataque da Mariana.

— Sai da minha casa, sua vadia!

— Com o maior prazer. — Letícia passou a mão pelo rosto. — Você já deu o que tinha que dar.

Não serve mais para nós.

Letícia saiu pela porta, e pelo menos parte do pesadelo estava resolvido, mas o pior ainda estava por vir.

Eu me virei e vi Pedro conduzindo a cadeira do Lucas pela sala.

— Meu amor, por favor, me deixa te explicar. — Parei na sua frente e apoiei as mãos em seus joelhos. — Eu não sabia. Por favor, acredita em mim. Lucas, eu te amo.

— Sai da minha frente — disse ele com a cabeça baixa, sem me olhar.

— Pelo amor de Deus! — implorei, com o desespero tomando conta da minha voz e do meu coração.

— Pietra, eu sou um cara inválido. Não tenho como sair dessa casa com minhas próprias pernas, elas estão mortas. — Levantou os olhos brilhando pelas lágrimas e me fitou. — Se você me ama, me respeita e sai da minha frente. Não consigo mais nem olhar para você.

Eu não sabia o que fazer, mas Lucas falou com tanta autoridade que eu apenas dei dois passos e deixei que Pedro o levasse para fora.

Meu peito doía, ardia, queimava. Uma dor insuportável me lembrava de que a minha vida sempre fora um vazio. Tinha começado a viver de verdade depois que conheci o Lucas, e naquele momento ele estava partindo, me deixando como antes.

— Não! Não! Não! — gritei. — Lucas!

Saí correndo e, ao pisar no primeiro degrau na saída da casa, eu tropecei e rolei os seguintes. Atrás de mim, Lúcia chamava meu nome, mas eu não consegui parar. Eu me levantei e saí correndo atrás da caminhonete, que já ganhava a estrada.

— Lucaaaaaaaaaaaaaaaaaas!

Gritei por ele. Pedi a Deus que o fizesse voltar. Mas, quanto mais eu corria, mais ele se afastava de mim. Senti minha perna puxar e, quando olhei para baixo, vi que a calça estava rasgada. Uma dor se instalava em meu tornozelo e me fazia mancar.

Caí de joelhos na terra. Gritei até meus pulmões ficarem fracos. Em vão. A caminhonete do Pedro sumiu diante dos meus olhos, levando o único homem que havia sido capaz de transformar meu coração. Lucas não ia me perdoar e eu morreria sem ele.

— Por favor! — implorei, mais uma vez. Sozinha e sem ninguém.

Senti uma mão tocar meu ombro. E logo braços fortes me levantaram do chão.

— Vamos lá, patroa, vamos cuidar desse pé. — Sabia que a voz era do Leandro, mas não conseguia nem sequer levantar a cabeça para olhá-lo. Passei as mãos pelo seu pescoço, e as lágrimas continuavam a descer pelo meu rosto. Comecei a soluçar, tamanha era a dor que sentia no peito.

— Ele se foi. Ele se foi e me deixou — eu repetia sem querer acreditar.

— Calma, patroa. Lucas é um homem bom, justo e íntegro. Pelo jeito ele ama você, como eu nunca vi amar outra mulher, e olha que eu conheço o Ranger há muitos anos. — Leandro tentava me acalmar, mas a única coisa que me confortaria naquele momento seria o perdão do homem que eu amava.

— Foi apenas uma torção. Toma esse remédio, vai te fazer bem. — Leandro me colocou na cama e saiu do quarto. A enfermeira enfaixou meu pé e me deu dois comprimidos. Tomei-os e logo soube que um deles deveria ser calmante, pois o sono me dominou. Por mais que a cabeça tentasse lutar contra o corpo, não consegui. Minha vontade era de partir para a cidade o mais rápido possível e dizer ao Lucas quanto eu o amava, quanto eu precisava dele em minha vida.

Adormeci.

Vem aqui, Pietra.

Você está doente, mamãe?

Sim, e a mamãe também vai fazer uma longa viagem.

Para onde a senhora vai?

A mamãe vai se encontrar com uma pessoa que ela ama muito.

Essa pessoa sou eu, mamãe? Não precisa ir, eu estou aqui.

Oh, minha bonequinha. É outra pessoa, mas a mamãe também te ama muito, e agora você vai ser a mocinha da casa e cuidar do papai.

Tudo bem, mamãe. Prometo ser uma mocinha.

Agora, vai ficar com o papai lá fora.

Tchau, mamãe.

Adeus, Pietra. E lembre-se: uma mocinha.

— Dona Pietra, dona Pietra. — Acordei sobressaltada com Lúcia sentada ao meu lado e sacudindo meus ombros para que eu despertasse. Eu estava suada, cansada, mentalmente exausta e, acima de tudo, sofrendo.

Abracei Lúcia, que ficou sem graça com a minha reação, mas me aconchegou em seu colo.

— O que minha mãe fez? — fiz a pergunta, cuja resposta era óbvia, mas dolorosa.

Lucas

— Porra! Porra! Porra! — gritei várias vezes enquanto Pedro dirigia rumo à cidade. — Não pode ser verdade. — Com a mão em punho, eu esmurrava o encosto do banco da frente, onde Mari estava.

— Mano, fica calmo — minha prima pediu na intenção de me acalmar, porém suas palavras não surtiram o efeito pretendido. Pelo contrário.

— Cala a merda da boca, Mariana! — gritei com ela e imediatamente vi as lágrimas se formarem em seus olhos. *Meu Deus! Eu nunca gritei com a minha prima, nem quando ela era criança.*

Meu corpo foi arremessado para a frente assim que a caminhonete parou de forma inesperada. Pedro tirou o cinto de segurança e virou o corpo para trás, me encarando. Sua testa franzida e os

olhos arregalados significavam que ele não estava muito feliz com o que eu tinha acabado de fazer. Normal, nem eu estava.

— Eu sei que você está sofrendo — disse em um tom de voz alto e severo. — Mas, se gritar com a Mariana de novo, eu vou ser um filho da puta, mas vou quebrar a sua cara! — praticamente gritou.

Mariana tocou de leve o braço do Pedro, fazendo-o se virar para ela. Sussurrou alguma coisa que eu não entendi, mas as palavras que ele tinha me dito eu ouvi muito bem.

— Não, Mariana — respondeu ele e se virou para mim. — Lucas tem que aprender a não magoar as pessoas que amam ele. Estou cansado de ser o saco de pancadas dele, mas eu aceito porque é pra isso que servem os amigos. Só que não vou deixar que ele faça o mesmo com você.

Recuei com suas palavras, pois Pedro estava certo. Naquele carro estavam duas das pessoas com quem eu mais me importava: Pedro e Mariana. E não era justo que eu despejasse a minha fúria neles. Meu alvo tinha nome e sobrenome: família Alcântara. Virei o rosto para olhar pela janela e deixei Pedro pegar a estrada novamente, sem responder nada. Eu não era muito bom com as palavras, sempre fui melhor agindo, por isso não tinha argumentos para rebatê-lo nem cabeça para me desculpar.

Não fosse o fato de as minhas pernas estarem mortas, eu poderia dizer que todo meu corpo tremia, mas nem isso eu era capaz de fazer: extravasar a raiva e o ódio. Enquanto estava no quarto, eu tinha escutado Pietra e Letícia discutirem. Fui para a sala decidido a despejar tudo o que eu sabia sobre aquela vadia, mas fui surpreendido com a declaração dela. Mariana tinha razão, Letícia fez de propósito, porque, antes de soltar as palavras, olhou para mim e sorriu.

Mas isso não importava. Na verdade eu tinha que agradecer a Letícia. Se não fosse ela, eu ainda estaria no escuro. Sendo enganado por aquela que eu tinha aprendido a amar e que claramente não prestava. Quando saí da fazenda, não olhei para trás. Não queria saber de mais nada; a única coisa que eu queria era distância daquela casa maldita e de toda aquela família que desgraçou a minha vida. E isso incluía Pietra.

Enquanto pensava e era tomado pelas piores sensações da minha vida, notei que Pedro já havia parado a caminhonete em frente à minha casa. Aguardei ele abrir a porta e levasse a cadeira para que eu descesse. Além de tudo, eu dependeria mais uma vez do Pedro, o que me deixava ainda mais irritado.

Ele me tirou da caminhonete e segundos depois eu já estava em casa. Mariana saiu na minha frente, abrindo todas as janelas e portas possíveis. O cheiro de mofo me invadiu, já que fazia algumas semanas que a casa não era aberta, mas não me importei.

— Precisa de alguma coisa, mano? — Mari se ajoelhou na minha frente e me perguntou com uma voz gentil. Acaricieei seu rosto como se pedisse desculpas por ter gritado com ela.

— Preciso ficar sozinho — respondi, tentando parecer mais calmo.

— Mano, você não pode ficar sozinho.

Soltei um suspiro de frustração. Nem sofrer em paz eu poderia.

— Então vou ficar no quarto.

Mariana levantou e minutos depois voltou, dizendo que meu quarto estava pronto.

Fui para lá e me joguei na cama. Eu me deitei de lado, sem nem tirar as roupas ou os sapatos, e afundei o rosto no colchão. Senti o exato momento em que Mariana retirou meus sapatos e saiu em silêncio.

Quando ouvi a porta se fechando, desabei. Chorei como não chorava havia muito tempo. Talvez nunca tivesse chorado daquela forma. Chorei pelos meus pais, por mim e até por Pietra. A dor rasgava meu peito e revivi o que me fez deixar de acreditar na vida quando eu tinha 10 anos. A morte dos meus pais deixou uma ferida aberta que nunca havia cicatrizado. Achei que, no dia que soubesse quem havia feito tal brutalidade com eles, meu coração se acalmaria. Mas me enganei feio. Depois de saber que o avô da Pietra tinha mandado matar meu pai e que minha mãe pagou com a própria vida por algo que talvez ela nem soubesse que existia, fiquei ainda mais destruído. Por muitos anos eu guardei a minha dor, não deixei o sofrimento transparecer, deixei as pessoas acharem que eu tinha superado. Mas não havia consolo para a morte. A saudade não diminui com o tempo, ao contrário, dói ainda mais. Nunca passa. Não melhora. Não diminui. Ela continua ali, lembrando que você está sozinho e que eles se foram para nunca mais voltar.

De repente, apaguei. Não sei quanto tempo dormi, mas sabia que a minha mente havia se desligado. Acordei ao ouvir um barulho na porta. Eu me sentei na cama, e, em seguida, meu tio entrou com chapéu na cabeça e as botas batendo no chão. Eu tinha consciência de que aquela conversa não poderia ser adiada, mas também não queria conversar com Santiago. Provavelmente ele sabia de tudo e também tinha me escondido a verdade, assim como Pietra.

— Entra — chamei, pois ele ainda estava parado na porta.

— Lucas, precisamos conversar — disse ele, sério.

Ele colocou uma cadeira ao lado da cama e se sentou.

— Antes de qualquer coisa, o senhor sabia? — perguntei o óbvio. Meu tio fez que sim com a cabeça e, mais uma vez, a raiva tomou conta de mim. — Porra! Por que todo mundo me enganou? Me fez de idiota?

Santiago tirou o chapéu e o colocou no colo. Estava nervoso, eu sabia disso, pois conhecia todos os seus trejeitos. Ele tinha sido o meu pai desde os meus 10 anos, e pensar que ele esteve todo esse tempo ao meu lado sem me contar a verdade me deixava com mais raiva ainda.

— Lucas, eu estou aqui para te contar tudo o que aconteceu, pois, pelo que eu soube, você mal deixou a pobre da garota se explicar. — Não acreditava que, além de tudo, ele defenderia a atitude da Pietra. — E não adianta fazer essa cara, eu acredito que você é melhor que isso, pelo menos eu te criei para ser — ele me repreendeu.

Não tive muito o que fazer. Não podia levantar, correr ou fugir. Então fiquei ali, sentado na cama, para ouvir a história que havia marcado minha infância, mas que seria contada de um ponto de vista que eu não sabia se suportaria escutar.

— Cecília, a mãe da Pietra, apareceu na fazenda uns cinco anos antes de você nascer. Meu pai, seu avô, era caseiro na Girassol na época, e seu pai vivia por lá. Não demorou muito para que Vitor se encantasse por ela. — Riu, balançando a cabeça, como se aquilo fosse engraçado. — Na verdade, todos da região se interessaram por ela. Cecília era linda, assim como Pietra. Os mesmos trejeitos e a mesma beleza. Quando vi Pietra voltando à fazenda depois de tantos anos, foi como se relembresse

o dia em que eu e seu pai demos de cara com a Cecília. Acho que naquele momento ele se apaixonou por ela. Mas, para sorte ou desgraça do seu pai, ela também se apaixonou por ele.

Fiquei confuso. Se Cecília era livre e também gostava do meu pai, por que deixou que o pai dela fizesse aquela monstruosidade? Como se sentisse meu desespero por respostas, Santiago continuou:

— O velho Alcântara era um homem poderoso, rico e preconceituoso. A esposa estava muito doente, então ele dedicava toda a atenção à única filha. Eu lembro como se fosse ontem: ele chegando todo prepotente a um arraial na cidade e arrancando Cecília dos braços do seu pai. Arrastando-a pela rua, enquanto os capangas dele seguravam o seu pai. Mesmo assim, Vitor não desistiu. Ele amava Cecília demais para aceitar a derrota. Esse foi o seu grande erro — Santiago falava, e eu via a tristeza nos olhos do homem que me criou. — Seu pai amava Cecília como eu nunca tinha visto igual. Por isso planejaram fugir.

Fiquei surpreso ao saber que meu pai planejava fugir com a mãe da Pietra. Eu o via sempre tão apaixonado pela minha mãe que nunca cogitei a possibilidade de ele ter tido outro amor.

— E minha mãe? — perguntei, elevando a voz.

Meu tio levantou a mão com a palma aberta, pedindo calma.

— No dia da fuga, Cecília me procurou na fazenda. Pediu que eu entregasse um bilhete ao seu pai. Estava visivelmente transtornada, tentei de todas as formas conversar com ela, mas não consegui saber o motivo do desespero. Fiz o que me pediu e entreguei o bilhete. Seu pai ficou louco assim que o leu. Selou o único cavalo da casa e partiu correndo para a fazenda, sem dar explicação. Chegando lá, ele não encontrou mais ninguém, pois Cecília tinha ido embora, junto com toda a família Alcântara.

Bufei. Bem a cara daquela família. Agora sei de onde Pietra havia puxado o caráter. Não valiam nada. A mãe abandonou meu pai e a filha mentiu descaradamente para mim.

— A Cecília sofreu ameaças do pai. — Virei bruscamente o rosto para o meu tio. — Um tempo depois soube pelo seu Roberto, o pai da Pietra, que o sogro tinha prometido que a Cecília seria dele a qualquer custo. Ele não tinha certeza, e na época não sabia, mas também acredita que Cecília partiu para proteger o seu pai. O velho Alcântara estava ameaçando quem ela mais amava: Vitor. Ela foi embora para salvá-lo. Seu pai sumiu por meses. Nunca soubemos onde esteve ou o que fez nesse meio-tempo, mas, quando voltou, estava casado, e sua mãe esperava você. Seu pai nunca fugiu da responsabilidade, e acredito que tenha casado somente para lhe dar uma família. Ele nunca mais foi o mesmo.

Tio Santiago respirou fundo antes de continuar.

— Algum tempo depois do seu nascimento, dois anos para ser exato, Cecília voltou à fazenda e o inevitável aconteceu: eles se envolveram mais uma vez. Foi uma loucura. A sua mãe, Heloísa, e o Roberto descobriram. Enfim, dessa vez seu pai resolveu se afastar dela, pelo seu bem e pelo bem da sua mãe, e pela criança que Cecília carregava.

Acompanhei a conversa e, mentalmente, me peguei pensando em algo terrível.

— Tio, existe a possibilidade de Pietra e eu... — As palavras pararam em minha garganta.

— Serem irmãos? — meu tio completou o que eu não consegui falar. — Não. Seu pai também pensou isso. Mas Cecília fez um teste e lhe mandou o resultado confirmando que Pietra era filha do

Roberto.

Suspirei aliviado. Não suportaria descobrir que havia me apaixonado pela minha própria irmã.

— Eu sei que você não presenciou isso, mas o casamento do seu pai com sua mãe se desgastou. Heloísa era muito ciumenta e, depois que descobriu a traição do seu pai, se tornou obsessiva.

— Não pode ser — eu disse exasperado. — Eu tinha 10 anos, me lembro daquela época. Meus pais se davam bem. — Não entendia o que meu tio contava.

— Seu pai sempre foi um homem sensato. Quando Heloísa tinha crises, ele fazia de tudo para esconder de você. Foi então que Cecília voltou e trouxe com ela Pietra, que já tinha 8 anos. Sua mãe surtou, as brigas se tornaram constantes. Lembra quando seu pai te mandava para minha casa? — perguntou, e tudo fez sentido para mim. Volta e meia o meu pai fazia minhas malas e me mandava passar um tempo com meu tio. — Era quando sua mãe estava descontrolada. No dia em que ela quebrou praticamente toda a casa, seu pai resolveu se separar. Pelo que eu soube, ele e Cecília planejavam ficar juntos após o divórcio. Porém, mais uma vez, Alcântara descobriu. Enquanto seu pai e sua mãe voltavam da cidade, foram surpreendidos por um assaltante e acabaram assassinados. O resto da história você já sabe, não preciso repetir.

Balancei a cabeça sem querer acreditar. Era insuportável saber que uma pessoa por pura maldade havia acabado com a vida de dois inocentes.

— Mas por que não me contou isso antes? Por que deixou que eu trabalhasse naquela fazenda? Por que continuou lá? — Comecei a gritar e a exigir respostas. — Por que deixou eu me envolver com ela? — A última pergunta saiu estrangulada. Falar em Pietra era doloroso demais.

Meu tio ficou em pé e parou na minha frente.

— Porque eu só soube a história toda há alguns anos e já era tarde demais.

— Como assim, tarde demais?

— Lucas, eu fiquei sabendo pouco depois de você se formar. O pai de Cecília morreu alguns anos depois de o câncer levar sua esposa, e, antes de partir dessa para melhor, ele confessou todos os seus crimes para o Roberto. Acredite em mim, filho, eu não sabia.

Minha cabeça dava voltas e mais voltas. Comecei a ficar tonto sem saber no que acreditar. Era muita informação para assimilar.

— Roberto me procurou e nós descobrimos que o assaltante também estava morto, assim como o mandante. Não tínhamos mais o que fazer. Contar a verdade faria você sofrer ainda mais.

— Eu tinha o direito! — esbravejei, batendo o punho fechado no peito. — Tinha o direito de saber a verdade.

— Para, Lucas! — gritou. — Até agora eu só ouvi você dizer “eu”... “eu”... “eu”. Pensa nas outras pessoas. Pensa no que a Pietra passou sem a mãe. Se para você foi difícil, imagina para uma garotinha de 8 anos ficar sozinha. — Parei para analisar suas palavras, pois já havia me pegado pensando sobre quanto ela sofrera sem uma figura materna. — Quando soube da morte do seu pai, Cecília não suportou. Passou quase um mês internada em depressão profunda. Parecia que sabia a verdade. E, infelizmente, a vontade de viver não foi suficiente, assim como a Pietra não foi suficiente. Cecília se matou no hospital.

Quando eu achei que o horror não poderia ser maior, a vida me pregou mais uma estaca, tratando de me certificar de que não haveria um recomeço para mim.

— Fim da história. Pietra não sabe que a mãe é suicida. Roberto se sentiu culpado por todas as mortes, pois ele era louco pela Cecília e aceitou as atitudes do sogro sem saber que ele era um assassino. Ele não soube lidar com a morte da esposa, e Pietra pagou pelo seu sofrimento. Quanto a você, Roberto sempre fez questão de tentar compensar o que você tinha perdido. O amigo que conseguiu sua especialização no Texas foi ele, assim como é ele quem está bancando toda a sua recuperação.

— Chega, Santiago! — explodi. Eu não queria saber mais nada, não aguentava mais.

— Fiz o que deveria fazer. — Caminhou em direção à porta. — Conteí toda a verdade, porque não é justo o que você está fazendo com a Pietra, ela é tão vítima nessa história quanto você. E não merece pagar com a própria felicidade pelos erros da família. — Colocou a mão na maçaneta e abriu a porta. Sem olhar para mim, disse suas últimas palavras: — Agora cabe a você decidir se vai deixar o passado controlar a sua vida ou se vai dar uma chance para o futuro e ser feliz.

Santiago saiu batendo a porta. Fiquei atônito com tudo. Minha mente girava. Eu mal respirava. Deitei novamente e, mais uma vez, adormeci.

Lucas, não precisa ir.

Eu quero, tio Santiago. Eles morreram mesmo, né?

Sim, Lucas, mas você não está sozinho.

Eu sei. Mas eu vou matar eles.

Lucas, matar os assassinos dos seus pais não vai trazer eles de volta.

Eu sei que não, mas quero vingar a morte dos meus pais. No dia que descobrir quem fez isso, vou dar um tiro neles.

De novo acordei assustado, só que dessa vez com as lembranças do pesadelo que me atormentavam havia anos. Santiago tentando me convencer de que eu não precisava ir ao velório dos meus pais. E depois, diante dos caixões, eu prometia vingar a morte deles. Isso seria impossível, pois tanto o mandante quanto o assassino estavam mortos.



— Lucas? — Eu queria que o chão me engolissem naquele exato momento para não ter que encarar Pietra. — Eu queria me explicar.

— Eu sei que a culpa não é sua — respondi, tentando me levantar.

No momento em que sentei, me arrependi. Um par de olhos verdes me encarava com esperança. Com amor e ternura. Com sentimentos que eu nunca tinha cultivado com tanta intensidade antes de ela aparecer.

— O que houve com o seu pé? — perguntei preocupado, pois ela estava com o pé esquerdo enfaixado.

— Não importa. — Sua voz soou alegre. Pietra mancou em minha direção e, quando chegou à cama, se jogou em cima de mim. — O que importa é que você me perdoe e saiba que eu te amo.

Pietra levou a boca aos meus lábios e tentou me beijar. Fiquei parado. Vendo que eu não fazia movimento algum, ela abriu os olhos e segurou meu rosto tentando desesperadamente que o beijo fosse retribuído. Lágrimas desceram dos seus olhos e caíram sobre mim.

— Por favor, meu amor. Lucas, por favor — pedia insistentemente, beijando todo o meu rosto. — Por favor, não faz isso comigo. Lucas, você me salvou. Eu te imploro, não me deixa!

— Eu não consigo. — Segurei seus ombros e a afastei. Pietra ainda pediu “por favor”, mas sem emitir som. — Não consigo olhar para você sem lembrar o que sua família me fez. Sei que você não tem culpa, mas é uma situação que não consigo superar — completei, e ela se levantou.

Juntou as mãos em sinal de oração e levou à boca.

— Não faz isso comigo, Lucas. Eu te amo. Não posso pagar por algo que meu avô fez. — Ela estava certa, mas tudo aquilo ainda era demais para mim. Além do quê, ela tinha perdido a minha confiança ao descobrir a verdade e escondê-la de mim.

— Acabou, Pietra — dei minha última palavra e não voltaria atrás.

— Lucas... — Seus olhos chorosos e sua voz embargada me imploravam mais uma vez.

— Sai daqui, Pietra. — Virei a cabeça para o lado sem conseguir olhá-la novamente. Não poderia fraquejar em minha decisão. — Vai embora! — gritei.

Mais uma vez, ouvi sua voz sussurrar, mas me neguei a olhá-la.

— Lucas, eu sempre vou te amar. Você me salvou! — E, com essas palavras, ela partiu.

Talvez eu tenha o destino do meu pai: nunca ser feliz com a mulher que ama.

— Eu também te amo, Cristal.

Pietra

Meu coração passou a ser apenas um órgão que bombeia sangue para o resto do meu corpo, me mantendo viva. Parece aula de biologia, mas foi exatamente assim que me senti depois de Lucas me deixar.

— Pietra, eu sinto muito — Mariana tentava me consolar. — Ele vai cair na real. Você vai ver, meu irmão te ama.

Nem esperei o dia amanhecer para ir à cidade encontrar com o Lucas. Depois que acordei do pesadelo que tive com minha mãe, passei o restante da madrugada acordada. Não conseguia dormir ou pensar. Na verdade, não sabia como ainda respirava. Juntei todas as coisas do Lucas e avisei à enfermeira que ela partiria para a cidade comigo. Ele precisava de cuidados, e, apesar de tudo, eu não deixaria que sua recuperação fosse prejudicada por causa de um mal-entendido. Tinha certeza de que, ao explicar tudo, ele entenderia que eu não tive culpa e que não merecia pagar por erros que não cometi. Mas tive uma grande decepção ao constatar que Lucas entendia, porém não aceitava.

Saí do seu quarto destroçada. Como se minhas forças tivessem se esvaído, me sentindo derrotada.

— Não tenho tanta certeza assim. — Não contive as lágrimas, e Mariana me abraçou. — Dói tanto, Mariana... Acho que não vou suportar.

Ela se afastou e eu percebi que seus olhos também estavam nublados pelas lágrimas.

— Ei. — Segurou minha mão. — Você é Pietra Alcântara. Você consegue tudo.

Respirei fundo e abaixei a cabeça.

— Nem tudo. — Olhei para a porta do quarto do Lucas e decidi que precisava sair dali. Era doloroso demais saber que ele estava a poucos metros de mim e eu não poderia me aproximar. — Vou voltar para a fazenda. A enfermeira deve estar chegando, ficou na farmácia comprando algumas coisas — expliquei. — Vou passar o endereço para o fisioterapeuta também.

Vi quando Pedro chegou e se colocou ao lado da Mariana, passando um braço pelos seus ombros. Fiquei feliz por eles. Era nítido que nenhum deles deixaria nada atrapalhar o amor que sentiam.

Infelizmente, não era o meu caso. Lucas se prendeu ao passado e com isso destruiu o nosso futuro.

— Pietra, dá um tempo pra ele esfriar a cabeça. — Pedro também tentou me consolar. — Lucas é um cabeça-dura, mas tem um coração enorme.

Sequei as lágrimas que escorreram e tentei ficar calma. Olhei para duas das pessoas que Lucas mais amava na vida e pensei quanto tinha aprendido com eles. Com a relação de amizade e respeito que tinham. Aprendi mais do que em todos os anos no colégio interno.

— Pena que nesse coração não há espaço para mim.

— Pietra... — Mari tentou falar, mas também não sabia o que dizer. Lucas tomou sua decisão e nem ela nem ninguém poderia mudá-la.

Dei dois passos para a frente e abracei aquela pequena caipira. Acho que Mari percebeu todo o carinho que eu sentia por ela e chorou muito em meu ombro.

— Não faça isso. Não vá, por favor. Não desista do maninho.

— Vou para a fazenda esperar o meu pai. Não sei o que vou fazer.

— Quando você volta? — Mari perguntou.

— Não sei.

Talvez eu devesse ter dito “nunca”, mas meu coração ainda mantinha as esperanças. Então me agarrei a esse pequeno fio, torcendo para que um dia ele me amarrasse novamente ao Lucas.

Entrei no carro e não sei como consegui dirigir. Chorei por todo o caminho. Por vezes tive que parar para me recuperar e só continuava depois de alguns minutos. Cheguei à fazenda, estacionei em frente à sede, mas não quis entrar. Do banco do motorista, avistei o galpão ao lado da casa. Tanta coisa havia acontecido desde que chegara... Foi ali que vi Lucas pela primeira vez. Foi ali que brigamos. Foi ali que ele me fez subir no Ventania para cavalgar pela fazenda.

— Por que eu não posso ser feliz? — comecei a gritar, batendo as mãos no volante. — Meu Deus! — Coloquei a cabeça no volante, exausta. — Eu só queria uma única chance de ser feliz.

Desci do carro e tentei correr, mas não consegui. Mancando por causa do pé machucado, eu cheguei à plantação de girassóis.

Me sentei no chão e abracei os joelhos. Então me permiti chorar sem reservas. Deixei sair tudo o que tinha me atormentado durante toda a vida. Chorei pela minha mãe e por saber o que ela tinha feito. Chorei pelos anos de negligência do meu pai e pela ausência do seu amor. Chorei pela vida que desperdicei atrás de pessoas e coisas que não me traziam nada. Chorei por não ter me dado valor e por ter tratado tantas pessoas como objeto. Chorei pelo Lucas. Pelo amor que tinha descoberto havia tão pouco tempo, mas que com certeza me mudaria para o resto da vida. Chorei de alegria por ter tido a chance de descobrir quem eu era. Chorei pelo que ganhei e pelo que perdi. Enfim, chorei.

Não sei quanto tempo fiquei sentada, olhando para o campo de girassóis. Nem me toquei de que pingos de chuva haviam começado a cair. Não importava. Só queria ficar ali tentando entender por que eu merecia um castigo tão cruel. Por que Deus colocou Lucas em minha vida se eu não poderia ficar com ele? Por que me fazer conhecer o amor para depois arrancá-lo de mim?

Suspirei fundo quando finalmente entendi.

No livro da minha vida não haveria o “e eles viveram felizes para sempre”.

— Quer ficar doente, Pietra? — Ouvi a voz do meu pai um pouco distante. — Sai da chuva, menina! — gritou.

Continuei na mesma posição, olhando para a frente. Senti meu pai se aproximar.

— Ela se matou, não foi? — perguntei, sem conseguir olhar para ele.

Alguns minutos de silêncio confirmaram o que eu já sabia.

— Nunca soubemos como, mas ela conseguiu roubar remédios do hospital e ingeriu todos de uma vez — meu pai confessou.

Passei a mão na testa, afastando o cabelo molhado. Pensava no quanto a minha mãe tinha sofrido. Eu pelo menos sabia que Lucas estava vivo e bem. Ela perdeu para a morte o grande amor da sua vida. Uma parte de mim a culpava por ter sido fraca e me deixado, mas a outra se questionava se eu não teria feito o mesmo. Acho que eu não conseguiria viver em um mundo onde Lucas não estivesse.

— Lucas já sabe — contei. Então desviei os olhos para ver a expressão do meu pai. Era isso que ele queria, que eu contasse toda a verdade ao Lucas.

Para a minha surpresa, meu pai se sentou ao meu lado, na grama, e me abraçou.

— Eu sei. — Passou a mão pelo meu cabelo, acariciando-o. — Santiago me ligou. Como você está?

— Destruída. — Quando achei que não tinha mais lágrimas, elas voltaram a queimar meus olhos.

— *Shhh! Shhh!* Eu estou aqui — tentou me acalmar.

Estava sendo uma experiência única desabafar com meu pai. Contei como tudo aconteceu, pois Santiago havia dito o básico apenas para que meu pai voltasse para a fazenda. Ele me escutou, foi atencioso, carinhoso. Mas não me enganou, não me iludiu dizendo que ficaria tudo bem. Agradei, pois eu tinha passado a vida inteira vivendo uma mentira e não me atolaria em mais uma.

— Vamos entrar. Está esfriando. — disse ele e esfregou as mãos em meus ombros, tentando me aquecer. Assim que levantei, viu o meu pé. — Mas o que aconteceu? — perguntou, preocupado.

— Só uma torção.

Meu pai passou um dos braços pela minha cintura. Ele me ajudou a caminhar de volta para a sede e praticamente me enfiou no chuveiro quando chegamos lá. Tomei um banho quente e demorado. Vesti uma camiseta que o Lucas tinha deixado e me deitei no seu lado da cama. Queria de alguma forma ainda sentir sua presença. Ouvi uma batida na porta e mandei que entrasse, mesmo sem saber quem era.

— Dona Pietra, preparei um café, já que a senhora saiu sem comer nada — Lúcia disse.

— Não quero nada, Lúcia. Pode levar.

— Menina, saco vazio não para em pé. — Olhei para ela, que sorria para mim com gentileza. Era a primeira vez que me tratava com carinho, e fiquei surpresa.

Indiquei a mesa ao meu lado e Lúcia caminhou até ela.

— Pode deixar aí. Mais tarde eu como alguma coisa — respondi, também gentil. Acho que estava me acostumando a tratar bem as pessoas.

— O dr. Lucas vai voltar, dona Pietra — disse ela, antes de sair.

— Por favor, Lúcia... — pensei em falar sobre Lucas, mas desisti. — ... é só Pietra.

Ela arregalou os olhos e sorriu. Saiu e me deixou sozinha. Antes de desabar mais uma vez, peguei o celular e o fone de ouvido. Adormeci ouvindo música.

Quando acordei, incrivelmente, já era o início da tarde. Eu realmente havia apagado de tão exausta. Vi que Lúcia tinha substituído o lanche por outro, pois o suco na bandeja ainda estava gelado. Mesmo sem vontade, eu comi. Troquei de roupa, pois estava na hora de sair e decidir o que fazer.

Encontrei meu pai no escritório.

— Pai? — chamei sua atenção, pois ele estava concentrado na leitura de um livro.

Ele deixou o livro na mesa e me encarou. Resolvi falar de uma vez antes de perder a coragem. — Quero voltar!

— Filha, deixa o Lucas esfriar a cabeça. Voltar para a cidade agora não vai ajudar em nada.

— Não, pai, você não entendeu — interrompi. — Quero ir embora para casa. — Não sei de onde tirei forças, mas era o melhor a fazer.

— Filha... — Ele me olhou com ternura. — Sei que está magoada, mas talvez seja melhor esperar. Não toma nenhuma decisão de cabeça quente — advertiu.

Apesar de todas as suas tentativas de me convencer do contrário, eu me mantive firme. Tentei, expliquei, implorei, mas Lucas não me queria ao seu lado. Eu poderia lutar, mas acredito que a luta só vale a pena quando há chance de vitória. Caso contrário, é uma batalha perdida. E eu já tinha me dado por vencida.

— Quero partir hoje, pai. — Ele me encarou como se procurasse por certeza. — É isso o que eu quero. Sem despedidas, sem mais explicações ou conversas. Quero ir embora, talvez um dia eu volte, não sei, mas, neste momento, aqui não é o meu lugar.

— E qual é o seu lugar? — ele me perguntou, levantando da cadeira e se aproximando de mim.

— Eu ainda não sei — respondi com sinceridade —, mas estou pronta para descobrir.

Sua expressão se tornou séria. Não consegui decifrá-lo. Não sabia se era orgulho, apreensão, medo ou vergonha. Sorri por dentro. Eu mal entendia o que sentia, como iria entender os sentimentos do meu pai?

— Dessa vez eu vou estar com você — disse ele, carinhoso.

Uma lágrima deslizou pelo meu rosto, e meu coração se encheu de esperança com a promessa. Eu poderia não ter Lucas, mas nunca esqueceria o que ele tinha trazido para a minha vida.

— Obrigada, pai. — Fui até ele, que me envolveu em um abraço.



Enquanto fazia as malas, pensei em quanto tinha sido feliz com o Lucas naquele quarto. Mesmo que por pouco tempo, mesmo com todos os problemas, ainda assim fui mais feliz com ele do que em toda a minha vida. Pois era verdadeiro. Era real. Não quis fazer as malas do Lucas, ele não tinha levado quase nada, mas eu deixaria que Mari buscasse.

Ao me lembrar dela, resolvi fazer uma coisa. Não poderia partir sem dizer quanto ela havia sido importante para mim. Não queria me afastar dela. Peguei uma folha na biblioteca e escrevi uma carta. Deixaria com Lúcia, para que ela entregasse à minha amiga.

— Vamos? — meu pai me chamou da porta do carro. Parei nas escadas da sede e fiquei olhando para aquela grande casa. Lúcia e Aparecida estavam na porta. Quando nos despedimos, pedi desculpas pelo meu comportamento ao chegar, esperando que elas tenham me perdoado.

— Pietra? O avião precisa sair antes do anoitecer — meu pai avisou.

O avião particular do meu pai estava na capital. Iríamos de carro até lá, o que levaria algumas horas.

Fizemos o percurso até o hangar em silêncio. Meu pai estranhou um pouco, pois eu nem reclamei quando ele colocou Sinatra para tocar. Na verdade, eu até curti a música. Desci do carro, e o piloto já nos esperava. Entrei e me acomodei em uma poltrona perto da janela, enquanto meu pai embarcava as malas.

— Tudo vai ser diferente, filha. — Meu pai se sentou ao meu lado e segurou minha mão.

— Eu sei, pai. — E realmente sabia.

Se eu amaria novamente? Se outro tomaria o lugar do Lucas no meu coração? Não poderia prever. Mas de uma coisa eu sabia: não importava o que acontecesse, eu sempre iria amá-lo.

Olhei pela janela e vi um homem se aproximar ao longe. A janela estava embaçada, pois havia chovido, mas imediatamente meu coração falhou uma batida. Minha respiração acelerou, e rapidamente tirei o cinto que me prendia. O cara estava de chapéu e camisa xadrez. No mesmo momento, eu me levantei e fui até a porta.

— Abre, pai! — gritei.

Meu pai levantou atônito com minha atitude.

— Pietra, já vamos levantar voo — explicou, tentando me fazer voltar.

— Por favor, abre, pai. É o Lucas. — Bati na porta e o piloto saiu da cabine me olhando como se eu fosse louca. — Abre a porra da porta! — Ele então abriu. As escadas ainda não tinham sido retiradas, então eu desci correndo.

Mancava muito, pois meu pé ainda doía, mas Lucas tinha ido atrás de mim. E o inacreditável: tinha ido atrás de mim andando! Meu Deus! Ele estava andando. Era como a cena de um filme antigo. Fui ao encontro do meu amor. Olhei freneticamente para os dois lados e não o avistei mais.

— Lucas! — gritei para tentar encontrá-lo. — Meu amor, cadê você? — Meus pulmões falhavam, mas eu gritava cada vez mais alto.

— Moça, não tem ninguém aqui com esse nome não — uma voz masculina me respondeu. Parei estática e, segundos depois, me virei. Dei de cara com um rapaz todo sujo de graxa. Meus olhos queimaram, e a dor dilacerou meu peito. Ele usava camisa xadrez e chapéu. Era o cara que eu tinha visto pela janela do avião.

Então percebi que, infelizmente, minha vida não era como num filme. Eu não era uma mocinha e Lucas não era meu príncipe encantado.

Lucas

— Mariana! Mariana! — gritei diversas vezes pela minha prima. — Meu Deus do céu! — agradei emocionado.

Acordei e tentei me levantar. Aquilo sempre me deixava frustrado, pois eu nunca me lembrava de que não conseguiria, mas dessa vez foi diferente. Assim que forcei as pernas, elas se mexeram, pouco e devagar, mas se mexeram.

— O que foi, mano? — Mari entrou no quarto com Pedro e ambos me olharam preocupados.

Eu não disse nada. Olhei para as minhas pernas e os dois seguiram meus olhos. Fiz um esforço enorme e consegui mexê-las novamente.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! — Mariana pulava que nem uma louca e batia palmas. — Eu sabia que Deus não ia nos abandonar, Lucas. Rezei muito para Nossa Senhora Aparecida te proteger, meu irmão.

Ela chorava que nem uma boba.

Pedro andou até a cama e me puxou para um abraço, me suspendendo.

— Eu sabia, cara. — Bati em suas costas. — Logo, logo Ranger estará de volta — Pedro disse sem conseguir segurar a emoção.

Assim que ele me colocou novamente na cama, foi a vez de a minha pequena se jogar em cima de mim. Fui atacado por seus beijos melados e abraços apertados. Mas, quando Mari levantou, notei que algo tinha caído do bolso do seu casaco.

— Maninha, o que é isso? — Apontei para o envelope na cama.

Mari e Pedro se entreolharam, o que me deixou ainda mais preocupado.

— Ela foi embora, Lucas — Pedro respondeu.

— Pietra voltou para a cidade — Mari completou, e eu senti meu coração parar.

Meu Deus! O que foi que eu fiz?!

Mariana não me disse nada. Ela me entregou o envelope e saiu do quarto segurando a mão do Pedro. Abri o envelope. Nele havia uma única folha branca, com letras bem-desenhadas, que chamavam a minha atenção.

Mariana,

Eu poderia te escrever um e-mail, mas com certeza você não tem computador. Ops! Desculpa a brincadeira, força do hábito. Estou escrevendo para me despedir. Nunca achei que fosse tão difícil dizer adeus, então preferi escrever do que te encarar. Vir para a fazenda foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu cheguei como a Cristal e agora vou embora como a Pietra. A garotinha mimada cresceu e, quando percebeu que perderia algo que realmente valia a pena, aprendeu a dar valor às pessoas. Aqui eu me descobri, descobri o meu passado, descobri você, a amizade e o amor. Muitos sentimentos que eu nem sabia que existiam. Olho para o meu passado e percebo que Lucas tinha razão: eu era oca.

Eu queria muito ficar, mas não posso, não consigo. É uma luta perdida, e eu aprendi que nem tudo está ao alcance das minhas mãos. Entendo o Lucas, não é fácil olhar para a família das pessoas que ele odiou a vida inteira. Por isso preferi partir. Mari, por favor, cuida dele. Seja paciente, compreensiva e carinhosa. Não deixe que ele faça corpo mole na fisioterapia nem que esqueça os remédios. Faça meu peão andar!

Seja sempre assim, como você é. A garota caipira que me conquistou. Obrigada por acreditar em mim quando eu mesma não acreditava. Por gostar de mim, quando nem eu sabia quem eu era. Por simplesmente me fazer descobrir o que realmente é uma amizade. Eu levarei essa conquista para sempre em minha vida e em meu coração.

Agradeça ao Pedro por mim e diga a ele que, quando eu o vejo, o sentimento que o define para mim é LEALDADE. Nunca vi amigo mais fiel. Lucas tem uma sorte grande e você, “pequena”, ganhou na loteria. Não deixe ninguém estragar esse amor. Lute por ele até o fim, pois vale a pena.

É incrível o aprendizado que levarei daqui. Aprendi com o Rodrigo que se deve abrir mão de quem se ama se for para o bem dele. E foi o que eu fiz. Deixei o Lucas para que a minha presença não o tornasse amargo e triste. Aprendi com o Henrique que as aparências enganam. Senti na pele esse ditado. Aprendi com o Santiago o que é ser um pai de verdade. Espero que a minha relação com o meu mude e, se chegar perto da sua, já ficarei feliz. Aprendi com a Raquel que nem sempre o convencional é o certo e nem sempre o certo é o que prevalece. Aprendi com a minha mãe o que é perder um grande amor. Aprendi com o Lucas o que significa a palavra ESPERANÇA, pois com ele descobri que posso ter uma vida diferente. A minha esperança é um dia encontrar alguém que me ame com a mesma intensidade com que eu o amo. Sem limites.

Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou!

Com carinho,

Pietra.

Li e reli tentando imaginar a dor que Pietra sentiu ao escrevê-la. Minhas lágrimas molhavam o pedaço de papel, enquanto era castigado pela dor de perder a mulher que eu amava. E o que mais me doía era saber que eu tinha causado tudo aquilo. Que eu era o culpado de tudo. Era eu... eu... eu.

Pietra dizia na carta que me entendia, e isso me matava, porque eu ainda não conseguia perdoar sua família. Quando pensava que ela não tinha nada com a morte dos meus pais, eu me lembrava dos dois no caixão. Não conseguia! Por mais que racionalmente eu soubesse que Pietra não era culpada, que ela era tão vítima quanto eu, meu coração insistia em dizer que eu a faria sofrer. Que, sempre que ouvisse o seu sobrenome, eu a julgaria. Lutei contra os meus sentimentos olhando para aquelas palavras e decidi que o melhor era deixá-la partir. Pietra tinha sido corajosa. Ela teve uma coragem que eu não teria.

— O que você vai fazer? — Mariana perguntou. Ela também chorava, de pé na porta do quarto. Elas tinham ficado muito amigas, e com certeza minha prima sentiria sua falta.

Fiz um gesto para que se aproximasse. Mari se sentou ao meu lado e descansou a cabeça em meu peito.

— Eu sei que ela vai fazer falta. Aquela garota virou nossas vidas de cabeça para baixo, mas foi melhor assim. — Mari chorava mais ainda. — Não podemos lutar contra algumas coisas. Acho que Pietra e eu nascemos para mudar a vida um do outro, mas não para ficarmos juntos.

— Eu aprendi a gostar daquela patricinha mimada — sussurrou, agarrada a mim.

— Eu também, Mariana. Eu também...

Um mês depois...

Lucas

— Ei, preparado para mais um dia? — Fábio me perguntou, e eu não movi nenhum músculo para responder. Vendo meu desânimo, ele se adiantou. — Que isso, camarada? Que baixo-astrol é esse? Isso não é bom para o tratamento.

— Eu sei que não — respondi, um pouco ríspido.

Fazia exatamente um mês que Pietra tinha ido embora. E eu ainda sofria pela sua partida.

— Então? — Fábio ficou estático à minha frente, esperando uma resposta, mas ela não veio.

O olhar de Pietra ao deixar o meu quarto me assombrava praticamente todas as noites. E por isso era inevitável acordar assim, mal-humorado, chateado e desanimado, ou seja, um verdadeiro pé no saco.

Havia semanas eu tentava esquecer os sentimentos e me concentrar na minha recuperação, porém, a cada conquista, cada pequeno movimento que conseguia fazer, a vontade de ir atrás dela transbordava em meu peito.

Eu me virei para o lado e encarei meu celular. Já havia pensado mil vezes em ligar, mas para oferecer o quê? Alguém que precisava de sua ajuda para tomar banho, se vestir e até se alimentar? Não mesmo! Pietra merecia mais. Merecia alguém como ela: linda, divertida e cheia de vida, que pudesse seguir o mesmo caminho que ela.

— Planeta Terra chamando... — escutei a voz da Mari.

Ela estava ao lado do Fábio. Vestida com uma saia curta — muito curta, aliás — e uma blusa soltinha. Tão menina, tão ela... A não ser pela carranca que ultimamente tomava conta do seu belo rosto.

— Lucas Vitor. Posso saber o motivo de ainda estar nessa cama? — Abri a boca para responder, mas minha pequena disparou: — Mexe essa bunda. Acha que todo mundo tem o dia inteiro para ficar a sua disposição? Francamente!

Olhei para o Fábio procurando por socorro, mas o filho da mãe sorriu dando de ombros e abandonando o barco.

— Já fez o alongamento? — Mariana perguntou.

Fiz que não com a cabeça, e ela se aproximou. Segurou uma das minhas pernas e passou a movimentá-las.

O traidor do meu fisioterapeuta contou a Mari sobre meu desânimo. — Faz uns dez minutos que ele saiu do ar.

Minha prima parou o movimento no ar, praticamente jogando a minha perna na cama.

— Ela merece alguém melhor — me adiantei antes que Mari começasse a tentar me convencer.

— Você está certo. Ela merece alguém como o Rafael, por exemplo. Já pensou que ela pode ter voltado para a antiga vida? Festas, compras e garotos de programa?

Cada palavra batia fundo em meu coração. Já havia pensado na possibilidade centenas de vezes, e a imagem do pangaré sempre voltava a minha cabeça. Mas eu acreditava em sua mudança, e Pietra não voltaria para aquela vida vazia.

— Talvez Pietra também deseje algo melhor para você. — Sua voz se tornou gentil. — Ela se culpa por estar ligada ao seu sofrimento, mas deseja ser para você o mesmo que você deseja ser para ela. Duas almas iguais, carregadas de sofrimento, que se encontraram e transformaram nossa vida. Já parou para pensar que se hoje eu e Pedro vivemos nosso amor é em parte graças a você e a Cristal?

— Iria acontecer de qualquer forma. Pedro sempre foi louco por você.

— Pode até ser, maninho. Mas a sua vida é a mesma depois da passagem da patricinha por aqui?

Abaixei a cabeça, sorrindo. Não mesmo.

Mari se aproximou e eu a puxei para os meus braços e dei um beijo no topo da sua cabeça. E me peguei imaginando quando foi que ela cresceu.

— Agora chega de chororô. Fábio está esperando para começar a fisioterapia.

Tinha até me esquecido do Fábio. Ainda bem que ele era discreto e ficava alheio a dramas de família.

— Vou voltar para os meus estudos. Se cuida.

— Bons estudos.

Mariana saiu, e eu me preparei para me sentar. Já tinha recuperado alguns movimentos, e isso facilitava muito a locomoção.

Eu me joguei na cadeira de rodas e fui para a sala.

— Eita, a baixinha é porreta — Fábio disse sorrindo quando me viu.

— Eu que o diga, cara. Coitado do Pedro. Vai cortar um dobrado com aquela ali.

Nós rimos juntos.

Fábio no início era bem sério, mas depois passou a ser um grande amigo, além de um dos principais responsáveis pela minha recuperação.

— Vamos lá! Hoje é apenas mais um dia na sua luta.

Concordei e saí em direção à garagem. Pedro e o tio tinham feito um grande trabalho ao transformar aquela parte da casa em um local para as sessões de fisioterapia.

— Vamos fortalecer seu tronco hoje, tentar dar mais alguns passos. Você foi muito bem da última vez.

Bufei, frustrado.

— Claro! Dois passos — falei, decepcionado. Sabia que era uma vitória, reconhecia isso, porém não aguentava mais viver preso.

Fábio me lançou um olhar de repreensão, e eu me encolhi. Sabia que deveria ser grato. Acho que a Mari tinha razão: eu estava virando um rabugento.

Levei a cadeira até chegar próximo ao aparelho que o fisioterapeuta tinha levado. Era como uma passarela com uma barra de ferro em cada lado, parecida com uma esteira ergométrica. A intenção era que eu me mantivesse de pé e caminhasse apoiado nas barras.

Forcei o corpo e, com a ajuda de Fábio, tentei ficar em pé. Por mais que meus braços reclamassem do peso, eu os ignorava. Eu tentava fazer com que as pernas obedecessem aos meus comandos e se mexessem. Meu corpo inteiro sabia o que deveria fazer. Eram apenas alguns passos. Mas eu não me movia. Tudo era inútil. Todos os meus esforços eram em vão.

De repente, voltei a me lembrar dela. Da noite em que dançamos. Do piquenique, da chuva. Tudo voltou claramente, e eu revivi todas as emoções em apenas alguns segundos.

— Lucas... — Fábio me chamou.

— Me deixa! — gritei de volta.

A dor nos braços não era nada perto do que o meu coração sentia. Se a raiva me ajudasse a andar, naquele momento eu estaria correndo. E sabia muito bem em que direção seguir. Iria atrás da minha Cristal.

— Droga! Porra! — xinguei ao cair. Lágrimas se formaram em meus olhos, não sei se pelo fracasso ou se pelo fato de saber que eu era o único culpado por ter afastado a Cristal.

Eu era um idiota. Sabia disso. E por isso tinha perdido a única pessoa que já havia amado.

Pietra

Você é tão linda, Cecília, minha Ceci...

Um anjo de vestido e botas.

Uma menina com olhar de mulher.

Um pedaço de mim.

Meu coração!

Sempre seu.

Vitor.

Eram muitos os bilhetes do Vitor para minha mãe. Era incrível como eu podia sentir o amor nas cartas que encontrara. Levei a caixa de mamãe comigo, e havia um mês eu estava tentando entendê-la, conhecê-la melhor.

Minha mãe e o pai do Lucas se apaixonaram à primeira vista. Um amor puro que eu passei a conhecer muito bem.

Amo tanto o Lucas que sinto um buraco no coração. Levei um tempo para me recuperar. Achei que não conseguiria, mas, para não cair em depressão, me apeguei às coisas boas que aprendi na Girassol. Tentei me aproximar mais do meu pai, inclusive na semana anterior tinha ido visitá-lo no escritório. Todos os funcionários me olharam como se eu fosse um E.T. Ninguém me conhecia pessoalmente, só das colunas sociais e revistas de fofoca. E minha fama não era muito boa.

Tentei aprender um pouco mais sobre a empresa, mas confesso que sentia falta da fazenda. Aquilo ali não era pra mim.

Ouvi a campainha tocar e me apressei para guardar tudo na caixa. Sabia quem era. E meu pai não precisava ser torturado ainda mais com as lembranças de amor da minha mãe.

— Oi, pai. — Beijei seu rosto assim que abri a porta.

— Como está, filha? Trouxe comida. — Levantou uma caixa de pizza, e eu sorri.

Vínhamos fazendo isso com muita frequência. Ou meu pai passava os fins de semana comigo, ou eu ia até a sua casa. Assistíamos a filmes e até fomos ao teatro. No começo foi difícil, a distância era grande e os muros entre nós maiores ainda, porém aos poucos estávamos nos acertando.

— Estou bem. Fiz a inscrição hoje — falei sobre o vestibular, e meu pai me olhou preocupado.

— Tem certeza? — Ele ainda questionava minha decisão.

— É o que mais tenho. — Sorri.

— Então terá o meu apoio.

Abracei meu pai e agradei. Era muito importante sua aprovação.

Tive uma noite agradável e conversamos muito sobre a faculdade. Meu pai interagiu e se mostrava atento a tudo o que eu dizia, e cada vez mais eu sentia vontade de conversar com ele. A única coisa que ainda me angustiava era a saudade que eu sentia do Lucas.

— Você deveria ligar. Talvez ele esteja melhor — meu pai disse assim que notou minha mudança repentina.

Me levantei do sofá e caminhei até ele, recolhendo o prato em sua mão. No caminho até a cozinha fiquei pensando no assunto. Várias vezes eu pensei em ligar para o Lucas, ou mesmo em ir até a fazenda, mas a amargura em suas palavras e o desprezo em seus olhos quando eu parti me impediram. Lucas me queria longe. E era assim que eu me manteria.

— Lucas tomou sua decisão, pai. E cabe a mim respeitá-la.

Cinco meses depois...

Lucas

É big, é big

É big, é big, é big

É hora, é hora

É hora, é hora, é hora

Ra-tim-bum!

Mariana! Mariana! Mariana!

Peguei Mariana nos braços e a joguei para cima.

— Ei, mano! Você ainda não pode se esforçar assim. — Sorri pela preocupação da minha pequena.

Fazia mais de um mês que eu havia voltado a andar. Claro que com muita fisioterapia e muita força de vontade. Não via a hora de sair daquela maldita cadeira. Mas, graças a Deus, os médicos estavam certos, e minha paralisia tinha sido passageira. Ainda mancava um pouco, mas a cada dia eu percebia que meus movimentos melhoravam e, segundo Fábio, logo, logo eu estaria cem por cento. Não foi fácil, batalhei para conquistar cada movimento, e cada conquista era uma vitória, pois sabia que era mais um passo em direção ao meu recomeço, literalmente.

— Não se preocupa, pequena. Olha seu presente. — Entreguei uma caixa para ela.

Mari abriu na hora e seus olhos brilharam com o iPhone em suas mãos. Eu não entendia porra nenhuma daquilo, mas a moça da loja disse que era o melhor. E, se era o melhor, era o que ela merecia. Minha prima foi meu porto seguro durante a recuperação e não deixou que eu me abatesse com a partida da Cristal. Sofri muito, achei que não aguentaria a saudade e a dor por ter perdido a primeira mulher por quem havia me apaixonado, mas no fim decidi que era melhor assim. Primeiro porque eu ainda não conseguia andar e não queria continuar sendo um fardo para Pietra. E, depois, porque quando comecei a me recuperar pensei que a minha Potranca pudesse ter seguido a vida e

talvez eu não fizesse mais parte dos seus pensamentos. Eu me consumia ao pensar que ela poderia estar com outro daquela forma tão completa como esteve comigo. Recebendo todo o carinho e todo o amor que merecia e eu, como idiota que sou, não tinha conseguido retribuir. Mari sabia que eu sofria, me pegou várias vezes lamentando a partida de Pietra. No começo, tentou me convencer a ir buscá-la, mas, com a minha relutância, acabou desistindo e nunca mais tocou no nome da Pietra. Isso aliviava a saudade, mas não me fazia esquecê-la. Eu ainda a amava e não sabia se seria capaz de entregar meu coração a outra.

— Mano, que lindo! — Minha prima tirou o aparelho da caixa e me deu um abraço. Tentei esquecer Pietra e me concentrei em Mariana. — Não precisava.

Beijeí sua testa carinhosamente. Mari era como uma irmã, mas, às vezes, eu a tratava como filha. Não sabia o que era ser pai, mas, se significava dar a vida por ela, sim, Mariana era como filha. Ela estava indo para a faculdade, então quis lhe dar o melhor presente possível.

— Claro que precisava. Não quero que você se sinta pior que nenhuma patricinha da faculdade. — Assim que disse “patricinha”, me arrependi. Os olhos da Mari se desviaram e eu sabia que era por Pietra. Nossa vida nunca mais foi a mesma depois que ela partiu.

Já fazia cinco meses, e nunca mais sequer ouvi sua voz doce, ou sua risada gostosa. Todos os dias eu sonhava que Pietra estava dormindo ao meu lado, mas então acordava frustrado e com ódio de mim mesmo. Eu já tinha aceitado que não seria feliz sem ela. Quando dei o primeiro passo sozinho, ela foi a primeira pessoa que veio na minha mente. Com certeza, Pietra sentiria orgulho de mim. Mas então a raiva e o rancor tomavam conta do meu coração. Eu me sentia um lixo por ter esses sentimentos quando me lembrava do que o avô dela tinha feito. Era injusto? Claro! Mas eu não conseguia me livrar do passado. Sacudi a cabeça, tentando não pensar mais naquilo, o que era impossível. Cristal era presença constante em cada maldito segundo do meu dia. Encarei minha prima, que, mesmo feliz, demonstrava um pouquinho de tristeza e saudade.

Pedro se aproximou dela e a puxou para um abraço. Meu amigo estava nervoso, e eu o entendia, pois em sua situação estaria suando frio. Se bem que Pedro estava, sim, suando frio. Eu os acompanhei até a sala. Apenas os familiares comemoravam o aniversário da Mariana. Ela, eu, tio Santiago, Pedro e Lúcia, que eu desconfiava seriamente que estava pegando o meu tio. Sorri quando notei os dois se olhando descaradamente.

— Mel, eu... eu... eu... — Pedro começou. Vixi! Sabia que ele gaguejaria. Bati as mãos nas suas costas, fazendo com que desse um solavanco.

Ele me olhou com uma cara séria e olhos semicerrados.

— Lucas, eu gaguejei, eu não... não... tô engasgado, seu burro! — falou mais calmo e pausando as palavras. — Santiago, gostaria de pedir a mão da... da... Mariana em casamento — enfim, conseguiu falar.

Um silêncio irritante preencheu a sala. Todos esperavam a resposta do meu tio, quando Mari pulou no pescoço do Pedro e gritou “sim!” para toda a cidade ouvir.

— Ei, você nem sabe se seu pai permite — impliquei com ela, mas sabia que Santiago não se oporia.

— Deixa de ser antiquado — retrucou Mari. — Ou ele aceita ou vai ver a filha morando com um cara sem casar.

Era um ótimo argumento. Meu tio nunca deixaria isso acontecer. Ele era das antigas. Embora eu tenha certeza de que, se quisesse, a Mariana enrolaria meu tio. Ela partiria no dia seguinte para a capital para começar o curso de odontologia, ou seja, nenhum de nós ganhou a queda de braço e ela escolheu a profissão por si mesma. Pedro conseguiu um emprego e, claro, partiria com ela. Meu tio se aproximou e segurou forte a mão do meu amigo.

— Você ama Mariana desde a primeira vez que a viu. Sempre a respeitou, e sei que seu caráter é um exemplo. E também sei que vai cuidar muito bem da minha menina na capital. É com muito prazer que serei seu sogro, Pedro.

Pronto! Bastou meu tio se pronunciar para Mariana abrir o berreiro. Chorou como uma garotinha.

Então, Pedro se ajoelhou e estendeu uma caixinha de veludo vermelho em direção à minha prima. Os olhos dele brilharam enquanto Mariana secava as lágrimas que rolavam insistentemente pelo rosto.

— Mel, eu sei que vamos enfrentar muitos obstáculos, pois a vida não é um conto de fadas. Mas sei que, se você estiver ao meu lado, terei forças para superar cada um. Como seu pai disse, eu te amo desde a primeira vez que coloquei os olhos em você. Fiquei enfeitiçado quando Lucas me levou à fazenda pela primeira vez. Tentei me afastar. Tentei convencer a mim mesmo de que era passageiro, mas ali descobri que meu destino estava traçado, que eu viveria ao seu lado para sempre. Minha princesa, casa comigo?

— Sim! Sim! Eu caso! — gritou radiante e, mais uma vez, pulou em cima dele.

Olhei para aqueles dois e tive certeza de que nada no mundo seria tão certo quanto Pedro e Mariana. Lúcia também fez questão de parabenizar minha prima, que não cabia em si de tanta alegria.

Senti uma mão no ombro e me virei para ver aquele com quem eu sempre pude contar. Pedro estava com os olhos cheios de lágrimas. Sua emoção refletia o tamanho do amor que sentia por Mari. Ele sempre foi meu amigo, meu irmão, meu apoio e meu companheiro de jornada. Sem ele não sei se conseguiria enfrentar a barra de ter estado em uma cadeira de rodas. Pedro não foi somente um ombro amigo. Ele foi meus braços e minhas pernas quando mais precisei.

— Obrigado, irmão — agradeceu e apertou meu ombro.

— Pelo quê? — respondi, confuso.

— Por entregar a mim o seu bem mais precioso — respondeu, sabendo que Mari sempre tinha sido a minha pequena.

— Não existe homem melhor para ela. — Abracei meu amigo e o deixei saber que desejava toda a felicidade do mundo para ele e minha prima. Eles mereciam. — Só me prometa que nunca vai magoá-la. Mari merece o melhor. E, se não cumprir essa promessa, juro que arranco suas bolas — ameacei, e Pedro sorriu um pouco nervoso, pois sabia que era a mais pura verdade.

— Obrigada. — Mari se aproximou. — Você sempre será meu exemplo. Exemplo de pai, de irmão, de amigo, de profissional e de superação. Você é o melhor homem que conheci em toda a vida. E está na hora de recuperar sua felicidade.

Abracei a Mariana e dei um beijo no topo da sua cabeça. Não encontrava palavras para responder a ela.

— Amo você, pequena — foi a única coisa que consegui dizer.

Deixei todo mundo na sala e me sentei na varanda, olhando para a escuridão que tomava conta da cidade. O céu estrelado e os pequenos barulhos lembravam a minha infância. Eu tinha sido muito feliz naquela cidade, mas ela não me cabia mais, nada me agradava, acho que nenhum lugar do mundo sem Pietra serviria. Ela era a parte mais importante de mim. Pietra me fez renascer, e eu não me perdoava por tê-la afastado de mim. A música que tocava me atingiu em cheio. Eu me peguei entoando sua letra como se fosse uma oração:

*Coração desesperado quer sentir de novo
O calor que nos envolve nesse amor gostoso
Orgulho que me consome pra não me entregar
Sofro com meu jeito rude de amar
Chato imprevisível sei que não me leva a nada*

“Os brutos também amam” — Matogrosso & Mathias

— Mano, você pode imprimir o endereço da faculdade para mim? — Mariana me chamou da porta da minha casa. — Quero deixar para o papai. Está no meu e-mail, deixei aberto no seu computador.

Fiz que sim e entrei no quarto. Meu computador estava ligado, e a página do seu e-mail estava aberta. O primeiro e-mail era da faculdade, então eu rapidamente cliquei e mandei imprimir. Já estava me levantando quando um e-mail que tinha acabado de chegar chamou minha atenção.

Não resisti à curiosidade. Eu me levantei, fechei a porta do quarto, me sentei novamente e abri a mensagem.

De: Pietra

Para: Mariana

Mari,

Não podia deixar de dar uma passadinha por aqui para te desejar feliz aniversário. Que todos os seus sonhos se tornem realidade e que a nova fase da sua vida seja repleta de coisas boas. Obrigada pelas fotos e notícias do Lucas. Fico feliz que ele esteja melhor a cada dia. O orgulho que sinto dele supera qualquer coisa.

Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou.

Te adoro!

Um beijo,

Cristal

Eu não podia acreditar no que estava lendo. Mari e Pietra continuavam se falando. Abri outro e-mail da Pietra, recebido no dia anterior:

De: Pietra
Para: Mariana

Mari,

Bom dia, flor. Passei para te dizer que hoje foi minha primeira visita ao hospital de reabilitação. Eu te disse que estava empolgada, e não foi para menos. Vários sentimentos passaram por mim naquele lugar. Não consegui deixar de pensar no Lucas em nenhum momento. Espero poder ajudar muitas pessoas a se recuperarem, assim como ele. Por isso escolhi fazer fisioterapia. Foi por ele, Mariana. Sempre pelo Lucas.

Cuide dele!

Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou.

Um beijo,

Cristal

Coloquei as mãos na mesa e as cruzei, apoiando o queixo nelas. Minha vontade era gritar para todo mundo quão burro eu era. Cinco meses, depois de cinco meses, Pietra ainda dizia que me amava. Um sentimento que eu desconhecia tomou conta do meu coração. Uma dor misturada com raiva, paixão e saudade, que causou uma explosão tão grande dentro de mim que tirou meu ar, meu chão, meu céu. Não ouvia mais nada. Só me lembrava da primeira vez que Pietra disse que eu a tinha salvado. Como alguém sem coração, sem capacidade de perdoar, de entender, pode salvar outra pessoa? Pietra estava errada: ela é que tinha me salvado. Ela me fez descobrir que eu era capaz de coisas inimagináveis. Prova disso é que depois dela nunca consegui chegar aos finais com mais ninguém. Nem quando estava na cadeira, nem quando passei a andar. Pietra me trazia segurança, ela me fez sentir desejado mesmo em uma cadeira de rodas. Ela não me via diferente. Com ela eu acreditei que era um homem completo, e, quando ela se foi, descobri que só estava inteiro porque Pietra me completava. Ela significava meu recomeço.

Algumas lágrimas rolaram pelos meus olhos e não fiz questão de secá-las. Não sentia vergonha de chorar... Chorava por algo verdadeiro. Algo que havia mudado minha vida e que fez de mim parte do homem que eu era.

Digitei no campo de buscas o nome da Pietra e o que vi me surpreendeu, me fazendo chorar ainda mais. Duzentos e vinte e-mails. O que dava mais de um por dia. Abri o primeiro, quase uma semana depois que Pietra partiu, quando Mari comprou o computador.

De: Pietra
Para: Mariana

Mariana,

Chorar agora é o verbo da minha vida. Choro de saudade. Choro de tristeza. Choro de amor. Choro pelo meu recomeço. Choro pelo fim. Acho que foi a única forma que encontrei para não sucumbir. Não morrer. Não apagar. Não fazer como minha mãe. Não consigo esquecê-lo, Mari. Lucas está preso a mim de uma forma inimaginável. Por favor, mantenha-o longe de problemas.

Não fale com ele sobre mim, não quero forçar Lucas a nada, ele precisa se concentrar na recuperação, mas acho que sempre vou esperá-lo.

Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou.

Um beijo,

Cristal

Meu Deus, isso não está acontecendo! Uma dor descomunal me atingiu a ponto de me deixar zozinho. Meus olhos escureceram e por um tempo achei que apagaria, tamanho o meu desespero. Tinha que agir, fazer algo. Trazer minha Potranca de volta. Rolei alguns e-mails e, quando achei que não poderia me emocionar mais, as palavras da Pietra me derrubaram.

De: Pietra

Para: Mariana

Mari.

Oi, minha amiga. Como ele está? Fiquei tão feliz pelas últimas notícias. Nem acredito que Lucas andou sozinho. Minha vontade foi de pegar o primeiro avião e voar para a fazenda. Não consigo esquecê-lo. É como se Lucas fizesse parte de mim. É tão estranho estar sem ele, sem seu cheiro, seu corpo, seus olhos azuis, suas implicâncias e provocações. Mas o cursinho está me ajudando a passar o tempo. Acho que fiz a escolha certa. A faculdade de fisioterapia dará um sentido novo a minha vida.

Cuida dele, Mari. Lucas é o meu coração.

Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou.

Um beijo,

Cristal

Duzentos e vinte e-mails e todos terminavam da mesma forma. *Eu sempre vou amá-lo. O Lucas me salvou.*

Eu já chorava como uma criança. Eu amava Pietra e, depois de tudo que li, percebi que ela sofria tanto quanto eu, então não tive mais dúvidas sobre o que fazer. Achei que a distância era o certo, mas nossos destinos estavam entrelaçados. Aquela patricinha tinha chegado para mudar a minha vida. Não havia escapatória nem como fugir: ou eu aceitava que meu lugar era ao seu lado, ou aceitava que o lugar dela era ao meu lado. Não tinha meio-termo nem segunda opção. Iria rastejar, implorar, beijar o chão que ela pisa, e se precisasse traria Pietra amarrada, agindo como um homem das cavernas, mas ela voltaria para mim. E eu nunca mais deixaria aquela patricinha escapar.

Em um dos seus e-mails, Pietra citou um “amigo”. Eu nem quis terminar de ler, parei nas primeiras linhas, pois seria capaz de arrancar o computador da mesa e quebrá-lo em mil pedaços. Aquela Potranca tinha dono, e eu estava pronto para buscar o que era meu.

Saí do quarto que nem um louco. Não pensei em nada, e, quando cheguei à sala, todos me olhavam com cara de espanto pelo meu rompante. Mari se aproximou e em uma das mãos segurava um pedaço de papel amarelo, e na outra uma das minhas malas.

— Traz ela de volta, mano — disse ela, com lágrimas nos olhos. — O lugar da Pietra é aqui. Vá buscar nossa Cristal.

— Você fez de propósito? — perguntei confuso, com os olhos lacrimejando. As palavras saíram embargadas pela emoção, mas no coração havia a certeza de que eu lutaria com unhas e dentes pelo meu amor.

— Vocês precisavam de um empurrãozinho. Pietra me fez prometer que não contaria sobre os e-mails e você me fez jurar que não falaria dela. Então, resolvi deixar o destino agir. Sabia que Pietra me mandaria o e-mail. Geralmente ela me escreve neste horário. E eu sabia que, quando você descobrisse que ela estava sofrendo tanto quanto você, seu coração reconheceria que é ela. Sempre foi. Desde o começo.

— Sim, é ela. Deus mandou ela para mim — comentei, emocionado. Beijeí sua testa e agradei.

Ela sorria gentilmente com toda a doçura que tinha no coração. Eu sabia por que Pedro a chamava de Mel. Não havia nada mais apropriado.

— Eu nunca vou esquecer o que você fez por mim, pequena. Não tenho como agradecer o suficiente. — Nada no mundo pagaria o amor e o apoio da Mariana.

Pedro se colocou ao lado dela. Meu tio e Lúcia me olhavam esperançosos.

— Tem sim, mano — Pedro se pronunciou. — Traga de volta a madrinha de casamento da Mel.

Olhei para a família que me encorajava e sorri como um lunático. Iria buscar a minha Cristal. Beijeí muito a Mari e dei um abraço no Pedro. Fiz o mesmo com a Lúcia e o meu tio. Todos riram da minha empolgação e eu não consegui conter a alegria.

Antes de eu chegar à porta, Pedro me chamou e jogou um molho de chaves na minha mão.

— Vai na minha. Essa sua lata-velha não chega nem à cidade vizinha — provocou.

Não tive tempo de responder, a adrenalina fluía em minhas veias e a vontade de ir ao encontro da minha garota fez com que eu esquecesse o insulto à minha *jabiraca*. Entrei jogando a mala no banco do carona, verifiquei os documentos no porta-luvas e dei partida. O motor rugiu na noite, e meu coração o acompanhou.

— Abre a porteira, Cristal... Eu estou chegando!

Pietra

— O que achou do filme, Pietra? — Silvia me questionava, mas eu estava totalmente desconcentrada. Já era tarde e eu tinha que mandar o e-mail da Mariana. Sempre fazia isso no mesmo horário, e não seria diferente em seu aniversário. Estava no shopping com a minha colega de faculdade.

Faculdade!!! Ainda não acreditava que estava frequentando uma faculdade. Me sentia totalmente perdida, e nos primeiros dias queria pegar o avião e voltar para a fazenda. Sentia falta de tudo da Girassol, mas a saudade que me torturava tinha nome: Lucas Vitor. Não dava para descrever a mudança que aquele homem havia causado em minha vida. Nunca mais fui a mesma, nunca mais olhei o mundo com os mesmos olhos. Sofri, chorei e lutei muito para não ter o mesmo destino que a minha mãe. Num dos dias em que mais me senti abatida, eu entendi a atitude extremista dela. Com Lucas a poucas horas de distância, eu já me sentia fora de mim. Perder para sempre aquele que tinha seu coração devia causar uma dor inexplicável. O que ela fez não foi certo, mas eu não a julgo, não mais. Não sei o que sentia nem o que pensava no momento. Então a perdoei e deixei suas lembranças partirem. Nesse mesmo dia, eu tive uma das melhores noites da minha vida. Pipoca e filme antigo com meu pai em meu apartamento. Ele passou a viajar menos e sempre que podia estava comigo. Olhando para o meu pai, e vendo sua força de vontade em transformar nossa relação, eu decidi que deveria parar de chorar e correr atrás do prejuízo. Ele ficou surpreso mas extremamente feliz quando contei sobre o vestibular. Somente a escolha do meu curso fez com que olhasse torto para mim. Fisioterapia. Às vezes eu tentava me convencer de que não era pelo Lucas. Mas então me lembrava de tudo que havia passado com ele após o acidente e esses pensamentos caíam por terra. Era pelo Lucas.

— Pietra? — Silvia chamou minha atenção novamente.

— Desculpa, estava distraída. O filme foi bom.

Mal terminei de falar, e meu olhar pousou sobre um casal e uma garota sentados em um restaurante. Era a primeira vez que os via depois de voltar. Caminhei a passos largos em direção ao restaurante, com Silvia chamando meu nome, sem entender porra nenhuma da minha atitude. Ignorei a hostess e, chegando à mesa, eu puxei uma cadeira e me sentei.

— Boa noite.

Rafael e Letícia arregalaram os olhos e encararam um ao outro e depois a mim, como se eu fosse um fantasma. Estavam sentados de frente um para o outro enquanto uma garota toda produzida abraçava Rafael. Coitada, era a vítima da vez.

— Querida, acho que você se confundiu de mesa — a garota disse, tentando fazer com que eu me levantasse.

— Confundi mesmo? — perguntei, sarcástica. — Será, Rafael? E você, Letícia, também acha que foi um equívoco?

Vendo que eu não tinha errado a mesa, a garota olhou para Rafael de forma acusatória.

— Amor, você pode explicar o que está acontecendo?

Amor?! Essa era boa. Não consegui me conter e soltei a maior gargalhada no restaurante. Todos na mesas a nossa volta me olhavam como se eu fosse louca. Silvia abria e fechava a boca, vendo claramente o barraco se formar. Letícia se mantinha muda, pálida e com medo de me encarar.

— Não é nada disso que você está pensando, meu amor — Rafael, enfim, resolveu falar.

— Cala a boca, Rafael — mandei, e ele ficou perplexo com a minha atitude. Eu me virei para a garota confusa ao meu lado e tentei alertá-la da armadilha em que ela caía. — Esses dois têm um caso há anos, e garanto que você é rica. — Ela confirmou, balançando a cabeça. — Então vou te dar um aviso: esse filho da puta se juntou com essa vaca para arrancar seu dinheiro. Não acredite neles!

Letícia me olhou pela primeira vez, e seus olhos estavam cobertos de ódio. Bufava em minha direção, e era isso que eu queria. Que ela perdesse a postura de boa moça diante de pessoas que nem faziam ideia da vadia que era.

— Por que você não ficou na roça com seu aleijadinho, sua piranha? — destilou seu veneno para mim.

— Você fez de propósito, não foi? — perguntei, mas o sorriso estampado em seu rosto confirmava o que eu já sabia. Mariana tinha razão: Letícia esperou Lucas chegar à sala para contar tudo sobre o assassinato dos seus pais.

— Vocês me disseram que eram irmãos. — A garota estava atônita com tanta informação, e eu surpresa pela cara de pau daqueles dois. Irmãos?! Chegava a ser o cúmulo do absurdo.

— Não, eles não são irmãos. São parceiros de crime. Inclusive, estou processando os dois por furto à minha residência — esclareci.

— Você não pode provar o que está falando. — Letícia soltou uma risada nervosa.

Cruzei as mãos sobre a mesa e falei o mais baixo possível para que somente eles escutassem.

— O problema de vocês é que se esqueceram de um pequeno detalhe: meu apartamento é cheio de câmeras. E vocês fizeram questão de transar por toda a minha casa. Com você usando minhas roupas e joias. — Apontei para o colar que ela usava. — Aliás, as pérolas no seu pescoço são da minha mãe. — Estendi a palma da mão, ela retirou o colar e me entregou.

— Satisfeita?

— Ainda não.

Me levantei, e Letícia recuou com medo de apanhar de mim, mas não fez isso. Não me rebaixaria tanto. Não era da mesma laia da Letícia, nunca fui. Podia ter meus defeitos, mas não cheguei a ponto de roubar, extorquir ou chantagear. Tudo isso fazia parte da vida de Letícia e Rafa, e eu queria distância de pessoas como aquelas.

— Vejo vocês por aí. Logo, logo estarão sendo intimados. Vão pagar por cada objeto que furtaram da minha casa.

Os dois se entreolharam espantados, e a garota também se levantou. Quando eu me virei de costas, escutei a voz alterada do Rafael pedindo para a menina se acalmar. Dei uma última olhada e não resisti em provocar Letícia.

— Mariana manda lembranças.

Nesse momento a garota partiu para cima da minha ex-amiga. Letícia e Rafael para mim estavam no passado. Um passado ao qual pretendia nunca mais retornar.

— Uau! Precisamos vir ao shopping mais vezes. — Acho que Silvia se divertiu com o barraco no restaurante. Estava espantada, mas não tirava o sorriso do rosto. Passou a mão pelo meu braço e saiu me arrastando para um café. — Conte-me tudo e não me esconda nada.

— Prepare-se, a história é longa.

Contei toda a história para a Silvia. Desde o dia em que conheci o Rafa até o momento em que passei no vestibular de fisioterapia. Ela ouvia atentamente e de vez em quando me interrompia para fazer comentários do tipo “que desgraçado!”, “é o amor!”, “filho da mãe!”, e assim abri o coração. Ela era uma das minhas únicas colegas na faculdade. Eu estava traumatizada, não confiava mais nas pessoas, sempre desconfiava de tudo e de todos, mas Silvia me venceu pela insistência. Fizemos o primeiro trabalho em dupla juntas e dali em diante não nos separamos. Ainda sentia muita falta da Mariana, mas Silvia vinha ganhando espaço em minha vida. Ela era engraçada, espontânea, não se intimidava com o que as pessoas pensavam dela. Negra, com os cabelos crespos, não tinha vergonha de amassar os cachos e colocá-los para cima, em um penteado afro. Isso irritava muitas pessoas da faculdade. Várias vezes ouvi pelo campus as pessoas perguntando “o que a negrinha fazia ali”, em uma faculdade tão cara. O que ela fazia ali? Tirou a melhor nota em um exame nacional, o que lhe rendeu uma bolsa integral para a graduação.

Nós nos despedimos e fui direto para casa. Toda vez que chegava lá, uma solidão enorme me invadia. Era tudo tão silencioso, tão frio, que o medo de passar a vida inteira rodeada desses sentimentos me atormentava. Nada mais me agradava e eu tinha decidido, com o apoio do meu pai, fazer uma reforma geral no apartamento.

Saí várias vezes para fazer compras, mas nunca comprava nada, e quando comprava era somente o essencial: roupas, sapatos e acessórios brancos para a faculdade. A única coisa que senti algum prazer em fazer foi mudar o visual, o que incluiu cortar os cabelos curtos, na altura do queixo. Fiquei muito feliz com o resultado, me senti mais leve, mais jovem, mais livre. Tomei um banho rápido e fui para a cama. Antes de adormecer, fiz uma coisa que havia algum tempo eu tinha adotado como

prática diária: rezei. Agradei a Deus pela mudança na minha vida e pedi proteção para todos que eu amava. E como sempre a prece incluía o Lucas.

Vem comigo.

Esses girassóis são tão lindos, Lucas.

Vou te amar para sempre, Cristal.

Para sempre, Ranger.

Peguei no sono e, quando abri os olhos, constatei que tudo não havia passado de um sonho. Lágrimas molhavam o travesseiro. Por mais que lutasse contra, Lucas ainda era uma parte de mim. Uma parte da qual não poderia nem queria me esquecer.

Sequei os olhos e me levantei. Minutos depois, o despertador tocou. Mais uma vez, tinha acordado antes de o alarme soar. Eu me arrumei e parti para a faculdade.

Cheguei e fui direto pegar um café na cantina. Tomar café todos os dias foi mais um hábito que eu havia levado da fazenda. Fui uma das primeiras a entrar no auditório em que teríamos uma palestra sobre a importância da fisioterapia no esporte. Dois minutos depois de eu me sentar, Silvia se jogou na cadeira ao meu lado. Tirou seu bloquinho e sua caneta da bolsa, e sorriu me cumprimentando.

— Bom dia! Essa palestra vai ser chata pra cacete — reclamou. Silvia devia estar de mau humor, já que nunca reclamava das aulas.

— Conhece o palestrante? — questionei, curiosa.

— Sim — respondeu sucinta.

Achei graça da careta que minha colega fez quando o palestrante entrou. Depois da apresentação do seu longo currículo, que incluía um alto cargo na Sociedade Nacional de Fisioterapia Esportiva, a palestra começou.

Duas horas depois, já havíamos passado por futebol, basquete, vôlei e boxe. Um assunto que me interessou bastante, entre outros, foi a fisioterapia preventiva. Anotei em meu tablet o máximo de informações possível, enquanto Silvia reclamava o tempo todo dos minutos que, segundo ela, não passavam.

— Quinze minutos, graças a Deus. — Silvia realmente não tinha gostado da apresentação. Eu também tinha cochilado, cansada pela noite maldormida.

Quando a palestra terminou, fui estudar na biblioteca. Nunca tinha sido estudiosa, e sentia muita dificuldade com as matérias do curso, mas já havia traçado um objetivo e não desistiria. Fiz pesquisas e peguei alguns livros para levar para casa.

Assim que saí, avistei Rômulo se aproximando. Eu me apressei para chegar à saída antes que ele me alcançasse, mas foi em vão.

— Cinema hoje, e não me venha com desculpas. Já fiquei sabendo que saiu com a Silvia ontem. — Começou a ladainha de sempre. — Vamos lá, gatinha, vai ser legal — insistiu.

— Não estou a fim, Rômulo — eu o dispensei mais uma vez.

Com ele caminhando atrás de mim, fui até o estacionamento onde estava o meu carro.

— Pietra, já se passaram cinco meses. Quando você vai me dar uma chance?

Ele era amigo do Rafa e, desde que voltei, não tinha parado de dar em cima de mim, tentando me convencer a sair com ele. Não sabia bem quais eram as suas intenções. Ele jurava que não era como o amigo, mas ainda assim eu tinha minhas dúvidas.

— Eu já te disse que não posso. Não consigo mais gostar de ninguém.

— Consegue sim, Cristal.

Meu corpo inteiro se incendiou ao ouvir o apelido. Esqueci completamente onde estava e as pessoas ao meu redor. O único som que conseguia ouvir era o do meu coração acelerado, que batia descompassado com o meu maior sonho se tornando realidade: Lucas.

Eu me virei e me embriaguei com a sua visão, mais uma vez abalando os meus sentidos. Estava lindo como sempre e, o melhor, caminhava até mim. Lançou um olhar mortal em direção ao Rômulo e parou na minha frente. Meus olhos estavam presos aos dele. Eu suava, tremia, chorava e sorria. Tudo ao mesmo tempo.

— Você tem a mim para amar. — Pisquei sem entender o que ele falava. — Meu coração é seu, Cristal, minha Potranca linda. — Passou a mão no meu rosto, secando as lágrimas que rolavam, e eu me atirei em seus braços. Pulei em seu pescoço e o abracei tão forte que quase quebrei suas costelas.

— Me perdoa. Eu demorei demais. Diz que não me esqueceu. Não suportaria voltar sem você. — Lucas segurou meu rosto entre as mãos e eu vi a dor refletida em seus olhos. — Diz que me perdoa — pediu, desesperado.

Se seguisse minha cabeça, eu o mandaria para o inferno e me afastaria. Sofri muito pelo Lucas. Fiquei dias sem comer, sem dormir, e, mesmo depois de cinco meses, ainda não levava uma vida normal. Mas tudo o que eu mais tinha desejado em meus sonhos era que ele me quisesse de volta em sua vida. E ele estava ali. Na minha frente, pedindo perdão. *O que eu posso fazer?*

Com minha falta de respostas, Lucas tentou se afastar. Suas mãos deixaram meu rosto e caíram ao lado do corpo. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e, quando uma rolou por sua face, meu coração se despedaçou. Lucas estava chorando por mim. Pelo meu perdão. E eu não conseguiria negar a ele. Não conseguiria negar isso a nós. Meu coração pedia, implorava e suplicava para voltar a ter aquele sentimento novamente. Amar e ser amada. A sensação de se doar incondicionalmente e receber de volta todo o carinho possível.

Dei dois passos à frente e levei a mão carinhosamente até sua face. Lucas fechou os olhos e fez uma expressão de alívio. Não contive a vontade de senti-lo novamente. No segundo seguinte, nossas bocas já se transformavam em uma só. Meu quadril havia sido laçado por braços fortes que me puxavam para perto. Lucas me levantou do chão, me segurando no ar e me rodopiando enquanto meus lábios matavam a saudade do seu gosto. Fiquei embriagada, entorpecida pelo seu cheiro que me invadia. Um cheiro muito familiar. Cheiro de Lucas. Cheiro de Ranger.

— Vamos sair daqui. — Ele me puxou pelo braço em direção a uma caminhonete que eu conhecia, mas que não era a dele.

Abriu a porta para mim e, antes que eu entrasse, segurou alguns fios do meu cabelo curto e sussurrou no meu ouvido:

— Está ainda mais linda. — Beijou meu pescoço, me acendendo. Arrepios percorreram minha pele. Eu já tinha esquecido o tanto que meu corpo sentia a sua falta até o momento em que senti seu

toque novamente.

— Você está andando — falei emocionada por vê-lo tão bem diante de mim.

Lucas deu de ombros como se aquilo não significasse nada.

— De que adianta ter minhas pernas de volta se não puder caminhar do seu lado?

Comecei a chorar, e ele se apressou em me abraçar.

— *Shhh! Shhh!* Desculpa, meu amor. Vai ficar tudo bem — Lucas me consolou. Apoiei o rosto em seu peito e chorei baixinho no estacionamento.

Entramos na caminhonete e eu passei as mãos pelo rosto para enxugar as lágrimas.

— Aonde vamos? — perguntei assim que ele se sentou e deu partida, saindo do estacionamento.

— Ainda não sei. Cheguei agora e não tive tempo de arrumar um hotel. — Ele me olhou um pouco desconcertado.

— Siga as minhas instruções. — Expliquei o caminho para chegar ao meu apartamento.

Lucas dirigia atento e, em determinado momento, puxou a minha mão e beijou os nós dos meus dedos. Dali em diante fez quase todo o percurso sem me soltar.

— Como me achou? — quebrei o silêncio com uma pergunta neutra.

— Mariana — respondeu, com um sorriso no rosto.

Sabia que tinha o dedinho daquela caipira. Por mais que Mari tivesse me prometido não contar ao Lucas sobre meus e-mails, eu sabia que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria. Quando se tratava do primo-irmão, ela movia céus e terras para fazer o que achasse certo. E, segundo Mariana, em vários e-mails que trocamos, o certo era que eu e Lucas ficássemos juntos.

Chegamos ao meu prédio e estacionamos na garagem. Antes que eu começasse a descer, ele abriu a porta e estendeu a mão para me ajudar.

Havia muita coisa a ser dita, mas as palavras não seriam capazes de expressar toda a alegria e o alívio de ver que Lucas esquecera o passado, o orgulho e o desejo de vingança para ir atrás de mim.

Peguei timidamente em sua mão e entrelacei nossos dedos. Não sabia o que pensar, ou como agir. Tudo dali em diante seria desconhecido. E o medo de perdê-lo de novo fez com que eu apertasse ainda mais sua mão contra a minha.

— É um belo lugar — disse ele, assim que abri a porta de casa. Lucas ficou visivelmente intimidado com o tamanho e a sofisticação do apartamento. Na certa estava pensando por que tudo aquilo para uma pessoa apenas.

— Um pouco grande, mas sempre morei aqui e não quis me mudar.

— Pietra, precisamos conversar — disse ele, sério.

Me sentei no sofá da sala, e Lucas se acomodou na poltrona em frente. Eu tinha reparado que ele mancava um pouco. Bem pouco, de forma quase imperceptível.

— Sinto muito por ter demorado tanto. Eu não sabia o que fazer. Foi muita coisa para digerir. Eu não soube lidar com tudo que descobri e acabei descontando em você. — Lucas respirou fundo antes de continuar. — Você não tem culpa, é tão vítima nessa história quanto eu. Eu aceitei que não podia viver sem você há algum tempo... Todos os dias, quando acordava sem você, sem seu sorriso que enche qualquer lugar, eu me sentia no inferno. — Mais uma vez as lágrimas caíram dos meus olhos. Não o interrompi, precisava saber da grandeza dos seus sentimentos por mim. — Quando percebi a

minha estupidez, ainda estava na cadeira de rodas. Tinha medo de não me recuperar e não queria voltar a ser um fardo para você.

— Lucas...

— Não, me deixa terminar. — Ele se levantou e se ajoelhou em minha frente, segurando novamente o meu rosto e me fitando profundamente nos olhos. — Depois que voltei a andar, tive receio de te procurar. Você tinha sumido e a ideia de que talvez tivesse encontrado outro me matava. Eu não aguentaria descobrir que você tinha seguido sua vida sem mim.

— Eu segui — confessei e vi a dor transpassar a barreira dos seus olhos e me atingir. Antes que ele se levantasse, eu segurei suas mãos. — Não da forma que você está pensando. — O alívio tomou conta dele, e o seu semblante se suavizou. — Eu não queria voltar para a minha antiga vida. A Pietra que saiu da fazenda nunca mais poderia voltar a ser como antes. Então, eu mudei. Segui em frente. Não sou perfeita, ainda existe muita coisa que não consegui melhorar, mas estou tentando.

Lucas sorriu lindamente, e eu me derreti mais uma vez. Como havia sentido a falta dele...

— Estou tão orgulhoso de você! Nem acreditei quando li no e-mail que você tinha entrado para a faculdade.

Fiquei surpresa com a revelação, pois não tinha enviado nenhuma mensagem para Lucas. Mas ele esclareceu:

— Li todos os e-mails que você mandou para a Mariana. Os duzentos e vinte.

— É por isso que está aqui?

Fiquei um pouco desapontada, triste por saber que não tinha tomado atitude por iniciativa própria. Desviei os olhos dos dele, mas Lucas se levantou e se sentou ao meu lado. Segurou meu queixo e me fez olhá-lo novamente.

— Amor, mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer. Eu não consigo viver sem você. Os e-mails só me ajudaram a ter mais certeza de que faria a coisa certa, sem te causar mais sofrimento. Volta pra mim, Potranca?

A mão em meu queixo forçou um movimento e fez com que nossos lábios se tocassem. Foi um beijo terno, cheio de sentimentos, mas logo nossas línguas se acariciavam. Gemi rouca, com o desejo já tomando conta de mim. Lucas me puxou para seu colo. Suas mãos dançavam pelas minhas costas. Acariciando desde a base da coluna até a nuca. Seus dedos enterrados em meus cabelos curtos me faziam suspirar em sua boca.

— Você é tão linda... Estou com tanta saudade... Diz que vai voltar a ser minha. Diz, Cristal... — implorava.

Busquei seus olhos e, enquanto me via refletida no azul, tirei a blusa e seu desejo aumentou ao me ver de sutiã.

— Sou sua. Desde a nossa noite na chuva até hoje. Sua e de mais ninguém.

A confirmação da minha fidelidade causou um efeito devastador em Lucas. Com um movimento rápido, ele me deitou no sofá e colocou seu corpo sobre o meu. Ele me beijava com urgência, tentando recuperar todo o tempo perdido com apenas um beijo. Mas seria impossível. Nunca teríamos o suficiente um do outro.

— Eu também, meu amor. Faz amor comigo? — pediu, gentilmente.

Enquanto Lucas tirava a camiseta que vestia, eu desabotoava seu jeans e tirava a calça e a boxer juntas. Lambi os lábios ao ver seu pau totalmente ereto. Minha boca se encheu de água e abaixei a cabeça em direção a ele. Lucas me parou no meio do caminho. Segurou minhas mãos balançando a cabeça negativamente.

— Não vou aguentar muito e quero gozar dentro de você. Sentindo sua bocetinha me chupar para dentro.

Foi sua vez de abrir o botão da minha calça e deslizá-la pelas minhas pernas. Ele me olhava faminto. Com luxúria, tirou a minha calcinha e viu que eu já palpitava de tesão por ele.

— Vem, meu amor. — Segurei seu membro e o guiei até minha entrada.

— Linda! Gostosa! Deliciosa! — ele me elogiava insistentemente. Afundou em mim de uma vez só, e ambos gritamos quando nossos corpos se fundiram. — Caralho! Você está ainda mais apertada! Eu não vou aguentar muito. — Então, Lucas levou um dedo ao meu clitóris e começou a me estimular, enquanto sua boca sugava loucamente meus mamilos. — Vamos lá, gostosa. Aperta o meu pau. — Contraí a vagina, fazendo o que Lucas queria. Seu grito ecoou pelo meu apartamento.

— Vou gozar, Lucas. — Não aguentava mais. Estava com muita saudade. Ficar sem sexo não era pior que ficar sem o Lucas. Mas nós dois juntos éramos uma combinação altamente explosiva. E eu não tinha mais medo de me arriscar.

— Vem para o seu Perigoso, vem.

Assim como suas palavras devastadoras, seus movimentos se tornaram ainda mais intensos. Ele me penetrava com uma vontade descontrolada, confirmando que o desejo de um pelo outro nunca morreria. A saudade aumentou a vontade de fazermos parte novamente da vida um do outro.

Senti um arrepio na pele. Arqueei o corpo para receber tudo dele, pois sabia que já estava à beira do abismo. Lucas beijou minha boca e escorregou os lábios pelo meu ombro. Investiu em mim mais algumas vezes e, após ouvir meu grito de libertação, gozou em meu interior, me marcando, me possuindo, me tornando dele mais uma vez.

— Eu te amo. — Olhou em meus olhos para se declarar.

— Eu te amo, Ranger.



Fizemos amor mais duas vezes, e eu descansei em seus braços, na minha cama. Deitei a cabeça em seu peito e fiquei um tempo ouvindo somente o seu coração bater.

— Todos os dias eu me lembrava de cada momento que passamos juntos. — Lucas alisava meu cabelo enquanto falava. — Nosso primeiro olhar, a primeira discussão, o striptease, a bebedeira da Mari, o temporal, o chiqueiro...

Sorri, e ele parou de falar.

— O chiqueiro, Lucas? Isso não é romântico — brinquei.

Lucas afastou um pouco o rosto e me encarou.

— Não, não é. É verdadeiramente real. Não tem coração, nem sinos tocando, nem passarinhos cantando, e muito menos estrelas brilhando. Tem encontros, desencontros, brigas, discussões, reconciliações, recomeços, implicâncias e mais discussões. — Balancei a cabeça, concordando com

a mais pura verdade. — Essa é a nossa história, não é a mais linda nem a mais perfeita, mas cada palavra e cada detalhe foram verdadeiros. Desde os primeiros “caipira idiota” e “patricinha mimada” até o “eu te amo”.

— Para sempre — completei sua frase.

— Me perdoa, meu amor? — pediu, mais uma vez.

— Não há o que perdoar. Você me salvou.

Lucas colocou um dedo em meus lábios, me fazendo calar.

— Nós dois fomos salvos por esse amor que nasceu inesperadamente. Contrariando a tudo e a todos, juntamos o melhor dos dois mundos e fizemos dele o nosso mundo. Meu e seu.

Dois anos depois...

Pietra

— Estou nervosa, Pedro — reclamei mais uma vez com meu amigo.

Ele sorria alegremente, enquanto me ajeitava mais uma vez em cima do Ventania, o cavalo que Lucas tanto adorava.

— Fica calma, Cristal. Nós treinamos isso mil vezes, e o Ventania vai cuidar de você. — Colocou as rédeas em minha mão e apoiou a bandeira que eu levaria na outra. Não pude deixar de olhar sua mão esquerda. Ostentava uma aliança que brilhava, mas não tanto quanto os seus olhos quando o assunto era a Mariana. Ela e Pedro tinham combinado que se casariam somente depois que ela terminasse a faculdade de odontologia, mas nosso amigo não era muito bom em cumprir promessas, e, assim que Mari completou 21 anos depois de quase dois de noivado, eles se casaram na capela da cidade. Por Pedro eles teriam se casado na fazenda, mas Mari fez a vontade do pai e se casou na igreja. Foi lindo e emocionante, e, claro, eu e Lucas estávamos ao lado da Mari como os padrinhos dela. Na verdade, foi uma luta, pois Pedro também nos queria. Por fim, Pedro aceitou sua irmã e um amigo da faculdade como padrinhos. A família dele era adorável e amava Mariana, o que me deixava muito feliz. Finalmente tinha compreendido o sentimento de ciúme e proteção que Lucas sentia em relação a Mariana, pois eu estava ficando igual.

— Você sabe que ele vai ficar muito puto, né? — Pedro tentou me convencer a desistir.

— A última vez que esperei uma atitude do Lucas, ele demorou cinco meses para agir. Não vou correr esse risco novamente — expliquei. — E deixa de machismo. Se a Mari não tomasse as rédeas, você não estaria com essa coleira no dedo.

Pedro balançou a cabeça, concordando.

— Tenho que concordar, você tem um belo argumento. — A voz do locutor ressoou na escuridão da noite e eu sabia que a hora estava chegando. — É ele — Pedro avisou.

Respirei fundo sabendo que não havia decisão mais certa a ser tomada. Eu me lembrei de tudo que vivi antes e depois do Lucas. Tudo o que suportei até conhecê-lo e o que sofri ao perdê-lo. Mas também me lembrei do nosso reencontro e de quanto nos amamos naquela noite. Confesso que nos últimos dois anos o medo de perdê-lo me atingiu várias vezes. Não foi fácil manter o namoro a distância, mas Lucas não me deixou abrir mão da faculdade. E nem eu queria. Entramos em acordo. Transferi o curso para o campus de uma cidade mais próxima à fazenda e nos revezávamos nos fins de semana. Entre trancos e barrancos, e muito ciúme de ambas as partes, deixamos o amor falar mais alto e aceitamos a felicidade que nos foi dada. E hoje estou na maior festa de peão do Brasil, montada no cavalo preferido do homem que eu amo.

Se vocês acham que minha história termina aqui, se enganam. Ela está apenas começando.

Lucas

Nunca achei que subiria em um touro outra vez. Dois anos depois do meu acidente, eu estava totalmente recuperado, mas tinha riscado da minha vida montar profissionalmente. Era o meu sonho, mas as pessoas mudam, eu mudei, Pietra me mudou, e hoje meus sonhos são outros. Sonhos que pretendo realizar ao lado da mulher mais incrível do mundo. O orgulho que sinto daquela Potranca ultrapassa qualquer barreira. É algo que não consigo disfarçar, e acabei me tornando um idiota apaixonado, talvez até mais que o Pedro, como se fosse possível.

Olhei ao redor e vi milhares de pessoas aguardando a próxima montaria. Depois que eu e Pietra voltamos, ela fez de tudo para que eu me recuperasse cem por cento. Ela acreditava em mim, e, com a ajuda dela, eu consegui. Há alguns meses eu procurei o Henrique na fazenda, e, mesmo a contragosto, ele me ajudou a colocar um ponto final em tudo que passei. Eu montei o Tufão novamente e, claro, não consegui permanecer oito segundos. Mas a alegria de ter ultrapassado mais aquela barreira, de ter vencido mais um obstáculo, me trouxe o sentimento de dever cumprido. Sem contar que me levantar do chão e ver toda a minha família na arquibancada gritando o meu nome compensou qualquer prêmio que um dia eu pudesse receber. O orgulho nos olhos da Pietra foi o que mais me emocionou. Estava pronto para pedir minha Potranca em casamento, ainda mais depois de ver a alegria da minha pequena e do meu melhor amigo no altar. Precisava apenas encontrar o melhor momento, e ele não demoraria a aparecer.

Fui até o brete e, quando o animal chegou, eu o montei. Estava ali pela Pietra. Depois de um artigo que ela havia escrito sobre a minha recuperação, que foi divulgado em todo o país, eu fui convidado pela Confederação Nacional de Rodeio para fazer uma apresentação especial em Barretos — a maior festa de peão do Brasil. Aceitei como forma de agradecer a nova chance que Deus havia me dado. De agradecer o meu recomeço. E de agradecer a Pietra por ter entrado em minha vida. Eu amo aquela patricinha mais do que tudo no mundo. Jurei fazê-la feliz até os últimos dias da minha vida. Se vou conseguir? Não sei. Mas prometo lutar até o último suspiro para cumprir a melhor promessa que já fiz.

O touro chegou até mim, e um arrepio percorreu minha pele. O medo sempre iria fazer parte, mas também me impulsionava a procurar a vitória.

Estar em cima de um animal como aquele tinha mudado a minha vida, mas ali estava eu de novo. Mais uma vez eu sentia a adrenalina pulsar em cada célula do corpo. Eu me concentrei nas mãos, segurando as rédeas. O coração do touro e o meu batiam em um só compasso. Eu apenas sentia. Não via mais nada além das minhas mãos, e não ouvia mais nada. Levantei a mão direita autorizando a abertura do portão, e só pensava na Cristal. Quando o animal passou pela porteira, o meu único desejo era permanecer por oito segundos em cima dele.

Não acreditei quando o sino tocou indicando que já fazia oito segundos que eu estava montado no touro. Aproveitei que ele pulava bem menos do que quando entrou na arena, e saltei dele, caindo em pé. Corri até a cerca mais próxima e pulei na trave para me proteger. Meu coração batia a mil por hora. Assim que o touro foi retirado, eu desci e corri até o meio da arena. Arranquei o capacete e o joguei para cima, pulando de alegria. Caí de joelhos na areia e levantei as mãos ao céu, agradecendo a Deus e a Nossa Senhora Aparecida pela vitória conquistada. Milhares de pessoas gritavam o meu nome, enquanto o telão reproduzia minha montaria. “Ranger” ecoava por toda a noite, me surpreendendo e me emocionando. Abaixei a cabeça e fiz o sinal da cruz, encerrando com Deus mais aquela etapa da minha vida. Foi quando a arquibancada parou de gritar o meu nome e começou a simplesmente bater palmas. Olhei para a porteira de saída e o que vi me deixaria de joelhos se eu já não estivesse. Fiquei paralisado enquanto Pietra, montada no Ventania, contornava a arena. Ela galopava com propriedade em meu cavalo favorito, como se pertencesse a esse mundo desde sempre, e não como se tivesse caído de paraquedas em uma realidade que não era a dela. Segurava uma bandeira branca, e, quando Ventania parou na minha frente, consegui decifrar o que estava escrito nela: *Casa comigo?* Pietra fez um movimento com os pés e imediatamente o cavalo esticou uma pata dianteira para a frente e dobrou a outra, agachando-se para me saudar. Ela sorria por causa da minha cara de espanto, e eu ainda estava ali, de joelhos aos seus pés, como fiquei desde a primeira vez que a vi. Me levantei devagar e encarei minha Potranca. Ela usava calça jeans apertada, um cinto com uma fivela cravejada de cristais rosa que eu tinha dado de presente a ela e uma camisa rosa. Minha garota era uma cowgirl estilizada. O chapéu branco tinha um pingente com a letra C, uma homenagem à mãe.

— Oi, Perigoso. — Abriu um sorriso ao me ver andando em sua direção.

— Oi, Potranca. — Segurei sua mão para que descesse do cavalo em segurança.

Pietra pulou em meus braços apoiando uma das mãos em meu ombro, enquanto a outra ainda segurava a bandeira. Balancei a cabeça, inconformado com sua impaciência, e disse:

— Você sabe que eu deveria fazer esse pedido, certo? São as regras.

— Desde quando eu sigo regras? — retrucou, e eu apenas concordei.

De repente, ouvimos o locutor com sua voz grossa incitar a multidão. Milhares de pessoas começaram a gritar: ACEITA! ACEITA! Olhei para as arquibancadas, e as luzes da arena se apagaram. Somente os celulares ligados iluminavam o local. Uma cena que eu nunca esqueceria. Várias câmeras nos filmavam e fotografavam. Voltei a fitar minha Cristal, e alguém havia colocado um microfone em sua mão. Seus olhos rasos de lágrimas deixavam claro que ela estava tão emocionada quanto eu, embora eu me segurasse para não chorar em público.

— Lucas, acho que te amei desde a primeira vez que te vi. Sua generosidade, sua bondade, sua honestidade e seu caráter me pegaram desprevenida quando cheguei à Girassol. Nunca tinha conhecido um homem com todos esses princípios e que, além disso, possuía o par de olhos azuis mais lindos que já vi na vida. Te amo incondicionalmente. Nosso amor surgiu de forma inesperada. Era improvável que desse certo, mas mesmo assim, depois de muita luta, aceitamos ser felizes. — Pietra tirou um saquinho de veludo do bolso da calça e retirou um par de alianças. — Deixa eu fazer parte da sua vida hoje e sempre. Casa comigo, Lucas Ranger?

Os gritos foram ensurdecedores. Eu só poderia estar sonhando. Ser pedido em casamento em plena Festa do Peão de Barretos pela mulher mais incrível do mundo era uma felicidade imensurável.

Puxei Pietra para os meus braços e a rodopiei no ar. Seu chapéu caiu na areia e nenhum de nós se importava: choramos juntos, abraçados.

— Sim, minha Potranca linda, o que eu mais quero é ter você para sempre na minha vida. Eu te amo! — sussurrei em seu ouvido.

— Para sempre — ela completou.

— Cristal, volta aqui! — gritei, mas foi em vão. Ela saiu correndo da caminhonete e entrou em casa como um carro de boi, arrastando tudo que via pela frente.

— Vai pro inferno, Ranger. — Bateu a porta do meu quarto e se trancou, me deixando de fora.

Tirei o chapéu para coçar a testa e o coloquei de volta. Aquela garota tirava o meu juízo, e eu a amava demais por isso. Estávamos na cidade e tínhamos acabado de encontrar com o Rodrigo e a Carol. Pietra havia decidido que nosso casamento seguiria o modelo americano. Então, eu teria três padrinhos me acompanhando no altar e ela, três madrinhas. Mari e Silvia —amiga da faculdade— eram as suas escolhidas. Carol, então namorada do meu futuro padrinho Rodrigo, completava o trio, até que o jumento deixou escapar que eu e Carol fomos “quase” namorados. Quando Rodrigo soltou as palavras, eu tirei o chapéu e escondi o rosto com medo do barraco que viria. Minha Potranca, ciumenta como era, não deixaria barato, mas, me surpreendendo mais uma vez, ela sorriu docemente para Carol e se despediu do casal como se nada tivesse acontecido. Só pela reação já me fez tremer dos pés à cabeça, mas eu descobri que realmente estava fodido quando já na caminhonete, no caminho para casa, eu perguntei se alguma coisa a estava incomodando. Pietra fechou a cara e disse que não era nada, ou seja, TUDO, no dicionário feminino. Eu estava frito!

— Chegamos em uma hora ruim? — Ouvi a voz da Mari atrás de mim e parei de esmurrar a porta para olhá-la. Agradei silenciosamente, pois, se alguém poderia fazer Pietra me ouvir, era a minha prima. Como sempre, Pedro estava com ela, pois não desgrudava um minuto da sua Mel.

Caminhei até eles e dei um beijo na testa da minha pequena.

— Conversa com ela, Mari. Dessa vez eu não tive culpa — pedi, já desesperado.

— Cara, você ainda não aprendeu? — Pedro perguntou, com um sorriso no rosto. — Aconteça o que acontecer, nós homens sempre seremos os culpados.

— O que você fez dessa vez, maninho?

Ignorei a parte da pergunta de Mariana que indicava que eu era o culpado e comecei a explicar tudo. Enquanto me ouvia atentamente, Pedro não parava de sorrir pela minha desgraça, e eu me segurei para não socar aquele comedor de queijo filho da puta. Quando terminei, Mari me olhou, e eu sabia que ela me ajudaria. Nunca tinha me negado nada e não começaria naquele momento.

— Bem feito! — Arregalei os olhos para o que ela me dizia. — Ninguém mandou trepar com praticamente a cidade inteira. Agora, além de mim, que sou sua irmã, e da Silvia, que não mora aqui, Pietra não pode nem ter uma madrinha com a qual você não tenha fodido.

— Mariana, olha a boca! — eu a repreendi, e ela fez uma careta.

— Deixa de ser idiota. Sou uma mulher casada. — Levantou a mão esquerda para comprovar. — Posso dizer “foder” quanto eu quiser.

— Não na minha frente, pequena — falei irritado, pois não conseguia ver Mariana daquela forma. Para mim ela sempre seria minha princesa, mesmo que o meu melhor amigo a tivesse levado para o mau caminho.

— Mel, deixa essa palavrinha para mais tarde. Adoro quando você fala sacanagem enquanto eu... — Pedro sussurrou algo no seu ouvido, que a fez corar.

— Cara, vocês são nojentos! — exclamei.

Deixei os dois na sala e voltei a bater na porta do quarto.

— Minha linda, Mari está aqui. Que tal vir recebê-la?

Tentei persuadi-la e funcionou. Pietra abriu a porta e me olhou com raiva. Ostentava um bico do tamanho do mundo e eu quase ri da sua birra infantil, mas me contive, pois seria um homem morto se fizesse isso.

— Desculpa não ter te contado. Acontece que a última vez que fiquei com a Carol eu nem te conhecia, meu amor. Além disso, ela e Rodrigo estão namorando há mais de dois anos.

Vi seu semblante se suavizar e era hora de jogar meu charme. Cheguei mais perto e enlacei sua cintura. Beijeí seu pescoço e um pouco abaixo da orelha, onde tinha descoberto que a deixava louca. Pietra arfou e deu uma risadinha safada.

— Me perdoa, vai? — pedi com jeitinho.

— Ok. Eu perdoo, mas vai ficar de castigo. Sexo só na noite de núpcias.

Arregalei os olhos, e no começo pensei que ela estava brincando, mas, quando saiu puxando Mari pelo braço, eu percebi que ela tinha falado sério.

— Ei, volta aqui, Pietra Alcântara, nosso casamento é daqui a quinze dias, e eu não posso ficar sem sexo até lá! — gritei, mas ela já tinha entrado no seu carro, levando Mari.

Pedro também saiu e tocou o meu ombro, balançando a cabeça em negativa.

— Bem-vindo ao meu mundo, meu amigo. Estou de castigo há cinco dias, simplesmente porque não consigo abaixar a tampa da privada depois de usar.

Encarei meu melhor amigo e olhamos para a estrada por onde tinham partido nossas mulheres. Acho que não havia homens mais ferrados do que nós. Abri um sorriso com o pensamento, pois também não havia ninguém mais feliz do que eu e Pedro.

— Cerveja? — Bati nas suas costas, convidando-o.

— Queijo. — Os olhos dele brilharam, e eu só consegui sorrir. Aquele era o Pedro.



— Cara, você consegue, vamos tentar mais uma vez.

— Que porcaria de nota. Não consigo acertar essa porra — esbravejei e minha vontade foi de tacar o violão com toda a força na parede. Não sei onde estava com a cabeça quando deixei Pedro me convencer dessa loucura. Queria fazer uma surpresa para Pietra, ainda mais depois do que ela havia feito para mim em Barretos, mas acho que tinha escolhido errado o que fazer. Eu tocava violão quando criança, meu pai havia me ensinado, mas quando ele se foi eu desisti e praticamente esqueci tudo o que um dia tinha aprendido.

— Vamos tentar a última parte novamente.

*E nesses traços vou tentando descrever
Que mil palavras são tão pouco pra dizer
Que o sentimento muda tudo
Muda o mundo
Isso é o amor*

“Na linha do tempo” — Victor & Leo

Eu me olhei no espelho e a visão que tive foi surpreendente. Nunca havia me imaginado usando um terno e a poucos minutos de me tornar um homem casado. Escolhi um modelo todo branco, com um pequeno girassol enfeitando a lapela do paletó. A barba por fazer tinha dado lugar a um rosto completamente liso, e o cabelo estava um pouco lambido pelo gel, como mandava a tradição. Uma batida na porta me fez olhar atentamente para a entrada do quarto.

— Preparado para se tornar um homem casado? — Tio Santiago entrou feliz da vida, me cumprimentando.

— Mais do que preparado, tio. — Ele segurou minha mão enquanto a outra repousava em meu ombro. Eu via a felicidade nos olhos daquele que foi meu segundo pai.

— Seu pai teria orgulho de você — afirmou ele, emocionado.

— E eu dele, tio. Sinto falta deles.

Santiago balançou a cabeça e me abraçou, tentando me consolar e afastar a faísca de tristeza de meus olhos. Ele se despediu e me deixou sozinho para que me concentrasse em minha entrada na cerimônia. Saí da sede da Girassol, e o Ventania já me aguardava todo produzido para me levar até a tenda onde seria realizado o casamento. Eu o montei e acariciei sua crina, pois mais uma vez ele faria parte de um grande momento em minha vida.

Cavalguei até o grande toldo montado em frente à plantação de girassóis. Pietra fez questão de escolher uma data em que o campo estivesse florido. Aquilo significava muito para ela, pois representava a presença da sua mãe no dia do seu casamento. Meus três padrinhos já estavam de pé no altar: Pedro, Rodrigo e, claro, Henrique, o meu segundo castigo por tê-la feito concordar com a Carol como sua madrinha.

Poucos familiares e somente os amigos íntimos prestigiaram nosso enlace, sentados em cadeiras distribuídas na tenda. Caminhei sorridente pelo tapete vermelho enquanto a “Ave Maria” era cantada

por um coral da igreja. Entrei sozinho, pois, apesar de saber que minha mãe não tinha sido a melhor pessoa do mundo, eu a amava incondicionalmente e não queria substituí-la em um momento tão importante. Cheguei ao altar, e Pedro fez um sinal de positivo. Verifiquei se o violão estava no lugar certo e senti um alívio quando notei que tudo corria como eu havia planejado. Uma música instrumental começou a tocar, e a primeira pessoa que vi entrar na capela montada foi Mariana. Acho que ela chorava mais do que em seu próprio casamento. Usava um vestido lilás na altura dos joelhos, e os cabelos estavam soltos, com uma fina trança de cada lado que se encontravam atrás da sua cabeça. Apesar das lágrimas, sorria abertamente e, contrariando os protocolos, em vez de ir direto para o seu lugar no altar, ela caminhou até mim e me deu um beijo no rosto.

— Você é meu segundo pai. Amo você, maninho — falou com a voz embargada pela emoção.

— Eu te amo, minha pequena.

Mari, enfim, se posicionou no lugar reservado às madrinhas, seguida por Silvia e Carol. A charrete da fazenda chegou, toda enfeitada com tecidos esvoaçantes, e eu sabia que ela trazia a mulher da minha vida. Senti algo me cutucar, e, quando olhei para o lado, Pedro me estendia o violão. Passei a alça pelo pescoço e respirei fundo. Era a minha deixa.

Pietra

— Está preparada?

Não. Não estava. Essa foi a resposta que tive vontade de dar ao meu pai.

— Claro. — Sorri, nervosamente.

Nunca tive dúvidas de que Lucas era o meu sonho mais lindo. E casar com ele seria a realização de algo que nunca achei ser possível, mas que naqueles últimos meses eu havia passado a desejar com todo o coração. Mas o medo do desconhecido e a insegurança de como seria a vida de casada me deixavam assustada. Senti uma mão pousar sobre a minha. Meu pai entrelaçava seus dedos aos meus, me passando confiança e coragem.

— Obrigada, pai.

— Sei que foi um pouco tarde, mas gostaria que me perdoasse por todos os anos em que não dediquei a você o amor que merecia. Meu conforto é saber que Lucas será o melhor pai que meus netos poderiam ter.

Fiquei extremamente emocionada pelas palavras daquele que me deu a vida. Joguei os braços em seu pescoço e fiz de tudo para não chorar, mas era impossível depois de ouvir suas palavras carinhosas e de tudo que passamos e aprendemos — descobrimos juntos o que significava uma relação de pai e filha.

— Vamos lá, senão seu caubói vem te buscar no laço — brincou, e eu sorri com sua espontaneidade.

Meu pai me ajudou a descer da charrete, que, por sinal, estava linda. Olhei para o toldo que abrigava a capela improvisada que seria palco do meu casamento. Atrás do altar eu via a imensidão de girassóis voltada para nós. Era fim de tarde, e o pôr do sol da fazenda não podia estar mais lindo. Em minhas mãos, três pequenos girassóis serviam como buquê. Segurei o braço do meu pai e, assim

que dei o primeiro passo no caminho até o altar, avistei Lucas segurando um violão e tentei imaginar o que estaria aprontando. A surpresa logo se transformou em emoção quando ele cantou as primeiras palavras:

*Eu te dei
O ouro do sol
A prata da lua
Te dei as estrelas
Pra desenhar o teu céu.*

Não acreditava que Lucas estava cantando. O desgraçado havia escondido isso de mim. Olhei para Mariana ao seu lado e ela deu de ombros, também emocionada com tudo. Esperava outra música, havia escolhido a tradicional marcha nupcial, mas Lucas me surpreendeu.

*Na linha do tempo
O destino escreveu
Com letras douradas
Você e eu.*

Sua voz saía controlada, mas eu percebia que de vez quando falhava em algumas palavras. O silêncio era absoluto, e somente a voz de Lucas e os acordes do violão chegavam aos meus ouvidos, fazendo meu coração palpitar.

*Há quanto tempo eu esperava
Encontrar alguém assim
Que se encaixasse bem nos planos
Que um dia fiz pra mim*

Já estava a poucos passos dele, e a minha vontade era de me soltar do meu pai e correr até os seus braços, mas me controlei. Parei em sua frente e ele continuou tocando e me encarou enquanto cantava.

*Você e eu
Vou dizer
Que nessas frases tem um pouco de nós dois
E não deixamos o agora pra depois
Quando te vejo eu me sinto tão completo
Por onde eu vou...*

*E nesses traços vou tentando descrever
Que mil palavras é tão pouco pra dizer
Que um sentimento muda tudo
Muda o mundo
Isso é o amor.*

Enquanto o meu pai beijava minha testa, me desejando sorte e felicidade, os versos da música ainda soavam em meu ouvido.

Meu pai se afastou e eu olhei para o Lucas. Não consegui segurar o choro e agradei por estar usando uma maquiagem à prova d'água. Lucas se aproximou de mim, e a última estrofe foi praticamente sussurrada.

*Que sentimento muda tudo
Muda o mundo
Isso é o amor.*

— Amo você — ele disse ao terminar a última frase.

— Para sempre.



Fizemos os votos na presença de Deus e dos nossos amigos. Foi uma cerimônia linda, e nem em todos os meus sonhos eu imaginaria algo tão perfeito.

— Não tive tempo de dizer, minha Potranca, mas você está linda. — Ele me abraçou e beijou minha boca com ternura.

Olhei para o meu vestido e, apesar do espanto inicial, eu já estava adaptada a tudo o que tinha vindo de brinde com o Lucas. Como toda noiva, casei de branco. A diferença era que meu vestido rodado era curto na frente e deixava à mostra as botas que eu usava. Sim, casei de botas e com uma trança lateral no cabelo, enfeitada com uma pequena flor. Nunca havia me sentido tão bem-vestida em toda a vida. Nenhum Dior ou Valentino se compararia à emoção de usar um vestido de noiva com botas estilo caubói.

— Parabéns, estou orgulhoso de vocês. — Eu e Lucas recebemos os cumprimentos do meu pai na entrada da sede, onde estávamos para cumprimentar todos os nossos amigos, um por um.

— Obrigada, papai. — Ele me envolveu em um abraço carinhoso.

— Vou fazê-la feliz, Roberto. Pode confiar em mim. — Lucas também o abraçou.

— Eu sei que vai, Ranger. Nunca tive tanta certeza de alguma coisa como tenho do amor de vocês dois. Esse é meu presente de casamento.

Depois disso, entregou uma pasta na minha mão e outra na do Lucas.

— Mas é a escritura da Girassol — meu já então marido disse, perplexo. — Eu não posso aceitar. — Tentou devolver a pasta, mas meu pai recuou, enquanto eu estava muda diante das folhas que tinha em minhas mãos.

Centro de Reabilitação Girassol

— Mas como você sabia? — Levei a mão à boca tentando abafar o choro que nascia daquele gesto.

— Você deixou a pasta da faculdade na minha casa, e sem querer eu a derrubei. Enquanto juntava os papéis, eu não consegui não ler. E não podia ficar calado diante de tanta generosidade. O projeto está pronto, basta você se formar e montar a equipe — explicou.

Eu me joguei nos braços do meu pai e ele me sustentou no ar. Emocionada, feliz e completamente extasiada com todas as bênçãos que tinha recebido, eu não conseguia me conter. Chorava e sorria ao mesmo tempo, enquanto Lucas me olhava perplexo, sem entender nada. Meu pai se afastou e nos deixou a sós.

— O que é isso? — Lucas perguntou, curioso.

— Há alguns meses, eu fiquei imaginando como seria nossa vida de casados. E essa era uma das minhas principais preocupações. Não era justo fazer com que você abandonasse a fazenda e o interior para morar comigo na capital só para eu ter minha própria clínica.

— Meu amor, eu já te disse...

— Deixa eu terminar — pedi, e ele se calou. — Montei um rascunho de um projeto de um haras de reabilitação. Visitei um local assim no início da faculdade e fiquei impressionada em como os cavalos podem ser úteis na reabilitação de crianças, adolescentes e adultos com síndrome de Down. Pensei que no futuro poderíamos trabalhar juntos para ter um lugar assim e tornar mais esse sonho realidade. E esse foi o presente de casamento do meu pai: o projeto está pronto e já temos o dinheiro para iniciá-lo.

Lucas me fitou com um brilho diferente nos olhos. Segurou meu rosto entre as mãos e beijou cada canto da minha face. Nem um lugar sequer ficou sem receber o carinho dos seus lábios.

— Você tem ideia do orgulho que sinto de você? Vou te amar eternamente. — Deixou meu rosto somente para beijar meus lábios. Se existe felicidade plena, eu a vivi naquele exato momento.

Lucas

— Cadê a Pietra, Nena? — Cheguei em casa e já fui procurando minha Cristal. Tinha me preparado durante todo o dia para aquele momento, mas meu coração se apertava com a iminência daquela conversa.

— Está no quarto com Vitinho, dr. Lucas — nossa ajudante explicou. Lúcia passou a morar com tio Santiago. Ela ainda nos ajudava, porém com menos frequência. Por isso Nena havia começado a trabalhar com a gente. Tinha a mania de me chamar de doutor, ainda que eu insistisse que chamasse apenas de Lucas. Acho que nunca conseguiria convencê-la.

Subi correndo as escadas, e, no quarto ao lado do meu e da Pietra, um pequeno cavalo de madeira enfeitava a porta. Entrei e tive a visão mais linda do mundo: Pietra deitada de lado com meu pequeno peão. Vitor tinha 5 anos e havia sido um deslize: nasceu quando tínhamos pouco mais de um ano de casados. Mas tanto Pietra quanto eu o achávamos o deslize mais perfeito do mundo.

— Ei, peão, por que está chorando? — perguntei, mas minha vontade foi de acompanhá-lo nas lágrimas. Não conseguia ver meu filho tão triste, ainda mais por um motivo que também me deixava de coração partido.

— Eu nunca mais vou ver, papai. — Era o que mais me doía. Ver a dor sincera em seus olhos e a incompreensão de por que Ventania havia morrido. Aconteceu naquela manhã, e, desde então, eu ensaiei várias vezes o que dizer, mas nenhuma delas serviria para acalantar o coração do meu pequeno.

Pietra secou algumas lágrimas que desciam por seus olhos e eu também via a tristeza em seu olhar. Ventania tinha feito parte da nossa história, havia participado dos momentos mais importantes que vivi com minha Cristal, mas, já velho e cansado, foi vencido pelo tempo. Quando eu fui chamado para vê-lo partir, não resisti e deixei uma lágrima cair. Amava aquele animal, e, assim que contei para Pietra, ela compartilhou da mesma tristeza que eu.

— Vem aqui com o papai. — Eu o abracei e ele se aninhou em meu pescoço, chorando baixinho.

Levei Vitor até a sacada e mostrei o céu a ele. Com muito custo ele parou de chorar e prestou atenção nas estrelas.

— Está vendo aquela estrela brilhante lá? — eu perguntei, apontando para o céu.

— Aquela? — Ele levantou o dedinho na direção em que eu apontava.

— Aquela estrela é o Ventania. Ele fez tudo o que tinha que fazer aqui na fazenda e agora foi galopar no céu.

Vitor soluçava por causa do choro insistente, mas parecia se acalmar.

— Mas ele era o meu cavalo, papai. — Ainda choramingava.

— Vamos fazer assim... — Virei seu rosto para mim. Vitor tinha os meus olhos, mas no resto era a cara da Pietra. Eu via o amor da minha vida cada vez que olhava o presente mais perfeito que ela já tinha me dado. — Papai vai te dar um cavalinho pequenino, do seu tamanho, assim você pode brincar e crescer com ele, igual foi com o papai e o Ventania.

Um sorriso despontou em seu rosto, mas logo morreu.

— O nome dele pode ser Ventania? — perguntou, triste.

— Que tal Tempestade? Assim fica parecido: Ventania e Tempestade.

Vitor me deu um abraço, apertando meu pescoço com seus bracinhos.

— Obrigado, papai. — Limpei seu nariz, que escorria, com a minha camiseta. Coisas de pai. Soltei Vitor no chão e ele saiu do quarto gritando para Nena que tinha ganhado um cavalinho.

— E eu também vou ganhar um cavalo? Também sentirei falta do Ventania. — perguntou Pietra andando em minha direção.

Assim que a luz do luar banhou seu rosto, eu vi a imagem que mais amava: minha linda mulher. Ela me abraçou na sacada e, logo que seu corpo encostou no meu, senti sua barriga mexer. Nosso segundo filho ou nossa segunda filha estava a caminho. Ainda não sabíamos o sexo do bebê, pois o danadinho fechou as pernas nas duas últimas ultrassonografias. Peguei minha mulher nos braços e me sentei em uma cadeira com ela no colo. Não poderia ser mais feliz. O projeto da Pietra estava a todo vapor, e o Centro de Reabilitação era conhecido no país inteiro, pois pessoas de todo lugar buscavam apoio, conforto e recuperação na Girassol. Sempre que eu via Pietra brincar e sorrir para as crianças com as quais trabalhava, eu tentava entender como Deus é maravilhoso. Não sabia como era possível, mas a cada dia que passava eu amava minha mulher ainda mais. Toquei seu ventre redondo e me emocionei com mais um chute.

— Ela está danadinha hoje, não para de mexer — Pietra murmurou.

— Meu amor, eu sei que você tem certeza de que vai ser uma menina, mas vamos esperar a próxima consulta. — Desde que engravidou, Pietra dizia sentir que seria uma menina, e, apesar de ela dizer que não se importava com o sexo, e sim com a saúde da criança, eu via seus olhos brilharem com a expectativa cada vez que realizava uma ultrassonografia.

— Acho melhor você e Pedro deixarem de ser ciumentos. Nossa menina não pode ter um pai e um padrinho homens das cavernas.

Eu já ia corrigi-la novamente quanto ao sexo do bebê, mas Pietra me entregou um papel. Eu sabia o que era, mas não queria acreditar que ela tinha ido a uma consulta sozinha.

— Você foi sozinha? — perguntei, meio bravo.

Ela fez um biquinho me desarmando completamente.

— Queria te fazer uma surpresa.

Abri o envelope e, mesmo depois de Vitor, eu não conseguia entender porra nenhuma daquelas fotos, mas sabia ler. E o laudo dizia que meu bebê era uma menina.

— Meu amor, é uma menina? — Comecei a chorar emocionado com a notícia.

— Nossa princesa está chegando, meu amor — ela disse também, tomada pela emoção. — Nossa bonequinha.

Com Pietra ainda no colo, eu levantei a camiseta que ela vestia e dei um beijo em sua barriga.

— Seja bem-vinda ao mundo, meu pequeno diamante — sussurrei com todo o amor do mundo, para que minha pequena soubesse que seus pais já a amavam. — Eu te amo, Cristal. — Encarei a mulher que havia mudado minha vida.

— Para sempre. — Ela me devolveu o olhar mais perfeito do mundo. — Meu caipira idiota.

— Minha patricinha mimada.

Fim